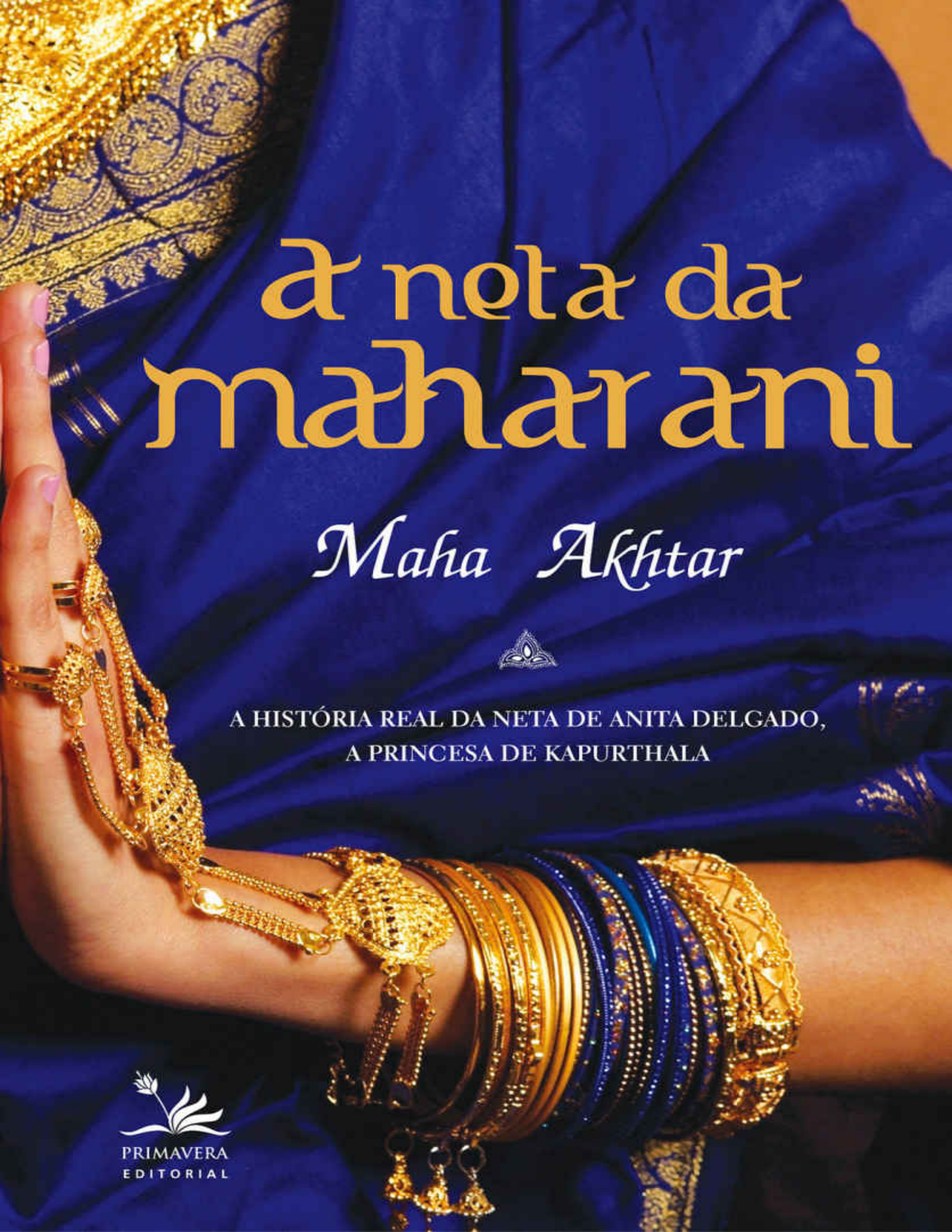


A neta da maharani

Maha Akhtar

A HISTÓRIA REAL DA NETA DE ANITA DELGADO,
A PRINCESA DE KAPURTHALA

PRIMAVERA
EDITORIAL

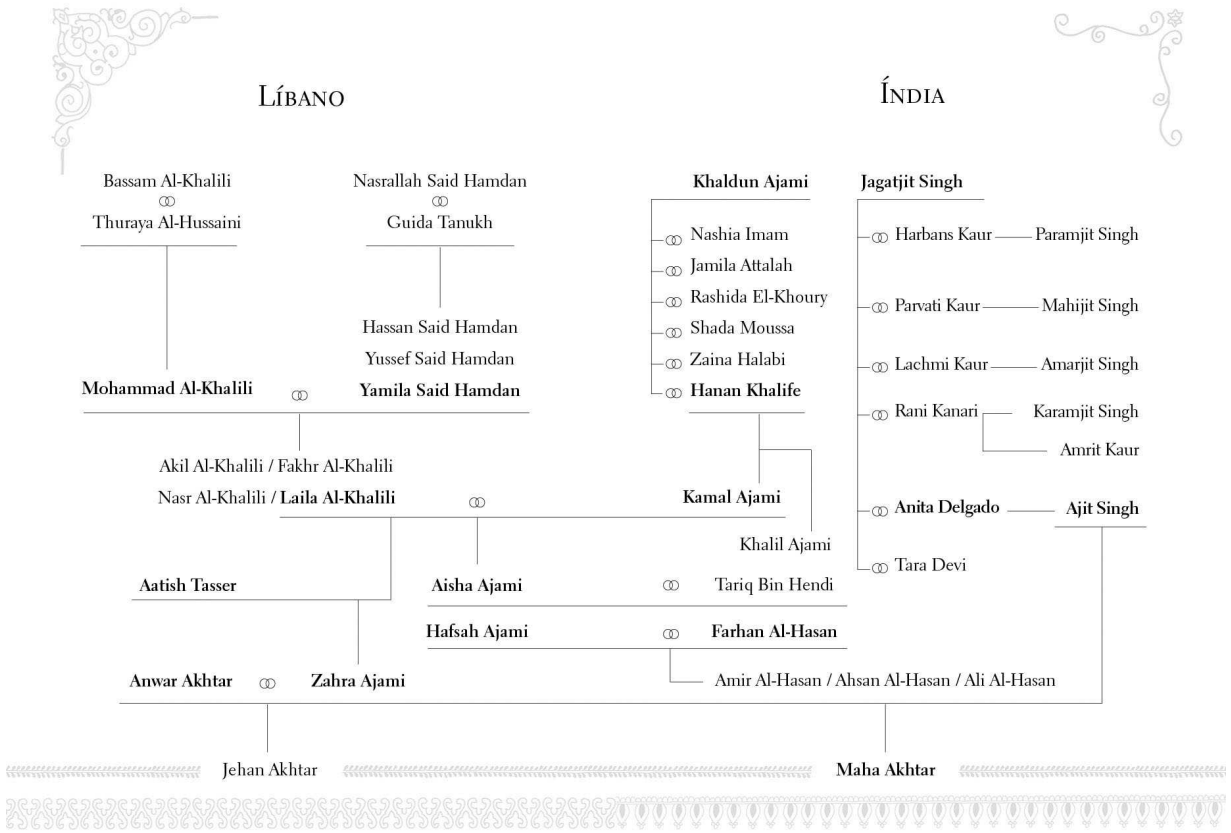
A nota da maharani

Maha Akhtar



Tradução
Lizandra Magon de Almeida




LÍBANO
ÍNDIA
Bassam Al-Khalili
Thuraya Al-Hussaini
Nasrallah Said Hamdan
Guida Tanukh
Hassan Said Hamdan
Yussef Said Hamdan
Mohammad Al-Khalili
Yamila Said Hamdan
Akil Al-Khalili / Fakhr Al-Khalili
Nasr Al-Khalili / Laila Al-Khalili
Khaldun Ajami
Nashia Imam
Jamila Attalah
Rashida El-Khoury
Shada Moussa
Zaina Halabi
Hanan Khalife
Kamal Ajami
Khalil Ajami
Jagatjit Singh
Harbans Kaur
Paramjit Singh
Parvati Kaur
Mahijit Singh
Lachmi Kaur
Amarjit Singh
Rani Kanari
Karamjit Singh
Amrit Kaur
Anita Delgado
Ajit Singh
Tara Devi
Aatish Tasser
Aisha Ajami
Tariq Bin Hendi
Hafsah Ajami
Farhan Al-Hasan
Amir Al-Hasan / Ahsan Al-Hasan / Ali Al-Hasan
Anwar Akhtar
Zahra Ajami
Jehan Akhtar
Maha Akhtar

Já era noite alta e eu continuava no escritório da CBS, na sala de Dan Rather, do noticiário *60 Minutes*. Segurava o telefone entre o ombro e a cabeça enquanto esperava para falar com Julia Callaghan, encarregada do registro civil de Sydney, Nova Gales do Sul, Austrália. A musiquinha de fundo fez com que me perdesse em meus pensamentos e que, ao observar a antiga escrivaninha dupla, tentasse descobrir quando tinha sido a última vez que a mandara polir. "Deveria ligar para o Johnny, do *Evening News*, e pedir que viesse", pensei. Olhei a antiga máquina de escrever Royal que sempre estivera ali em cima e todas as fotografias e badulaques que tinham atravessado a rua no dia da mudança. Sobre a mesa havia uma montanha de papéis. Cada um deles teve sua importância em seu momento, mas há tempo ninguém mexia neles. Notei o monte de notas adesivas com números de telefone: Richard Leibner, agente; Leslie Moonves, presidente da CBS Corporation; Andrew Heyward, presidente da CBS News; Mary Mapes, a infeliz produtora do programa sobre a história do presidente Bush na Guarda Nacional. E me perguntei se Rather voltaria a olhá-las um dia. De um lado descobri umas iscas de pesca coloridas junto às quais havia uma fotografia de Edward R. Murrow tirada em Londres durante a Segunda Guerra Mundial e, um pouco mais adiante, um livro antigo de Heródoto com capa de couro. Murrow e Heródoto, dois dos heróis de Dan. "Meu Deus", pensei comigo. "Por que isso foi acontecer? Por que estamos aqui? Por que ele não se limitou a pedir demissão em vez de ter de suportar a dor e a humilhação de ficar sentado no *60 Minutes* sem ter o que fazer?"

Dan Rather poderia ter ido diretamente para o panteão em que repousam Edward R. Murrow, Charles Collingwood, Eric Severeid e outros jornalistas lendários do rádio e da televisão. Mas, em vez disso, preferiu se mudar para o outro lado da rua e cair no esquecimento. Foi uma trajetória curta. Abandonou um edifício como rei para se transformar em plebeu no edifício em frente.

— Senhorita Akhtar?

— Sim — respondi.

— Sinto muito, senhorita Akhtar — disse a voz de Julia Callaghan com forte sotaque australiano — mas temo que não haja nenhum documento que certifique seu nascimento em Sydney.

— O quê? — perguntei sem dar crédito ao que acabava de ouvir. — Como é possível?

Minha mãe sempre me contou que nasci no hospital Saint Margaret de Sydney. De fato, quando criança me encantava ouvir a história de quando minha mãe estava em um coquetel com meu pai, com um vestido cor de esmeralda e amarelo, e se deu conta de que sua bolsa havia rompido e que estava entrando em trabalho de parto. "E então você nasceu, *beti*[1]", me dizia Zahra enquanto eu sorria abraçada a meu ursinho, com os olhos meio fechados de sono. "Doeu, *umma*[2]?", eu lhe perguntava cada vez que ouvia a história. "Nada, minha filha", ela me tranquilizava. "Seu parto foi o mais fácil do mundo."

— Esgotamos todas as possibilidades — continuou Julia Callaghan. — Como você sabe, estamos neste caso há seis meses e lamento ter de comunicar-lhe que chegamos a um beco sem saída. Não conseguimos provar que a senhorita nasceu em Sydney. Na verdade, poderia garantir que não foi em lugar algum de Nova Gales do Sul.

— Não há como verificar novamente com o sobrenome de solteira de minha mãe? — supliquei.

— Repassamos tudo, com o sobrenome de casada de sua mãe e com o de solteira, e posso afirmar que ela não deu à luz na Austrália em 1965.

— Pode ser que haja algum erro de datilografia ou de data...

— Senhorita Akhtar, sei que é uma situação desagradável para a senhora, mas garanto que cotejei mais de uma vez a informação fornecida por sua mãe e que estudei as décadas de 1960 e 1970 minuciosamente.

— Eu poderia falar com alguma outra pessoa? — insisti.

— Temo que sou a única que pode ajudá-la. Na verdade não dispomos de um pessoal muito grande e trabalhei duro em seu caso. Se passar a meu superior, ele se limitará a me devolver — explicou Julia Callaghan amavelmente.

— Acho difícil acreditar que não haja nada que se possa fazer — repliquei pouco disposta a me render. — Em algum lugar devo ter nascido. Não posso ter aparecido do nada, a menos que seja uma nova versão da Imaculada Concepção.

— Senhorita Akhtar, talvez devesse falar com sua mãe. Sinto dizê-lo, mas já pensou alguma vez na possibilidade de ter sido adotada? — propôs Julia Callaghan com delicadeza.

— Adotada? Eu? E por que ninguém me contaria nada?

— Senhorita Akhtar, não resta dúvida de que existe uma explicação lógica para sua situação. Tenho certeza de que se falar com sua mãe...

— Não posso — sussurrei.

"Meu Deus!", pensei. Certamente ela deve estar se perguntando por que não falo com minha mãe em vez de me submeter a tudo isso. Mas como poderia explicar a relação tensa e turbulenta que mantínhamos? Como contaria que não conseguia me imaginar tendo uma conversa de mais de duas frases com ela? Julia Callaghan não sabia que ela estava em seu leito de morte. Como confessar que minha vida tinha desmoronado neste último ano?

O silêncio se fez.

— Muito obrigada por todos os seus esforços. De verdade, agradeço muito. Desculpe-me por tê-la pressionado tanto.

— Não se preocupe, senhorita Akhtar. Eu também sinto não poder tê-la ajudado mais. Boa sorte e por favor me mantenha informada do que descobrir. Tenho muita curiosidade em seu caso.

— Sim, claro. Mando um e-mail.

Desliguei o telefone e olhei o relógio. Eram dez e meia da noite. Abri a porta e encontrei o faxineiro do escritório fazendo a limpeza.

— Ainda está por aqui, *señorita*? — perguntou-me em espanhol.

— Sim, Héctor — respondi com um sorriso distraído.

— Não deveria ficar até tão tarde. É melhor estar em casa com a família — aconselhou-me.

Que família? Acabaram de me dizer que não existo.

Assenti, vesti o casaco e peguei a bolsa. Lá fora faz frio, é véspera do Dia de Ação de Graças. E agora?, me perguntei enquanto saía para o vento gelado da rua 57 de Manhattan.

1. *Beti*: (do hindi) filha (N.A.).
2. *Umma*: (do hindi) mamãe (N.A.).

Capítulo 1

Tudo começou em setembro de 2004, na semana do Dia de Ação de Graças.

Estava em Madri, no lendário Café de Chinitas, esperando com ansiedade a atuação de Antonio Pitingo, um novo cantor de flamenco que começava a ganhar fama no circuito.

— Outra taça de *rioja*, senhora? — perguntou-me o garçom.

Olhei o palco vazio no qual duas cadeiras tinham sido colocadas e me lembrei de que aquele lugar era um dos primeiros cafés de música ao vivo que abrira suas portas no final do século XIX.

— Um *rioja*, senhora? — repetiu.

— Sim, obrigada — respondi, na hora em que ouvi o incômodo toque do celular nas profundezas de minha bolsa. Enquanto o resgatava, perguntei-me quem poderia ser. Em Nova York eram mais de oito da noite, o que queria dizer que não poderia estar acontecendo nada no *Evening News*. Olhei o número. Tinha o prefixo 975, era um telefone da CBS News. Merda! Que será que aconteceu? Mas é terça-feira antes do Dia de Ação de Graças, pensei, e Dan foi embora, ou assim espero. Disse que ia para Austin. E se não foi e está em pé de guerra? Merda! Merda! Merda!

— Sim — respondi, tentando fingir que estava em Nova York e não em um *tablao* flamenco no centro de Madri.

— Maha? — perguntou uma voz feminina.

Uma Vespa passou a toda velocidade, antes inclusive que eu conseguisse assimilar a pergunta. Merda! O som dessas motos está tão relacionado à Espanha que certamente a pessoa que está me ligando percebeu que não estou nos Estados Unidos. E daí? É a semana do Dia de Ação de Graças e tenho direito de desfrutar meu tempo livre, me lembrei. Não tenho por que estar acorrentada ao escritório de meu trabalho no estúdio 47.

— Oi, Maha! Sou eu, Sandy Genelius.

Sandy Genelius! Que diabos ela quer? Por que continua no trabalho às oito da noite de um feriado? Sandy era a vice-presidente de comunicações corporativas da CBS News, uma das muitas chefes que já tive ao longo dos anos. Nunca me dei bem com ela.

— Oi, Sandy — cumprimentei-a com um tom de verdadeira surpresa. — Não esperava sua ligação. Está tudo bem?

— Onde você está?

— Bem, decidi tirar uns dias de descanso... Sei que Dan vai estar fora a semana toda... Ele viajou, não é? Quer dizer, não está no trabalho ou coisa do gênero, porque na quinta-feira passada me disse que ia para Austin ver a mulher. Percebi que estava balbuciando.

— Veja, desculpe-me atrapalhá-la em sua semana de férias, mas preciso saber se você pode vir ao escritório amanhã.

— Sim, claro... Acho que posso. O que está acontecendo, Sandy?

— Por que você não vem amanhã e conversamos? — sugeriu.

— Não pode me dar uma pista? Gostaria de saber o que está havendo para que não comece a ter ideias na viagem de volta — repliquei.

Não estava gostando da ideia de que arruinassem minha semana perfeita na Espanha porque alguém tinha quebrado a unha.

— Tenho certeza de que você sabe que Leibner tem falado com Moonves — aventurou Sandy.

— Sim, sobre alguma coisa relacionada ao contrato.

— Bem, Dan concordou em deixar o cargo de âncora no dia 9 de março de 2005.

O quê? Dan vai se demitir do cargo? Impossível! Com certeza se trata de um erro. Não conseguia acreditar. Alguma coisa deve ter havido. Com certeza, como de costume, Leibner tinha estragado tudo. Dan não queria se demitir. Tinha dito várias vezes. Queria continuar até 2006, ano em que comemoraria seu vigésimo quinto aniversário como apresentador do *CBS Evening News*.

Não cheguei a ver a apresentação de Antonio Pitingo, porque peguei o primeiro avião para Nova York.

♦

Em 9 de março de 2005 Dan Rather apresentou pela última vez o *CBS Evening News*, seu programa de número 6.240. Foi o final de uma era na CBS News. O processo que havia conduzido a essa situação fora longo e complexo. Mas, no final, Rather foi demitido sumariamente, ficou desacreditado na CBS e, como castigo, foi condenado ao esquecimento e à indiferença.

Logo depois do Dia do Trabalho de 2004[1], sessenta dias antes das eleições presidenciais dos Estados Unidos, o *60 Minutes II* transmitiu uma reportagem manipulada sobre o serviço prestado pelo presidente George W. Bush na Guarda Nacional. Dan Rather foi o responsável pelo bloco. A reação contrária à CBS News e ao âncora começou na manhã seguinte, mas Rather se manteve firme em sua versão durante mais duas semanas, até que foi obrigado a pedir desculpas.

Foi um momento difícil para a empresa. O centro da teledifusão estava empesteado de todo tipo de rumores, sobretudo depois que várias cabeças foram cortadas em consequência desse escândalo, e Leslie Moonves

designou uma comissão de investigação para averiguar o que tinha acontecido e em que se tinha errado. A CBS News, porém, não tinha se recuperado das sequelas do assunto e especulava-se sobre o futuro de Dan Rather. Ele escaparia do castigo? Por que não tinha protegido sua equipe?, era o que muita gente perguntava.

Quase doze semanas depois, me vi redigindo um comunicado em nome de Dan Rather no qual ele declarava que já estava pensando há algum tempo em deixar o *Evening News* e que o faria definitivamente em 9 de março. Isso significava o fim do império Dan Rather.

♦

Como se tudo isso não fosse suficiente, pouco depois do ano- -novo, no início de janeiro de 2005, caiu a segunda bomba.

♦

Fazia quinze anos que Duncan Macaulay — um escocês daqueles de *kilt* e espada estilo *Coração Valente*, bebedor de uísque *single malt*, com um senso de humor melancólico e uma mistura de Clint Eastwood em seus tempos de caubói e Sean Connery — era a metade de minha laranja. Duncan e eu nos conhecemos em um encontro às escuras em um restaurante de Nova York em 1990. Estávamos juntos desde então, sem casar, porque nenhum dos dois tínhamos a necessidade de formalizar algo que funcionava perfeitamente.

Era uma quinta-feira à noite de um mês de janeiro surpreendentemente suave em Nova York. Cheguei em casa cansada e de mau humor, com vontade de pedir um hambúrguer com batatas fritas e tomar uma taça de vinho com Duncan. Assim que abri a porta, Dougall, que estava conosco desde fevereiro de 2000, me saudou pulando em cima

de mim. Adoro esse cachorro! Sempre me faz sentir bem. É incrível como fica contente quando me vê.

— Oi, Dougall! Você está até sorrindo, não é? — cumprimentei-o depois que saltou em minha direção para me dar uma lambida no nariz.

— Duncan, já estou em casa! — gritei, enquanto tirava o casaco para pendurá-lo no cabide. Deixei a mochila pesada que carregava perto da porta e me sentei na banqueta do vestíbulo de nosso apartamento em Carnegie Hill para tirar as botas. — Até que enfim! Que alívio andar sem esses saltos de dez centímetros! Com certeza estou acabando com minhas costas, com minha postura... Onde está o Duncan?

— Duncan! — voltei a chamar em voz mais alta. Sabia que estava em casa porque tinha visto seu sobretudo e seu chapéu pendurados.

Onde será que ele está? Deve estar falando ao telefone, pensei enquanto me dirigia para a cozinha com Dougall nos meus calcanhares, pois sabia que ia comer.

Duncan entrou na cozinha com uma expressão estranha no rosto.

— Olá! — cumprimentei alegremente.

— Quer uma taça de vinho? — Duncan me ofereceu.

— Adoraria.

— Como vão as coisas no Álamo? — perguntou, enquanto desarrolhava a garrafa de seu tinto favorito.

— Como sempre. É uma pena. Sei que tenho de encerrar o assunto, mas não consigo reunir forças para fazer isso. Acabou tudo. Não consigo enfrentar o problema e não sei como Dan conseguiu — confessei, pegando a taça que Duncan me oferecia.

— Bem, de certa forma ele procurou.

— Veja, não vamos voltar a esse assunto.

Não queria começar outra discussão sobre Dan Rather e seu estilo de vida. Já tinha tido o suficiente ao longo dos anos.

— Muito bem, deixe para lá. Você já sabe que gosto dele. É um cara estranho, mas no fundo é boa pessoa.

Quando entramos na sala, percebi que a mente de Duncan estava em outro lugar. Como conhecia todos esses estados de espírito, comecei a falar sobre meu dia e a comentar coisas sem importância para acalmar os ânimos e desanuviar.

— Duncan, você está bem? — perguntei finalmente.

Não tive resposta e soube que algo estava acontecendo. Na verdade, pressenti que tinha a ver com trabalho.

— Quer outro vinho? — ofereci.

Como ele continuava sem dizer nada, peguei a taça dele e fui à cozinha. Voltei com as duas cheias, sentei-me e fiquei calada, esperando que Duncan percebesse. Como não reagiu, tentei de novo. — Você está preocupado com alguma coisa?

O silêncio dele começava a me torturar.

— Duncan! Que diabo está havendo? Você não disse três palavras desde que cheguei. Consigo conversar melhor com Dougall.

— Maha, tenho de ir a Londres — finalmente confessou.

— Como assim? É isso? Você está deprimido porque tem de ir a Londres?

— Maha... — começou a dizer.

— Já sei. Você tem de ir a Londres por um motivo que não gosta. Não entendo... Você vai a toda hora e adora. Qual é o problema dessa vez?

— Maha, me ouça. Tenho de ir a Londres.

— Sim, Duncan. Você já disse.

— Você está me ouvindo?

— É claro — respondi irritada. — O que não entendo é porque você se incomoda tanto com essa viagem específica.

— Maha, me ofereceram um trabalho.

— O quê? — gritei. — Duncan! É fantástico! Fico tão feliz por você! Estou tão orgulhosa! O que é? — perguntei, ansiosa por saber mais.

— O grupo investidor de Dubai que eu estava assessorando quer uma pessoa ali *full-time*. Estão planejando grandes investimentos na Europa e América do Norte, e me propuseram que seja representante deles em Londres.

— Uau! Impressionante! Mas isso pressupõe que você terá de ir... — Deixei a frase inacabada quando me dei conta.

— Sim, Maha, é o que estava tentando dizer.

— Meu Deus! Achei que fosse uma viagem como as demais.

Nesse momento tive consciência de que meu rosto refletia toda a incerteza e ansiedade que sentia. O que significava aquilo? O que ele imaginava para nós? Morávamos juntos há quinze anos e agora Duncan se mudaria para Londres enquanto eu ficaria em Nova York? O que estava acontecendo? Primeiro minha vida profissional estava convulsionando e, aparentemente, minha vida pessoal também.

— Duncan! O que isso quer dizer? O que vai acontecer?

— Maha, sei que é difícil, mas tenho de aceitar esse trabalho. Esse tipo de oportunidade não aparece todo dia e você sabe como as coisas estavam ruins ultimamente.

— Sei...

— Veja, sua relação com Dan está praticamente acabada. Por que não termina isso de uma vez? Daí já terei encontrado uma casa em Londres e poderemos decidir onde os três queremos viver.

— Quando você precisa ir?

— Querem que eu assuma em 1º de março.

Aconcheguei-me em seus braços com lágrimas nos olhos.

— Maha, por favor. Não chore. Você deveria estar contente por eu ter trabalho e não ter de ficar em casa fingindo que sou Ted Kaczynski[2] e que estou escrevendo meu manifesto.

— Eu gostava de você quando era como Ted — solucei ao me dar conta de que ele iria embora logo e quando eu voltasse para casa não haveria uma taça de vinho me esperando. Teria de me servir sozinha.

♦

Em 28 de fevereiro, logo depois que Duncan se foi, Nova York foi afetada por uma tremenda tempestade de neve. Enquanto dava o passeio matinal com Dougall entre montanhas brancas, fui organizando mentalmente tudo o que tinha de fazer naquele dia, incluindo ligar para Londres para a tia Hafsah. Meu passaporte britânico estava prestes a expirar e, para renová-lo, a embaixada britânica em Washington me exigia uma série de documentos, como uma certidão de nascimento e outros papéis que eu não tinha, mas estava certa de que minha tia poderia me fornecer.

Que horas serão em Londres? Poderia ligar para ela agora mesmo. Não tem sentido esperar até que o dia acabe.

Meu tio atendeu.

— Tio Farhan!

— Maha! — exclamou ele, cheio de alegria.

— Como vai? E a família?

— Muito bem, muito bem. Estamos todos muito bem. E você, querida? Já soube da confusão na qual você se meteu. Acompanhamos as notícias sobre Dan Rather e o presidente Bush.

— Sim. Não tem sido fácil. E quando Dan for embora, as coisas vão piorar ainda mais.

— Esse homem deveria ter mais juízo. Por que não se demite com dignidade?

— Não sei. Quem dera soubesse, seria melhor. Tio Farhan, me desculpe por interromper dessa maneira, mas estou na rua com neve por todos os lados. Ligo mais tarde para conversar um pouco, mas agora preciso

falar com a tia Hafsah antes que me esqueça de todas as perguntas que tenho para fazer.

— Maha, sua tia está em Beirute.

— E por que ela foi para lá?

— Maha, sua mãe está em Beirute.

— O quê? — gritei com a voz tão alta que as pessoas a minha volta me olharam com estranheza. — O que o senhor quer dizer com minha mãe está em Beirute? Por que não está em Karachi?

— Ela está muito doente.

— Por favor, tio Farhan, todos nós sabemos o que ela passou esses anos todos.

— Veja, Maha, não queria ser eu a lhe dar a notícia, mas ela está com câncer.

O tempo parou. Meu mundo parou. O celular estava em minha mão, mas não ouvia nada. Meus olhos estavam abertos, mas não via nada. Nem sequer me dava conta do caos que havia no trânsito a minha volta. Minha mente estava em branco. A única coisa de que me lembrava era da dor e da pena nos olhos de minha mãe cada vez que a olhava. Só me lembrava das críticas constantes de meu pai contra ela. Meus olhos se encheram de lágrimas e me dei conta de que não conseguia me lembrar da última vez que a tinha visto sorrir, rir ou se divertir de verdade.

— Senhora, qual é o problema? Saia do meio do caminho!

Um taxista que tentava pegar um passageiro me tirou do ensimesmamento. Em outro momento teria gritado com ele de volta, como qualquer novaiorquino, mas não o fiz.

O celular voltou a tocar e atendi pensando que seria meu tio novamente, mas não, era Dan Rather ligando-me às seis e meia da manhã para falar sobre o que Howard Kurtz havia escrito sobre ele no *Washington Post*. Ouvi pacientemente as reclamações dele sobre o que eu deveria fazer, o que ele deveria fazer e o que nós dois deveríamos fazer.

— Acho que temos de responder, Maha. É mentira. É o tipo de besteiras conservadoras e de direita que Howard gosta de escrever.

— Sim, Dan — respondi impassível.

— Não entendo por que ele nunca me deu uma oportunidade verdadeira. Finge que vai com minha cara, mas acho que está na folha de pagamento de algum desses sanguessugas republicanos.

— Sim, Dan.

— Você tem opinião própria ou vai se limitar a dizer sim para tudo o que eu disser? — perguntou Dan irritado.

— Sim, Dan.

— Que diabos está havendo com você esta manhã? Preciso mais do que nunca de suas ideias.

— Sim, Dan.

— Estou vendo que não vamos chegar a lugar algum — acrescentou furioso. — Não sei o que acontece. Daqui a pouco nos vemos — despediu-se, antes de desligar zangado.

— Sim, Dan.

Voltei para casa completamente aturdida.

♦

Liguei várias vezes para o número da casa de minha mãe em Beirute antes de conseguir resposta. Minha tia Hafsah atendeu.

— Tia Hafsah — cumprimentei com a voz entrecortada.

— Olá, Maha. Você falou com o tio Farhan, não é?

— Sim. Como está minha mãe?

— Está bem. Eu até me atreveria a dizer que está bem animada — respondeu.

— Por que você não a leva para Londres? Há um monte de terapias e tratamentos novos.

— Já fizemos isso, querida. Ela passou seis meses em Londres conosco.

— E por que vocês não me contaram? Por que ninguém me ligou? Você tem meu celular. Sabe que pode me procurar quando quiser.

— Ela me pediu para não a incomodarmos. Disse que não queria ser um fardo para você.

— Pelo amor de Deus, tia Hafsah! Isso é ridículo! Passei longas temporadas em Sevilha. Acha que eu não teria ido a Londres?

— Não sei o que dizer, minha filha. Veja, acabamos de voltar a Beirute. Por que não vem vê-la depois que a instalar? Tenho certeza de que ela vai ficar encantada.

— Está certo, mas me prometa que vai ligar ou mandar um e-mail me informando.

Minha tia prometeu.

Não era o melhor momento de perguntar sobre uma certidão de nascimento. Bom, não poderia ser tão complicado. Então decidi tentar resolver sozinha de meu escritório no *60 Minutes*.

♦

No final, depois de mais de seis meses, duzentas e quarenta e duas cartas, sessenta e cinco e-mails e incontáveis ligações telefônicas no meio da noite, voltei para casa em uma noite fria de novembro depois de saber que não tinha nascido na Austrália. Trazia uma sensação desagradável na boca do estômago e minha cabeça voava a toda velocidade, tentando encontrar uma explicação. "Santo Deus!", pensei enquanto fazia sinal para um táxi que acabava de entrar na rua. "O que está acontecendo? Por que não há registro de meu nascimento? É absurdo! Por que *umma* me diria que nasci na Austrália se não é verdade? E se não nasci lá, por que tive um passaporte australiano quando era criança?" Sabia que alguma coisa muito estranha estava acontecendo, mas não conseguia ligar os pontos.

— Quer me dizer aonde vamos, senhorita? — perguntou o taxista enquanto seguíamos em direção leste pela rua 57.

Estava tão absorta em meus pensamentos que tinha me esquecido de lhe dar o endereço.

— Desculpe-me! — exclamei, olhando rapidamente pela janelinha para saber onde estávamos; nesse momento passávamos em frente à Tiffany's, na Quinta Avenida. — Vamos para a 93 com a Lex, por favor.

— Tudo bem, senhorita? — perguntou o taxista olhando-me pelo retrovisor.

— Sim, obrigada. Estou com muita coisa na cabeça, é isso.

— A impressão que dá é que está carregando todo o peso do mundo nas costas. Trabalha onde? Na CBS? O que acontece com o demente do Dan Rather? Você o conhece? O que ele pretendia metendo-se com o presidente?

"Por que todo mundo me pergunta sobre Dan Rather?", pensei enquanto o motorista continuava com seu falatório. Assenti sem pronunciar uma palavra e me dediquei a observar os magníficos edifícios residenciais da Park Avenue pela janela, para dissuadi-lo de tentar continuar a conversa. Quando entrei em casa, Dougall pediu minha atenção com seus pulos, me fez sorrir e conseguiu distrair minha mente do quebra-cabeças que tentava resolver.

Sentei-me diante da televisão com uma taça de vinho e o cão se largou em seu sofá preferido. Lembrei-me de meu aniversário de sete anos, do dia em que minha mãe me comprou um par de *ghungroos*[3] e cedeu em satisfazer minha paixão pelo *kathak*[4], a dança indiana clássica. "*Chalo*[5], Maha!", gritou para mim ao pé da escada no dia em que me levou a Kathak Kendra, a melhor escola de dança indiana de Délhi, para uma audição com o *pandit* Krishna Maharaji. Quanta estrada tinha percorrido! Do *kathak* ao flamenco, de Délhi a Nova York, de Karim Al-Mansour a Duncan Macaulay. Caramba, fazia mil anos que não me lembrava de

Karim. Aqueles dias pareciam pertencer a outros tempos e, à medida que divagava, um deles — quando tinha quinze anos — se impôs com força sobre os demais.

1. Nos Estados Unidos, é comemorado na primeira segunda-feira de setembro (N.T.).

2. O Unabomber (N.E.).

3. G*hungroos*: (do hindi) acessório musical. Os *ghungroos* são guizos unidos por uma cordinha que os bailarinos clássicos indianos amarram aos tornozelos. O som que produzem varia dependendo da composição metálica do guizo e de seu tamanho. Servem para acentuar aspectos rítmicos da dança e permitem à plateia ouvir a complexidade do movimento com os pés. Uma faixa de *ghungroos* pode ter entre 50 e 200 guizos. O aluno novato começará com 50 e acrescentará outros à medida que progride na técnica de dança (N.A.).

4. *Kathak*: (do hindi) o nome *kathak* vem do sânscrito *katha*, que significa história, e *kathaka*, que significa aquele que conta histórias. O *kathak* é um dos oito tipos de dança clássica indiana originária do norte do país. Pode ser considerada uma dança narrativa caracterizada pelo movimento rápido dos pés, giros e o uso inovador da mímica. Suas origens remontam aos bardos nômades do norte da Índia, conhecidos como *kathakas* ou contadores de histórias. Os bardos se apresentavam nas praças dos povoados e nos pátios dos templos, onde diziam contos morais e mitológicos dos Vedas (escrituras indianas). A recitação era enfeitada com gestos de mãos e expressões faciais. Era considerada a quintessência do teatro, usando instrumentos musicais e voz com gestos estilizados, para amenizar as histórias. Atualmente o *kathak* é o resultado de várias influências: contos mitológicos dos *kathakas*, ritos dos templos hinduístas e influência persa dos mongóis (N.A.).

5. *Chalo*: (do hindi) Vamos! (N.A.).

Capítulo 2

Eu tento rir disso tudo
Disfarçar com mentiras
Tento e
Rio disso tudo
Enquanto escondo as lágrimas
Porque meninos não choram
Meninos não choram

A voz de Robert Smith, cantor do The Cure, troava nos meus fones de ouvido enquanto eu repetia a letra do refrão e trocava a palavra "meninos" por "meninas".

— Meninas não choram, meninas não choram.

Tinha quinze anos e estava em meu quarto, na casa de minha tia Hafsah em Londres. Caída na cama, ouvia música em um fone de ouvido *Walkman*®, o pequeno aparelho de som com fones de ouvido que acabava de ser lançado. Implorei para que minha tia me comprasse um e ela, complacente, acabou cedendo e me deu de presente de aniversário.

Como era óbvio, não ouvi que batiam à porta e me sobressaltei ao notar uma mão em meu ombro. Era minha mãe, Zahra.

— O que você quer?

— Maha, bati e...

— Por que foi entrando assim?

— *Beti*, chamei, mas você não ouviu.

— Claro, estou de *Walkman*®.

— O que é isso? Por que tem esse nome?

— Não sabe? É, você não sabe de nada.

Tinha plena consciência de que minha mãe queria desesperadamente voltar a fazer parte de minha vida, mas tinha decidido não deixar. Zahra estava convencida de que se deixasse o tempo passar ela poderia consertar o mal que me causara sete anos antes, um dia de que nunca poderei esquecer. Meus pais me fizeram acreditar que íamos passar férias em Londres e, sem sequer me avisar, me deixaram na Bedales School, um internato para meninas. Enquanto chorava, machucada e assustada, eles voltaram para Karachi. No que dizia respeito a minha mãe, a única pessoa em quem tinha confiado também me traíra. E naquele momento decidi que jamais a perdoaria.

— O que você quer? Por que está em Londres?

— O diretor do Gulf Bank organizou um jantar esta noite. Seu pai trabalha para eles e é importante irmos.

— Que ótimo, você vem para um jantar mas não tem tempo de me ver dançar em Délhi...

— Isso não é justo, Maha. Você sabe que sempre escondemos de seu pai que você dança. Como poderia pedir a ele para ir assistir?

— Mas se você se esqueceu, mãe, é bom lembrar que já me apresento há três anos e não entendo por que não veio me ver sem ele. Não me importa se ele não vem, mas você poderia ter ido se quisesse. Karachi não é tão longe de Délhi.

— Você conhece seu pai, nunca me deixaria ir sozinha. Pode ser que quando nos mudarmos para o Kuwait...

— Já está mais do que na hora de você perder o medo e enfrentá-lo. Ele não faz nada além de insultá-la e dizer que você é burra e ignorante. Por que não paga com a mesma moeda? Estamos em 1980 e não em 1880. Se realmente quisesse ver-me dançar, teria dado um jeito.

Zahra suspirou resignada.

— Prometo que um dia eu vou.

— Sim, em minha próxima encarnação. Já vi como você se ajoelha aos pés dele para cortar suas unhas das mãos e dos pés. Que nojo! Como pode se humilhar tanto? E enquanto isso ele fica aí, sentado sobre a toalha como se fosse o rei do mundo. Ele te trata como a uma escrava.

Zahra não se abalou com meu discurso.

— Maha, seu pai quer que você venha conosco ao jantar esta noite.

— O quê? — perguntei surpresa, enquanto tirava os fones. — Por que diabos quer que eu vá?

— Quer nos apresentar a seu novo chefe.

— Por quê? Por que eu tenho de conhecê-lo?

— Porque o xeque Ibrahim Al-Mansour quer ver todos nós.

— Não entendo. Um árabe gordo quer conhecer toda a família Akhtar? Incrível! Fantástico!

— Maha, por favor! Um pouco de respeito! Já sei que você não tem, mas pelo menos disfarce!

— Respeito por quem? Por ele? Pelo árabe gordo para quem ele trabalha?

— Quero que você esteja pronta às sete.

— Nem pensar! Não tenho a menor intenção de ir! Vou ao cinema assistir ao último filme de *Guerra nas estrelas*.

— Chega! Quer você queira, quer não, ainda continuo sendo sua mãe. Você pode ir ao cinema outro dia, mas hoje à noite vamos jantar na casa do xeque Ibrahim Al-Mansour.

— E Jehan? Também vai?

— Sua irmã não está bem — mentiu Zahra.

— O que tem a coitadinha? Quebrou a unha?

— Maha... Quero que você esteja pronta às sete — disse Zahra enquanto se dirigia à porta. Antes de sair se voltou. — E, por favor, coloque um vestido e se penteie.

Mostrei a língua enquanto ela se afastava e voltei a colocar os fones.

Boys Don't Cry estava terminando e a música seguinte era *Killing an Arab*. Achei graça da coincidência.

Quando a música acabou olhei o relógio. Era meio-dia. Tenho tempo. Eles querem que eu vá a um jantar sem me dizer por que, exceto que se trata de um assunto de família do qual minha irmã não vai participar... Claro! Vocês vão ver! Peguei a jaqueta jeans e tomei o metrô para King's Road.

Às quinze para as sete alguém bateu na porta de meu quarto.

— Cadê você, Maha? — era a voz de minha tia Hafsah.

— No banho, já vou.

Um minuto depois, quando saí, minha tia ficou tão impressionada com minha aparência que foi incapaz de articular uma palavra.

Em King's Road eu tinha cortado meu longo cabelo castanho escuro no estilo de Robert Smith, o vocalista do The Cure. Usava um penteado moicano, tão fofo que parecia um ninho de pássaro. Tinha delineado e esfumaçado meus olhos com um lápis preto até ficar parecendo um guaxinim e pintado os lábios de vermelho sangue. Usava uma *abaya*[1] de Hafsah tipo cáftã, longa e negra.

— Como estou, tia? Acha que estou devidamente apresentável para um jantar familiar na casa do xeque Ibrahim Al-Mansour?

— Venha para o banheiro agora mesmo — ordenou Hafsah com a voz ameaçadoramente baixa.

— Mas, tia, não estou parecendo uma boa menina muçulmana? Até vesti um dos seus cáftãs.

Hafsah me pegou pelo braço e me arrastou até o banheiro. Tínhamos exatamente seis minutos antes que meus pais chegassem.

— Limpe essa maquiagem — ameaçou.

Enquanto fazia isso, foi buscar outro cáftã no armário de seu quarto. Quando voltou ao banheiro, meus olhos ainda tinham restos de maquiagem e meus lábios continuavam vermelhos demais.

— Lave de novo o rosto com azeite de oliva.

— O quê?

— Faça o que estou dizendo!

A maquiagem desapareceu completamente e minha pele voltou a ficar limpa e radiante. O azeite tinha conseguido até que meus longos cílios negros brilhassem. Tocou a campainha.

— Que Alá nos ajude! — exclamou Hafsah enquanto colocava minha cabeça embaixo da torneira para tirar o spray e o gel.

— Conversamos sobre isso amanhã. Agora se penteie e coloque um lenço de seda na cabeça.

— Nem pensar! — protestei.

— Ah, você vai! Ou te dou uma surra que você não vai esquecer. E nem quero saber o que seu pai vai dizer.

Hafsah colocou um pouco de azeite de oliva nas mãos e aplicou em meu cabelo ainda molhado. Secou minha cabeça com uma toalha, penteou meu cabelo para trás e colocou um elástico. Prendeu as mechas que caíam sobre meu rosto, colocou um lenço preto na cabeça sem apertá-lo e prendeu-o ao cáftã apropriado.

Às sete e cinco, minha tia e eu descemos à sala, onde meu tio Farhan tinha recebido meus pais.

— Maha, você está linda! — exclamou Zahra aliviada.

Não falei nada, nem meu pai, e todos se levantaram para irmos.

Meu pai, Anwar Akhtar, minha mãe e eu chegamos às sete e meia em ponto à casa do xeque Ibrahim Al-Mansour em Mayfair.

— Boa tarde, Anwar! Bem-vindo a nossa casa — cumprimentou-o ao mesmo tempo em que lhe dava um abraço e um beijo nas bochechas. — Esta deve ser sua esposa.

— Sim, é a Zahra, minha mulher.

Zahra sorriu educadamente para o xeque.

— E esta é minha filha de quinze anos, Maha.

— Alá o abençoou com uma linda mulher e uma linda filha.

Olhei o resto dos convidados da casa. Todos estavam muito arrumados, especialmente as mulheres. A maioria dos homens era árabe e vestia o *thawb* tradicional, uma camisa comprida de algodão, sob o *bisht*, uma espécie de túnica, e o *keffiyeh*, um turbante totalmente branco, preso com o *agal*, um cordão preto. Era capaz de adivinhar de que país vinha cada uma das mulheres só de ver suas roupas. As que usavam roupas europeias eram libanesas, as que estavam cobertas dos pés à cabeça eram sauditas e as mulheres da região do Golfo do Oriente Médio vestiam-se mais ou menos como eu, exceto pelo fato de que sob os cáftãs longos e negros com certeza usavam roupas íntimas Chanel, Dior ou Givenchy.

As bebidas foram servidas em uma sala ampla de pé direito alto exageradamente decorada, uma verdadeira cacofonia de dourados, sedas e brocados. As mulheres estavam em um extremo do cômodo e os homens no outro. Sentei-me ao lado de minha mãe, com um copo de suco de romã. Estava calada e sombria, perdida em meu mundo. Quando algumas mulheres tentaram falar comigo, me limitei a sorrir e baixar os olhos. Em seguida começaram a cochichar sobre como seria uma esposa perfeita para os filhos delas.

Não reparei a princípio no grupo de homens que rodeava meu pai e o xeque Ibrahim Al-Mansour, e que conversavam entusiasmados enquanto me dirigiam olhares furtivos, nem prestei atenção ao fato de minha mãe estar fazendo o mesmo com eles. Antes de jantar, Anwar fez um gesto para

que Zahra e eu nos reuníssemos a ele, ao xeque e a outros três homens em uma salinha anexa.

— Maha, estes são meus filhos Karim, Abdullah e Mohammed — disse o xeque.

Olhei-os diretamente nos olhos e, quando estava a ponto de me aproximar para estender-lhes a mão, minha mãe me conteve pelo ombro e me segurou com firmeza.

— Fique aqui comigo e se comporte, por favor. Ouça-me pelo menos desta vez — sussurrou Zahra.

Olhei para ela estranhando, mas obedeci. Gostaria de ter perguntado por que tinham nos escolhido para essa reunião íntima masculina quando havia mais de cinquenta pessoas na sala ao lado.

— Bem, Anwar, o que você acha de tomarmos uma taça aqui antes de jantar? — perguntou o xeque.

— Com certeza, senhor — respondeu ele servilmente.

Zahra e Khadija, esposa do xeque, que acabava de entrar, estavam sentadas em um sofá, enquanto Anwar e o xeque estavam em outro, Abdullah e Mohammed em um terceiro, e Karim e eu no quarto. Todos nos lançavam olhares furtivos.

Enquanto Anwar e o xeque falavam de negócios, Zahra mantinha uma conversa trivial com Khadija. A essas alturas, Abdullah e Mohammed me olhavam sem nenhum pudor. Decidi romper meu silêncio.

— Então, Karim... Seu nome é Karim, certo?

— Sim.

— O que você faz?

— Sou o filho mais velho.

— E o que isso significa?

Karim me olhou sem entender.

— Vou perguntar de outro jeito. O que implica ser o filho mais velho?

— Quer dizer que posso fazer o que quiser.

— Você vai à universidade?

— Bem, meu pai queria que eu fosse para Oxford ou Cambridge, mas era muito difícil de entrar.

— E o que você fez depois que acabou o colégio?

— Segui meu pai a todos os lugares.

— Você vai ser banqueiro como ele?

— Acho que não. Meu pai é o presidente do banco porque meu tio é o emir do Kuwait.

— Entendi.

Eu não tinha mais o que falar com Karim Al-Mansour. Não restavam dúvidas de que ele era uma pessoa fútil, desprovida de ambições, capacidade ou desejo de fazer algo por conta própria. Por sorte, não precisava fazer nada, já que era membro de uma família que governava um dos países petrolíferos mais ricos do Golfo Pérsico.

Olhei para ele mais detidamente. Jesus! Era feio até dizer chega. Baixo, gordo, usava óculos de fundo de garrafa e era dentuço. Não conseguia ver o cabelo porque estava coberto por um *keffiyeh* branco. Assim como a maioria dos homens árabes, tinha barba e bigode.

Mais uma vez tentei começar uma conversa.

— O que você faz em seu tempo livre, Karim? Gosta de ler? Viajar?

— Sim, gosto muito de viajar. Acho muito interessante ir a outros países e cidades.

Finalmente, pensei.

— E quando você vai a esses países, gosta de conhecer a história, a língua e a cultura?

— Sim, claro, adoro ir aos melhores hotéis e fazer compras.

Eu não disse nada.

— E quanto às línguas, não preciso me preocupar, porque sempre viajo com um intérprete.

Para as demais pessoas que havia na sala parecia que estávamos nos entendendo muito bem. Eu estava sentada na beirada do sofá e era a imagem viva da menina muçulmana bem-educada, enquanto Karim estava recostado, seguro de si mesmo, com as pernas cruzadas, uma mão no encosto e outra no braço do sofá. Não parava de me olhar. Eu, ao contrário, tentava de todas as maneiras evitar que nossos olhares se encontrassem, pois ele me parecia repulsivo. Por isso, mantinha os olhos em minhas mãos cruzadas.

Esforcei-me o quanto pude para me comportar de maneira civilizada com Karim, alheia às decisões que tomavam em relação a meu futuro.

— É muito bonita — disse a mãe de Karim a Zahra.

— Obrigada, Khadija — respondeu minha mãe, me olhando. — Sim, ela está se saindo bem dessa fase tão estranha.

— Gosto que ela se vista da maneira tradicional. Nos tempos atuais há muitas moças árabes que insistem em se vestir conforme a moda ocidental. Você tem sorte que ela tenha apego por suas raízes culturais. É religiosa?

— Acredito que o Ramadã foi muito difícil para ela, porque estudou em um colégio interno, mas sempre celebramos juntas o *Eid-ul-Fitr*[2] e o *Eid-ul-Adha*[3].

— Já fez o *Hajj*[4]?

— Ainda não, mas há alguns anos, voltando para casa vindos de Délhi, paramos em Yeddah porque eu queria fazer o *Umrah*[5] e ela me acompanhou.

— Boa menina — disse Khadija sorrindo em aprovação.

Zahra olhou para o marido, que continuava falando com o xeque. Este concordava e, ao mesmo tempo, acariciava a barba sem tirar os olhos de mim.

— Bem, Anwar, você tem uma filha encantadora. Será uma ótima primeira esposa para meu filho. Parece sadia e suficientemente forte para ter muitos filhos.

— Xeque Ibrahim, garanto que não vai encontrar ninguém como Maha. Fará seu filho muito feliz.

O xeque continuava cofiando a barba, algo que sempre fazia quando estava distante em seus pensamentos.

— Anwar, só uma coisa me preocupa.

Anwar Akhtar esperou inquieto até o final da frase.

— Há quanto tempo ela estuda no Ocidente?

— Sua alteza, apesar de ter passado alguns anos em um internato aqui em Bedales, garanto que a vigiamos de perto e que conhece perfeitamente suas raízes; ela é muito rígida quanto à herança cultural e às tradições em sua vida cotidiana. A religião é muito importante para ela. Jejua durante o Ramadã, inclusive quando está no colégio.

O xeque parecia satisfeito. Certamente não sabia que praticamente tudo o que Anwar lhe dissera era mentira.

— Mas você não acredita que o fato de ter crescido e estudado no Ocidente pode ter influenciado de forma negativa e com ideias erradas de como ser uma boa esposa?

Anwar tentava encontrar a resposta adequada. A maioria das pessoas ficava muito bem impressionada quando lhes dizia que era a melhor aluna de minha classe em Bedales. Pela primeira vez, meu talento se voltava contra mim.

— Por exemplo, ela saberia aceitar que Karim tivesse outra esposa?

— Excelência, ela é uma menina muito flexível. Entende muito bem nossa cultura. Não se esqueça de que é libanesa.

— Sim, claro. Não me lembrava que sua esposa era libanesa. Imagino que a ensinou tudo sobre o mundo árabe. Bom, isso me deixa mais tranquilo.

Anwar Akhtar suspirou aliviado. Estava feito. Tinha fechado um acordo com o xeque Ibrahim: como sinal de boa vontade e para consolidar sua entrada no Gulf Bank, me casaria com o primogênito do xeque. Anwar

Akhtar e o xeque tinham chegado a um acordo quanto às somas em dinheiro, casas no Kuwait, Londres e Paris, carros, empregados, joias e outros bens materiais que me seriam entregues, assim como os que correspondiam a minha família.

O xeque Ibrahim tinha me comprado para seu filho. O resto, inclusive a cerimônia, era simplesmente pompa e circunstância.

♦

"Céus!", pensei. "Que confusão essa com Karim e a família dele!" Eu era tão jovem e tão rebelde. Não tinha a menor ideia de nada e achava que sabia tudo. Pergunto-me o que teria pensado na época se alguém tivesse me dito que trabalharia com o The Cure ou que me transformaria em uma das meninas de Rather. Ou o que teria respondido se alguém me garantisse que romperia com as tradições de minha família, determinada a seguir meu coração, meu destino.

Quando despertei de meu devaneio eram quatro horas da manhã.

Dougall me olhou com cara sonolenta.

— O que faço? — perguntei-lhe antes de pegar o telefone. — Tia Hafsah, tenho que falar com minha mãe. Quando posso ir a Beirute?

Hafsah fez o possível para retardar a viagem e ainda demorei várias semanas para chegar a Beirute.

1. *Abaya*: (do árabe) vestido tradicional de muitas mulheres na maioria dos países da península arábica, como os Emirados Árabes. Trata de um cáftã preto e largo, feito de um tecido leve como chiffon ou crepe. Alguns são bordados (N.A.).

2. *Eid-ul-Fitr*: (do árabe) costuma ser abreviado para *Eid*. Festa islâmica que marca o final do Ramadã (mês sagrado do jejum). Em árabe, *Eid* significa festividade e *Fitr*, quebrar o jejum. As comemorações do *Eid* duram três dias (N.A.).

3. *Eid-ul-Adha*: (do árabe) conhecido como a "celebração do sacrifício", festividade religiosa celebrada por todos os muçulmanos, na qual se comemora a boa vontade de Abraão para sacrificar seu filho Ismael, como ato de obediência a Deus. Os festejos duram quatro dias e costumam coincidir com o dia em que os peregrinos iniciam o *Hajj*, a peregrinação anual a Meca, na Arábia Saudita (N.A.).

4. *Hajj*: (do árabe) peregrinação islâmica a Meca, na Arábia Saudita. É a maior peregrinação anual do mundo e o quinto pilar do Islã: todo muçulmano deve peregrinar a Meca pelo menos uma vez na vida e deve realizá-lo durante o décimo segundo mês do calendário muçulmano (N.A.).

5. *Umrah*: (do árabe) conhecida como peregrinação menor, é a realizada a Meca em qualquer época do ano (N.A.).

Capítulo 3

Sentada em minha sala na redação do programa *60 Minutes*, olhava hipnotizada o logotipo do Google na tela de meu computador sem saber por onde começar. O que faço? Quer dizer, que diabos alguém pode fazer quando se viveu metade da vida como uma pessoa e, depois de quarenta anos, de repente te dizem que você é outra? O que tinha descoberto da boca de minha tia e de minha mãe respondia a muitas perguntas que rondavam minha cabeça; na hora consegui ver com clareza coisas que aconteceram em minha infância e nunca entendi. Mas tudo continuava parecendo muito estranho, uma grande sacanagem. Apoiei os cotovelos na mesa e olhei distraída o brilho da tela.

Conferi o horário no celular, eram oito e meia. O escritório estava vazio. Que curioso. Esse pessoal faz horário bancário. O *60 Minutes* é completamente diferente do *Evening News*. Lá a gente ficava até mais tarde, inclusive o próprio Dan, se estivesse tecendo uma boa história. Entretanto, nesse momento, Rather e eu, sua fiel escudeira, mofávamos em um programa no qual Dan não tinha sido bem recebido e onde ninguém se preocupava em fingir o contrário. "Por que estou pensando em Dan Rather e seus problemas?", perguntei-me com o rosto entre as mãos enquanto via meu reflexo macabro na tela. A palavra Google parecia estar estampada em minha frente.

Tenho de enfrentar tudo isso, não posso me limitar a agir como se nada estivesse acontecendo. O problema era que não sabia como assimilar o que acabava de descobrir. Não conseguia incorporar a ideia. Parte de mim não acreditava. Como minha vida mudaria depois das últimas notícias? Seria diferente? Eu me sentiria de outra forma? Viraria uma pessoa diferente de quem era ou de quem tinha sido por toda minha vida? Estava totalmente confusa e meus pensamentos vagavam em tantas direções que já não sabia por onde começar. Com a cabeça entre as mãos, tentei pensar, mas a única coisa que consegui foi reviver a conversa com minha mãe várias vezes.

Finalmente, fui a Beirute para ver minha mãe antes das festas de Natal e passei quase seis semanas lá. Em meados de janeiro voltei a Nova York. A viagem tinha sido uma verdadeira montanha-russa emocional. Sentia-me devastada com tudo aquilo, a questão parecia grande demais para mim. Não deixava de pensar no momento em que tinha perguntado a minha mãe onde nasci e obtive mais do que uma simples resposta.

— *Umma*, tenho de perguntar uma coisa. É muito importante.

Zahra fechou os olhos.

— Quero saber onde nasci.

Zahra me olhou sem responder.

Peguei sua mão frágil e aproximei meu rosto.

— Maha, Anwar Akhtar não é seu pai verdadeiro. E você não nasceu em Sydney, mas nesta cama. Seu pai era o *maharajkumar* Ajit Singh, de Kapurthala. E o pai dele era o marajá Jagatjit Singh, cuja quarta esposa, a mãe de Ajit, era uma mulher sensível chamada Anita Delgado. Era malaguenha, *bailaora* de flamenco.

♦

Milhares de imagens apareceram a toda velocidade em minha mente. Imagens de minha infância, de minha mãe, de Délhi, de Kathak Kendra,

minha antiga escola de bailado, de *guruji*, meu guru da dança, de algumas de minhas apresentações, do internato em Bedales, de Bryn Mawr, das turnês com o The Cure, dos anos com Dan Rather e dos acontecimentos que o conduziram à ruína.

Minha paixão pelo flamenco e por Sevilha me levaram até onde eu estava. Descobri esse tipo de dança há vários anos, por sugestão de um homem mais velho com quem tropecei casualmente em um coquetel em Nova York. Procurava algo que me realizasse, algo que me entusiasmasse, algo que me devolvesse a vontade de viver, a *joie de vivre*. A dança *kathak* tinha desempenhado esse papel durante minha adolescência, mas desde a morte de meu adorado guru, quando eu tinha dezessete anos, tinha abandonado os *ghungroos*. A descoberta de uma canastra de couro que comprei em Granada durante as férias de 1975 com minha família me lembrou do fascínio que senti pelo flamenco desde o princípio. A canastra e o homem no coquetel é que me empurraram para a dança. Fiquei surpresa com a facilidade com que aprendi, como entendi o espanhol sem jamais ter estudado e quão impaciente estava para ir a Sevilha.

Fiquei assombrada com a rapidez com que entrei na sociedade sevilhana e como me sentia bem ali. Tudo aquilo que antes eram apenas curiosas coincidências começou a fazer sentido depois da conversa com minha mãe. O inexplicável tinha explicação.

Levantei-me e fui ao escritório de Rather para contemplar a cidade. Era uma sala pequena, muito menor do que o grupo de escritórios que constituíam seus domínios no *Evening News*. Apesar de tudo, tinha conseguido levar até ali seus móveis preferidos para se sentir em casa. Encaminhei-me para as janelas de onde se via o Hudson, e Nova Jersey do outro lado. Aquilo era um luxo. Os escritórios do *Evening News* ficavam em cima do estúdio 47, de onde o telejornal era transmitido ao vivo todas as noites, e as janelas davam para o cenário. Sentei-me na cadeira de couro

ampla e cômoda de Dan e olhei ao redor. Girei a poltrona para ver os edifícios de Nova Jersey recortados contra o horizonte e o rio.

Observei meu reflexo no vidro. Tinha feito quarenta e um anos; era alta e esbelta; tinha um corpo de bailarina e um rosto bonito. Não era de uma beleza clássica, como a de minha mãe, mas havia algo de sensual em mim. Com frequência viam em mim alguma semelhança com Sophia Loren, apesar de nunca ter dado muita importância para o comentário. Em mais de uma ocasião, lembro-me de ter perguntado a minha tia se me parecia mais com meu pai ou com minha mãe, e Hafsah sempre respondia diplomaticamente, dizendo que era uma mistura dos dois. Agora sabia a resposta, tinha respostas a outras perguntas além de simplesmente com qual dos meus pais eu me parecia mais.

Meu cabelo era longo e castanho, meus olhos grandes e marrons, adornados por longos cílios negros que se curvavam ligeiramente para cima e lhes davam forma amendoada, e lábios vermelhos sensuais e carnudos que sobressaíam exuberantes e desenhavam um sorriso amplo e alegre. Apesar de ter traços escuros marcantes e fáceis de recordar, minha pele cor de oliva podia me fazer passar por indiana, iraniana, árabe, grega, egípcia, italiana do sul ou andaluza, de ter nascido no Oriente Médio ou até em qualquer país abaixo da fronteira dos Estados Unidos, do México para baixo. Toda minha vida tinha me divertido com essa aparência camaleônica e quase ninguém conseguia precisar a que grupo racial eu pertencia. Em Nova York, muita gente pensava que era hispânica, enquanto em Sevilha achavam que era de Córdoba. Certa vez, um amigo prometeu me levar ao museu do famoso pintor Julio Romero de Torres para me mostrar o quadro *La chiquita piconera*. Segundo ele, éramos tremendamente parecidas.

Permaneci sentada, encantada com meu reflexo e tentando encontrar respostas para a avalanche de perguntas que confundiam minha mente, tentando encontrar sentido no que tinha ocorrido em minha vida tão

organizada. Até aquele momento. Só meu trabalho era imprevisível e dependia dos caprichos de um âncora envelhecido e dos acontecimentos que eram notícia. Estava em um território desconhecido, como um barquinho em alto-mar.

De repente ouvi um ruído às minhas costas. Estava tão absorta em meus pensamentos que não tinha visto nem ouvido Héctor entrar.

— Senhorita! Outra vez até essas horas! A senhora trabalha muito mais do que os outros — disse o faxineiro sorrindo enquanto recolhia os papéis.

— Héctor... — suspirei, enquanto apoiava as mãos sobre a mesa para me levantar. — Você acha que pareço diferente de antes das férias de Natal?

— A senhora é muito bonita. Se eu fosse mais jovem, a levaria para dançar salsa toda noite.

Sorri, era a única pessoa que tinha sido amável comigo desde que mudamos para o *60 Minutes*.

— Sério, Héctor. Você notou alguma coisa?

— A senhora parece uma bela porto-riquenha — garantiu, enquanto empurrava o carrinho com os papéis que tinha de triturar. Aquele comentário me provocou uma risadinha. Levantei-me da cadeira e olhei ao redor. Não demoraria para ficarmos os dois sem trabalho. Dan não duraria muito no *60 Minutes*, sabia que Richard Leibner estava negociando a data de sua demissão. Também não me surpreendia muito. Dan não tinha conseguido causar impacto com aquele programa. Na verdade, mal ia ao escritório. Melhor assim. Não tinha o que fazer ali. Limitava-se a ganhar tempo, como eu.

Saí sentindo-me completamente perdida. Tudo me parecia incerto, excessivamente carregado de dúvidas. A estabilidade e a segurança de que tinha desfrutado ao longo de quinze anos na CBS News tinham sido minadas e não tinha ideia de como aquilo tudo acabaria. Alguns meses antes tinha certeza de que apoiaria Dan até o final e, logo depois de um

merecido descanso, procuraria outro trabalho nos meios de comunicação. Mas já não tinha isso tão claro. Não sabia sequer quem era e muito menos o que queria da vida. Peguei a bolsa e fui para casa.

♦

Durante as semanas seguintes, tentei aceitar a confusão que se apoderara de mim. Diariamente, pontualmente, ia ao trabalho para me ocupar do pouco que havia para fazer, mas depois do telefonema matutino de Dan interessando-se pelas novidades ou para ver se havia novas mensagens, a jornada me parecia interminável. Já não tinha nada com que ocupar a cabeça nem o tempo. Quando cheguei ao *60 Minutes* não tinha muita vida social, mas depois ela deixou de existir; dedicava-me a passar o tempo ensimesmada e a compartilhar minhas noites com Dougall. Liguei para Duncan para atualizá-lo dos acontecimentos de Beirute, mas não entrei em detalhes e só contei por cima porque ainda não tinha sido capaz de assimilar tudo.

Depois de refletir bastante, decidi falar com meu tio Farhan para que ele me ajudasse a dar um laivo de realidade a uma situação que me parecia ficção pura. Afinal, ele é que tinha apresentado minha mãe a Ajit Singh.

— Tio Farhan, o senhor se lembra de Ajit Singh? Sei que foi há muito tempo, mas tenho certeza de que o senhor se lembra de alguma coisa.

— Foi há mais de quarenta anos, Maha. Na verdade eu só o conhecia socialmente. Tínhamos amigos comuns e nos vimos em alguma festa, mas foi tudo — esclareceu.

— Mas ele não era um tipo de diplomata? Acho que foi o que tia Hafsah me disse.

— Sim, de certa forma. Trabalhava para a Comissão Indiana de Comércio.

— E era um príncipe de verdade?

— Bom, para ser mais exato, era filho de um príncipe.

— Sabe alguma coisa da família dele?

— Não cheguei a conhecer nenhum deles. Uma vez o vi quando fui visitar sua mãe rapidamente em Madri, mas só lhe apertei a mão. E não cheguei a encontrar nenhum de seus parentes indianos.

— Entrou em contato com ele? Quero dizer, encontrou-o depois de 1964?

— Acho que tropecei com ele em duas ocasiões, uma em Londres e outra em Paris, no final dos anos 1960. Depois perdemos o contato.

— Era uma boa pessoa?

— Acho que sim, Maha. Era amável, elegante, muito sociável, a alma de todas as festas.

— Foi o que tia Hafsah me disse.

— Por que você não entra em contato com a família de Kapurthala? Tenho certeza de que são muito gentis.

— Mas o que o senhor quer que eu faça? Ligo para qualquer um ao acaso e digo: "Oi, sou Maha Akhtar, sua prima, filha ilegítima de Ajit Singh".

— Bem, eu não faria assim. Mas acho que seria bom para você falar com eles e explicar tudo. Talvez pudesse escrever uma carta antes.

— Sim, tio, isso tudo parece muito apropriado, mas para quem afinal escrevo ou telefono?

— Bem, certamente continua havendo um marajá. Por que não começa por ele?

— E como encontrá-lo? Procuro na lista telefônica indiana? Na internet? — perguntei, um tanto frustrada.

— Até que não é má ideia — disse Farhan rindo.

— Não ria, por favor. Pense bem. Não acha que pareceria muito estranho eu aparecer na casa deles? E se pensarem que só estou interessada no dinheiro da família?

— Isso é engraçado. Diga a eles o que está procurando.

— E por que acreditariam?

— Porque você não precisa de dinheiro.

— Mas tio, é uma história muito estranha. De repente, depois de tantos anos, surjo eu, do nada. E se pensarem que sou uma impostora?

— Sempre se pode fazer um teste de DNA.

— Não posso, Ajit Singh está morto. Como confirmariam?

— Sim, é verdade, você tem razão.

— O senhor não vê que existe um montão de caça-fortunas que tenta encontrar parentesco com linhagens como a de Kapurthala ou de qualquer outra família nobre?

— Sim, claro, mas a aristocracia indiana já não tem dinheiro nem propriedades, terras ou joias. Quase todos têm de trabalhar para ganhar a vida.

— Já imaginou como eu me sentiria estranha se aparecesse na casa deles? — insisti.

— E você vai fazer o quê? Não tem curiosidade? Não quer conhecê-los, apesar de Ajit não ser totalmente indiano?

— Acho que vou guardar para mim. Também não tenho por que fazer alguma coisa.

— Mas imagino que você gostaria de conhecer sua nova família. Tenho certeza de que te aliviaria, Maha.

— Não posso fazer isso, tio. Tenho mais de quarenta anos e não tive nenhuma relação com essa gente.

— Espere! E que tal a parte espanhola da família? Será que alguém ainda está vivo?

— Não faço ideia. Poderia tentar investigar alguma coisa da próxima vez que for a Sevilha.

— Mantenha-me informado. De certa forma, me sinto um pouco responsável. Fui eu quem apresentou sua mãe a Ajit.

— Não se sinta culpado.

— Se não tivesse mantido o segredo até agora, você não estaria vivendo essa comoção emocional e psicológica a essas alturas... — começou a dizer Farhan preocupado.

— Eram outros tempos, outras circunstâncias, não se atormente — interrompi.

♦

Nos dias posteriores à conversa com meu tio fui invadida pela indecisão, mas no final a curiosidade se impôs e comecei a investigar sobre minha família aristocrata da Índia. Entrei no Google, nervosa diante do que poderia encontrar. Digitei o nome de meu pai biológico, Ajit Singh, e apaguei. Voltei a escrevê-lo e apaguei de novo. Não sabia por que estava tão assustada. Depois de fazer tantas buscas para Rather não conseguia entender esse desassossego. Pedi a minha mãe que me mostrasse alguma fotografia, mas na casa de Beirute não havia nenhuma, a maioria estava na casa de minha tia Hafsah em Londres. Pela terceira vez digitei o nome de meu pai no buscador, apertei a tecla *enter* e esperei o resultado. Apareceram vários Ajit Singh, mas nenhum parecia se encaixar. Encontrei um catedrátido do Queen's College de Cambridge e o fundador de um partido político em Uttar Pradesh; o marajá de Marwar Jodhpur no século XVII também se chamava Ajit Singh de Kapurthala. Mas também não encontrei grande coisa, só uma menção na árvore genealógica da família, nada sobre sua vida ou trabalho, nem fotografia nem detalhes. De resto, uma ou outra referência passada como filho de uma *bailaora* de flamenco espanhola que foi a quinta esposa do marajá Jagatjit Singh de Kapurthala, mas os artigos se concentravam mais na vida pomposa e cheia de glamour de sua linda mãe, Anita Delgado.

Pelo que li, Anita Delgado tinha se transformado em uma heroína espanhola, com uma vida digna de Cinderela, exceto pelo fato de a protagonista do conto ter acabado feliz para sempre. No caso de Anita, porém, o marajá se divorciou dela depois do enorme escândalo por ter uma aventura com um de seus filhos mais velhos. Apesar de tudo descobri que ela era conhecida como a *maharani* espanhola e que tinha conseguido incendiar a imaginação da península Ibérica com a história de seu casamento com um dos homens mais ricos da Índia. Era mais famosa por sua beleza do que por sua habilidade como bailarina. Na verdade, seus pais a tinham enviado, e também sua irmã, a uma escola de dança para que pudessem contribuir com o sustento da casa. Para sorte da empobrecida família Delgado, Anita ganhou na loteria quando o marajá de Kapurthala botou os olhos nela. A partir disso, levou uma vida de luxo incalculável, decadência e excessos sem limite na Índia e, evidentemente, todo mundo se encantava com a história da jovem malaguenha que tinha saído da pobreza absoluta à maior das riquezas.

Mas e meu pai biológico? Como saber alguma coisa sobre ele?

Capítulo 4

Minha paixão pelo flamenco tem sua origem no incrível casamento ocorrido em Paris, em cerimônia civil, entre uma jovem *bailaora* espanhola de dezessete anos grávida e um marajá indiano de trinta e cinco, há pouco mais de um século.

Era a primavera de 1906. A Espanha toda estava na expectativa do casamento do Bourbon Alfonso XIII com a princesa Victoria Eugenia de Battenberg, neta da rainha Victoria. A data do enlace tinha sido marcada para 31 de maio e o séquito que acompanhava a jovem princesa chegou a Madri no início do mês. A capital espanhola era uma grande festa, com espetáculos, desfiles e comemorações organizadas para os chefes de Estado, membros da aristocracia europeia e seus cortejos, que tinham ido assistir ao casamento real.

A princesa chegou em um dia lindo e ensolarado. Anita Delgado, uma jovem de dezesseis anos, esperava junto a sua irmã mais velha, Victoria, e os pais, Candelaria Briones e Ángel Delgado, na esquina da rua Montero com a Puerta del Sol, para ver a passagem de todas essas personalidades a caminho do palácio. Quando George, duque de York e príncipe de Gales, e sua esposa Mary passaram, seguidos por uma comitiva de príncipes, duques, condes, marqueses e barões, ouviu-se uma salva de palmas

ensurdecedora. Anita e Victoria deram-se as mãos e saudaram entusiasmadas o desfile de dignitários.

— Veja, Anita! — gritou sua irmã Victoria — olhe essa carruagem!

Anita esticou o pescoço para tentar ver o que Victoria estava indicando. Cega pelo sol, protegeu os olhos com a mão e conseguiu divisar uma enorme carruagem conversível prateada. Em seu interior, estava sentado um dos homens mais extravagantes que já vira na vida. Não conseguiu afastar a vista daquele príncipe misterioso de tez morena e barba, vestido com uma longa túnica azul de seda com brocados, sentado regiamente com a mão direita sobre o castão de prata de um bastão de marfim e a esquerda sobre o assento. Usava um suntuoso turbante de seda azul turquesa em cujo centro luzia um grosso broche que parecia um pavão real com plumas engastadas de pedras preciosas. Quando o carro se aproximou lentamente, Anita se deu conta de que o homem a olhava, tinha fixado a vista nela e em mais ninguém, seus poderosos olhos escuros pareciam querer abrir caminho até sua alma e a obrigavam a olhá-lo.

— Anita! — exclamou Victoria dando-lhe uma cotovelada. — Olhe as joias que ele está usando!

♦

E a verdade é que ostentava vários colares de pérolas, pesadas gargantilhas, braceletes, anéis, ouro, diamantes e esmeraldas. A aparência de seu séquito era ainda mais impressionante: homens altos e robustos vestidos com calças justas, adagas curvas no cinto, turbantes prateados com uma pedra preciosa no centro e enfeitados com uma pluma de pavão real que balançava ao vento. Quando o exótico grupo passou, um murmúrio audível se elevou na multidão e as pessoas se viravam para perguntar de onde seriam e especular sobre sua procedência: “Cuba”, sugeriu alguém. “Imagine! São egípcios”, disse outro. “Serão africanos?”, perguntou uma

terceira voz. “É árabe, um mouro como os que estiveram aqui há séculos”, concluiu alguém. Todo mundo estava fascinado com a aparência de Jagatjit Singh, de trinta e quatro anos, marajá de Kapurthala, um principado do estado de Punjab, no norte da Índia.

♦

A família Delgado era procedente de Málaga, onde administravam um pequeno café que atendia principalmente a trabalhadores, pescadores, ciganos e um ou outro viajante, e com ele obtinham o mínimo para ir vivendo. Moravam com a avó e Joaquina, a ama, em uma pequena casa que pertencia à mãe de Ángel Delgado. Nos primeiros anos do século XX, Málaga sofreu uma terrível enchente com o transbordamento de um rio, que deixou submersas todas as terras dos arredores, trouxe uma praga de filoxera que arrasou os vinhedos e uma epidemia de gripe que dizimou a população. Incapaz de fazer o dinheiro chegar ao final do mês, Ángel Delgado começou a pensar em mudar-se para Madri e, depois da morte de sua mãe em consequência da gripe em 1905, decidiu vender a casa e o café com a esperança de começar de novo em outra cidade.

Mas as coisas não melhoraram. Ángel não conseguia encontrar emprego e, conforme as semanas passavam, observava como iam desaparecendo as poucas pesetas que possuíam. Enquanto isso, Anita e Victoria tinham começado a frequentar aulas de dança em segredo. Naqueles tempos, os artistas costumavam visitar os estúdios de dança em busca de jovens e mulheres bonitas que posassem para eles, ao mesmo tempo em que os proprietários de clubes se apressavam em encontrar bailarinas jovens e belas. Foi assim que os proprietários do Central-Kursaal, um novo cabaré e teatro de variedades encontraram Anita e Victoria, que também tinham sido escolhidas pelos pintores Anselmo Miguel Nieto e Leandro Oroz para que posassem para eles. Ángel Delgado se enfureceu

quando os donos do Kursaal lhe perguntaram por suas filhas, mas a verdade é que a família não tinha um centavo e ele precisava optar entre passar fome ou deixar que suas filhas dançassem no Central-Kursaal por dez pesetas diárias. Anita, com dezesseis anos, e Victoria, com dezoito, começaram a se apresentar com o nome artístico de Las Hermanas Camelias, na função de abridoras de cortinas. Mais conhecidas pela beleza do que pelo talento para o bailado, interpretavam um repertório curto de *sevillanas* e boleros enquanto os objetos de cena eram trocados e o cenário era preparado para os números principais.

Das duas, Anita era a que estava se transformando em uma estrela. Tinha uma beleza cativante, mas, sobretudo, o mais sedutor nela era sua inocência. O Kursaal era um lugar muito popular, onde pessoas famosas se misturavam a intelectuais, pintores, escritores e poetas boêmios da época, junto com uma caterva de políticos, empresários, cortesãs e toureiros, que iam assistir a artistas do porte de Mata Hari, Pastora Império ou La Argentina.

Anita chegou a ter muito contato com esse amplo grupo de intelectuais, que não tinham dinheiro, mas eram a *crème de la crème* do mundo artístico espanhol: Julio Romero de Torres, Ramón María del Valle-Inclán, Ricardo Baroja, Anselmo Miguel Nieto e Leandro Oroz, que iam todas as noites aplaudi-la.

♦

No dia seguinte ao desfile, o garboso Jagatjit Singh, o jovem marajá que tinha viajado de Bombaim para assistir ao casamento do rei da Espanha, estava na boca do povo. As pessoas comentavam sobre seu turbante, seus adornos luxuosos e suas joias espetaculares. Apesar de ser realmente um dos homens mais ricos da Índia, a fortuna de Jagatjit aumentava

rapidamente em cada uma dessas conversas, nas quais as línguas se soltavam e faziam correr rumores.

— Vem de um Estado soberano além da Pérsia — comentou alguém do grupo de intelectuais do Kursaal. — E de uma das famílias mais antigas, puras e nobres da aristocracia indiana — acrescentou antes de tomar um copo, enquanto todos esperavam que Anita saísse de cena.

— Li em algum lugar que é um soberano benevolente — disse Valle-Inclán.

— É amigo dos Bourbon ou veio simplesmente no séquito do príncipe de Gales? — perguntou Baroja, jogando a cinza do cigarro no cinzeiro.

— Não sei, mas está há trinta anos no trono de Kapurthala, desde os cinco anos — informou-lhes Valle-Inclán.

Jagatjih Singh era um grande amigo do futuro Alfonso XIII, que tinha insistido para que estivesse presente ao casamento, além de também manter uma relação amistosa com George, duque de York e príncipe de Gales, e futuro George V, que achou importante que ele fizesse parte do séquito da jovem princesa inglesa em Madri.

— Pergunto-me o que pensaria do Kursaal — interveio Leandro Oroz enquanto passava os dedos manchados de tinta pelo cabelo.

— Certamente se apaixonará por Anita — concluiu Miguel de Nieto em voz baixa, antes de tomar um bom gole — e a levará para longe de nós.

— Você está querendo dizer que a levará para longe de você — brincou Baroja.

— Você é um cachorrinho apaixonado — provocou Valle-Inclán, enquanto os demais começavam a zombar de Miguel de Nieto.

O marajá Jagatjit Singh de Kapurthala era um homem imponente. Alto, moreno e bonito, tinha cativado a sociedade londrina e parisiense com seus trajes elegantes, sua educação refinada e a maneira distinta como se comportava. Considerado um verdadeiro cavalheiro, no sentido mais amplo da palavra, tinha se transformado em parte integrante da alta

sociedade. Boa-vida e ótimo anfitrião, divertia-se organizando jantares nas duas capitais, onde também tinha casas. A imprensa seguia seus passos assim que chegava a alguma cidade e logo ganhou uma fama que fazia com que se destacasse como figura memorável em todos os grandes acontecimentos sociais da Europa.

Mas o mais importante, além de todas essas frivolidades, é que era um homem de ideias progressistas. Kapurthala era um principado que continuava sob o domínio do marajá, e fazia parte do tratado com a Inglaterra. Amado por seu povo, respeitado por seus pares, os outros príncipes da Índia, e pela administração britânica, tinha reputação de ser tolerante, justo e equânime e permitia que seu povo vivesse em paz e praticasse suas religiões sem medo de represálias. O conceito que tinha de seu país favoreceu a construção de uma infraestrutura com influência ocidental, dotada de colégios, hospitais, delegacias de polícia e mercados. Além disso, contratou vários arquitetos franceses para projetar palácios no estilo dos de Versalhes, Tulherias e Fontainebleau em seu reino aos pés do Himalaia. Jagatjit Singh era francófilo e queria impregnar Kapurthala com a essência de Paris e o *savoir vivre* parisiense. Era um grande estadista, que aprendia com os reis e chefes de governo com quem convivia no Ocidente e com os quais insistia para que o visitassem em Kapurthala.

♦

Jagatjit Singh gostava de Madri. A embaixada britânica tinha arrumado uma série de acomodações mais do que adequadas para os membros da comitiva real e tinha lhes oferecido intérpretes para facilitar seus deslocamentos pela cidade. Apesar de não falar espanhol, entendia o idioma graças ao fato de dominar o francês. Não perdeu tempo em encarregar seu secretário pessoal de investigar o que poderia fazer em

Madri. Queria conhecer o povo e não só o *jet set* e a aristocracia, mas também escritores, poetas, pintores, escultores e artistas.

Sua reputação de homem do mundo o precedia e ninguém recusou seus convites para os jantares que organizou logo depois de sua chegada. As pessoas se fascinavam com seu porte, suas ricas vestes indianas, seus turbantes e os fabulosos alfinetes que os adornavam, quase todos eles encomendados pessoalmente à casa Cartier de Paris.

Jagatjit, que queria conhecer os gostos espanhóis de música e dança, decidiu ir ao Central-Kursaal. Naquela noite, o cabaré estava arrebentando. Parte da delegação britânica também tinha escolhido ver uma apresentação de flamenco naquela noite. Os intelectuais estavam muito nervosos e não paravam de fumar. O clube era muito popular, mas jamais tinham tido um público tão ilustre.

♦

Os amigos de Anita, que estavam no camarim dela decidindo com que número começariam o espetáculo, tinham conseguido contagiá-la com seu nervosismo. Ela se olhou no espelho e fez uma pergunta a seu reflexo, ainda que ele não tenha se mostrado muito comunicativo. O rosto que a olhava era o mais espetacular. Tinha delineado seus olhos escuros e sonhadores com um lápis preto, pintado os lábios com carmim e beliscado as bochechas para lhes dar cor. Seus longos cabelos negros estavam apanhados em um coque e tinha colocado uma rosa vermelha atrás da orelha.

Chegara o momento em que Las Hermanas Camelias deveriam entrar no palco para seu primeiro número. Naquela ocasião, e em deferência a todos os britânicos presentes no público, atuariam duas vezes em vez de uma. Ramón del Valle-Inclán e Anselmo Miguel Nieto estavam nos bastidores, já que a mesa deles tinha sido destinada a clientes pagantes.

— Tudo bem, Anita? — perguntou Valle-Inclán enquanto se aproximava do extremo direito do palco.

As irmãs sairiam cada uma de um lado e se encontrariam no centro para dançar uma *sevillana*.

Anita assentiu e continuaram atrás do cortinado de veludo negro para observar o público inquieto. As ondas de fumaça dos charutos se elevavam fazendo espirais antes de desaparecer na neblina, e se ouvia o entrechocar das taças, enquanto os garçons passavam atarefados de um lado para outro. O ar estava carregado de uma expectativa que criava fagulhas quase visíveis.

Anita uniu as mãos em prece e ouviu que o cantor limpava a voz. Depois começou a *salida*. A música era especial, poderosa, cativante, arrebatadora. Sentia um formigamento pelo corpo todo. Sentia-se envolvida, aconchegada.

A cortina se abriu e ela entrou no palco. Lenta, majestosamente. Um murmúrio se ouviu no público. Usava um vestido escarlate que, mesmo um tanto usado, lhe assentava maravilhosamente. Apesar de não conseguir ver ninguém devido às luzes, quando seu olhar varreu o local, todos os homens pensaram que estava olhando diretamente para cada um deles.

Jagatjit Singh, que nesse momento dava instruções a seu secretário, a princípio não se deu conta da presença dela. Mas quando virou e seu olhar pousou sobre a pequena bailarina vestida de vermelho, não conseguiu mais tirar os olhos dela. Logo notou que era a jovem que vira dias antes na esquina da Puerta del Sol. Naquele momento ela já o tinha hipnotizado, mas agora ele estava fascinado. A combinação da música com a doçura da canção, os passos ritmados marcados pelo salto, os movimentos ligeiros dos braços e a maneira como rodava seu vestido já eram embriagantes, mas foi sua aura, sua aparência e a forma graciosa, ainda que selvagem, com que se movia que cativaram a alma do marajá.

Quando dançava se transformava em um animal selvagem que ele queria domesticar.

No final do baile o público pediu aos gritos que ela se apresentasse novamente. Mesmo depois que Anita saiu, o marajá continuou aplaudindo. Queria vê-la novamente. Pensou que se aplaudisse com força e durante tempo suficiente, ela sairia novamente, e sentou-se para esperar impaciente a segunda apresentação de Anita naquela noite. Dessa vez, ela apareceu com um vestido branco de organza que contrastava com o vestido justo que tinha exibido no número anterior. Todo mundo se levantou quando ela apareceu e assim permaneceu, sem deixar de aclamá-la durante sua apresentação. As *bulerías* liberaram sua picardia e ela começou a sorrir e flertar com os presentes. Quando finalmente fez uma reverência, os aplausos e gritos duraram cinco minutos.

Um cavalheiro muito bem-vestido a esperava nos bastidores com um ramo de camélias na mão.

— Senhorita — saudou-a tirando o chapéu em reverência. Anita olhou para ele, mas sua mãe interveio antes que pudesse dizer algo.

— O que quer? — perguntou bruscamente Candelaria Briones.

— Sou o secretário de sua alteza real, Jagatjit Singh, marajá de Kapurthala — respondeu em perfeito espanhol. — Vim comunicar à senhorita que seu talento impressionou sua excelência e que ele gostaria de convidar as artistas para sua mesa para comemorar com champanhe o sucesso obtido esta noite. Fez uma pausa. — Acompanhadas de sua família, com certeza — acrescentou rapidamente.

— Sinto muito — disse don Ángel amavelmente, ao perceber que sua esposa estava furiosa. — Talvez em outra ocasião.

Os dois homens fizeram uma ligeira reverência para se despedir. O secretário do marajá deu alguns passos e se deteve.

— Sua esposa ou o senhor se ofenderiam se eu entregasse estas flores à senhorita?

Don Ángel concordou e pegou o ramo.

— Pode deixar que eu entrego.

Quando desapareceu, Candelaria Briones explodiu.

— Quem ele pensa que é? — gritou. — Como pôde imaginar que deixaríamos a menina se sentar em sua mesa em troca de umas flores?

— Candelaria, por favor — Ángel Delgado tentou acalmar a mulher.

— Além disso, nós nem gostamos de champanhe — acrescentou, enquanto o secretário do marajá desaparecia do outro lado da cortina.

Anita estava no camarim enquanto o encontro se desenrolava. O coração batia a toda velocidade, as mãos transpiravam por causa dos nervos e a cabeça estava totalmente confusa, pois não sabia como interpretar o convite do marajá. "Por que mamãe terá dito que não gostamos de champanhe?", pensou enquanto escovava as tranças longas, escuras e grossas. "Eu nunca experimentei, e duvido muito que ela tenha experimentado."

A notícia de que o marajá indiano estava apaixonado por Anita espalhou-se por Madri e quanto mais era repetida, mas se realimentava e crescia. É claro, os mais felizes eram o grupo de amigos de Anita, exceto Anselmo Miguel de Nieto, que afogava as mágoas em uma garrafa de vinho barato depois da outra.

Jagatjit Singh voltou ao Central-Kursaal na noite seguinte e na outra, decidido a possuir a bailarina. E todas as noites seu secretário ia ao camarim com o mesmo convite, para encontrar sempre a mesma negativa por parte dos pais de Anita. Até que chegou um momento em que a recusa começava a se tornar uma demonstração de falta de educação. Foi Ricardo Baroja quem determinou que aquilo tinha se transformado um caso de honra nacional e reuniu o grupo e os proprietários do Central-Kursaal para falar com os Delgado que, depois de muita hesitação e reservas, cederam e aceitaram o convite seguinte do marajá. Depois da sexta apresentação a que tinha assistido, a família Delgado se sentou à mesa do marajá. Era

também a primeira vez que Anita via as demais apresentações do Kursaal, já que seus pais sempre a levavam para casa voando, logo que acabava seu número. Por ser um cabaré, era difícil que se fizesse silêncio durante o espetáculo, mas, durante as pausas, Jagatjit Singh, por meio de seu secretário, conseguiu falar com Anita e elogiou sua dança, além de ser especialmente efusivo em relação a sua beleza. Ela lhe lançava olhares furtivos de vez em quando e percebeu que ele tinha dentes muito brancos. Apesar do escuro, notava que mantinha os olhos fixos nela, com um olhar inflexível e tão intenso como o que lhe tinha lançado na Puerta del Sol.

A partir daquele dia, tomar uma taça de champanhe com o marajá depois da apresentação se tornou um costume e em todas as ocasiões Jagatjit aprendia uma nova palavra para descrever sua beleza, até conseguir fazer sorrir a jovem de dezesseis anos.

— Posso dizer mais uma vez como você está linda esta noite? — galanteou enquanto estavam sentados certa noite.

Anita enrubesceu e afastou o olhar, apesar de estar encantada. O marajá foi direto ao ponto.

— Senhorita, morro por ti. Lembro-me das misteriosas mulheres persas. Desde o momento em que a vi meus dias e noites se encheram de imagens de sua bela pele branca como a neve do pico mais alto do Himalaia, e seu cabelo, que me lembra a noite mais escura sem lua no Punjab, seus lábios... Nada neste mundo me agradaria mais do que senti-la próxima... estou repleto de desejo.

Anita ficou alarmada. Não entendera tudo o que o marajá dissera, mas ele tinha pronunciado palavras em espanhol suficientes para desconcertá-la. Estava pedindo-lhe em casamento? Afinal, esse tipo de conversa acontece com pessoas que se amam e estão comprometidas. “Certamente é um mal-entendido. Deve ser o idioma”, pensou enquanto se perguntava onde estaria o intérprete.

— Amanhã tenho de dançar, excelência. Talvez depois...? — propôs com cautela, com a esperança de esclarecer as coisas enquanto jantavam, com o intérprete.

— Estarei esperando ao final de sua apresentação, senhorita Delgado — garantiu o marajá com um amplo sorriso. Chamou seu secretário, que estava esperando não muito longe dos dois e ele veio em seguida com um saco de veludo bordô. — Tome, senhorita, cinco mil pesetas... como adiantamento — ofereceu, satisfeito por terem chegado a um acordo com tanta facilidade.

— Para que este dinheiro? — perguntou Anita um tanto desconcertada.

— Para o que quiser.

— Mas é muito, excelência.

— Estou certo de que vale cada centavo, querida — disse Jagatjit inclinando-se para acariciar-lhe o pômulo com o polegar.

— Não... entendo... — desculpou-se Anita olhando as notas que tinha em mãos.

— Amanhã passarás a noite comigo — intimidou-a o marajá com um tom de impaciência crescente na voz.

Então ela entendeu. Ele a estava comprando, como se compra uma cortesã, uma amante ou até uma prostituta da rua.

— Como se atreve? — a cólera tomou conta de Anita. — Quem o senhor pensa que é? Acha que pode me comprar só por ter muito dinheiro? Mas não, senhor, não pode.

Jagatjit se levantou da cadeira escandalizado, com os olhos faiscantes.

— Como assim, como me atrevo? — replicou lançando-lhe um olhar feroz. — Como me atrevo? — repetiu. — Me atrevo porque sou o marajá de Kapurthala!

— Tanto faz quem seja! Jamais passarei uma noite com o senhor! — provocou. Seu lindo príncipe tinha se transformado em um sapo asqueroso

e ela estava tão revoltada e ferida que lágrimas da mais pura fúria deslizaram por seu rosto. — Fique com seu dinheiro! O senhor me enoja! — gritou, jogando o saco de veludo aos pés dele.

O marajá ficou em choque. Ninguém jamais se atrevera a falar com ele assim. Depois de um momento de silêncio desconcertante, recuperou a compostura, saiu do Kursaal e deixou que os amigos de Anita a consolassem, para assombro de seu séquito. As mulheres que conhecia sabiam bem que não deviam dizer ou exteriorizar nada negativo em sua presença, portanto não tinha a menor ideia de como se comportar diante das lágrimas ou da raiva de uma mulher, nem tinha interesse em saber.

Mas, depois, o fato de ter recusado sua oferta o intrigou. Agora ela era o troféu inalcançável que precisava conseguir. Então, durante o resto de sua estada em Madri, dedicou-se a persegui-la. De fato, no dia seguinte enviou-lhe um bilhete entregue em mãos, no qual se desculpava e incluía um convite para que os Delgado vissem o desfile nupcial do rei da Espanha de um dos terraços de sua casa. Aceitaram. O dia 31 de maio amanheceu luminoso e aberto, mas antes que o dia terminasse, Madri sofreu uma grande comoção. Houve uma tentativa de assassinato do casal real quando voltavam para o palácio depois da cerimônia. Alfonso XIII e a rainha Eugenia escaparam ilesos, mas vários espectadores morreram, assim como muitos ficaram feridos. Devido ao caos, a delegação britânica e os demais chefes de Estado e membros da monarquia europeia abandonaram a cidade poucas horas depois do incidente. Sem tempo para dizer ou fazer algo em relação a Anita, Jagatjit Singh viajou a Paris, decidido a escrever para sua dançarina espanhola dali.

♦

As cartas começaram a chegar e as quantidades de dinheiro oferecidas aumentavam cada vez mais, mas Anita continuava recusando suas ofertas.

Apesar disso, não viu o ardor dele esfriar. Certo dia chegou uma missiva contendo uma proposta de casamento. Leandro Oroz, para quem ela leu a carta, insistiu que ela deveria pensar seriamente no pedido. "Deus meu, Anita! Não seja boba. Sua vida pode mudar completamente, para não dizer a de sua família. Não é todo dia que se conhece um rei tomando chocolate com churros." Anita riu ao imaginar a cena. "De qualquer forma, não fique quieta. Você precisa responder."

Seguiu o conselho e escreveu um bilhete meramente legível, cheio de erros de ortografia. Leu a nota a Oroz e pediu-lhe que enviasse ao marajá em Paris. A caminho da agência dos correios, ele pensou se seria o tipo de carta que deveria ser enviada a Jagatjit Singh. Acreditou que não era o mais indicado, reuniu os amigos do Kursaal e, depois de abri-la com vapor, leu as duas linhas que continha. Valle-Inclán, em defesa da honra nacional, chegou à conclusão de que aquilo não funcionaria e se pôs a redigir uma nova carta na qual todos colaboraram e que depois verteram ao francês. Depois de várias garrafas de vinho, inumeráveis petiscos, discordâncias e versões, finalmente chegaram a um acordo e enviaram a carta ao marajá, sabendo que ele se apaixonaria ainda mais pela mulher em cuja carta havia uma amostra da melhor literatura espanhola do momento.

E foi o que aconteceu. O marajá ficou perdidamente apaixonado. Estimulada a aceitar pela família e amigos, e deslumbrada diante da perspectiva de um futuro tão fascinante, Anita concordou com o pedido. Em pouco tempo, o comandante da guarda pessoal de Jagatjit Singh chegou a Madri para acompanhá-la, junto com sua família, Joaquina, a ama, incluída, a Paris, onde ele passava uma temporada.

♦

Quando o trem saiu de Madri no final do verão de 1906, Anita não pôde evitar de pensar no homem que a enviava à França, que pedia que

abandonasse tudo o que conhecia e renunciasse a isso por uma vida da qual não fazia a menor ideia. "O que será na verdade", pensou, "o amor de minha vida ou um casamento de conveniência que vai tirar minha família da miséria?" Quando chegou a Paris no dia seguinte, o tempo estava nublado, chuvoso e desagradável.

Foi instalada no palacete de Jagatjit na Rue de Rivoli durante vários meses, enquanto seguia um rigoroso treinamento para se transformar em princesa. Miss Emily, filha solteira de um venerável general francês, fez as vezes de guia e com o tempo se tornaram amigas. Segundo o status da futura maharani de Kapurthala, aprendeu inglês e francês; foi ensinada a se vestir e a se maquiar e até a caminhar majestosamente. Aprendeu a se comportar à mesa, a usar a porcelana, os talheres e copos; a tocar piano, jogar xadrez, montar a cavalo e a arte da conversa. Graças ao fato de sua família estar em um apartamento nas proximidades, pôde se concentrar em seu aprendizado e chegou a ser uma estudante modelo. Pouco depois de sua chegada, em final de novembro de 1906, o marajá partiu para a Índia e a deixou nas mãos de seu competente pessoal, com instruções estritas sobre o que desejava que aprendesse, e insistiu para que miss Emily, que supervisionava a educação de Anita, lhe enviasse informes diários sobre seu progresso.

Apesar de não procurar sua companhia, Jagatjit era generoso com sua bailarina espanhola e a presenteava com todo o luxo imaginável enquanto esperava o momento oportuno: seus armários estavam cheios da última moda em alta costura francesa e encomendava todas as joias de Cartier, seu joalheiro pessoal. A fortuna do marajá era conhecida e aproveitava a vida gastando somas apreciáveis de dinheiro para que engastasse pedras preciosas de valor incalculável.

O marajá voltou a Paris em junho de 1907. Anita estava nervosa e esperava corresponder às expectativas daquele homem que tinha sido tão generoso com ela e com toda sua família.

— Anita, por favor — suplicou-lhe miss Emily enquanto esperavam a chegada de Jagatjit Singh à Rue de Rivoli. — Você está maravilhosa, não se preocupe tanto.

— Mas miss Emily, o que acontecerá se ele não gostar do que vê e eu não for o que ele quer? — insistiu Anita, enquanto mordia o lábio inferior e ia de um lado a outro da sala que havia junto ao vestíbulo.

— Como não vou gostar do que vejo? — ouviu-se dizer a voz do marajá e Anita estacou. Virou-se e deu de cara com seu príncipe. Seus olhos brilharam e a adrenalina que seu corpo produziu a envolveu com uma aura que o marajá jamais vira. Caminhou diretamente a ela sem parar de mirá-la e Anita não afastou o olhar.

— Estou muito orgulhoso de você, minha linda bailarina espanhola — confessou, enquanto pegava delicadamente as mãos de Anita e beijava sua testa. Pela primeira vez, Anita se sentiu segura em sua presença. Viu doçura em seus olhos, uma luminosidade suave que lhe pareceu a prova de que esse homem se preocupava com ela. Os dois se casaram em uma cerimônia civil em Paris em julho de 1907 e suas testemunhas foram a família Delgado e miss Emily. Com um vestido muito elegante, Anita resplandecia quando se postou orgulhosa ao lado do marajá, que esbanjava galhardia com um terno azul-marinho e cartola.

Pouco depois, os recém-casados viajaram para Londres, onde se hospedaram no hotel Savoy durante algumas semanas e desfrutaram da cidade, um do outro e de uma intensa vida social. Durante essas semanas de lua-de-mel, Jagatjit Singh exibiu orgulhoso sua linda e jovem bailarina espanhola a toda a alta sociedade londrina em jantares, peças teatrais, concertos e festas, mimou-a e atendeu a todos os seus mínimos desejos. Gostava de comprovar que os esforços de seu pessoal em Paris tinham dado frutos e que tinha aprendido etiqueta suficiente para deslumbrar seus amigos. Realmente se surpreenderam muito com as boas maneiras de Anita, dadas as condições desfavoráveis de onde havia saído.

Entretanto, por mais apaixonado que estivesse dessa mulher espanhola de longos cabelos castanhos e olhos sonhadores, em Londres não a apresentou oficialmente como sua esposa. Naqueles tempos, era moda que os príncipes indianos se fizessem acompanhar de atrizes, cantoras e bailarinas durante suas viagens pelo exterior, e até que se casassem com elas. Os britânicos não viam com bons olhos esses casamentos, sobretudo se as mulheres em questão proviessem de famílias humildes. Tinham uma opinião desdenhosa delas e as consideravam simples caça-fortunas que seduziam os membros da realeza indiana para sugar-lhes o sangue. Escândalos recentes corroboravam essa opinião. As aventuras de alguns rajás e *nizans* que chegaram a perder a cabeça e suas fortunas em mãos de jovens inescrupulosas tinham aparecido nas primeiras páginas de numerosas publicações e Whitehall[1] tinha decidido que era necessário controlar a libido e a riqueza dos soberanos indianos. Jagatjit Singh agiu com cuidado e preferiu pecar por excesso de cautela em relação à educação de Anita em Paris, que foi conduzida com as maiores precauções e coube apenas a pessoas de confiança.

Também não tinha informado sua família na Índia sobre esse casamento civil. Sabia que teriam preferido que mantivesse Anita como concubina em vez de se casar com ela em uma cerimônia tradicional sikh. Continuava havendo um abismo profundo entre Oriente e Ocidente e muitos desses casamentos transculturais resultavam desastrosos assim que a paixão inicial terminava, já que muitas mulheres ocidentais não compreendiam a vida e os costumes da Índia. Além disso, era mais fácil ter concubinas do que esposas. Uma concubina cumpria com suas funções e se devido a isso tivesse filhos, ficava mais fácil lidar com eles. Mas uma esposa era um assunto mais delicado, sobretudo em relação a filhos e heranças. As esposas indianas sempre estavam preocupadas que seus maridos, embriagados, um dia assinassem um papel que premiasse alguma estrangeira ou os mestiços resultantes desse tipo de casamento com sua

fortuna. Dessa forma, apesar de aceitarem suas relações com mulheres ocidentais rangendo os dentes, o casamento implicava em uma série de direitos que protegiam com unhas e dentes. Certamente os ciúmes também desempenhavam seu papel, já que se sentiam terrivelmente inseguras em relação à diferença da cor da pele, pois uma pele branca significava que se pertencia a uma classe superior.

Mas Jagatjit Singh era o marajá de Kapurthala e não achava necessário ter de justificar seu amor nem para os britânicos nem para sua família. Estava decidido a casar-se em uma cerimônia tradicional sikh em Kapurthala, com toda a pompa e o esplendor próprio dos rituais védicos, e queria que Anita se tornasse oficialmente sua esposa, algo que os britânicos e sua família teriam de aceitar como fato consumado. Tinha dado instruções para que os preparativos da iminente celebração começassem. Entretanto, havia momentos em que ele se preocupava por talvez estar exigindo demais em tão pouco tempo, sobretudo sabendo que não tinha contado nada de sua vida em Kapurthala.

Ignorante das maquinações políticas que serviam de pano de fundo do que seria seu casamento, a jovem Anita estava emocionada com essa nova vida, na qual era o centro do universo de seu marido, rodeada de amor e luxo. A pedido do marajá, posou para pintores, escultores e fotógrafos, cujos trabalhos seriam colocados no palácio de Kapurthala.

Durante sua última noite em Londres, optaram por jantar em um salão privativo no Savoy.

— Sua alteza a espera no grande salão, senhora — anunciou o mordomo com arrogância. — Teria a amabilidade de me acompanhar, por favor?

Anita foi atrás do funcionário e enquanto esperava que ele abrisse a porta, ouviu algo que jamais tinha presenciado: foi anunciada.

— A senhora Ana Delgado Briones, excelência — pronunciou ele com voz solene enquanto abria as portas de vidro para que Anita entrasse.

Quando a viu aparecer, Jagatjit Singh ficou sem fala. Parecia um quadro de John Singer Sargent; tinha os movimentos graciosos de um felino e seu ser ocupava de tal maneira o ambiente que o amplo salão parecia reduzir-se em sua presença. Caminhou na direção dele e fez uma reverência.

— Obrigada por tudo, alteza.

O mordomo tinha aberto uma garrafa de champanhe e a deixou em um balde com gelo para que se mantivesse gelada.

— Sirvo as taças, senhor?

Jagatjit assentiu.

— Traga-nos um pouco de caviar e blinis.

— Anita, você é a imagem viva da beleza, a visão de tudo o que desejo neste mundo — disse tomando-lhe as mãos. Anita não soube o que responder.

— Gostaria que você usasse esta noite algo que certamente me dará grande prazer em ver na sua pessoa.

— Como quiser, alteza.

Puxou um cordão e imediatamente seu secretário pessoal apareceu com uma caixa vermelha da Cartier.

— Obrigado.

O secretário fez uma reverência e se retirou.

— Feche os olhos, quero que seja uma surpresa — disse com um sorriso picaresco nos lábios, enquanto a conduzia para a frente de um dos espelhos. — Não trapaceie. Está de olhos fechados?

— Sim — garantiu Anita, rindo.

Então ele colocou o maravilhoso colar de esmeraldas e diamantes no pescoço dela. A casa Cartier tinha confeccionado a peça exclusivamente para o marajá, conforme um antigo desenho mongol. As esmeraldas tinham cor verde escuro e os diamantes, da África do Sul, eram perfeitos. Depois colocou com delicadeza os brincos combinando. Anita tremia.

— Te assustei?

— Um pouco — respondeu com os olhos ainda fechados.

— Bem, abra os olhos e diga-me o que acha — disse Jagatjit com as mãos sobre seus ombros.

A primeira coisa que viu no espelho foi um homem moreno e atraente atrás dela, com a cabeça muito próxima da sua. Uma imagem de que se lembraria para o resto da vida. Soube que o amava e que ele a amava. Nenhum dos dois disse nada, mas o silêncio falou por eles.

E então se deu conta do colar e dos brincos de esmeraldas e diamantes e sorriu para Jagatjit no espelho.

— Você está muito bonita, minha bailarina — disse ele, deslizando as mãos dos ombros para a cintura de Anita. Envolveu-a em um abraço e a beijou com carinho no rosto. O coração de Anita batia com tanta força que lhe custava respirar.

— Anita, você me deixa sem fôlego. Não consigo parar de pensar em você nem por um momento.

Virou-a para postar-se em frente a ela. Levantou-lhe o queixo para poder olhá-la nos olhos, abaixou a cabeça e pousou seus lábios com grande ternura sobre os dela. Colocou os braços nas costas de Anita, que cruzou as mãos na nuca do marajá. Experimentou um monte de emoções que percorriam seu corpo e sua mente: se sentiu feliz, bonita, valorizada, querida e, sobretudo, segura. Sentiu que nada no mundo poderia feri-la e aquela sensação fez com que lágrimas brotassem. Quando o marajá as viu correr por sua face, segurou seu rosto com as mãos e a olhou nos olhos.

— Nunca vou te machucar, meu amor, e não deixarei que ninguém o faça. Se alguém se atrever a tocar em um fio de sua linda melena, morre — garantiu antes de voltar a beijá-la.

Quando Anita voltou a Paris, estava apaixonada e grávida do príncipe. Em outubro de 1907, o marajá a deixou ali com uma nova dama de companhia, madame Dijon, uma mulher francesa que vivera em

Kapurthala com o marido, já falecido, e com Lola, uma jovem malaguenha. Ele partiria antes para a Índia, a fim de supervisionar os preparativos do casamento e garantir que tudo sairia como planejado.

No dia anterior a sua partida, Jagatjit estava no palacete da Rue de Rivoli, sentado junto a uma varanda que dava para os jardins das Tulherias, enquanto tomava um uísque de malte e contemplava o pôr-do-sol atrás dos telhados de Paris. Anita se aproximou e lhe deu um beijo.

— Quer que te deixe sozinho?

— Não, querida. Venha e sente-se aqui comigo.

Ela se acomodou em seu regaço e apreciou a vista com ele. Fascinada com a vida luxuosa que estava levando e com a inesperada ternura com a qual ele a tratava depois da rude proposta inicial, acabara gostando de verdade de seu marido glamuroso, apesar de ainda se sentir intimidada por ele ser tão rico e poderoso. Jagatjit a beijou na testa. A cor do sol poente sobre a pele e o cabelo de Anita a envolveu em um brilho dourado. "Minha querida esposa, por que não a preparei para o que a espera?", reprovou a si mesmo. "Estive tão preocupado com sua educação que não falei nada sobre a forma de vida nem sobre a cultura da Índia. E, o que é pior, não te falei sobre Kapurthala." Seus olhos se encheram de lágrimas ao imaginar qual seria a reação de sua jovem esposa ocidental inocente quando soubesse que ele tinha outras quatro esposas e um harém cheio de concubinas sobre as quais nada dissera. Tampouco tinha mencionado seus filhos. "Deus meu! Como vou explicar?" Mas já era tarde demais para mudar o rumo dos acontecimentos e permaneceu calado. Acabou seu copo de uísque, levantou sua esposa adormecida e a levou para a cama. No dia seguinte viajaria cedo para Marselha. Seria um dia muito longo.

♦

A viagem de Anita para a Índia foi feita sob sigilo para evitar problemas com os britânicos. Uma jovem espanhola de dezessete anos viajar para a Índia para se unir a seu marido, que era marajá, não era algo bem visto. No início de novembro de 1907, Anita se despediu da família em Paris e viajou com madame Dijon e Lola para Marselha, onde embarcaram em um buque francês, o S.S. *Aurora*, com destino a Bombaim. Anita não deixava de caraminholar, sentia-se insegura tanto em relação ao amor do marajá como com tudo o que a esperava.

Como seria sua vida no novo país? As pessoas lhe dariam as boas-vindas ou a rechaçariam? Saberiam ou se importavam em saber onde era a Espanha? Teriam visto alguém dançar flamenco? Será que ela, uma jovem bailarina de origem humilde e pobre, na qual por casualidade um dos homens mais ricos da Índia teria se apegado, estaria à altura do que se esperava dela? Só sabia de duas coisas que lhe deram força para subir a passarela: era esposa legal de Jagatjit Singh, em virtude da cerimônia civil celebrada em Paris algumas semanas antes, e estava grávida.

Em 13 de dezembro de 1907 Anita saiu para o convés para ver a Índia pela primeira vez. Olhou para Bombaim e descobriu uma cidade enorme e extensa que, para seus olhos pouco acostumados, lhe pareceu muito estranha. No píer viu vacas, cabras, cachorros e galinhas. Reparou que as pessoas tinham a pela muito escura, quase negra; algumas mulheres estavam cobertas dos pés à cabeça e outras usavam vestidos que deixavam a barriga de fora. Viu crianças nuas vadiando, umas gritavam e choravam, e outras estavam sentadas na terra e sorriam. Do porto vinha um fedor insuportável e teve de colocar um lenço perfumado no nariz. Viu choças feitas com um pedaço de pano e quatro paus; as pessoas se sentavam ali em baixo, era seu lar.

Depois de descansar alguns dias no hotel Taj de Bombaim, Anita, sua dama de companhia e a empregada embarcaram no luxuoso trem privativo do marajá rumo a Jalandhar, no norte de Punjab. Assim que deixaram

Bombaim e seus extensos subúrbios, contemplou uma maneira de viver que não mudara em milhares de anos. Pareceu-lhe fascinante, ainda que, de certa forma, sentiu-se oprimida por pensar que aquele seria seu novo lar. As estações nas quais pararam pareciam muito desorganizadas, com pessoas que gritavam e corriam de um lado para o outro, sem saber para onde ir. Era uma loucura, um mar de gente emitindo gritos e fazendo alarido: vozes, riquixás que tocavam a buzina, a sirene dos carros e o ruído de homens e animais tentando sair do tumulto.

As multidões que tentavam subir nos trens se esmagavam contra os vagões, via-se os rostos colados aos vidros, pescoços esticados, pessoas empurrando e até subindo em outras pessoas com seus animais para não ficar em terra. "As estações de trem da Índia são um circo", pensou Anita enquanto contemplava a cena a sua frente.

— Madame Dijon — perguntou à dama de companhia — por que há tanta gente com a boca vermelha? É o curry?

Madame Dijon levantou os olhos do bordado e sorriu.

— É porque mastigam *paan* — explicou. — Paan é a folha de uma árvore chamada betel. Eles fazem um pacotinho com essas folhas e enchem com as nozes de betel, uma pasta de limão e também tabaco ou frutas secas, coco e especiarias.

— E por que mascam isso? — perguntou Anita olhando distraída pela janela.

— Ao que parece, combate o mau hálito e ajuda a fazer a digestão — respondeu madame Dijon voltando sua atenção para o bordado.

— É muito desagradável vê-los cuspir essa saliva vermelha — disse Anita enrugando o nariz.

— É que não se come o *paan*, se mastiga e se cospe.

— E as pessoas cospem nas casas? — quis saber Anita horrorizada.

— Não, querida! Usam escarradeiras — explicou madame Dijon sorrindo e Anita, que viu seu estômago embrulhar só de pensar, voltou a

olhar a paisagem quando o trem saiu da estação.

"Tão jovem", pensou madame Dijon, "mas tão valente. Não acredito que tivesse a coragem de fazer o que ela está fazendo. Deixou a família, a vida e tudo o que conhecia para ficar com o príncipe, para viver com ele em um país tão estranho e tão diferente. *Eh bien! C'est beau l'amour!*"

♦

Anita ficou ainda mais nervosa conforme se aproximavam do final do trajeto. Quando o trem do marajá entrou na estação de Jalandhar, a multidão que tinha aparecido para lhes dar as boas-vindas prorrompeu em uma tremenda aclamação. Anita usava um vestido longo de seda e um xale de pashmina profusamente bordado para se proteger do frio. Esperou alguns minutos até que os criados estenderam uma almofada vermelha desde seu vagão até a plataforma. Quando desceu, a banda tocou o hino de Kapurthala. Anita sorriu timidamente e saudou com a mão os curiosos que queriam ver a futura esposa. Atrás da guarda pessoal do marajá, que se alinhou dos dois lados do tapete, a multidão jogava pétalas de flores enquanto ela passava, e suspirou aliviada quando finalmente Jagatjit pegou sua mão e a conduziu à carruagem que os levaria ao palácio.

— Você deve estar cansada, querida — disse, preocupado.

— Estou — admitiu Anita — mas também ansiosa para conhecer meu novo lar.

Quando a carruagem entrou nos domínios do palácio, ela soltou uma exclamação ao ver os imensos jardins cobertos de neve e as fileiras de árvores que se perdiam na distância. Sorriu abertamente para seu marido e ele se sentiu aliviado ao vê-la tão contente, pelo menos naquele momento.

Jagatjit tinha decidido construir um palácio para ela como presente de casamento. O nome seria L'Elysée e seria uma réplica de Versalhes. Tudo ali era francês, desde os trabalhadores que tinham vindo de Paris para

construí-lo, até os espelhos e colunas dourados, a elegante mobília, a porcelana, os lustres de cristal, e inclusive as tapeçarias tinham sido encomendadas em Les Gobelins, a fábrica real de tapeçaria de Paris. Os criados indianos encarregados do lugar seriam vestidos de perucas brancas, casacas bordadas, meias de seda, laços e fitas, na tentativa de recriar o esplendor da corte do Rei Sol.

L'Elysée não estaria pronto até pouco depois do primeiro aniversário de casamento do casal e sua construção tinha acabado de começar quando Anita e Jagatjit chegaram, em janeiro de 1908. Por isso, Anita se instalou em um palácio menor a poucos quilômetros de Kapurthala chamado Villa Buona Vista, construído em 1886. Quando viu seu busto de mármore na entrada soltou um gritinho de surpresa, percorreu o palácio com o entusiasmo de uma adolescente, maravilhada com tudo o que via. Seu quarto, no primeiro andar, era decorado suntuosamente e sorriu ao ver seus perfumes favoritos, de Roger & Gallet, sobre o toucador e uma garrafa de Evian na mesinha. Deu a volta e dedicou um amplo sorriso ao marajá, foi até ele e deu-lhe um forte abraço.

— Obrigada, meu príncipe — disse com o rosto apoiado no peito dele. — É como um sonho que virou realidade.

Ouviu-se uma tosse discreta na porta. O chefe do Estado-maior do marajá esperava com um fardo de papéis.

— Desculpe-me, alteza.

Jagatjit fez-lhe um gesto com a cabeça para indicar que sairia em seguida.

— Tenho de ir, minha linda bailarina, e, segundo a tradição, não poderei vê-la até o dia das núpcias, mas escolhi com cuidado algumas criadas de minha mãe para que a ajudem. Elas vão explicar o que madame Dijon não souber — disse, passando um dedo pela bochecha e olhando-a nos olhos. — Mas se precisar de alguma coisa ou tiver alguma preocupação, avise-me e virei.

Anita assentiu com tristeza. Não queria que ele se fosse, mas sabia que tinha de fazê-lo. Permaneceu junto à janela, maravilhada com os jardins em estilo francês que se estendiam até onde a vista alcançava. Continuava ali quando madame Dijon entrou, acompanhada de várias mulheres.

— Senhora, permita-me apresentar suas camareiras. Esta é Bibi Kumari, a governanta que supervisionará tudo para a senhora e se encarregará de suas joias; Chhaya, encarregada do guarda-roupas; Ayesha e Chimnabai, que se ocuparão de sua aparência e, finalmente, Sumity e Chanda, que estarão sempre perto de seu quarto para qualquer coisa de que necessite.

Anita se voltou na direção de Bibi Kumari, que lhe dedicou um amplo sorriso.

— *Namaste*[2], *raniji* — saudou-a unindo as mãos em posição de prece e ajoelhando-se para tocar os pés de Anita.

Esta estendeu a mão para ajudá-la, pensando que talvez tivesse perdido o equilíbrio ao fazer a reverência.

— Não, *raniji* — corrigiu-a. — Esta é a maneira como saudamos e demonstramos respeito. Os jovens tocam os pés dos mais velhos e as pessoas das castas baixas tocam os das pessoas que estão acima delas.

— Que pés preciso tocar? — perguntou Anita.

— *Raní*, a senhora é uma princesa, não precisa tocar os pés de ninguém.

Anita olhou a sua volta e de repente se sentiu muito só. Não entendia esses novos costumes. A criança se mexeu e teve de conter o enjoo. Sentou-se em uma das cadeiras e colocou as mãos no ventre.

— *Raniji*, deixe-me ajudá-la — ofereceu-se Bibi Kumari. — Quer que prepare um chá com hortelã e mel?

Anita sorriu agradecida e assentiu com a cabeça. Sentiu-se reconfortada por aquela mulher, como estava com madame Dijon e Lola, que tinham

permanecido a seu lado por todo aquele tempo. Sabia que Bibi não riria de sua ignorância às suas costas e que seria uma aliada em sua nova vida.

Havia algo em Bibi Kumari que fazia com que se sentisse atraída por ela. Era uma mulher mais velha, com mais de cinquenta anos, um sorriso encantador e olhos que pareciam refletir uma alma generosa e alegre.

— Ayesha! Rápido, prepare um chá e corte hortelã no jardim.

Quando se deu conta, Ayesha já voltava com o chá. Anita nunca havia provado.

— Bibi, é delicioso, obrigada.

Bibi Kumari sorriu, assim como Ayesha.

— *Raní sahiba*, não quero que se preocupe com nada — pediu-lhe Bibi. — Vamos prepará-la para todas as cerimônias do casamento. Estaremos com a senhora em todos os momentos, a orientaremos e explicaremos tudo para que não tenha medo quando chegar a criança.

Até sua chegada a Kapurthala, Anita não soube que seu marido tinha quatro mulheres, quatro filhos e uma filha e umas cento e vinte concubinas. A única coisa que sabia é que tinha uma família grande, mas por sua ingenuidade, timidez e insegurança, não tinha perguntado sobre a vida privada dele antes de conhecê-la. Contam-se muitas histórias, umas mais lascivas do que as outras, sobre como descobriu a poligamia de seu marido. A mais provável é a mais simples: a curiosidade. Era inevitável que descobrisse. Ela provinha de uma família pequena e tinha estranhado não conhecer nenhum membro da dele que, pelo que tinham dito, era muito numerosa.

Quando repassou mentalmente o tempo que tinham estado juntos, deu-se conta de que ele nunca lhe falara muito sobre a Índia. E ela, em sua ingenuidade, tampouco havia perguntado, acreditando que sua vida seria mais ou menos como a que levavam em Paris, mas com um pano de fundo diferente. Acreditava que ele era o príncipe com quem sempre sonhara, o homem pelo qual, de bom grado e iludida, tinha renunciado à vida que

conhecia, à dança e a sua independência. Teria sido tudo uma farsa? Tudo se reduzia a ele querer voltar para a Índia com uma mulher espanhola? Olhou os lindos jardins e pensou em Jagatjit. Estava em um país estrangeiro, sem família nem amigos em quem confiar, e dependia economicamente de um marido que acreditava conhecer, mas talvez não fosse assim.

Uma vez revelado o segredo, realmente não tinha escolha: poderia voltar à Espanha, uma perspectiva que não a entusiasmava devido às circunstâncias, ou ficar. Decidiu-se pela segunda opção e convenceu a si mesma de que Jagatjit lhe tinha dito a verdade, acreditasse ou não. Fosse qual fosse o caso, e independentemente de tê-lo perdoado ou não, logo se deu conta de que era sua favorita e que ele a adorava.

♦

Os rituais védicos começaram depois do ano-novo.

Madame Dijon, que tinha ajudado a organizar o casamento e o protocolo que devia existir em relação aos convidados estrangeiros, deixou Bibi Kumari a cargo das atividades diárias de Anita. Certa manhã, entrou silenciosamente para ver como se sentia sua senhora. Estava adormecida e deixou-a descansar. Já eram mais de meio-dia quando voltou, mas Anita acabava de abrir os olhos.

— *Raní sahiba*, descansou bem? A senhora dormiu muito. Alegro-me, pois é bom para a senhora e para a criança, mas agora é preciso se mexer.

Bibi Kumari tocou a sineta e pediu a Ayesha e Chimnabai que preparassem o banho, os óleos, os sabonetes e as especiarias.

— Se não se importa, *raniji*, deixe-me chamar Chhaya para que possamos dizer-lhe que roupas deve usar em cada uma das cerimônias que começam amanhã.

— É claro, Bibi.

Endireitou-se na cama e colocou umas almofadas grandes às costas. À sua frente havia uma bandeja com o desjejum espanhol que havia pedido, com grossas fatias de pão, tomate, azeite de oliva, sal e café. Enquanto tomava, Bibi Kumari e Chhaya entraram com vários metros do que parecia ser tecido e os deixaram ao pé da cama.

— Muito bem, diga-me o que vai acontecer e o que tenho de fazer.

Bibi Kumari sorriu, gostava dessa jovem. É claro que tinha um espírito aventureiro e, o que era mais importante para seu futuro na Índia, parecia apaixonada pelo marajá. Assim como a maioria das mulheres indianas, Bibi nunca saíra de seu país. Nunca conhecera nenhuma mulher estrangeira nem sabia das enormes diferenças que havia entre as culturas ocidentais e orientais, mas estava contente de poder explicar a sua nova senhora o que tinha de fazer.

— *Raní*, as cerimônias são presididas por um sacerdote que recita as antigas orações em sânscrito para os deuses e deusas, a fim de que abençoem a união. Além das orações são feitos todos os tipos de oferendas a essas deidades, como muitos bolinhos, flores, incenso, óleos aromáticos, especiarias, pães e cereais. Depois, os deuses abençoam por meio do sacerdote os presentes que a noiva entrega ao marido. Mais tarde, o pai da noiva e seus irmãos os levam à casa do marido. Como sua família não está aqui, todas nós, assim como Lola e madame Dijon, nos encarregaremos de levar os presentes para sua excelência. Se quiser, podemos ajudá-la a escolhê-los.

Anita sorriu e mordeu uma torrada.

— *Raní sahiba*, seus sáris, mantos e joias estarão prontos amanhã para que os examine. Mas para os rituais das bênçãos, terá de usar um sári simples de algodão tecido com curcuma e bordado com hena.

Anita pareceu confusa.

— A curcuma é uma especiaria muito importante em nossas cerimônias, além de ser usada na comida — explicou Chhaya. — Tem cor

de açafrão e pertence à família do gengibre. A hena é um corante natural que normalmente é cor de laranja ou vermelho.

Chhaya mostrou-lhe os sáris e, ao tocá-los, Anita verificou sua delicadeza.

— Sua excelência, este algodão foi tecido pelo sacerdote do templo de Ganesha e foi abençoado.

Anita reparou que não havia colchetes ou botões para prender o sári.

— Um sári tem cinco metros de tecido, *raniji*, e é preso ao corpo com pregas e dobras — explicou Chhaya.

— E o que se usa por baixo? Um sutiã?

Bibi sorriu diante da pergunta ingênua de Anita.

— *Begumji*, em vez de sutiãs usamos uma coisa chamada *choli* que suporta os seios. É amarrada às costas, mais ou menos como os corpetes, para que possamos dar a forma desejada.

Anita parecia intrigada.

— Onde acontecem os rituais?

— Normalmente na casa da noiva, mas desta vez serão feitos no pátio de seus jardins privativos, em frente ao salão, e nós seis seremos sua família. Assim que acabarem, o sacerdote é alimentado. Depois terá o dia todo para decidir que roupa usará no casamento e para descansar — disse Bibi Kumari.

— O que acontece à noite?

— Normalmente os parentes da noiva se reúnem e fazem festas nas quais se canta e se dança.

— Bem, talvez possamos fazer uma festa e assim posso ensiná-los como se dança o flamenco — sugeriu Anita.

Passou o resto do dia com Ayesha e Chimnabai. Elas esfregaram sua pele com uma pasta feita de especiarias e depois fizeram uma massagem com óleo de amêndoas. Colocaram azeite de oliva em seu cabelo e a obrigaram a se sentar durante horas para que impregnasse em sua cabeça.

Prepararam uma máscara feita com ovos, mel e iogurte, que aplicaram em seu rosto até que começou a escorrer pelo pescoço. À tarde, Anita descansou um pouco até os rituais seguintes de beleza.

As primeiras cerimônias de bênção começaram no amanhecer de 14 de janeiro. Chhaya e Bibi Kumari não se afastaram de Anita que, apesar de toda a preparação, estava muito nervosa. Tinham colocado as mesas sobre as quais os rituais seriam realizados, cobertas com calêndulas; o incenso ardia e as velas estavam acesas. O sacerdote começou tocando um sino para despertar o deus Ganesha e depois assoprou uma concha para indicar o começo da cerimônia.

Foram feitas oferendas com incenso e óleo. Mais tarde pulverizaram uma série de ervas sobre as flores e também as jogaram no ar, na direção da noiva. Anita estava sentada com as pernas cruzadas, a cabeça coberta pelo *pallu* do sári — a parte que vai por cima do braço esquerdo até o chão — e as mãos unidas como se estivesse rezando. Bibi Kumari a olhou e sorriu. Anita devolveu seu sorriso. Não acreditava no conto de fadas em que sua vida tinha se transformado.

Quando o sol se ergueu no céu, o sacerdote voltou a soprar a concha. Fez diversas oferendas a Ganesha e pão, leite, água do lago, bolinhos e sete frutas diferentes: mangas, cocos, bananas, figos, goiabas, abacaxis e fruta-pão.

Misturou as especiarias e as esfregou no rosto, mãos e pés de Anita, sem parar de cantar. Depois pegou uma folha de papiro, embebeu-a em azeite de oliva e passou pelo rosto, os ombros, as mãos, os joelhos e os pés de Anita. No final do ritual o sári estava manchado com especiarias, ervas e azeite. O sacerdote também abençoou alguns grãos de arroz que jogou na noiva. Finalmente submergiu algumas pétalas de rosa em óleo dessa mesma flor e os colocou nas mãos da noiva e de todas as mulheres presentes, que os jogaram no ar. O rito foi finalizado com a prece de todas as mulheres a Ganesha por um casamento feliz.

Depois disso, Anita estava esgotada, mas ainda tinha de estar presente em outras catorze cerimônias semelhantes, todas preparadas especialmente pelo sacerdote para benzer a união. Naquela noite Bibi Kumari tinha preparado um jantar indiano típico durante o qual ensinou a sua senhora a forma adequada de se sentar no solo ou como reclinar-se sobre almofadas ou bancos baixos para comer.

— Normalmente não fazemos refeições completas, costumamos petiscar — explicou Bibi.

— Como as nossas *tapas*! — exclamou Anita.

Depois Bibi Kumari ensinou-a como comer com as mãos.

— Primeiro se coloca as mãos na vasilha com água e se limpam as unhas com o limão. Depois se parte um pedaço de pão e com ele se pega o que se desejar experimentar.

As camareiras se divertiam ensinando-a a comer com os dedos e logo começaram a ouvir risos no salão.

— Ensine-me como dançam as mulheres indianas em um casamento.

Bibi e Chhaya se levantaram e dançaram, enquanto as outras quatro mulheres cantavam e marcavam o ritmo com palmas.

— É muito parecido com o flamenco, vocês estão improvisando — disse Anita entusiasmada.

Levantou-se e com movimentos lentos mostrou-lhes alguns passos do tango flamenco. Depois, a futura princesa e as mulheres que a serviam começaram a dançar juntas. Anita se sentia à vontade, sem dúvida porque, assim como ela, provinham de famílias humildes e simples.

Enquanto isso, Jagatjit estava em seus aposentos garantindo que seu secretário e seu mordomo organizassem a agenda de maneira a que pudesse ver suas outras quatro mulheres e filhos, e tivesse tempo para ficar com a mãe, a mulher que o tinha criado depois da morte de sua verdadeira mãe quando tinha três anos. Preocupava-se com Anita e pedia informes constantes sobre seus progressos.

— Kabir Singh — pediu a um de seus ajudantes — pergunte a Muhabbat Rai se está tudo bem no harém. Não tenho tempo de ver como estão as mulheres.

— Sim, senhor — respondeu Kabir Singh.

E finalmente chegou o dia 28 de janeiro. A cerimônia nupcial começaria ao amanhecer. Anita levantou-se às três da manhã para começar a se vestir e a se preparar. Nove dias antes tinha recebido o sári e as joias que usaria. De pé enquanto o grupo de mulheres se encarregava dela, sentiu vontade de chorar. Sempre tinha sonhado com um lindo vestido branco, véu e um buquê na mão para percorrer o corredor de alguma igreja em Málaga. Aquilo era muito diferente. Não se parecia a um casamento, mas a uma peça de teatro.

Três horas depois, às seis, a noiva estava pronta. A seda vermelha de sua *lehnga*, a saia típica do Punjab, tinha sido tecida a mão em Benares e era bordada com fio de ouro. Seus cinco metros estavam dobrados e pregueados para se ajustar ao corpo; o *choli* ficava maravilhoso e Chhaya tinha colocado em sua cabeça uma *dopatta*[3] de gaze de seda de quase dois metros, também bordada a mão com fio de ouro. Ia coberta, dos pés à cabeça, de rubis e diamantes, desde o *tika*[4] no meio da testa até um anel no dedo menor do pé. Tinham pintado suas mãos e pés com intrincados desenhos de hena, delineado seus olhos com *kohl* e avermelhado seus lábios com uma pomada.

— Você está muito bela — tranquilizou-a madame Dijon, beijando-a no rosto.

Bibi Kumari a ajudou a chegar ao pé da escada onde Jagatjit a esperava junto com o chefe do Estado-maior. Os dois soltaram uma exclamação: ele porque a viu descer vestida como noiva indiana e ela porque era a primeira vez que o via com a veste sikh de cerimônia. Usava uma túnica de veludo azul safira, bordada com fio de prata, sobre calças brancas ajustadas, sapatos de couro de bezerro bordados, adaga no cinto e um turbante

resplandescente combinando com o sári de Anita, cravejado de três mil pérolas e diamantes. O rosto estava escondido por uma cascata de pérolas e flores de jasmim entrelaçadas com fio de seda, preso ao turbante.

Apesar da gravidez, Anita iria ao templo montada em um dos elefantes favoritos de Jagatjit. Ele e Muhabbat Rai a acompanharam até o elefante que a esperava ajoelhado e a ajudaram a se acomodar em uma cadeira de ouro maciço, com esmeraldas e rubis.

O elefante também estava enfeitado e exibia brocados de seda. Estava ajaezado de esmeraldas, com uma touca de diamantes. Jagatjit Singh a seguiu montado em um cavalo branco. Quando chegaram ao templo, os sacerdotes já tinham começado os cânticos. Um fogo ardia diante de Ganesha. Muhabbat Rai conduziu-a até seu lugar, em frente a uma cortina de seda que ocultava Jagatjit, que estava do outro lado. A cerimônia durou duas horas, durante as quais o casal permaneceu sentado de frente um para o outro, enquanto os sacerdotes continuavam seus cânticos e faziam suas oferendas aos deuses. No final, descerraram a cortina e noiva e noivo puderam se ver, já convertidos em marido e mulher. Começou a música e os sacerdotes sopraram suas conchas enquanto a plateia jogava centenas de flores de jasmim sobre o feliz casal. Depois da cerimônia para escolher o nome que Anita usaria, marajá e maharani se sentaram em dois tronos e foram pesados. A soma total de seu peso seria repartida em ouro entre o povo de Kapurthala.

Já era oficial: Anita Delgado se tornara a maharani Prem Kaur, quinta esposa de Jagatjit Singh. Ao encerrar o casamento, todo mundo foi para os salões do palácio de Kapurthala, onde a equipe tinha organizado um esplêndido banquete para milhares de convidados. Entre eles estavam a maioria dos príncipes indianos, como os marajás de Patiala e Baroda, e o *nizan* de Hyderabad, grandes amigos de Jagatjit. Robert MacGregor e Vikram Singh, amigos dele de Cambridge, compareceram, assim como o

conde de Minto, governador-geral da Índia, e Mahatma Gandhi e Mohammed Ali Jinnah, futuro fundador do Paquistão.

Vestida com um sári tecido com fio de ouro e adornada com uma profusão de joias, Anita estava deslumbrante e se divertia muito, apesar de ter começado a se sentir cansada conforme as horas passavam. Jagatjit não saiu de seu lado. As festividades se prolongaram até o dia seguinte. Tinha sido uma festa de vinte e quatro horas que não acabara ainda, pois as celebrações continuaram por mais dez dias.

Três meses depois de seu inesquecível casamento, Anita deu à luz a um menino de quatro quilos. Recebeu o nome de Ajit Singh, quinto filho do marajá e quinto *maharajkumar* de Kapurthala. Os astrólogos reais tinham vaticinado que o jovem príncipe nascera com uma estrela muito especial, que fora abençoado com um carisma incrível e sempre estaria rodeado de pessoas.

— Essa estrela lhe dará muitas possibilidades e oportunidades — sussurrou o *pandit* do templo a Bibi Kumari — mas nunca dará voltas em torno de Agni[5].

Bibi Kumari fez uma oração.

— Ainda é um recém-nascido, *punditji*, pode ser que mude.

— Talvez, sempre estará com muitas mulheres e rodeado de gente, mas não vejo nem um lar nem uma família em seu mapa. Não ter família nem lar significa não ter raízes na terra. Será sempre um viajante.

Anita custou um tempo a se recuperar do parto e continuou sem se afastar de suas dependências, isolada de todos exceto de suas criadas e do marido, que jantava com ela na maioria das noites. Continuou pensando em se sua farta vida de luxo como maharani de Kapurthala seria simplesmente um sonho do qual despertaria para se ver novamente morando no apartamento acanhado e exíguo que dividia com seus pais e sua irmã Victoria em Madri. Tinha a impressão de que conseguira tudo o que uma jovem poderia desejar: o amor do marido, o marajá; uma vida

opulenta quase dissoluta; uma vida social que a mantinha ocupada e da qual era o centro das atenções, sem mencionar as viagens, as caçadas, roupas e joias que seriam parte integrante de sua nova vida como aristocrata indiana.

Enquanto isso, as outras quatro maharanis — Harbans Kaur, Parvati Kaur, Lachmi Kaur e Rani Kanari — estavam muito intrigadas com a estrangeira que parecia ter conseguido que seu marido perdesse o interesse por elas. Corriam todo tipo de rumores dentro e fora da *zezana* das rainhas abandonadas.

Harbans Kaur era a primeira esposa de Jagatjit. Não era aristocrata, mas filha de uma família nobre e rica do norte do país. Era mais reservada do que o resto das esposas e mais simples, mas tinha cumprido sua obrigação e proporcionado ao marajá um filho, Paramjit Singh, o próximo na linha de sucessão ao trono. Parvati era filha do marajá de Katoch, um clã de Rajput, que também tinha dado um filho ao marajá, Mahijit Singh, assim como Lachmi, filha do marajá de Bushashr, também no Rajastão, e mãe de Amarjit Singh. Por último vinha Rani Kanari, a alegre, inteligente, bela e vivaz filha do raná de Jubbal, mãe de Karamjit Singh e da única filha do marajá, Amrit Kaur. Das quatro, Rani Kanari era a única, além de Anita, que tinha acompanhado Jagatjit em suas viagens ao Ocidente. Era uma pessoa culta, refinada e elegante. Adorava se vestir como as ocidentais e era uma companheira animada nas festas e jantares aos quais o marajá comparecia quando estava na Europa, já que se sentia à vontade em companhia de homens e mulheres brancos.

— Não durará muito com ela — comentou Parvati. — A única coisa que está fazendo é demonstrar aos ingleses que ele também pode se casar com uma mulher branca.

— Mas se é uma plebeia — protestou Rani —, uma puta de classe baixa que conheceu em uma casa noturna. É dançarina, logo deve ser uma puta.

— Alguém me disse que teve de ser ensinada a se comportar, a comer, caminhar e vestir-se adequadamente — disse Parvati. — Podem imaginar? Ele teve de ensiná-la a ser uma princesa antes de se casar com ela.

— Bem — interveio Harbans fazendo uma pausa — não há dúvidas de que é uma plebeia. Pergunto-me se ele nos apresentará a ela algum dia. Certamente — acrescentou ao lembrar-se — também me disseram que está morando com ela. No mesmo quarto!

— Por quê? Achei que ele tivesse suas próprias dependências — replicou Parvati e Harbans encolheu os ombros. — Na verdade, para mim tanto faz conhecê-la — acrescentou. — Todas as mulheres brancas são iguais. Já sabem o que dizem, que elas se limitam a deitar e pensar em sua querida Inglaterra.

Todas se puseram a rir.

— Essa deve pensar na Espanha — comentou Lachmi, fazendo com que rissem ainda mais.

— Como terá conseguido se transformar na favorita dele? — interveio Parvati enquanto brincava com os pesados braceletes de ouro que carregava no pulso.

— Que pergunta mais idiota, Parvati! Ela é branca, como não vai ser a favorita? — resmungou Lachmi.

— Para mim ela não é tão bonita — confessou Harbans.

— Não sei por que vocês têm tantos ciúmes — repreendeu Rani Kanari. — O que ela tem que nós não temos?

— Olha só quem fala, porque já esteve em Paris e Londres e acha que é igual a elas — cutucou Lachmi.

— Isso não é verdade — defendeu-se Rani Kanari.

— Disseram-me que continua usando vestidos ocidentais — informou-lhes Parvati, enquanto pegava uma uva de um cesto de frutas.

— Certamente pensa que tem classe demais para vestir um sári — disse Lachmi com amargura.

— Parece que tem um cabelo negro muito bonito — comentou Rani Kanari.

— *Aare baba*[6], seguramente o tingiria para seduzi-lo — advertiu Harbans. — Já sabem como são essas mulheres brancas, fariam qualquer coisa para fisgar nossos homens.

— Alguém comentou que ele já a tinha engravidado antes de se casar com ela — disse Lachmi.

— E daí? O que você quer dizer com isso? — perguntou Parvati.

— Por que ele se casou com ela? Por que não a manteve como cortesã? — perguntou Lachmi. — Agora que ela já teve seu filho, teremos de nos preocupar com a herança dos nossos.

— É claro que ela só quer o dinheiro dele — apontou Harbans antes de pegar um *kalakand*[7] da bandeja de doces.

— É claro — corroborou Parvati. — Não sejam ingênuas. O que vocês acham que essas mulheres brancas querem?

— O quê? Eu não sei — perguntou Rani Kanari com malícia.

— Dinheiro! — exclamou Parvati atirando-lhe uma uva.

— Bem, nem todas estão atrás de dinheiro — continuou Rani Kanari.

— Não, procuram o dinheiro, as joias, o título — agregou Parvati com sarcasmo.

— Conhecendo-o me parece difícil imaginar que essa menina espanhola consiga satisfazê-lo — interveio Harbans.

— Deixe-me dizer uma coisa — atalhou Rani Kanari. — Não acredito que as mulheres brancas saibam o que fazer com nossos homens na cama. Quando a novidade de se deitar com uma pele branca passa, elas não conseguem mantê-los satisfeitos.

— Você tem razão — garantiu Parvati. — Por isso somos melhores do que ela. Nós sabemos fazer coisas que outras mulheres não sabem.

Harbans jogou-lhe um figo.

— Não dou a mínima se ele não voltar nunca mais, eu já cumpri minha obrigação — disse rindo, enquanto Rani mordia o fruto e o abria de uma maneira muito sugestiva.

— Como todas — disse Rani Kanari.

— Agora temos de ter certeza de que ele cuidará primeiro de nossos filhos — disse Lachmi enquanto se aproximava da janela que dava para Villa Buona Vista, onde morava Anita, para ver se conseguia divisar a bailarina espanhola. Voltou ao centro do quarto onde as quatro mulheres estavam deitadas com indolência em almofadas, vestidas com suas melhores roupas e cheias de joias para o caso de o marajá lhes fazer uma visita.

Anita nunca ficou amiga das outras esposas do marajá, pois nunca morou no harém. Não tinha por que fazê-lo. Era a favorita, era aquela que, apesar do que dissessem as outras maharanis, conseguiu manter a atenção do marajá por vários anos.

♦

A partir de 1910, Anita e o marajá passavam a maior parte do tempo viajando: primeiro viajaram pela Índia, pelo Decán, Rajastão e o sul, e depois, a partir de 1913, pela Europa, norte da África, América do Norte e América do Sul durante longos períodos. Onde quer que estivessem, o marajá e a maharani de Kapurthala eram os personagens mais famosos da cena social. Os fotógrafos os seguiam onde fossem.

Anita tinha um estilo próprio e uma maneira de se vestir tão peculiar que todas as revistas de moda queriam que aparecesse nelas, assim como as revistas de coluna social. Como de hábito, os jornalistas enfatizavam o aspecto Cinderela de sua história.

Tinha aparecido em revistas como *American Vogue* e *British Tatler* com pouco mais de vinte anos, tanto com roupas ocidentais como com sáris

indianos. Houve um tempo em que a princesa aparecia nas colunas sociais de praticamente todos os jornais de Délhi a Nova York.

A Primeira Guerra Mundial começou em 28 de julho de 1914 e Anita e o marajá acompanharam as tropas que ele tinha enviado à França. Depois partiram em visita oficial à Exposição Internacional de 1915, que aconteceu em San Francisco e que comemorou a abertura do canal do Panamá no ano anterior.

Dali foram para a América do Sul e a primeira escala foi em Buenos Aires. Conhecedor de seu desejo de aprender tango argentino, Jagatjit encorajou Anita a fazê-lo durante sua estadia na cidade. A maharani entrou em contato com o diretor do Teatro Colón e comentou que tinha sido dançarina de flamenco em Madri e que queria ter algumas aulas. Ele aceitou, encantado. A princípio se mostrou reticente, já que fazia tempo que não dançava, mas quando entrou na pista notou que os movimentos saíam de forma natural.

Jagatjit continuou atendendo a todos os seus caprichos, comprou tudo o que quis, levou-a aos melhores restaurantes e apresentou-a à *crème de la crème* da sociedade sul-americana. Em 1916, depois de vários meses na América do Sul, voltaram a Paris. Enquanto Jagatjit foi a Londres para se reunir com funcionários do Foreign Office, Anita permaneceu na Cidade Luz para ajudar as tropas sikhs que combatiam ao lado dos britânicos. Organizou vários envios de roupas: meias grossas, agasalhos e tudo o que pudesse aquecê-los. Sua maior tarefa, porém, foi garantir a eles que levaria pessoalmente suas cinzas à Índia se morressem nos campos de batalha. A morte não era o que mais temia o batalhão sikh, mas que suas cinzas não chegassem a Kapurthala.

Certa noite, antes de deixar Paris para voltar à Índia, Anita estava jantando com o marido quando Jagatjit perguntou-lhe se era feliz. Anita esperou um momento antes de responder que sim, que em Paris, longe da realidade de sua situação, era feliz.

— Jagatjit, adoro ser casada com você, viajar com você, ser mãe de seu filho e ser sua esposa. Fico feliz quando estamos juntos.

— Querida, me arrependerei a vida toda por não ter te explicado os costumes indianos antes de levá-la a meu país. Quero que saiba que tenho muito orgulho de ti.

Anita lançou-lhe um olhar travesso.

— Tirei você de sua terra e a levei a Paris decidido a mudá-la. Desejava que você se transformasse no que queria, quase do dia para a noite. Exigi demais de ti, Anita. E se isso não fosse o bastante, não fui sincero com você. No fundo, menti e fiz tudo o que estava em meu alcance para esconder a verdade. Você, por sua vez, enfrentou todos os desafios e esteve à altura. É algo de que pode se orgulhar.

Anita se emocionou por ele valorizar as qualidades de que ela mais se orgulhava e ficou impressionada por ele assumir toda a culpa pelo que havia passado. Durante um tempo se permitiu acreditar que seria sempre o verdadeiro amor de Jagatjit. Por isso, quando descobriu que estava grávida novamente, ficou alegre.

♦

Mas as coisas mudaram de forma dramática. A irmã de Anita, Victoria, faleceu de gripe em Paris em 1918. Anita tinha tentado salvar a irmã de todas as maneiras, mas no final não conseguiu. Além disso, ventos de mudança sopravam na Índia e Jagatjit Singh se viu envolvido na situação política do momento.

Naquela época a Índia estava a ponto de explodir. Uma vez encerrada a Primeira Guerra Mundial, as autoridades britânicas começaram a ter problemas graves. O antigo governador-geral, lorde Chelmsford, um colonialista da velha guarda, voltou para a Inglaterra e foi substituído pelo

conde de Reading, de ideias mais progressistas. Apesar da mudança, a situação foi de mal a pior.

Quando Mahatma Gandhi, um jovem advogado indiano educado em Oxford, voltou para a Índia em 1916, colocou em marcha a campanha "Abandone a Índia". Os movimentos nacionalistas que tinham começado a criar raízes encontraram um líder em Gandhi, cujas ideias se baseavam na desobediência civil por meio da não violência. Sua filosofia atraiu a juventude, incluindo Ajit, a quem tinham inculcado o idealismo e o otimismo quando ainda frequentava o colégio na Índia.

Durante a Primeira Guerra Mundial, a lealdade e a boa vontade da Índia para com a Grã-Bretanha tinham sido exemplares, com a contribuição de homens, alimentos, dinheiro e munição. Entretanto, os distúrbios no Punjab e em Bengala estavam paralisando a administração regional britânica, que colocou em ação medidas draconianas para pôr fim à desordem. O custo da guerra também passou sua fatura para a Índia que, irritada com os atritos com o governo britânico, queria a independência. O governador-geral foi investido de poderes que lhe permitiam sufocar a sedição, silenciando a imprensa, detendo os ativistas políticos sem julgamento, prendendo supostos traidores sem mandado judicial e julgando-os em "tribunais especiais".

Em abril de 1919, milhares de pessoas se reuniram em Jallianwala Bagh, em Amritsar, para comemorar o ano-novo sikh. As pessoas tinham viajado durante dias, vindas de todas as partes da Índia. O exército britânico, sob o comando do brigadeiro general Reginald Dyer, abriu fogo contra a multidão desarmada de homens, mulheres e crianças e causou mais de mil mortes e vários milhares de feridos. A desculpa de Dyer foi que se viu rodeado por um exército revolucionário e teve de lhes dar uma lição. O massacre desencadeou um protesto intenso.

Tudo isso criou uma tensão que provocou desacordo entre o marajá e a maharani, exacerbado pela tristeza de Anita em função da morte da irmã.

Jagatjit voltou a Londres para colaborar com os trabalhos de reconstrução da Europa assim que a guerra terminou, deixando-a sozinha na Índia. Quando as complicações de sua gravidez lhe provocaram um aborto, Anita caiu em profunda depressão, da qual levou anos para se recuperar. Os médicos lhe recomendaram repouso e os ares da montanha.

Um dia estava no jardim da Villa Buona Vista, muito abatida, quando Bibi Kumari sugeriu uma viagem a Simla.

— A vista do Himalaia vai alegrar seu coração, acredite.

Convencida de que a mudança lhe cairia bem, aceitou. A viagem para o norte foi muito estimulante e o ritmo descontraído da vida no campo reconfortou seu ânimo. Durante sua estadia, viajou ainda mais ao norte, para a Caxemira, onde foi abrigada pelo marajá da Caxemira, que lhe proporcionou um lindo palácio às margens do lago Dal, com vistas impressionantes para o Himalaia.

♦

Mas Anita se sentia só. Notava que o marido se afastava dela e que sua relação se enfraquecia, e não estava suficientemente forte no aspecto emocional para remediar a ruptura que previa. Aconteceu em pouco tempo. Continuou recebendo cartas, mas cada vez mais curtas, formais e secas.

♦

Para superar a depressão na ausência do marido, procurou em outro lugar o amor, a atenção e o cuidado de que necessitava, e encontrou. Era vista com frequência em companhia de um homem com quem passeava de braços dados pelos jardins Shalimar, fazendo piqueniques, assistindo a filmes, falando, ouvindo música, tomando vinho ou simplesmente

desfrutando de um silêncio amigável. Os rumores diziam que se tratava de um de seus enteados, fruto de um casamento anterior do marajá, ainda que também se acreditasse que era primo de Jagatjit.

Quando finalmente voltou a Kapurthala, descobriu que o status de "favorita" agora pertencia a uma jovem britânica que o marajá conhecera em sua última viagem a Londres.

Apesar de também ter sido, Anita não foi capaz de suportar aquela flagrante demonstração de infidelidade de seu marido. O casamento se desfez e Anita passou sozinha os dois anos seguintes. Aparentemente era livre, jovem e tinha independência financeira, mas se aborrecia e se sentia paralisada. Ainda bela aos trinta e quatro anos, às vezes aceitava um convite para ir à caça, patinar ou jogar tênis. Também mandou instalar um projetor em sua *villa* e se divertia assistindo a filmes.

♦

Com os anos, chegou a ser famosa pelas festas que oferecia, consideradas as melhores do norte da Índia, muitas das quais com temas exóticos. Todas as pessoas de nome em Délhi ou nos estados vizinhos do Punjab sonhavam com um convite para suas noitadas. Continuou oferecendo-as, além de recepções para o chá, e manteve a casa cheia de convidados europeus. Viajava constantemente para a Europa e mantinha correspondência regular com todos seus parentes.

Naquelas noites, muitos marajás e *nizans* queriam ser seus pretendentes e lhe presenteavam com joias extraordinárias em rebuscadas tentativas de cortejo. Mais de um conseguiu. Por puro tédio e para se vingar do marido que a tinha enganado e sido infiel, teve uma aventura amorosa com o *nizan* de Hyderabad, um dos homens mais ricos do mundo e grande amigo do marajá. Anita se divertia em brincar com ele e ficava encantada com as atenções que ele lhe dava, e sobretudo com as

esplêndidas joias que ganhava. Os rumores que pudessem correr sobre sua pessoa não lhe importavam, nem mesmo quando chegavam aos ouvidos do marajá.

Ainda que tentasse se manter ocupada, na realidade sua vida estava vazia e ela se entregava a atividades sociais que não faziam o menor sentido para ela e sua solidão. Passava os dias lendo, escrevendo seu diário, dando longos passeios sozinha pelos jardins da Villa Buona Vista e cuidando de seus numerosos cachorros. Pensou em como sua mãe tinha tido de fazer economias para poder pagar suas aulas de dança e no sucesso ao qual tinha renunciado quando Jagatjit apareceu em sua vida. Passava muito tempo no pátio relembrando e ensaiando seus movimentos e ritmos favoritos.

Estava ganhando tempo, esperava que Ajit fizesse dezoito anos porque não queria colocar em risco seus direitos como quinto filho do marajá. Mas, conforme o tempo passava, mais infeliz se sentia. A comunicação com o marajá desaparecera definitivamente e de vez em quando lhe enviava alguma nota por meio dos criados ou do chefe do Estado-maior.

De sua parte, Jagatjit não sabia o que fazer com ela. Olhava os bilhetes, escritos com caligrafia infantil, e lia uma e outra vez. Estavam em 1925 e Anita só tinha trinta anos. Quanto de culpa ele tinha naquela situação embaraçosa? Uma vez apaziguada sua cólera inicial, teve de admitir que continuava gostando dela. Contudo, a vergonha que ela trouxera para si colocando-se em situação comprometedora com outros homens, incluídos alguns de seus amigos, como ele acabava de descobrir, não podia ser relegada nem perdoada.

Consultou Muhabbat Rai, seu chefe do Estado-maior, para tentar esclarecer o que as pessoas diziam. O governador-geral já o tinha feito saber que se sentia incomodado com todos os rumores que havia provocado.

— Jagatjit, infelizmente o comportamento dela não tem correspondido ao que se espera de um membro da realeza e, consequentemente, fala-se dela de forma depreciativa. Creio que precisa se divorciar e deixá-la partir.

Mais tarde, a interpretação indiana do escândalo chegou à mesma conclusão, mas por motivos diferentes.

— Veja, amigo, nos divertimos com todos esses estrangeiros, mas eles não entendem nossa cultura nem nossos costumes. Pode ser que em mil anos as coisas mudem, mas no momento você precisa cortar o mal pela raiz.

Finalmente, em 1925, quando Ajit se preparava para ir a Cambridge, Jagatjit Singh, marajá de Kapurthala, se divorciou de Anita Delgado. Os advogados do marajá em Londres redigiram um acordo econômico: Jagatjit comprou um apartamento em Paris e outro em Madri para Anita e lhe concedeu uma generosa soma em dinheiro mensal, além de criados para ambas as residências. Também permitiu que levasse a maioria de suas joias, exceto algumas que deveriam permanecer em Kapurthala. Os amigos e sócios do marajá pensaram que estava sendo generoso demais, diante das circunstâncias, mas Jagatjit se manteve firme em sua decisão. Bibi Kumari e Chhaya não pararam de chorar enquanto preparavam os cinquenta baús que viajaram com Anita, nos quais astutamente esconderam as joias que ela ganhou dos marajás e *nizans* por quem se tinha deixado seduzir. Quando partiu, não se despediu de ninguém, exceto de suas criadas. Não considerou necessário.

Quando saiu ao cálido sol indiano e subiu à carruagem que a levaria à estação de trem, não havia ninguém para se despedir dela. Sequer olhou para trás. Se o tivesse feito, talvez tivesse divisado o marajá atrás da cortina de seu estúdio.

Depois de Anita houve muitas outras mulheres na vida de Jagatjit, inclusive uma tchecoslovaca que se transformou em sua sexta esposa. Mas ninguém cativou seu coração e sua alma como ela o fizera. Talvez fosse sua inocência ou ingenuidade o que a tornavam tão sedutora, talvez sua vontade de se transformar no que queria ser ou, talvez, tenha sido algo tão simples quanto o amor. O que quer que fosse, o marajá se manteve em

contato com Anita até o dia de sua morte, e jamais se esqueceu da data do aniversário dela.

Quanto a ela, voltou para a Europa, onde morou entre Espanha e França até 1962, data de sua morte. Todas as noites, antes de se deitar, abria a gaveta de seu toucador, tirava uma Bíblia e fazia uma oração antes de fechá-la. Depois de sua morte, seu filho descobriu essa Bíblia e a foto que havia dentro: nela estavam o marajá e sua dançarina espanhola, tirada em Londres em 1907, um dos momentos mais felizes de sua vida.

1. Complexo governamental situado na rua Whithall, Westminster, Londres, Inglaterra (N.E.).

2. *Namaste*: (do sânscrito) na Índia, cumprimento em linguagem coloquial. Literalmente significa "me inclino diante de ti" e corresponde ao gesto de unir as palmas das mãos com os dedos para cima, na altura do peito (N.A.).

3. *Dopatta*: (do hindi) xale de algodão, seda ou musselina usado pelas mulheres indianas (N.A.).

4. *Tika*: (do hindi) enfeite usado pelas mulheres indianas na testa, entre os olhos (N.A.).

5. Agni: em algumas cerimônias de casamento indianas, os noivos rodeiam várias vezes a estátua do deus Agni (N.T.).

6. *Aare baba*: (do hindi) expressão em linguagem coloquial que, segundo a entonação, pode significar: Meu Deus do céu!; Como você sabe.; Sim, e o que mais?; Mas o que você está dizendo? (N.A.).

7. *Kalakand*: (do hindi) delicioso doce popular indiano feito com leite e *khoya*, queijo parecido com o requeijão (N.A.).

Capítulo 5

Quinze anos depois do divórcio, Laila Ajami, uma jovem libanesa considerada uma das mulheres mais belas de Beirute, teve uma filha a quem deu o nome de Zahra. Laila tinha mais ou menos a mesma idade de Ajit Singh, o filho de Anita e Jagatjit. Duas décadas depois, a maneira como a família Ajami e a família real de Kapurthala se uniriam acarretaria mais dores do que alegrias, destruiria vidas e despedaçaria sonhos e esperanças. No dia 17 de outubro de 1941, dia em que Zahra nasceu, todo mundo garantiu que tinha herdado a beleza da mãe.

— É linda! — exclamou a mãe de Laila, Yamila, enquanto a acalentava em seus braços. — Felicidades, filha! — disse devolvendo-a para Laila, que estava a ponto de começar a chorar.

— Minha filha adorada — murmurou antes de se recostar e antes que a parteira levasse o bebê. Então deixou que suas lágrimas caíssem e molhassem o travesseiro já empapado.

— Laila? — perguntou a mãe colocando a mão em seu ombro carinhosamente. — Laila? O que está acontecendo, querida?

Nada podia consolá-la. Quanto mais tentava acalmá-la, mais intensos se tornavam os soluços, chegando às raias da histeria.

— A senhora não entende! — repetia. — Jamais entenderá! — choramingou enquanto se colocava em posição fetal.

— O que está acontecendo com ela, doutor Hasbany? — perguntou Yamila Al-Khalili voltando-se para ele.

— Não se preocupe, senhora. São as emoções típicas do pós-parto — tranquilizou-a enquanto lavava as mãos e tornava a baixar as mangas da camisa. — Vou receitar alguma coisa para os nervos.

— Sim, e eu vou buscar um pouco de água de rosas — disse Yamila com o cenho franzido de preocupação. — *Mais c'est très étrange! Vous êtes d'accord, docteur?* — insistiu antes de sair. — Nunca tinha acontecido isso. Os outros partos foram diferentes — acrescentou, referindo-se às outras netas.

— *Au contraire, madame* — apartou o doutor Hasbany sorrindo. — É muito comum. A criança nasceu sem problemas, mas Laila está muito sensível. Costuma passar.

— Oxalá o senhor esteja certo, doutor Hasbany. Vou pedir à criada que traga água — disse antes de fechar a porta.

O doutor Hasbany tinha cerca de setenta anos. Era um homem amável e simpático, e fora o médico da família Al-Khalili por décadas. Tinha trazido Laila ao mundo na mesma cama, há mais de vinte e cinco anos, e depois a ajudara no parto de suas três filhas. Havia poucas coisas que ele não sabia sobre essa família.

— Doutor Hasbany! Queria morrer! Não consigo mais! Não suporto a perda de...!

— Vamos, Laila, não seja egoísta. Você precisa se recuperar. Você acabou de dar à luz a uma filha linda e tem outras duas com que se preocupar.

— E como posso ir em frente sem ele? — gemeu Laila.

— Você consegue, todos conseguimos — garantiu o médico com firmeza.

— Doutor Hasbany, por favor, não comente...

— Laila, te trouxe a esse mundo e também as suas três filhas. Pode estar certa de que seu segredo está a salvo — garantiu, apertando sua mão para tranquilizá-la.

Laila olhou para ele, com o rosto inchado e suado devido ao esforço do parto e às lágrimas; os olhos vermelhos e inchados, o cabelo molhado e embaraçado e o camisão de linho branco encharcado. Apesar de tudo, Laila Al-Khalili, que então tinha vinte e seis anos, continuava sendo uma mulher espetacularmente bonita.

— Obrigada, doutor, estou em débito com o senhor.

— *Ce n'est rien, mon enfant.*

Yamila entrou no quarto seguida por uma jovem que carregava uma bandeja com copos e uma jarra de água de rosas gelada, na qual colocara algumas pétalas. Encantada com o fato de sua filha parecer mais calma, inclinou-se na direção dela e começou a mimá-la e acariciar seu cabelo.

— Agora durma, filha. Quando acordar, verá tudo de outra maneira.

Yamila foi se despedir do médico e quando voltou se sentou em silêncio junto a Laila até que ela adormeceu, exausta. Olhou o rosto de sua filha e pensou em como parecia jovem e inocente. Ainda se lembrava de quando era criança, do tanto que a tinham mimado e por tudo o que tinham passado com ela. Fez um gesto para a criada para que abrisse as janelas. Quando a brisa do Mediterrâneo refrescou seu rosto, começou a relembrar tempos passados. As ondulantes cortinas brancas, os móveis, a ampla cama, a sala de estar, nada tinha mudado muito desde que sua filha Laila tinha nascido ali mesmo, em janeiro de 1914. Quatro anos antes de seu nascimento, Yamila tinha se casado em Beirute com Mohammad Al-Khalili. A família Said e os Al-Khalili tinham relações próximas e sempre imaginaram que seus filhos acabariam se casando. Os pais muçulmanos laicos de Mohammad faziam parte de uma família trabalhadora de classe média de Sidón, ao sul de Beirute. Yamila provinha de uma família empobrecida cristã maronita de Tiro, que garantia ser descendente da

família Maan, que chegara ao Líbano no século XII para lutar contra os cristãos. Como as duas famílias eram amigas, as diferenças religiosas nunca foram um obstáculo em suas relações.

Mohammad Al-Khalili ganhou muito dinheiro graças ao apogeu comercial vivido pelo Líbano no final da Primeira Guerra Mundial. Yamila e ele se tornaram um dos casais mais ricos e importantes de Beirute. Tentavam formar uma família há vários anos, de modo que quando Yamila engravidou, sua alegria foi imensa. Ao se dar conta de que não poderia dar à luz novamente, a filha se transformou no centro de suas vidas e de seus mimos. Apesar de tudo, também ficava aos cuidados das várias babás que teve, já que Mohammad tinha que viajar com frequência e Yamila costumava acompanhá-lo.

Laila Al-Khalili tinha sido, como sua filha recém-nascida, Zahra, uma garota de beleza excepcional. Cresceu até se transformar em uma menina angelical, depois em uma adolescente encantadora e mais tarde numa jovem espetacular. Tinha olhos verdes amendoados, lábios carnudos e sensuais, sorriso amplo e cativante, que exibia dentes perfeitos e pele de porcelana, coroada por uma basta cabeleira castanha-escura. Sua figura voluptuosa hipnotizava os homens. Cresceu acostumada a ter tudo e todos que queria, sem esforço algum.

Em 1930, Beirute começava a ser a Paris do Oriente Próximo: cosmopolita, elegante e rica, tanto em história como em cultura. Também tinha se convertido em um próspero centro financeiro que atraía riquezas, dinheiro e negócios de todo o mundo, especialmente da Europa. Devido a sua procedência e ao tipo de negócio a que Mohammad se dedicava, os Al-Khalili frequentavam diversos círculos sociais e, desde muito jovem, Laila teve relações com diferentes tipos de culturas e atividades, o que lhe conferiu um sofisticado verniz que ocultava sua inocência provinciana.

Apesar de seus pais a terem matriculado no moderno Lycée Français, nunca se deu bem nos estudos. Seu passatempo favorito era sentar-se em

frente ao espelho para contemplar-se. Conforme seu corpo se desenvolveu, passou do pequeno espelho de sua cômoda ao de corpo inteiro do banheiro. Quando tinha cerca de treze anos se deu conta de que atraía os homens e rapidamente aprendeu a tomar partido disso. Naqueles tempos seus pais passavam mais tempo fora do que em casa, então ela a tinha a sua inteira disposição. Os criados tinham sido orientados a lhe dar tudo o que pedisse. Com essa idade começou a tomar vinho e champanhe e, pouco depois, provou pela primeira vez um narguilé em cujo interior se colocava tabaco frutado com melaço e perfumado com óleos aromáticos. Esse tipo de cachimbo era oferecido habitualmente como digestivo aos convidados de várias idades e de ambos os sexos depois do jantar. Acrescentar ópio ou haxixe era opcional, mas Laila logo determinou que os opiáceos eram imprescindíveis.

Por mais escandalizadas que as babás estivessem com sua conduta, nenhuma dizia nada aos pais por medo das histórias que Laila pudesse inventar em represália e que, sem dúvida, as levaria a perder o emprego. Ao contrário, para agradá-la começaram a ensiná-la a arte de dar prazer ao homem com quem um dia se casaria. Ainda não lhe tinham escolhido nenhum, mas o normal era que as jovens começassem sua educação nesses assuntos logo cedo, já que continuava sendo hábito que os pais casassem suas filhas pouco depois que fossem capazes de gerar um filho.

No dia em que Laila acompanhou seus pais à embaixada francesa no Dia da Bastilha, tinha quase quinze anos e era uma jovem deslumbrante. O embaixador e a esposa tinham organizado um coquetel nos jardins da residência com vista para o Mediterrâneo e depois um jantar ao ar livre. Laila tinha decidido que estava chegando a hora de perder a virgindade e naquela noite encontrou um candidato ansioso por cumprir seu desejo. Era o filho do embaixador francês, que tinha vinte e cinco anos e estava visitando Beirute, enquanto sua esposa, grávida do segundo filho, o esperava em Paris. O fato de ser casado não importou em absoluto para ela,

já que o via unicamente como um experimento e não queria começar uma aventura complicada.

Usava um vestido longo de chiffon em estilo grego, de cintura alta e decote marcado. A combinação do debrum de seda com o ondulante chiffon, além das pregas e plissados, ressaltavam a perfeição de sua figura a desabrochar. O tom esverdeado combinava com sua tez e suavizava o verde de seus olhos até transformá-lo em avelã. Sua camareira, Lina, tinha lhe feito um penteado alto do qual caía uma cascata de cachos presos com um pente de madrepérola. Usava um bracelete em forma de serpente e largas pulseiras de ouro. Parecia uma verdadeira deusa grega.

Quando entrou nos luxuosos jardins da embaixada francesa acompanhada de seus pais, todos se viraram para olhá-la. Enquanto entrava pelo caminho ladeado de roseiras em cujo extremo esperavam o embaixador francês, sua esposa e o filho para receber os convidados, ouviram-se murmúrios de admiração.

— *Monsieur Al-Khalili... Et Madame! Vous êtes ravissante ce soir!* — exclamou Pierre de Maupin enquanto se inclinava para beijar a mão de Yamila Al-Khalili. Mohammad Al-Khalili fez o mesmo com a esposa do embaixador. — Vocês estão acompanhados de uma verdadeira joia — elogiou-a o embaixador enquanto lançava um olhar elogioso para Laila. — *Mademoiselle, vous êtes comme un rêve* — confessou ao mesmo tempo em que beijava sua mão, retardando talvez por tempo demais o momento de afastar os lábios.

— Este é nosso filho — interveio Antoinette de Maupin sem deixar de olhar para o marido.

— Jean François de Maupin — apresentou-se o jovem batendo o salto enquanto beijava a mão de Yamila, antes de apertar a de Mohammad. — *Enchanté de faire votre conaissance.*

— E esta é nossa filha — disse Yamila.

— *Je sui três heureuse de vous connaître* — murmurou Laila.

François não conseguiu articular palavra e se limitou a olhá-la enquanto a acompanhava ao jardim.

— Mademoiselle Al-Khalili — conseguiu balbuciar finalmente — estarei apenas alguns dias em Beirute, mas...

— Gostou do que viu? — interrompeu-o Laila ao cheirar a rosa que ele acabava de oferecer-lhe.

— Adoro Beirute, mademoiselle. A cidade velha é muito pitoresca e...

— Muito bem, senhor, verei se posso reservar-lhe algum tempo para que desfrute das maravilhas de Beirute.

— Adoraria, mademoiselle. Coloco-me em suas mãos — garantiu Jean François lançando-lhe um olhar eloquente.

— Vamos jantar? — propôs Laila. A sedução do belo e loiro aristocrata francês estava sendo fácil demais. Tinha de contê-lo um pouco, antes que seus pais começassem a se preocupar com a esposa grávida ausente e interferissem em seus planos.

De fato, a mãe de Jean François desabafava para sua amiga, Valerie de la Sadliere, sobre o óbvio interesse que seu filho demonstrava pela adolescente Al-Khalili.

— Pela maneira como se comporta com essa fedelha, qualquer um poderia pensar que é solteiro e sem compromisso.

— Antoinette, você se preocupa demais — a acalmou Valerie. — Estão só flertando. Não há nada de mal nisso, não acha?

— O que quer que seja, não têm por que fazê-lo em frente de todo mundo — replicou Antoinette exasperada.

— Acalme-se, todos sabemos como é Laila Al-Khalili. Meu Deus! Essa menina flertaria com qualquer um, inclusive com homens suficientemente adultos para serem pais dela. Se fosse você, não me preocuparia — tranquilizou-a.

Antoinette fez uma tentativa tardia de mudar os Al-Khalili da mesa principal onde se sentariam seu marido, seu prendado filho e ela, mas Jean

François já tinha dado um jeito de ocupar uma mesa para dois com Laila, no extremo do jardim. Ali passaram a noite, alheios aos olhares e comentários do resto dos convidados, dedicados a olhar-se ternamente nos olhos.

— Quando a verei novamente? — perguntou Jean François enquanto serviam o café e os *petits macarons*.

— Gostaria de dar um passeio de barco pelo Mediterrâneo? — sugeriu Laila.

— Amanhã?

Laila negou com a cabeça.

— Vá ao porto esportivo em dois dias, às dez da manhã, e procure o *Laila*. Te pego ali — propôs antes de se levantar da mesa e se afastar sem olhar para trás.

No dia seguinte, Mohammad e Yamila saíram de viagem para Istambul. Quando se foram, Laila deu ordens para que preparassem o iate.

— Lina, certifique-se de haver champanhe e caviar suficientes a bordo — pediu a sua empregada.

Na manhã do encontro, Laila foi ao porto esportivo com Lina e viu Jean François, que esperava há uma hora. Sua ansiedade a incomodou. Gostava de desafios e este parecia não estar à altura. Mas como estava disposta a perder a virgindade com aquele homem, decidiu fazer vistas grossas. Permitiu que ele a ajudasse a subir a bordo e, enquanto Lina os instalava, deu ordens ao capitão para zarpar e se dirigir ao norte, margeando a costa até o golfo de Chekka, para poder desfrutar de um litoral especialmente atraente.

Conforme a manhã avançava e tomavam champanhe, Jean François se tornou cada vez mais amoroso e não parecia esperar outra coisa para consumar seu desejo de possuí-la ali mesmo, no iate. Mas Laila tinha outros planos. Tinha organizado aquele passeio de barco unicamente para abrir-lhe o apetite para o que lhe reservava.

— Posso acompanhá-la à casa? — perguntou Jean François quando chegaram ao porto no cair da tarde.

— Obrigada, mas vou com Lina. Não correrei nenhum risco — respondeu Laila com uma interpretação errada deliberada de suas intenções.

— Sim, claro — aceitou, visivelmente decepcionado.

Laila se compadeceu dele.

— Gostaria de jantar comigo, monsieur De Maupin? — propôs depois que ele tinha feito uma reverência para se despedir e tinha pegado a mão dela para beijar, retendo os lábios sobre ela.

— Sem dúvida — respondeu com voz rouca, o que fez com que Laila tivesse de reprimir um sorriso.

— Bem, então venha a minha casa às nove.

Retirou a mão sem mais e entrou no coche que a esperava para levá-la, com Lina, à residência dos Al-Khalili.

Adorava teatralizar e estava decidida a explorar seus dotes ao máximo naquele acontecimento fundamental de sua vida. De maneira que quando Jean François chegou à grande porta de ferro da mansão às nove em ponto, foi conduzido por um criado ao jardim aromático até chegar a dois lances de escadas, depois das quais percorreu o que lhe pareceu um corredor interminável. Finalmente se viu em um cômodo com uma piscina de água cristalina, na qual tinham sido jogadas pétalas de rosa. Havia almofadões suntuosos em toda parte e uma brisa suave soprava através das cortinas de chiffon dourado da mais fina seda. Uma mescla de aromas inebriantes, de canela, cravo, jasmim e lírio, pairava sobre o ambiente. “Parece uma cena tirada de um antigo harém”, pensou Jean François enquanto esperava sua anfitriã.

Laila apareceu por fim coberta dos pés à cabeça de chiffon negro. Colocou-se diante dele e, sem dizer nada, tirou lentamente o véu. Jean François segurou a respiração. À luz de velas, seus cabelos longos e

castanhos pareciam salpicados de ouro. A pele estava empoada em cor de café. Tinha delineado os olhos com kohl e colocado rímel em tons de verde dourado nos cílios, o que ressaltava a cor de seus olhos.

Enquanto Jean François tentava recobrar a calma, Laila serviu-lhe vinho antes de se recostar sobre os almofadões e olhá-lo de forma provocante por cima de seu copo. Tinha preparado um narguilé e o convidou a compartilhá-lo. O tabaco os relaxou e depois fizeram amor suavemente; Jean François não sabia que ela era virgem e era o que Laila queria.

Jean François voltou à embaixada francesa ao amanhecer e sonhou com ela. A partir de então, teve de se conformar com seus sonhos. Laila declinou cortês, mas firmemente, seus convites posteriores e tentativas de vê-la antes de regressar a Paris. Conseguira.

Laila começou a preferir estrangeiros mais velhos e ricos, com menos complicações potenciais — funcionários de alto escalão em visita oficial e homens de negócio endinheirados — e, com o tempo, suas conquistas chegaram a incluir o embaixador francês que sucedeu ao pai de Jean François. Essas escorregadelas não passavam despercebidas. O ambiente social de Beirute ainda era reduzido e, especialmente as mulheres que se sentiam ameaçadas por ela, não aprovavam seu comportamento libertino e sua falta de respeito pelo estado civil de seus parceiros.

Os pais de Laila, que passavam longas temporadas ausentes, demoraram um tempo até se dar conta dos mexericos, mas quando finalmente souberam, Mohammad exigiu a Yamila que falasse com a filha e descobrisse o que estava acontecendo. Nenhum dos dois acreditava que o que tinham ouvido sobre sua filha adorada fosse verdade.

Yamila bateu na porta do quarto da filha. Quem abriu foi Lina, a empregada com quem ela tinha mais relação.

— Onde está a Laila?

— Vestindo-se, senhora.

— Lina — chamou Laila do quarto de banho.

Lina ficou paralisada e olhou para Yamila antes de responder. Então a porta do quarto de banho se abriu de supetão.

— Lina! Quando te chamo quero que você venha na hora! O que aconteceu? Ficou surda?

Laila se calou ao ver a mãe.

— Ela estava falando comigo — justificou Yamila com voz calma.

— Mas preciso dela, mamãe. Ela tem de acabar de me pentear. Vou sair e volto tarde.

— Aonde você vai? Seu pai e eu acabamos de voltar e esperávamos jantar com você.

— Não posso ir, tenho uma festa. Podemos comer amanhã. Esta semana estou muito ocupada.

— O que está acontecendo, minha filha? Há vários rumores e estamos preocupados com você.

— Mamãe, você sabe como as pessoas gostam de falar. Você é que me disse que as pessoas sempre procurariam o que dizer, porque têm ciúmes de mim.

— Sim, Laila, mas as fofocas também podem te prejudicar. Ouvimos dizer que você vai a festas demais nas quais corre champanhe e que você fuma o narguilé.

— Mamãe, todo mundo faz isso. No mercado todos andam com um chá e um cachimbo na mão.

— Laila, eles são homens do mercado e você é Laila Al-Khalili. Quer se comparar a eles?

— Claro que não! — replicou olhando a mãe com insolência. — Simplesmente estou tentando explicar que nesta parte do mundo o narguilé faz parte de nossa cultura e que não deveria se escandalizar tanto.

— Chega! Não vou discutir com você. Você tem de parar de fazer isso!

— Muito bem, vou parar — afirmou Laila dando de ombros para dar a entender que essa não era definitivamente sua intenção.

— Precisamos organizar um casamento conveniente para você e as boas famílias vão retirar suas propostas se você continuar se comportando dessa forma — garantiu Yamila com um tom que passara a ser suplicante.

Laila se afastou dela.

— Não poderíamos falar de tudo isso amanhã? — sugeriu por cima do ombro enquanto se dirigia ao banheiro. — Droga, agora vou ter de me pentear de novo.

Aquelas foram as últimas palavras que Yamila ouviu antes de fechar a porta com força.

— E então? — perguntou Mohammad quando se encontrou com ela no salão, onde andava de um lado para outro com um copo de vinho na mão.

— Você sabe que sua filha é muito teimosa...

— Sei — replicou impaciente. — O que está acontecendo? Como é possível que tenha uma reputação tão ruim? Foi tão bem educada. Demos tudo o que queria. Confiamos nela quando íamos...

— Mohammad, ouça-me — interrompeu a mãe. — Por que não a levamos em nossa próxima viagem? Nunca saiu de Beirute. Esta cidade é seu único mundo e ela acha que é seu centro. Mas no exterior há muitas meninas bonitas e bem vestidas. Então vai notar que não é a única e que deveria ter mais cuidado com sua reputação.

— E se o tiro sair pela culatra?

— O que temos a perder?

Mohammad não soube responder.

Assim, como presente de aniversário de dezessete anos, Laila acompanhou seus pais a Paris. Alugaram um apartamento elegantemente mobiliado em uma travessa da avenida Kebler durante seis semanas. Como de hábito, Mohammad e Yamila lhe concederam todos os caprichos.

Jantaram no Maxim's e na Tour d'Argent, compraram tudo de que gostou na Chanel, Dior e Madame Gres e gastaram uma fortuna na Guerlain e Hèrmes, na última tentativa de subornar a filha. E, enquanto estavam em Paris, funcionou. Mas quando voltaram a Beirute, no início da temporada social de outono, Laila se esqueceu na hora de todas as promessas que tinha feito e voltou às antigas. Na verdade, sua reputação piorou ainda mais, já que suas aventuras começaram a ser mais frequentes, e suas conquistas de maior vulto.

Um dia em que seus pais estavam viajando, Laila decidiu dar um passeio pelo mercado, no centro histórico da cidade. Procurava alguma coisa para dar de presente surpresa a um de seus amantes. Os olhos dos vendedores não deixavam de segui-la enquanto ia de uma banca a outra. Absorta como estava em sua busca, não se deu conta de que era o centro das atenções, até que ouviu uma voz que se dirigia a ela.

— Uma jovem bonita como você não deveria andar sozinha pelo mercado.

Era uma voz autoritária mas sensual, com certo sotaque inglês. Laila voltou-se, mas o homem estava à sombra. Colocou a mão sobre os olhos e se aproximou da penumbra para conseguir vê-lo. Não era alto, mas o suficiente para que precisasse levantar a vista. Tinha os olhos cor de âmbar, cabelo castanho claro penteado para trás, com um topete que lhe caía sobre o olho esquerdo, e pele clara mas bronzeada. Usava uma camisa branca de linho aberta e Laila notou a gota de suor que deslizava de seu pescoço para o peito. O homem tirou um lenço da calça cáqui e se secou sem deixar de olhá-la.

— Agradeço, mas não se preocupe, conheço bem o mercado.

— Não tenho dúvidas, mas não deixa de ser um mercado no Levante — respondeu muito sério.

— Bem, então talvez o senhor queira me acompanhar para que eu me sinta mais segura — sugeriu em tom insinuante.

— Já estava fazendo isso, sem que me visse.

Laila sorriu. Virou-se e começou a andar, mas a passos lentos, convidando-a para que a seguisse. Quem era? Tinha visto homens mais bonitos em sua vida e era muito mais jovem do que os que costumava gostar, mas tinha algo que a atraía. Enquanto passeavam juntos, começaram a falar com toda a naturalidade, a escolher objetos e a comentar suas qualidades. Laila parou em um dos boxes no qual havia narguilés feitos a mão e ouviu que seu acompanhante falava em árabe com o vendedor, apesar de não conseguir entender o que dizia. Como não estava interessada em comprar um, continuaram andando até que o desconhecido propôs que tomassem um chá com hortelã.

— Adoraria, mas tenho um compromisso para o almoço — replicou Laila. Era verdade.

— Que tal amanhã?

— Sim, amanhã está bem.

— Marcamos aqui, em frente ao salão de chá, neste mesmo horário?

— Sim — respondeu sorrindo.

— Muito bem, vou adorar vê-la novamente — despediu-se com uma reverência.

Laila voltou a sorrir e pôs-se a andar.

— Você não se lembra de mim, não é? — ouviu que ele dizia às suas costas.

Virou-se, mas já tinha desaparecido. Notou que o coração batia com força e que só conseguia pensar em vê-lo novamente. Esteve a ponto de sair correndo atrás dele para dizer que tinha mudado de planos e que podia ficar, mas não o fez. Como seria seu nome? Por que deveria se lembrar dele?

Lembrou-se enquanto voltava para casa de coche. Ele frequentara o liceu, era alguns anos mais velho do que ela. Já o tinha surpreendido olhando-a à distância, mas nunca tinham se falado. Naqueles tempos não

tinha lhe dado importância porque sobravam atenções por parte de outros garotos. Por que tinha se comportado com tanto distanciamento?

No dia seguinte, Laila Al-Khalili, a glamurosa e solicitada garota mais sexy de Beirute, se apaixonou pela primeira vez, enquanto tomava uma xícara de chá.

♦

Aatish Tasser era um jovem sírio nascido em Damasco e as origens de sua família remontavam ao tempo das Cruzadas. Estava em Beirute pesquisando para escrever um romance histórico sobre seus antepassados. Era um homem simples, mas inteligente e pobre. Tinha alugado um apartamento tão pequeno sobre uma loja do mercado que só cabia uma cama, uma mesa e uma cadeira. Entretanto, desfrutava de uma vista espetacular da praia e do Mediterrâneo. Laila adorava contemplar o pôr do sol da janela e ver como a cor do céu mudava, de azul intenso para turquesa, turmalina, violeta, roxo e anil, até se converter em um negro azulado profundo e escuro.

Apesar de Aatish estar louco por Laila, relutava em fazer parte de sua vida social, a acompanhá-la a festas que lhe pareciam frívolas — conversas sem substância com muito álcool — ou a aceitar o comportamento decadente de alguns de seus amigos. Laila não o animou a conhecer seu círculo íntimo. Não que tivesse vergonha dele, pelo contrário, o adorava, mas sabia perfeitamente que ele não se encaixaria. Também sabia que seus pais não gostariam dele como possível pretendente, então manteve sua relação em segredo. Não foi difícil, já que quando começou a vê-lo com mais frequência seu interesse pela vida social de Beirute diminuiu drasticamente. Os galanteios dele eram os mais simples: Aatish lhe comprava um sorvete e um chá com hortelã, em vez de champanhe e caviar; davam passeios pela praia; iam ao cinema; conversavam sobre o

livro e a vida; e ele a sondava com intenção de saber quem era realmente. Laila se sentia enfeitiçada porque um homem a levava a sério, alguém interessado em mais do que sua beleza física, que não podia lhe oferecer as mesmas prebendas materiais com as quais os outros pretendentes a assediavam e que, apesar disso, não se sentia inferiorizado por não poder fazê-lo.

Era a primeira vez em sua vida que tinha contato com outra religião. Seus pais não eram religiosos e tinha crescido sem observar formalmente a fé. Aatish era muçulmano praticante e lhe ensinou que a fé era uma qualidade importante, a fé em si mesmo e nos demais.

— Então a fé significa que você confia plenamente em mim quando vou muito arrumada e sensacional às festas? — brincou certa vez.

— É claro — respondeu Aatish seguro de si.

— E como pode ter certeza de que sou fiel a você? Sobretudo agora que me conhece e que está inteirado das minhas aventuras, quase tantas quanto as pessoas comentam — insistiu, começando a falar sério. Tinha sido absolutamente sincera com ele e ficou aliviada ao notar que não a havia julgado, mas se limitara a ouvi-la, aceitá-la e gostar dela.

— Se você enjaula um pássaro ele sempre tentará escapar, mas se o deixa voar com liberdade há muita probabilidade de que volte por vontade própria.

Falou a ela sobre o Islã e descreveu a beleza e tolerância inerentes a sua religião, omitindo o fanatismo que tinha sido introduzido pelos sultões e pelos turcos durante os séculos XIV e XV.

Laila pensou que abraçar as crenças de Aatish a aproximaria mais dele e começou a ler o Corão. Também parou de beber e de fumar o narguilé, pelo menos na frente dele. E não porque ele tivesse pedido, mas porque queria fazer por ele.

— Se você gosta de tomar uma taça de champanhe de vez em quando, não deixe de fazê-lo por mim, amor — incentivou-a certa vez.

— Não, quero fazer por você.

— Não, querida, se fizer tem de ser por você, não por mim. Não me importa que se embriague todas as noites, continuarei gostando igualmente de você. Faça porque se sente bem em seu interior, não para me agradar.

Laila entendia o que ele queria dizer, mas mesmo assim o fez por ele. Começava a sentir respeito, admiração e paixão. Quando saía com seus amigos, às vezes tomava um copo ou fumava o narguilé, mas quando estava com ele não precisava disso. Assim começava a ruptura entre sua vida pública e sua vida privada, uma ruptura que, com o tempo, caracterizaria sua vida.

Quando fez amor pela primeira vez com Aatish, ele lhe deu um presente, um pequeno pomo para guardar kohl no qual havia hieroglifos antigos gravados. Tinha comprado no mercado no dia em que deparou com ela, com a esperança de um dia poder lhe dar de presente. Foi o que não conseguiu ouvir quando Aatish conversou com o vendedor. Quando abriu a caixinha em que estava guardado, seus olhos se encheram de lágrimas.

— Meu amor, não tinha a intenção de te fazer chorar, mas de te fazer feliz — afirmou enquanto a consolava em seus braços.

Mas Laila continuou chorando em seu ombro, porque soube que o amava nesse momento tão inicial de sua relação. Também sabia que seus pais jamais deixariam que se unisse a ele, algo que havia afastado de sua mente o quanto podia nas semanas em que estavam juntos.

Quando ficou sem lágrimas, abriu o fecho da corrente de platina que usava no pescoço, tirou o pingente de diamantes, e pendurou o pomo para kohl. Aatish ajudou-a a fechar enquanto ela afastava o cabelo longo, castanho e brilhante. Foi ao pequeno espelho que havia no banheiro para ver como ficara e Aatish a seguiu. Observou seu reflexo ruborizada, com os olhos brilhantes e o cabelo solto, e tocou suavemente o pendente em forma de pentáculo.

— É muito bonito, muito obrigada — afirmou sentindo que as lágrimas voltavam a se acumular em seus olhos.

— É você que o torna bonito — corrigiu-a, enquanto a contemplava no espelho e a rodeava com seus braços. Os dois sorriram alegres diante de seu reflexo entrelaçado e gravaram aquele momento na memória.

Durante aquelas primeiras semanas a vida em casa continuava como sempre. Mohammad Al-Khalili continuava prosperando e tinha conseguido contratos lucrativos para reconstruir certos trechos do canal de Suez. Estava concentrado em seu trabalho e não em sua filha rebelde, e Yamila estava contente com sua melhora evidente de humor e comportamento. Mas uma noite em que Mohammad e Yamila estavam a ponto de sair de uma festa, Mohammad saiu para chamar o chofer e ouviu uma conversa que arruinaria tudo.

— Você sabe como Al-Khalili conseguiu esses contratos? — disse uma voz no momento em que Mohammad se escondia em um nicho para poder continuar ouvindo sem ser visto. — Graças à filha.

— Sim, ela parece estar sempre no lugar certo na hora certa — afirmou outra voz entre risinhos. — Não estranho que ele lhe dê tanta liberdade e a deixe sair sozinha. Segundo me disseram, ela fez com o embaixador francês e o inglês.

— Ao mesmo tempo?

— Foi o que escutei.

Mohammad ficou paralisado quando os homens se puseram a rir. Depois se afastou, pois não queria que o vissem. Era um cidadão sério e honrado e, apesar disso, as pessoas falavam de sua filha como se fosse uma prostituta e o ridicularizavam por induzi-la a sê-lo. Isso não podia continuar assim. Estava tão furioso que foi incapaz de articular palavra a caminho de casa, apesar de Yamila lhe perguntar várias vezes o que estava havendo.

— Onde está minha filha? — gritou para os criados quando abriu a porta.

— Deixe-me averiguar, senhor. Vou perguntar às camareiras de mademoiselle — disse o mordomo.

Mohammad se serviu de um grande copo de uísque e esperou em silêncio junto a Yamila.

— Mohammad, o que está havendo? Diga-me, por favor — atreveu-se a perguntar finalmente.

— Se quer saber, a cidade toda fala de nossa filha como se fosse uma prostituta e, segundo dizem, eu me faço de proxeneta para favorecer meus negócios. Foi isso que ouvi quando saíamos da festa.

— Não pode ser verdade — exclamou Yamila horrorizada. — O que acontece é que é muito bonita e as pessoas têm ciúmes por todo mundo prestar atenção a ela, mas...

— Pare com isso, Yamila! Já ouvi demais suas desculpas. Acabou!

— Monsieur, mademoiselle não está em casa. Está em uma festa no hotel Ambassador — informou-lhe o mordomo, que acabava de voltar.

— Mande um chofer buscá-la agora mesmo! — ordenou.

O mordomo assentiu e saiu.

Laila não estava no hotel Ambassador, mas com Aatish.

Pensando que os pais não voltariam até as duas ou três da manhã, tinha decidido jantar com seu amante antes de sair à uma hora para poder estar na cama antes de chegarem em casa. O casal acabava de fazer amor quando se ouviu uma batida tímida na porta.

— Quem é? — perguntou Aatish.

— É a Lina, senhor. Estou procurando a mademoiselle, é muito importante que ela volte para casa.

— O que houve, Lina?

— Mademoiselle, seu pai voltou cedo com sua mãe e está furioso. Perguntou onde estava e o mordomo lhe disse que estava no hotel Ambassador com amigos.

— Ele mandou um chofer me buscar?

— Sim, mas não se preocupe. Tenho um táxi nos esperando. Vai nos levar ao hotel e dali voltamos com o chofer — sugeriu Lina.

— Você é um anjo — disse Laila, e depois se calou. — Mas o que faço? Jamais teria ido ao Ambassador vestida assim.

— Deixei um vestido na parte de trás da casa, perto dos quartos dos criados. Se não se importa, pode se trocar em meu quarto antes de entrar.

— Que faria sem você, Lina? — perguntou Laila aliviada.

— Temos de correr — apressou-a, enquanto corriam pelo mercado em direção ao táxi.

Um pouco mais tarde, vestida e composta, entrou no salão onde estavam seus pais, fingindo estar zangada.

— Papai, a festa estava fantástica, por que me fez voltar? — perguntou tirando as luvas de veludo e jogando-as em uma cadeira. Olhou de soslaio para sua mãe, para ver se a expressão dela denotava alguma coisa.

— Que festa? Você não me disse nada — alfinetou Mohammad com uma voz tão suave que Laila soube que estava muito zangado.

— Bem, não havia o que contar. Era no Ambassador...

— E que embaixador era, Laila? — perguntou com sarcasmo.

— De que está falando?

— Perguntei que embaixador...

— Eu ouvi. Era o hotel, papai — interrompeu-o confusa.

— Bem, segundo ouvi, você já esteve com o francês e com o inglês juntos, talvez com outros mais.

— Como o senhor pode acreditar nessas besteiras? É totalmente ridículo! — exclamou visivelmente desconcertada.

— Seja verdade ou mentira não vou permitir que se fale de minha filha dessa maneira. A partir de agora você não sai de casa sem companhia. E vai se casar assim que sua mãe e eu encontrarmos um marido conveniente.

— Mas papai — começou a protestar.

— Vá para seu quarto! Saia de minha frente!

Quando Yamila e Mohammad foram ao Cairo na semana seguinte, nada pôde impedir Laila de continuar a ver Aatish ou que participasse da festa de aniversário do embaixador inglês, que nem sequer conhecia. Aquela festa em 1934 foi uma noite fundamental em sua vida, já que, nela, o pai de Zahra, Kamal Ajami, viu pela primeira vez a mulher que se tornaria sua esposa.

♦

Kamal Ajami era um palestino nascido em Biblos em 1908, no seio de uma família em que já tinham nascido quarenta e três filhos. Seu pai, Khaldun Ajami, teve ao todo seis esposas, quatro ao mesmo tempo, segundo a tradição muçulmana. Khaldun se casou com sua última mulher aos setenta e nove anos e sua jovem esposa, Hanan, filha do ulemá local, tinha dezesseis.

O pai de Hanan estava desesperado para casá-la e Khaldun, entediado, começava a se sentir velho. Então um dia em que um grupo de homens, entre os quais estava Khaldun e o ulemá, estavam tomando um chá de hortelã e fumando uma *hookah*[1], o ulemá sugeriu que, para aliviar seu tédio e voltar a sentir-se jovem, precisava se casar com uma jovem virgem. Acrescentou também que sua filha era bonita e estava disponível. Hanan não era realmente bonita. Se fosse, teria se casado no primeiro dia em que ficou menstruada. Apesar de também não ser feia, simplesmente simples e calada, não tinha o mesmo brilho de suas irmãs.

Um ano depois de se casar com um homem suficientemente mais velho para ser seu avô, teve um filho, Kamal, e um ano depois seu irmão Khalil.

Kamal Ajami foi o quadragésimo segundo filho de Khaldun. Quando chegou a Beirute em 1927 não tinha muito dinheiro, mas era jovem, entusiasmado e cheio de energia. Logo se deu conta de que enquanto

Biblos era um centro comercial, Beirute era a capital dos bancos do mundo árabe e começava a se tornar conhecida como a Suíça do Oriente Próximo devido a seu poder financeiro. Kamal esqueceu-se do comércio e decidiu ser banqueiro. Os franceses continuavam tendo presença importante no Líbano e na Síria, então conseguiu um cargo mediano no Banco da Síria e Líbano, empresa privada francesa, e valeu-se de seu posto para começar a fazer seu nome na sociedade de Beirute.

Quando o convidaram para a festa de aniversário do embaixador britânico pensou que estava com sorte e quis aproveitar a ocasião para fazer o máximo possível de contatos. Mas seus planos mudaram quando viu Laila Al-Khalili. Nem tanto por ela ser bonita, o que sem dúvida era, mas porque tinha presença, uma aura de autossuficiência. Usava um vestido negro de cetim que parecia ter sido costurado sobre seu corpo. Não tinha alças e a saia tinha uma fenda na parte da frente que lhe permitia caminhar. Sobre o vestido justo tinha colocado uma echarpe de chiffon estilo império, um toque de recato e elegância. Usava uma estola de vison e pequenos brincos de diamantes. Nenhum desses detalhes escapou ao olhar de Kamal.

Depois de observar que falava e conversava com vários homens, reuniu coragem suficiente para se apresentar.

— Permite-me a ousadia de dizer-lhe que me cativou tão total e absolutamente com sua beleza deslumbrante que não pude parar de olhar para você a noite toda? — disse de um só fôlego. Depois, preocupado por ter falado demais, acrescentou: — Não se ofenda, por favor, mas realmente penso que você é a mulher mais bela que já vi em toda minha vida.

Kamal era um homem razoavelmente bem apessoado. Também parecia bem educado e seus elogios eram honrados e sinceros, tanto que Laila sorriu.

— Obrigada — limitou-se a dizer antes de esquecer-se dele por completo.

Mas Kamal não a esqueceu. Além de ficar fascinado por sua beleza e seu intrigante ar de indiferença, logo soube que sua família era uma das mais importantes de Beirute. Se se transformasse em sua família política, sem dúvida passaria a fazer parte da nata da sociedade de Beirute. Também tinha ouvido dizer que Laila era muito teimosa e promíscua, mas diante das demais vantagens que poderia ter casando-se com ela, decidiu relevar esses defeitos. Não demorou a escrever para Mohammad para pedir um encontro.

Poucos dias depois, Laila voltava para casa depois de passar uma tarde terna despedindo-se de Aatish, que naquela mesma noite faria uma de suas viagens de pesquisa, e deparou com seus pais sentados na sala com Kamal Ajami, a quem praticamente não reconheceu. Logo imaginou que tinha ido pedi-la em casamento, e não se enganou.

Tinha chegado às cinco em ponto. Ofereceram-lhe chá e *mezze*. Tinha se esmerado no vestir e inventado uma história sobre seu passado na qual não chegara a mentir, mas exagerou bem nos detalhes. Falou em francês e explicou que seu pai era um famoso engenheiro em Biblos, que tinha estudado Assuntos Internacionais, Econômicos e Bancários na Universidade Americana do Cairo, que agora trabalhava no Banco da Síria e do Líbano, e que seu cargo estava abaixo apenas do vice-presidente. Foi tão convincente que os Al-Khalili aceitaram com entusiasmo sua proposta e estipularam a data do casamento.

Quando sua mãe comunicou-lhe a notícia, Laila explodiu. Sabia que seus pais queriam casá-la e que desejavam uni-la a alguma das melhores famílias do Líbano, sem importar o que ela pensava, mas não os levara a sério quando disseram que seria logo. Aatish e Laila estavam esperando a publicação do livro antes de confessar aos pais dela o amor que sentiam um pelo outro. Laila sabia que se declarasse seu amor por um homem abaixo das expectativas sociais de seus pais e se negasse a casar com um que estivesse, havia muitas possibilidades de que fosse deserdada, mas

estava disposta a correr o risco. Tinha de estar com Aatish. Era simples assim.

— Achei que você ficaria encantada — respondeu Yamila pouco convencida. — Você precisa entender. Já é hora de assentar a cabeça. Suas loucuras são a fofoca de toda Beirute e todos esses rumores afetam a reputação de seu pai, sem falar nas oportunidades de encontrar um bom marido.

— Os negócios de meu pai não me importam! — gritou Laila sem deixar de andar de um lado para outro do quarto.

— Pois deveriam importar, não se esqueça de que são o que paga seus caprichos.

— Tanto faz! Prefiro viver em uma choça e me vestir com farrapos!

— Calma, Laila — replicou Yamila rindo. — Sei que não é verdade. Você adora o luxo.

— Por que meu pai se importa com o que faço?

— Porque quando as pessoas falam mal de você, isso repercute nele como pai e como homem. Ele não merece. Além disso, você já tem vinte anos e já deveria ter se casado faz tempo — sentenciou a mãe com firmeza.

— Mas não quero me casar com Kamal Ajami! Não gosto dele! — replicou gritando.

— Ele nos disse que vocês tiveram uma conversa agradável na festa do embaixador britânico. Além disso, por que você não gosta? É bonito, vem de uma família respeitável de Biblos e tem uma carreira promissora no banco. Vai cuidar bem de você.

— Mas, mãe, nem o conheço.

— Eu também não conhecia seu pai muito bem quando me casei com ele. Nossas famílias tinham muita relação, é verdade, mas só o conheci de verdade depois que nos casamos.

— Mas quero me casar com alguém de que goste e essa pessoa não é Kamal Ajami.

— Você vai aprender a gostar, Laila. Chega de discussão. Seu pai decidiu que você vai se casar com ele e não vai tolerar objeções.

— Mas mãe... Estou apaixonada por outra pessoa — confessou desesperada.

Yamila, que já estava na porta, voltou-se. Supôs que ela tinha alguma relação com um homem casado.

— Acabe o que tiver, seja com quem for. Você vai se casar com Kamal Ajami.

Não a interessava saber por quem Laila estava apaixonada. Em sua opinião, a filha era mal-agradecida por tudo o que tinham feito por ela e casar-se com um banqueiro sério era o que ela precisava para emendar sua reputação de menina malcriada. Quanto antes, melhor.

— Não vou me casar! — gritou, mas Yamila já tinha saído do quarto.

Laila estava frenética. Tinha de haver escapatória. Sempre tinha encontrado uma maneira de se livrar do que não queria fazer. Mas, para poder pensar, primeiro tinha de se acalmar e localizar Aatish imediatamente, algo que não seria fácil.

Aatish estava a caminho da Turquia, onde passaria algumas semanas pesquisando e depois tinha planejado ver sua família na Síria. Demoraria quatro meses para voltar a Beirute, quando seria final da primavera. Além de pesquisar para o livro, duas revistas norte-americanas, a *Time* e a *Life*, tinham lhe encomendado várias reportagens. Laila acreditava que ele ligaria para ela do primeiro lugar onde parasse, mas os dias passavam e não tinha conseguido falar com ele. O que ele fizera foi enviar telegramas nos quais dizia quanto a amava e quanto sentia saudades, pedia que não se preocupasse e garantia que entraria em contato assim que chegasse a Istambul.

Laila ligava para o hotel Saint Sophia em Istambul todos os dias com a esperança de que Aatish tivesse chegado, mas sempre obtinha a mesma resposta: prometiam fazer sua mensagem chegar ao senhor Tasser. Chegou

mesmo a ligar para a casa dos pais em Damasco e falou com a mãe dele, ainda que com certa reserva. Não era o melhor momento para conhecê-la.

— Então é você a mulher que roubou o coração de meu filho? — perguntou-lhe Aziza Tasser com carinho.

— Ele ligou para a senhora? Sabe onde está ou como posso entrar em contato com ele? — perguntou Laila.

— Nos enviou vários telegramas, querida, mas não sei exatamente onde está. Suponho que ligará quando chegar a Istambul. Talvez devesse deixar-lhe uma mensagem no hotel — sugeriu.

— Já fiz isso.

— Sei que o amor é impaciente, querida, mas tenha paciência, vocês têm toda a vida pela frente.

"Não tenho!", pensou. Não sabia como, nem se devia comentar a situação em que se encontrava, então preferiu manter silêncio.

— Tudo o que está escrito vai acontecer — tranquilizou-a e Laila não soube o que dizer.

Nesse momento, Aatish tinha chegado aos arredores de Istambul e estava acampado em uma escavação arqueológica. Seu plano consistia em percorrer a mesma rota da Segunda Cruzada em 1100, mas tinha tido de desistir do intento por problemas burocráticos que atrasaram sua volta a Damasco e, consequentemente, sua volta a Beirute. Como tinha esgotado o tempo para escrever as reportagens para as revistas, decidiu redigi-las e enviá-las aos editores antes de voltar a seu trabalho de pesquisa. Poucos dias antes de chegar à escavação, ligou para o hotel Saint Sophia para perguntar se havia mensagens para ele e soube que Laila o havia procurado várias vezes. Desconhecendo o motivo, percorreu vários quilômetros até encontrar um telefone para ligar para ela. Quem atendeu foi Yamila Al-Khalili.

— Ah, sim, Aatish! Claro que me lembro de você! Ia ao colégio com Laila. Como vai?

— Bem, muito obrigado, senhora Al-Khalili. Neste momento estou em Istambul e soube que Laila me ligou.

— Ah, sim? Não comentou nada. Não sabia que continuavam em contato.

— Bem, tropeçamos um no outro há um tempo — improvisou com cautela.

— Ah, isso explica tudo. Sinto muito, mas ela não está. Foi fazer compras. Aviso que você ligou.

— Obrigado. Poderia dizer-lhe que onde estou não há como entrar em contato, mas que ligarei outra hora?

Yamila desligou o telefone intrigada e se perguntou por que ele teria ligado para sua filha. Pelo que se lembrava, era impossível que fosse seu pretendente, então não suspeitou de nada, só ficou surpresa.

Mais tarde, durante o jantar, mencionou de passagem que ele havia ligado, mas que não podia ser localizado onde estava. Laila não disse nada, mas se levantou da mesa e foi para o quarto.

— O que acontece? — perguntou Mohammad Al-Khalili. Yamila deu de ombros. Nesse mesmo momento Laila estava agarrada à banheira tentando conter a frustração e a raiva que desejava liberar. Por que tinha ido às compras justamente nessa tarde? Sua mãe suspeitaria de que havia alguma coisa entre os dois?

Na manhã seguinte decidiu ir atrás dele em Istambul. Não tinha a menor ideia de como ir e muito menos do que fazer quando chegasse ali. Mas no final não conseguiu passar da porta de casa. Mohammad Al-Khalili estava determinado a impor sua vontade e, para garantir que sua filha se casaria com Kamal Ajami, tinha ordenado que não saísse sem acompanhante e que não a deixassem só nem por um momento. Seus protestos só conseguiram adiantar a data do casamento, o que provocou uma infundada especulação nos círculos sociais de Beirute sobre a possibilidade de que estivesse grávida. Laila estava cada vez mais abatida.

Dando-se por vencida, recorreu ao narguilé sem parar e a pedir que Lina colocasse mais e mais haxixe na mistura de tabaco.

Aatish tentou ligar várias vezes, pois era a única coisa que podia fazer naquelas circunstâncias, mas sempre era atendido por algum dos criados, que tinham ordens estritas de não permitir que a senhorita falasse com ninguém fora de um grupo limitado de amigos e familiares. Temeroso de que abrissem e lessem suas cartas, enviou telegramas, mas Laila nunca os recebeu. O mordomo levava a correspondência para Mohammad, que jogava no lixo sem abrir tudo o que fosse destinado a sua filha.

Enquanto Aatish, que não sabia o que estava acontecendo em Beirute, se concentrou em finalizar as reportagens e continuar sua pesquisa, sua amada Laila foi obrigada a se casar com Kamal Ajami em uma cerimônia organizada às carreiras, ainda que nem por isso simples, à qual compareceram todos que eram alguém em Beirute. Mohammad cobriu todo o jardim com uma tenda tradicional árabe colorida com belas almofadas persas sobre o gramado. Foram colocados sofás baixos e grandes almofadas de seda de um lado, o que dava espaço suficiente para que os convidados confraternizassem. Lanternas coloridas emitiam uma luz suave e os arbustos de jasmim inundavam o ambiente com sua fragrância exótica.

Em um extremo do jardim foi servido um bufê espetacular preparado pelo cozinheiro da casa e um exército de ajudantes e criados. Também foram colocadas mesas redondas cobertas com sedas douradas e cor de açafrão, para quem quisesse desfrutar sentado do banquete. Antes do jantar, outro exército de criados ofereceu aos convidados bandejas com aperitivos e bebidas, como complemento ao bar instalado na varanda. A temperatura estava perfeita para a festa ao ar livre que começou ao anoitecer, quando os músicos começaram a tocar.

Mohammad e Yamila permaneceram perto da entrada do jardim para cumprimentar pessoalmente todas as pessoas possíveis dentre os mil convidados que participaram da festa. A cerimônia tinha sido celebrada

algumas horas antes na presença dos ulemás, Mohammad, Yamila e alguns amigos íntimos. Quando terminou, Laila e Kamal trocaram de roupa e Laila chegou ao banquete em uma liteira carregada por quatro homens da família. Kamal chegou depois em um Rolls Royce, vestido com um casaco largo, calças e uma capa tecida com fio de ouro. Sentou-se diante de Laila, separados por uma cortina de seda vermelha.

Quando a abriram e o casal conseguiu se enxergar já convertidos em marido e mulher, foram distribuídas taças de champanhe e começou a celebração enquanto as mulheres da família Al-Khalili proferiam ululações. Kamal e Laila se levantaram e foram se sentar para receber os parabéns e os presentes dos convidados. Laila só conseguiu suportar tudo aquilo porque estava completamente entorpecida, o suficiente para fingir que estava se casando com Aatish e não com Kamal. Manteve os olhos vidrados durante toda a festa, mas ninguém percebeu.

No dia seguinte, Yamila pendurou com orgulho os lençóis manchados de sangue no terraço do quarto em que os recém-casados tinham passado a noite. Ninguém podia ter certeza absoluta se era verdade, mas aquilo ajudou a calar os rumores de sua possível gravidez.

Depois dos meses necessários à viagem de lua-de-mel do casal a Paris, paga por Mohammad Al-Khalili, Laila teve sua primeira filha, uma menina que recebeu o nome de Aisha e que era um retrato do pai; depois, em 1938, uma segunda, Hafsah. Foi então que a alta sociedade de Beirute realmente se abriu para Laila Al-Khalili, que tinha adotado o sobrenome Ajami, já que finalmente parecia ter voltado para o caminho da decência.

♦

Aatish Tasser chegou a Damasco em meados de abril de 1934, sem saber que Laila tinha se casado. Seus pais lhe deram calorosas boas-vindas. Assim como Laila, era filho único e o adoravam.

— O que mais tenho vontade é de tomar um bom banho — sussurrou enquanto abraçava a mãe. Aziza Tasser deu ordens para que enchessem a banheira com água fresca do poço, à qual acrescentou sais e pétalas de rosa. Enquanto olhava o centro velho a partir da banheira, pensou em Laila. Estranhou que não tivesse conseguido entrar em contato com ela e que não tivesse respondido os telegramas que enviara de Istambul. Começou a se perguntar se depois de sua partida teria sentido falta da vida que levava antes de serem amantes, quando era o centro das atenções em todas as festas, e se fazia bem ao afastá-la daquele mundo para que fizesse parte do seu. Mas, quando estava com ele, não era a célebre Laila, vestida e arrumada com perfeição. Para ele estava muito mais bonita quando não se arrumava, sem essas roupas, joias e maquiagem.

Depois de ficar um bom tempo na água, reuniu-se com seus pais no quintal da casa do século XV que tinham na parte antiga da cidade. Quis esperar um pouco antes de ligar para Laila, ligeiramente temeroso do que poderia escutar. Os três fizeram uma refeição tardia sob um toldo amplo que os protegia do caloroso sol primaveril. Aziza Tasser tinha preparado um banquete para o filho.

— *Umma*, isso está uma maravilha! Estou me sentindo um rei — disse, muito agradecido, ao contemplar a mesa cheia de *mezze*, os aperitivos que a mãe tinha preparado com tanto carinho. Tinha *homus*, *babaganoush*, folhas de parreira e repolho recheadas, quibe frito, salada de rúcula, cebola e radicchio, berinjelas fritas, *labneh*[2] com endro, uma grande cesta de pão caseiro, azeitonas, cebolas em vinagrete e castanhas tostadas.

— Que bom que gostou. Depois tem cordeiro assado — sorriu Aziza quando o jovem criado começou a passar as grandes bandejas com os aperitivos.

— Uau! — exclamou Aatish.

— Também preparei seu doce de sêmola preferido — acrescentou Aziza.

— Muito obrigado, *umma* — disse Aatish inclinando-se por cima da mesa para abraçá-la.

— Como vai o livro? — perguntou o pai, Omar, enquanto untava o pão com algumas daquelas delícias.

— Muito bem, *ubba*[3]. Consegui muitas informações na escavação nos arredores de Istambul.

Quando começou a falar de suas descobertas, a mãe o interrompeu de repente.

— Queria dizer antes, mas me esqueci. Laila ligou há algumas semanas. Parecia um pouco nervosa.

— Sim — disse Aatish ruborizando ao ouvi-la pronunciar esse nome. — Ligou também para o hotel de Istambul. Não consegui falar com ela, mas pensei em tentar novamente depois de comer.

— Tem uma voz muito bonita — comentou Aziza.

Aatish se pôs a rir.

— Ela é muito bonita, *umma*. É realmente linda.

— De quem vocês estão falando? — interveio Omar entre um bocado e outro.

— De ninguém que conheça — respondeu Aziza dando-lhe um tapinha na mão.

— Por que ninguém me conta nada nesta casa? — insistiu Omar.

— Estamos falando de uma moça que conheço. Chama-se Laila Al-Khalili — informou-lhe Aatish.

— Ah, já sei, é a linda moça libanesa que acabou de se casar.

Aziza derrubou a comida que tinha nas mãos e Aatish olhou fixamente para o pai.

— Do que você está falando, Omar? De onde tirou isso? — perguntou Aziza.

— Saiu nos jornais. Não faz muito tempo. Falaram da festa, do vestido que usava e de todos os detalhes que essas colunas sociais costumam

incluir.

— Com licença, *umma*? — perguntou Aatish em voz baixa.

— Claro, filho.

— Vou para meu quarto, preciso me deitar.

— O que foi que eu disse? O que aconteceu com ele? — perguntou Omar quando Aatish saiu.

— Nada, Omar. Está com o coração partido — respondeu Aziza penalizada.

— O que você quer dizer com o "coração partido"? Por quê? Quem partiu o coração dele? — perguntou Omar inquieto.

— Omar, como você pode ser tão cego? — repreendeu-o carinhosamente a esposa.

No andar de cima, Aatish estava sentado na cama e olhava as próprias mãos. Não sabia o que pensar nem o que fazer. Não conseguia acreditar no que acabava de ouvir. Sua amada Laila casada? Impossível. Quando partiu os dois se amavam e iam passar o resto de sua vida juntos. O que teria acontecido? Era por isso que tentara falar com ele? Uma lágrima caiu em sua mão. A essa lágrima solitária seguiram-se outra e mais outra e, sem se dar conta, começou a chorar. Caiu na cama e se encolheu para abraçar os joelhos. Quando se recuperou já era noite. Continuava sem conseguir acreditar que Laila, sua Laila, tinha se casado com outro. "É só um pesadelo", disse a si mesmo. "Logo vou acordar no apartamento do mercado e a terei em meus braços."

Mas quando o dia virou noite e, com o tempo, ele mesmo leu o relato sobre o casamento, teve de aceitar que Laila se fora. "Mas por quê?", repetia sem parar. "Achei que íamos nos casar, que estávamos esperando que eu acabasse o livro. Foi por dinheiro? Por poder? O que a afastou de mim?"

Permaneceu em Damasco com o coração destroçado e decidiu não procurá-la, pois a amava demais para envolvê-la em uma situação estando

casada com outro homem. Convenceu-se de que a possibilidade de viverem juntos nunca tinha existido realmente e que a única maneira de agir com honradez era manter-se afastado dela.

Escreveu a seu locatário em Beirute e comunicou que estava na Síria e não sabia quando voltaria. O comerciante era boa pessoa e enviou uma carta para dizer que não se preocupasse, que não lhe importava que o apartamento estivesse vazio, que estaria sempre à disposição. Também ficou em dúvida se seria adequado falar de todos os bilhetes que tinha encontrado do outro lado da porta ou das vezes que Lina tinha ido ao mercado para obter informações sobre ele para poder transmiti-las à senhorita. Ele também tinha sabido pelos jornais que Laila se casara. Sabia que Aatish e ela tinham uma aventura, mas jamais comentou a respeito. Sua política era a de manter a paz e preferiu guardar consigo o que sabia.

Laila não voltou a encontrar Aatish por seis anos. Não soube de nada dele nem o encontrou em Beirute. Apesar de ansiar poder falar com ele, era uma mulher casada e, além disso, ele também não entrara em contato. Aquela aventura tinha acabado realmente. Privada de sua companhia e desconsolada, resignou-se a sua nova vida.

1. *Hookah*: (do hindi) cachimbo de água usado para fumar tabaco ou maconha (N.A.).
2. *Labneh*: (do árabe) queijo cremoso feito com iogurte grego (N.A.).
3. *Ubba*: (do hindi) papai (N.A.).

Capítulo 6

Laila nunca chegou a gostar de Kamal Ajami. Logo ficou claro que não era quem pretendia ser. Ocupava um cargo mediano no banco e soube que jamais ocuparia postos mais altos. Os Al-Khalili tiveram de ajudar os Ajami a manter um nível de vida apropriado. A primeira coisa que Mohammad Al-Khalili fez foi comprar uma casa bonita para o jovem casal em um dos melhores bairros de Beirute, para que pudessem começar bem sua vida em comum. Kamal armou um escândalo por causa do presente, mas na verdade aceitava de bom grado tudo o que Mohammad lhe oferecia.

— Vivemos bem, senhor Al-Khalili — protestou Kamal certo dia. — Mas o senhor tem razão, não consigo suportar que falte alguma coisa para Laila, então muito obrigado.

— Não há de que, meu filho — tranquilizou-o, feliz porque ele lhe permitia continuar mimando a filha que continuava adorando, mesmo depois de casada. — É apenas uma pequena amostra de nosso amor por Laila e por você.

Graças àquela casa, Kamal pôde se vangloriar no escritório e nunca perdeu a oportunidade de mencionar o bairro diferenciado em que se localizava. Também houve ocasiões em que ia visitar os sogros para pedir "uma ajuda" para comprar um presente caro para Laila. "Que

consideração", dizia Yamila encantada, e Kamal saía com alguns milhares de libras no bolso. Com frequência, Laila não recebia o presente para o qual o dinheiro deveria ser destinado.

Kamal se mostrara encantador enquanto tentava conquistar Laila, mas depois de casados começou a demonstrar como era realmente. Quando se zangava podia ser severo, gritava com frequência e costumava perder as estribeiras. Ao final de seis meses de casamento, Laila e Kamal tiveram uma discussão e ele levantou a mão com a intenção de bater nela. Laila ficou paralisada, cobriu a cabeça e começou a chorar. Chorou pela vida que tinha perdido e pelo amor que tinha perdido, por culpa do homem com quem era obrigada a viver.

Apesar de no início achar que o marido era aceitavelmente bonito, suas exigências sexuais a faziam perder o desejo. Ela, que sempre tinha gostado de sexo, se sentia obrigada a apenas suportar e desejar que tudo acabasse rápido. Kamal parecia não notar.

Laila Al-Khalili, há pouco tempo a *femme fatale* de Beirute, aos vinte e dois anos se viu presa a um casamento muçulmano, levando uma vida típica de dona de casa libanesa.

Os anos se passaram, mas nunca deixou de gostar de Aatish. O tempo diminuiu a dor da ausência dele, ainda que ela não tenha conseguido esquecer o homem que lhe tinha ensinado que era possível ser feliz com pouco. Aferrou-se a suas lembranças porque havia momentos em que acreditava que eram a única coisa a mantê-la viva. Também aprendeu que a melhor maneira de tratar Kamal era sempre lhe dar razão, mesmo que não estivesse de acordo.

Seus pais nunca conheceram a realidade daquele casamento. Jamais confiou a alguém sua desilusão, mas ergueu um muro, distante e amargo, para ocultar seus sentimentos e manter-se afastada das pessoas.

Aatish Tasser finalizou o romance sobre sua família e publicou-o com certo sucesso. Permaneceu em Damasco por um tempo e depois, como

não queria voltar a Beirute, passou vários anos viajando, e trabalhou com arqueólogos no Egito e na Turquia. Foi então para Grécia, Itália e Espanha, sem deixar de escrever artigos para ganhar dinheiro suficiente para ir de um lado a outro. Depois de um tempo de vagabundagem, achou que tinha chegado o momento de voltar para casa. Queria morar em Damasco, mas antes de se instalar lá tinha de ir a Beirute esvaziar o antigo apartamento do mercado.

Um dia, pouco depois do nascimento de suas duas filhas, Aisha e Hafsah, Laila foi fazer compras e decidiu tomar um café em uma de suas cafeterias preferidas, em frente ao mar, coisa que fazia com frequência. Estava perdida em seus pensamentos quando notou que uma sombra a envolvia. Levantou a vista e seus olhos se encheram de lágrimas ao ver a pessoa que estava diante dela.

— Você está muito bonita, Laila. O casamento lhe cai muito bem — disse a pessoa com a voz cheia de emoção.

Laila não conseguiu articular uma palavra. Procurou às cegas os óculos na bolsa, porque não queria que ele a visse chorar. Não sabia o que dizer e, apesar de ter tantas coisas para contar, não sabia por onde começar.

— Obrigada, Aatish — respondeu finalmente, enquanto colocava os grandes óculos de sol. — Quer um café? — perguntou um pouco mais sossegada.

— Na verdade me perguntava se você gostaria de tomar uma taça de vinho comigo.

— Agora? Mas são uma e meia... — a voz foi diminuindo e depois confessou em tom vacilante. — Ainda tenho o pendente que você me deu.

Aatish sorriu.

— Venha, Laila — pediu oferecendo-lhe a mão.

Olhou para ela e tentou resistir à atração e ao amor que continuava sentindo por ele. Durante um instante se limitaram a olhar-se sem saber o que ia acontecer.

— Venha comigo, Laila — repetiu com suavidade, mas também com insistência. O muro protetor que Laila tinha levantado a seu redor veio abaixo e, sem dizer nada, levantou-se e o seguiu.

Sabia exatamente aonde estavam indo. Caminharam de mãos dadas pelo mercado até chegar ao apartamento em que tantas vezes Aatish tinha se sentado para escrever olhando o Mediterrâneo.

Laila aceitou uma taça de vinho branco gelado. Enquanto tomava um gole, levantou os olhos e quando seus olhares se encontraram, os dois souberam que estavam perdidos. Aatish se aproximou, ela se levantou e foi até ele disposta, ansiosa. Tiraram a roupa um do outro, desesperados para unirem-se, para sentirem-se, para finalmente expressarem o amor, o desejo e a paixão reprimidos durante os anos em que estiveram afastados. Eram como dois viajantes sedentos em um deserto que tivessem deparado com um oásis. Depois da primeira vez, que foi desastrada, rápida e brusca, fizeram amor suavemente, tranquilamente, levando o tempo necessário, reavivando a paixão. Não foram necessárias palavras nem explicações. Ainda não. Isso viria depois. Naquele momento, Laila estava feliz em voltar aos braços dele.

Quando o sol começou a se fundir no Mediterrâneo, Laila soube que teria de sair imediatamente e beijou-o com ternura.

— Te amo, Aatish. Quero que saiba.

— Nunca deixei de te amar, Laila.

— Vejo você de novo?

— Amanhã tenho de ir a Damasco, mas podemos nos ver no café na semana que vem, além de falar todos os dias pelo telefone.

Laila sorriu e enquanto faziam amor novamente soube que era nesses braços que deveria estar, fossem quais fossem as consequências.

Ao voltar para casa pelo mercado, o toque de Aatish continuava impregnado em sua pele e pensou no que Kamal diria se já tivesse chegado em casa. Mas não tinha. Beijou as filhas, deixou-as com a babá e foi para o

quarto. Preparou um banho, acendeu algumas velas e umas varinhas de incenso, enfiou-se na banheira e desfrutou da languidez da água morna enquanto repassava na memória aquelas horas com Aatish.

O que faria? O que realmente desejava era colocar quatro coisas na mala e ir para Damasco no dia seguinte com ele e não olhar para trás. Mas era esposa e mãe. Se fosse só a esposa de Kamal, não teria tido problemas em deixá-lo naquele momento. Na verdade, sequer teria voltado para casa naquela noite. Teria escrito uma carta para pedir o divórcio.

Mas ser mãe complicava as coisas. Aisha e Hafsah eram pequenas demais; Aisha tinha só cinco anos e Hafsah, dois. Como poderia abandoná-las? Amava-as, eram parte dela, assim como Aatish. Ele também era parte dela. "Meu Deus!", pensou ainda na banheira. "O que vai acontecer agora?"

Laila se debateu durante a semana que Aatish esteve ausente. Certas vezes olhava as filhas e sabia que não poderia viver sem elas. Mas havia outras em que, enquanto jantava com o marido, a única coisa que queria era se levantar da mesa e ir para Damasco.

Quando Aatish voltou, começou a passar todos os dias com ele no apartamento do mercado. Tomava o café da manhã com Kamal e as meninas, depois, quando todo mundo tinha saído para o escritório ou o colégio, desaparecia, a pé ou de táxi, se por acaso alguém a estivesse vigiando. Foram os dias mais felizes de sua vida. Sentiu que tinha recuperado parte de seu antigo ser; voltou a se sentir bonita, apesar de nunca ter deixado de ser, a ter confiança em si mesma e a ser dona de sua vida, como se sentia antes de se casar.

Laila e Aatish falaram de tudo o que havia acontecido. Laila contou-lhe sobre as frenéticas ligações que tinha feito e as tentativas desesperadas de entrar em contato com ele. Aatish tinha encontrado suas mensagens ao voltar ao apartamento e tinha guardado todas. Conhecer todos os detalhes de seu casamento teve um efeito devastador sobre ele; de certa forma, teria

sido mais fácil suportar pensando que ela o fizera de vontade própria. Mas perder a felicidade por um problema de comunicação? O destino parecia ter-se esforçado para separá-los. Aatish falou dos telegramas que tinha enviado e das ligações que fizera para a casa dela. Laila enfureceu-se novamente com o pai por tudo o que havia armado para mantê-los separados.

— Como pôde fazer isso? Como pôde fazer uma coisa dessas? — gritou.

— Porque é seu pai, Laila. Fez o que acreditava ser o melhor para você. Não sabia — respondeu Aatish pacientemente.

Os dias foram passando e tentaram estar todo o tempo que podiam nos braços um do outro, fazendo amor ou simplesmente abraçados. Laila chorava frequentemente e o remorso e a raiva se apoderavam dela até que Aatish a acalmava, acariciava seu cabelo e dizia que tudo acabaria bem. Tomavam vinho, nadavam, olhavam-se nos olhos, falavam, brigavam e faziam as pazes e, sobretudo, estavam contentes de poder se sentar no terraço para desfrutar a paz e a beleza do pôr do sol no Mediterrâneo. Quando saíam ficavam nas proximidades do mercado e tentavam ser o mais discretos possível.

Aatish trabalhava em sua escrivaninha e Laila voltava a preparar a comida, o chá ou um lanche à tarde, desfrutando dessa rotina, imaginando que era sua vida real. À noite chegava o momento mais difícil, quando se aproximava a hora em que precisava ir embora. Às vezes se zangava e gritava de frustração. Aatish sabia que não estava zangada com ele. Não queria que fosse embora, mas se despedia carinhosamente e assegurava que a estaria esperando no dia seguinte. Como sempre fazia.

♦

Pouco depois do dia de ano-novo de 1941, Aatish teve de fazer outra viagem de pesquisa para Israel e Jordânia para outro livro, que também seria um romance histórico. Estaria fora por alguns dias, mas seria impossível entrar em contato com ele. Laila sentiu um verdadeiro terror quando se lembrou da viagem que os havia separado e quando lhe deu um beijo de despedida se apertou contra o corpo dele.

— E se eu precisar avisá-lo de alguma coisa? — chorou no ombro dele.

— Laila, vou tentar ligar de onde houver um telefone. Mas você já sabe que estaremos acampados no deserto quase o tempo todo e ali não há muitos. Não creio que seja uma boa ideia enviar telegramas.

— Poderia mandar para Lina, para que ela me entregue — sugeriu Laila.

— Você acha isso prudente? — perguntou pacientemente enquanto segurava o rosto dela entre as mãos. Sabia que não conseguia pensar com clareza.

— Sim, não vai acontecer nada — garantiu.

— Por favor, Laila, pense bem. Podemos ser descobertos.

— E quem se importa? — gritou com impaciência enquanto se afastava dele para abrir a porta. — Te amo e quero que todo mundo saiba.

— Seu marido, suas filhas e seus pais inclusive?

— Todo mundo! — repetiu desafiadora.

— Laila, te amo muito — disse Aatish pondo as mãos na cintura dela.

— Por que tudo é tão difícil? — gemeu Laila ao perceber que estava sendo pouco realista.

— A vida não é fácil, querida. Justamente quando achamos que está tudo bem e nos colocamos à vontade, acontece alguma coisa e é preciso mudar. É o que os indianos chamam de grande verdade de *anityata*, a impermanência das coisas.

— Está certo, então me prometa que fará o possível para ligar e que, se não conseguir, avisará Lina de alguma maneira — suplicou Laila.

— Tentarei, mas não se zangue se não tiver notícias. Isso só vai significar que não encontrei um telefone ou uma agência dos telégrafos.

Laila permaneceu ali o tempo que pôde e saiu do apartamento no mercado a contragosto. Na pior das hipóteses, se veriam em cinco dias.

Assim que se passaram, Laila quis ir correndo ao mercado logo que acordou, mas os rituais matinais da casa a atrasaram. Quando terminou, pediu a Lina que chamasse um táxi e esperou sua chegada na porta. "Não pode ir mais rápido?", repetia para o motorista. "Estou com muita pressa." Tinha recebido uma ligação de Aatish de Petra, na Jordânia, há três dias. Naquela manhã se vestiu com cuidado especial: usava um vestido branco de seda bordada, sapatos sociais brancos e pretos e tinha colocado uma camélia na orelha. "Talvez esteja elegante demais", pensou enquanto dava os últimos retoques. Contudo, queria estar especialmente bonita para quando Aatish abrisse a porta. Pagou o taxista, saiu e correu pelo mercado e pelas escadas que levavam ao apartamento. O proprietário estava sentado na loja quando ela passou a seu lado a toda velocidade. Ele perguntou porque estava com tanta pressa, já que Aatish ainda não tinha chegado.

Laila bateu com suavidade antes de acionar a maçaneta. Geralmente Aatish deixava a porta aberta para que pudesse entrar sem fazer barulho e enfiar-se na cama com ele. Assim podiam fingir que acordavam juntos. Bateu um pouco mais forte, mas não houve resposta. Voltou a experimentar a maçaneta. Nada. Bateu com força e depois começou a bater na porta. Como ninguém respondeu, tocou a campainha. "Onde ele está?", pensou. "Disse que chegaria de manhã cedo."

Quando finalmente se convenceu de que não estava, desceu as escadas devagar, sem saber no que pensar. Talvez tivesse ficado preso no trânsito. Existia a possibilidade de que tivesse decidido ficar mais um dia. Quem sabe quando voltasse para casa houvesse um telegrama a esperando. Voltou a pé e tentou manter a calma. Perguntou a Lina se tinha recebido alguma mensagem de Aatish. "Não, madame", respondeu.

Foi para seu quarto e caiu na cama. Tinha uma sensação de desassossego no estômago, mas não queria se render a ela. O que poderia ter acontecido? Por que não a tinha avisado?

Laila embarcou novamente na busca de seu amante. Enviou um telegrama à escavação arqueológica nos arredores de Petra, de onde ele havia ligado, para perguntar se sabiam dele. Queria telefonar para os pais dele, mas não podia. Não lhe pareceu apropriado, era uma mulher casada. A única coisa que podia imaginar era que tivesse chegado a uma escavação arqueológica onde não houvesse maneira humanamente possível de se comunicar com ela e tivesse perdido a noção do tempo.

Mas conforme os dias voltaram a se transformar em semanas e ela se pôs a vagar pelas ruas de Beirute imaginando vê-lo em algum lugar, começou a perder as esperanças. Mandou Lina ir falar com o proprietário para saber se ele tinha alguma informação. Mas o mercador não sabia de nada; Aatish parecia ter evaporado com um passe de mágica.

Laila começou a frequentar o café onde o havia encontrado depois de tantos anos, com a ilusão de que apareceria como havia feito meses atrás. Passava horas e horas sentada, mas ele nunca veio. Os garçons se perguntavam por quem aquela linda mulher esperava, porque ficou claro o que estava fazendo, que não estava só matando o tempo diante de um café.

Um dia, um mês depois da desaparição de Aatish, Laila e Kamal estavam em uma recepção na casa dos pais dela. Todo mundo estava no jardim e os criados serviam bebidas e *mezze* aos convidados. De repente, Farah, a melhor amiga de Yamila, comentou:

— Que pena esse escritor! Vocês leram os jornais?

— Que escritor? — perguntou Kamal.

— O sírio, um tal de Aatish Tasser — interveio Abdullah, tio de Laila.

Ela gelou.

— O que aconteceu? — perguntou Kamal.

— Você o conhecia, não é, Laila? — perguntou sua mãe, e antes que ela pudesse responder continuou dizendo — Acho que foi ao colégio na mesma época que você. Eram amigos?

Laila não conseguiu responder, mas assentiu para não chamar a atenção.

— O que aconteceu com ele? — voltou a perguntar Kamal. — Yamila, você é uma cozinheira excelente. Esses aperitivos estão deliciosos.

Todo mundo fez um gesto com a cabeça em sinal de aprovação e se desfez em elogios sobre os diferentes pratos que estavam sendo servidos.

Laila tinha os olhos fixos em seu prato, não sabia para onde olhar.

Depois do que pareceu uma eternidade para ela, Akbar, irmão mais novo do pai de Laila, perguntou também:

— O que aconteceu com o sírio?

— Estava na Palestina. Vocês conhecem os problemas que existem ali com os britânicos e esse novo Estado de Israel que querem criar — comentou Abdullah. — Parece que Tasser tinha ido ali para fazer pesquisas. Estava com um amigo fotógrafo em um jipe quando passaram sobre uma mina. Os dois morreram na hora.

Laila olhou para Yamila.

— *Umma*, não me sinto bem. Acho que vou lá para cima me deitar um pouco.

— Claro, filha. Você não está mesmo com uma cara boa. Vá, pedirei a um criado para levar água de rosas para você.

Laila se pôs a andar pelo jardim, mas caiu sobre o gramado. Todo mundo correu para ajudá-la. Tinha desmaiado. Yamila chamou as criadas para que a levassem a seu antigo quarto, onde ficou alguns dias. A mãe insistiu em chamar o doutor Hasbany, que chegou logo depois.

— Querida, você está grávida — anunciou com alegria, depois de fazer um exame exaustivo. A mãe de Laila aplaudiu encantada e saiu do quarto

para comunicar a notícia e começar a organizar as comemorações posteriores ao anúncio de uma gravidez.

— Tem certeza? — perguntou Laila surpresa, mas alegre com a notícia.

— Completamente, querida. Você deve estar de pelo menos nove ou dez semanas.

— Mas isso é impossível, doutor Hasbany — disse Laila, que não tinha notado os mesmos sintomas das gestações anteriores. — Não vomitei nem inchei. Não percebi nada do que senti com Aisha ou Hafsah.

— Cada gravidez é diferente, Laila — garantiu o doutor fechando sua maleta. Depois ficou sério. — Preciso perguntar mais uma coisa. Como apareceram esses roxos em seus braços? — perguntou, olhando-a por cima dos óculos.

Laila não soube o que responder. Não queria dizer que eram as marcas que Kamal lhe deixava quando a pegava com força, coisa que acontecia com frequência.

— É de brincar com as meninas — respondeu sem dar importância. — O senhor sabe que tenho uma pele muito delicada.

O doutor Hasbany intuiu que ela não dizia a verdade. Suspeitava que tivessem sido causadas pelo marido e perguntou-se o que realmente estaria acontecendo no casamento de Laila Al-Khalili e Kamal Ajami. Não ia com a cara dele. Sequer o conhecia muito, mas das poucas vezes que o viu não tinha conseguido conquistar sua simpatia.

— As coisas vão bem em casa? — perguntou, oferecendo-lhe a possibilidade de se abrir com ele.

— Está tudo uma maravilha — respondeu rapidamente.

— Então, por que você parece tão triste?

— Não estou triste. Estou contente, muito contente.

— Como vai Kamal?

— Por que está perguntando?

— Laila, te conheço e conheço sua família há muito tempo. Quero que saiba que se precisar de qualquer coisa... O que for.

Laila concordou, agradeceu e foi ao banheiro. Olhou-se no espelho. Estava grávida de Aatish. Sabia disso porque não tinha tido relações com o marido nos últimos dois meses. Quando saiu, o doutor Hasbany, que estava vestindo o casaco, sorriu para ela. Algo naquele sorriso cálido e terno fez com que lágrimas brotassem de seus olhos. Cobriu o rosto com as mãos e tentou parar de chorar.

— Venha, Laila. Venha e sente-se — pediu, conduzindo-a até a beirada da cama. Laila continuava chorando e apertava a mão do médico com força.

— Vamos, Laila, vamos. Tudo vai dar certo.

— Não — contrapôs chorando. — Como vai dar tudo certo?

— Você está bem. É jovem e sadia. Vai levar bem a gravidez — garantiu.

— Não se trata disso, doutor — sussurrou enquanto apoiava a cabeça no ombro dele.

— A criança não é de Kamal, não é? — arriscou o doutor Hasbany. Laila o olhou com os olhos cheios de lágrimas. — Não se preocupe. Limite-se a continuar forte durante a gravidez — pediu–lhe, sabendo que tinha acertado.

— O que vou fazer, doutor Hasbany?

— Não tem problema, será nosso segredo.

— Doutor Hasbany, eu o amo. Amava de todo meu coração. Amava tanto que... — começou a dizer antes que uma nova torrente de lágrimas a impedisse de continuar.

— Quem é, Laila?

— Aatish. Aatish Tasser.

O doutor Hasbany tinha sabido da morte do jovem escritor pelos jornais.

— Querida... Sinto muito.

♦

Um pouco mais tarde, Laila desceu vestida.

— *Umma*, tenho de ir para casa. Kamal volta hoje de Biblos e quero lhe dar a boa notícia.

— Minha filha! — exclamou Yamila. — Espero que tenha sorte e dessa vez seja um menino.

— *Umma*, a senhora se importa de ficar com Aisha e Hafsah esta noite?

— Absolutamente, filha — respondeu Yamila sorrindo com cumplicidade.

Kamal chegou à noite. Laila fez todo o possível para preparar um jantar romântico à luz de velas. Tinha arrumado o cabelo, se maquiado como o marido gostava e colocado um vestido preto que ele tinha elogiado certa vez.

— Meu Deus, Laila! O que aconteceu? — perguntou ao entrar.

— Uma surpresa, *mon chéri* — respondeu em tom insinuante.

Kamal se aproximou e começou a beijá-la, impaciente para se aproveitar desse insólito interesse por ele.

— Vamos subir? — perguntou com a voz rouca de desejo.

— Para quê? Por que não fazemos aqui mesmo? — sugeriu de maneira provocante.

Kamal abriu o vestido dela e olhou atentamente o sutiã preto, a calcinha, a liga e as meias. Laila adivinhou a luxúria em seus olhos. "Deus! Por favor, que seja rápido."

Kamal sentou-se no sofá e abriu as calças.

"Oh, não! Isso não." Mas queria. Colocou-se de joelhos, fechou os olhos e fez o que tinha de fazer com a boca, as mãos e a língua, até que ele

estivesse pronto.

— Agora — disse Kamal.

Laila se colocou por cima, como ele tinha ordenado. Sabendo como o toque dele a deixava fria e seca, então tinha aplicado vaselina.

— Como você está úmida! — gemeu Kamal com os olhos fechados. — E que quente...

Laila quase caiu na risada. Quando Kamal se excitou mais, Laila o animou. Soltou o cabelo e começou a cavalgar sobre o marido. Kamal abriu o sutiã e segurou seus peitos. Laila contava os minutos. Então, no momento em que colocou as mãos na cintura dela, soube que estava a ponto de terminar, o que aconteceu segundos depois. Laila fingiu que estremecia e Kamal sorriu com petulância.

Um mês depois disse ao marido que estava grávida. Kamal estivera viajando por um longo tempo a negócios, então quando encontrou a família dela estavam todos tão contentes com a gravidez que ninguém perguntou sobre datas.

Capítulo 7

Laila adorou Zahra desde o momento em que nasceu, e não só porque era perfeita, mas porque nela via Aatish. Zahra cresceu sabendo que a mãe a amava, ao contrário do pai, Kamal, que a tratava com frieza. Passava muitas temporadas afastado da vida delas e até quando estava em casa parecia distante, refugiado em sombras escuras onde suas filhas não conseguiam vê-lo. Kamal e Laila fizeram o impossível para manter suas discussões mais pesadas a portas fechadas, quando as meninas estavam na cama, e Zahra e as irmãs cresceram no que para elas era uma família normal, com uma mãe carinhosa e abnegada e um pai que não era muito diferente do de muitas de suas amigas quanto à ausência. Apesar de ter sido uma adolescente rebelde, Laila conseguiu ser uma boa mãe, responsável e estável, e tão elegante e arrumada que as filhas tinham orgulho dela quando ia buscá-las no colégio.

Aisha tinha cinco anos e já era uma menina com tendências solitárias quando Zahra nasceu. Hafsah tinha dois. Zahra foi um bebê feliz que não parava de rir e se transformou em uma menina alegre, que se dava bem com todo mundo. Seu físico era uma mistura dos pais e era impossível dizer com certeza com quem se parecia mais. Conciliadora nata, mostrava-se atenta e bondosa com todos.

Hafsah se divertia com a nova irmã, sobretudo porque não conseguia se relacionar com a arisca Aisha, por mais que tentasse. Quando entrou no Licée Français, seguindo os passos de Aisha, na mesma hora se tornou amiga de todas as colegas e logo se transformou na garota mais popular da classe. Laila a incentivava para que trouxesse as amigas em casa e frequentemente organizava lanches e festas para elas, aos quais Aisha se negava a participar. Entretanto, quando Zahra cresceu o suficiente para estar presente, Hafsah sempre a incluía, ainda que suas amigas fossem mais velhas. Não importava, Zahra sempre se ajustava.

Mas em 1943 tudo mudou, o Líbano conquistou sua independência. A possibilidade de se criar um lar para os judeus e os problemas potenciais e repercussões que isso implicava na região se transformaram em grandes preocupações para todo o mundo. O banco tinha rebaixado Kamal de cargo e ele descontava sua revolta em Laila quando voltava para casa. Bebia demais e com frequência batia nela. Laila se retraía mais e mais em sua armadura e começou a mostrar-se protetora demais com Zahra, temendo que o marido soubesse que não era filha dele.

Por mais que se gabasse, Kamal não era um bom muçulmano e usava a religião em proveito próprio. Tinha começado a beber demais e quando Laila o reprovou, limitou-se a responder:

— Do que você está falando? Não sabe que até o profeta tomou um pouco de vinho de tâmaras? Além disso, quem é você para falar? Toma uma taça de vinho todo dia, às vezes até duas.

— Um pouco de vinho de tâmaras, tinto ou branco é uma coisa, e uma garrafa de uísque todas as noites é outra. Se você soubesse alguma coisa sobre a cultura francesa saberia que o vinho tinto é bom para o coração e a circulação.

— Ah, é? — zombou. — Você aprendeu isso quando trepava com o embaixador francês? O que mais ele te ensinou na cama, mulher?

Quando chegavam a esse ponto, Kamal normalmente saía do quarto e, na maior parte das vezes, se servia de um grande copo de uísque com toda a teatralidade.

Quando Zahra teve idade para ir ao colégio, Kamal reclamou de quanto custava manter as três meninas no liceu, com a desculpa de que a educação não lhes serviria para nada depois do casamento. Mas Laila se manteve firme e respondeu que os tempos tinham mudado e que cada vez mais era necessário que as mulheres tivessem estudo. Sabia que no final Kamal concordaria, mas só porque o Lycée Français era uma instituição de prestígio e o fato de suas filhas estarem matriculadas lá demonstrava às pessoas que não só eram ricos como que era um homem cosmopolita sem preconceitos, avançado para seu tempo.

O nascimento de Zahra impôs uma mudança no equilíbrio de poder no lar dos Ajami. Por mais que tentasse, Laila não conseguia evitar sua predileção pela única parte que restava de Aatish, sua filha Zahra. Quando se transformou em uma linda jovem, Laila a levava para todos os lugares: para fazer compras, comer fora ou tomar café com seus amigos e até a alguns jantares. Zahra logo se acostumou a estar rodeada de adultos e se sentia tão à vontade com eles como com as meninas de sua idade.

Zahra era uma jovem inteligente, mas não tinha tanto interesse pelos livros ou pelo colégio como tinha por experimentar os vestidos, os sapatos e a maquiagem da mãe. Todas as manhãs, observava como ela se arrumava e isso a ajudou a desenvolver um estilo próprio. Criava seus próprios modelos, que experimentava antes fazendo vestidos para as bonecas. Às vezes contava com a ajuda de Hafsah, mas Aisha nunca parecia ter tempo para as brincadeiras infantis da irmã caçula. Não se interessava absolutamente por roupas, compras ou rapazes e dedicava todo seu tempo ao esporte e aos estudos. Quando fez dezoito anos, Kamal começou a se inquietar quanto às perspectivas matrimoniais da filha mais velha e a fazer sermões diários para Laila. Quando acabou o colégio, Aisha queria ir para a

universidade e obter uma licenciatura, mas isso não era o que Kamal tinha em mente, com ou sem bolsa de estudos.

Por sorte, assim que terminou o instituto, Kamal e Laila receberam uma proposta de casamento por parte da família Bin Hendi. Acalentavam a esperança de selar um compromisso entre Tariq e Zahra quando ela tivesse idade suficiente para se casar. Kamal e Laila argumentaram que tinham outras duas filhas mais velhas que precisavam se casar antes. Responderam oferecendo-lhes Aisha, com Hafsah de reserva, no caso de os Bin Hendi não darem seu aval à primogênita.

Kamal não achava a proposta dos Bin Hendi de todo desagradável, já que se tratava de uma família de Beirute com boa reputação, mas...

— Não é um bom negócio — comentou com Laila. — Ele quer ser professor. Quanto ganha um mestre?

— É um bom partido — garantiu ela. — Os Bin Hendi são uma família muito antiga e bem estabelecida. Têm muito dinheiro, não acho que vão deixar que o filho e sua família morram de fome.

— Sim, mas e quanto a nós? O que ganhamos com isso?

Laila olhou para ele.

— Teremos aparentado nossa filha a uma das famílias mais antigas do país. Não parece suficiente para você, Kamal? Sobretudo levando em conta como você é. Sejamos realistas.

Kamal teve de admitir que a mulher tinha razão, aprovou a união e começaram as negociações.

No dia em que Tariq foi conhecer Aisha, Laila implorou a ela que se vestisse de forma apropriada e que a deixasse penteá-la e maquiá-la. No primeiro momento, ela se negou, indignada, mas depois de muitas súplicas e ameaças, das quais até Kamal participou, aceitou que a mãe a preparasse e vestisse para a tal inspeção. Para sua surpresa, a noite com Tariq e os pais dele transcorreu de forma agradável e fluida. Tariq tinha vinte e quatro anos e era um rato de biblioteca, com o cabelo cortado em estilo

professoral. Tinha muito em comum com Aisha e logo se deram bem. A aproximação dos dois foi um sucesso.

Aisha Ajami se casou com Tariq Bin Hendi em uma cerimônia opulenta, paga pela família do noivo. Kamal e Laila se alegraram pela filha. Quando o casal foi morar em Paris para que Tariq continuasse seus estudos na Sorbonne, as duas irmãs tentaram não perder o contato com ela, mas Aisha não parecia muito interessada em mantê-las a par de sua vida. De vez em quando escrevia para os pais, mas as cartas eram sempre muito superficiais e só davam alguns detalhes de suas conquistas acadêmicas e dos êxitos de Tariq na Sorbonne.

Três anos depois, Hafsah se casou com Farhan Al-Hasan e, quando ele foi nomeado embaixador libanês no Reino Unido em 1960, foi morar com ele em Londres. Os pais dela não poderiam estar mais felizes.

— Agora Zahra precisa é se casar com alguém das famílias reais — dizia Laila quando ela e Kamal comentavam como tinham casado bem suas outras duas filhas. Era uma das poucas coisas com as quais estavam de acordo.

Mas Zahra era diferente. Tinha sido testemunha de como suas irmãs tinham se casado com homens de quem gostavam, mas a quem não amavam, pelo menos no primeiro momento. Imaginou que teriam vidas felizes até certo ponto, mas ela queria se apaixonar perdidamente. Queria descobrir um estranho e exótico desconhecido no outro extremo de uma casa cheia e ver como se aproximava dela e a conquistava. Em seus sonhos, não precisariam falar. Seria amor à primeira vista, um amor que duraria a vida toda.

Entretanto, Zahra continuava solteira com vinte e três anos. Os pais se preocupavam que perdesse a beleza. Mas ela não só não perdia como estava mais bonita a cada ano. Os homens assobiavam quando ela passava e certas vezes ela chegava até a parar o trânsito quando caminhava por

alguma rua movimentada. Choviam propostas de casamento para Kamal, mas, assim como sua mãe antes dela, Zahra recusava todas.

♦

Zahra se sentia sozinha sem as irmãs. Aborrecia-se com a rotina de Beirute, de ver as mesmas pessoas toda vez nos mesmos lugares e nas mesmas festas. Suplicava à mãe que a deixasse ir visitar as irmãs e, depois de muito insistir, Laila aceitou falar com Kamal para pedir-lhe permissão e ele concordou. Apesar de Laila só querer o melhor para sua filha e de saber quanto ela ansiava pela viagem, não queria ficar só com o marido. Pensou que seria divertido passear por Londres e Paris com as filhas e, com certo receio, voltou a falar com o marido.

— O que você acha de eu ir com Zahra quando ela for visitar as irmãs?

— E como você vai pagar a viagem? Com seus belos olhos?

— Posso pedir dinheiro aos meus pais.

— O quê? E eles vão saber que não podemos arcar com essa despesa?

— Você já pediu dinheiro a eles um monte de vezes.

— Chega! — gritou Kamal dando um murro na mesa. — Você não vai! Além disso, quem vai cuidar da casa em sua ausência?

Apesar de já esperar essa reação, não gostou de ter de ficar, mas quando Kamal promulgava um édito, não havia discussão possível. Com os anos tinha aprendido que insistir acabava no tipo de briga que sempre tentava evitar. Se Kamal tivesse bebido, batia nela. E ela tinha de esconder as marcas dos golpes como podia, assim como tantas coisas de sua vida. Um dia em que uma das criadas estava lhe fazendo uma massagem com óleo de amêndoas, sua mãe notou os hematomas e ela teve de improvisar uma explicação. Depois ficou ligeiramente perturbada que a mãe não acreditasse que tivesse tropeçado em uma cadeira.

Aquele era o Líbano da década de 1960. Nas sociedades muçulmanas, os casamentos duravam a vida toda e as mulheres eram educadas para obedecer aos maridos em tudo. Às vezes, Laila se sentava no jardim e se lembrava de Aatish enquanto acariciava o recipiente de kohl que ele lhe dera e que mantinha escondido durante todos esses anos. "Éramos um único ser. Éramos iguais. Em meu casamento não há igualdade." Um dia até se atreveu a perguntar à mãe sobre essa desigualdade, fingindo que não se referia a sua vida.

— Minha filha, claro que temos de obedecer a nossos maridos, se não, não seríamos boas esposas — declarou Yamila com firmeza, colocando um fim a qualquer diálogo posterior.

Sem ninguém com quem conversar, a raiva contida continuou aumentando em seu interior e os abusos que sofria começaram a prestar suas contas. Naquela época as mulheres não só não comentavam nada pessoal em si como recorrer a um psicólogo ou terapeuta em busca de ajuda também era malvisto. Tudo era varrido para debaixo do tapete.

Depois de anos de maus-tratos por parte de Kamal, seu caráter mudou até o ponto de chegar a aceitar muitos dos valores e opiniões do marido. No final encontrou uma maneira de fazer com que sua vida fosse suportável: apesar de ter deixado o narguilé enquanto suas filhas cresciam, voltou a refugiar-se nele. No início pedia que as criadas colocassem uma pequena quantidade de haxixe. "Para acalmar os nervos", dizia a si mesma. Com o tempo, a quantidade foi aumentando e não demorou por substituir o haxixe por ópio e acabar seriamente viciada.

Junto com o vício veio a paranoia e quando Zahra foi para Londres, Laila buscou consolo no narguilé, convencida de que a filha de que mais gostava a tinha abandonado. Como Laila estava dopada na maioria das vezes em que telefonava, Zahra pensou que a mãe não demonstrava interesse ou não se importava com o que estava acontecendo, então passou a compartilhar cada vez menos coisas com ela. No final de poucas semanas

depois de começar a fumar de novo, Laila se fechou em seu próprio mundo, em um mundo no qual o que mais a comprazia era sonhar com um casamento fabuloso e vantajoso para sua filha caçula, que a mantivesse por perto, em Beirute.

♦

Zahra se levantou cedo no dia de dezembro de 1963, no qual empreendeu a viagem. Tinha escolhido com muito cuidado o modelo que ia vestir: um terninho Chanel de lã bouclê rosa nacarado, que pertencera a sua mãe. Laila tinha mandado ajustá-lo para que a filha pudesse viajar com algo chique. Combinou-o com uma camisa de seda em tom de marfim. Usava um casaco de inverno cor de osso, com uma enorme gola de raposa para combater o frio de Londres, e completou com luvas de couro cor-de-rosa pálido, bolsa e sapatos combinando. Estava louca para empreender sua primeira aventura como adulta.

Chegou a Londres sentindo-se muito elegante e deliciosamente independente. Hafsah foi buscá-la no aeroporto com o carro e o motorista da embaixada. As duas irmãs gritaram de alegria ao se encontrar.

— Meu Deus, Zahra! Você está linda! Me nego a sair com você, os homens só vão olhar para você — exclamou Hafsah.

— Mas olhe só para você! Está lindíssima grávida! Sua pele está ótima e o cabelo brilha — respondeu Zahra.

O mês passou sem que se dessem conta, acelerado pelos preparativos próprios das festas. Zahra aproveitava muito com a irmã e o cunhado, com quem se dava muito bem. Também se encantou com os monumentos da cidade e com o círculo de amigos de várias nacionalidades que lhe foi apresentado. Ajustou-se perfeitamente ao lugar e se sentiu em casa na mesma hora.

Poucos dias depois do Natal, Zahra deixou Hafsah no ginecologista, na rua Harley, e decidiu ir ao Savoy tomar uma xícara de chá e esperá-la ali. Sentou-se junto a uma janela e se dedicou a observar as pessoas que passavam. De repente percebeu um Bentley preto que tinha parado na porta e teve curiosidade de saber a quem pertenceria. Imaginou que fosse algum dignitário ou estrela de cinema. Um homem bem-vestido, ainda que informal, com calças de flanela cinza, malha de gola alta preta e jaqueta de cashmere cor de caramelo cortada impecavelmente, saiu do veículo. Parecia um astro de cinema de outros tempos. "Quem será?", perguntou-se. Observou que todo o pessoal do hotel o tratava com grande deferência. Quando entrou no vestíbulo, pôde vê-lo melhor e teve certeza de que ele também a tinha olhado. Não era jovem, mas a segurança em si mesmo, sua sofisticação e a aura que o rodeava o transformavam em uma pessoa para quem os anos pareciam não passar. Zahra estava muito intrigada, mas, por medo de que a descobrisse olhando para ele, desviou a vista para a janela. Quando virou a cabeça alguns minutos depois, ele tinha desaparecido.

O ano-novo chegou e passou sem grandes comemorações devido à gravidez avançada de sua irmã. Zahra, Hafsah e o marido comemoraram com um jantar tranquilo em casa, com uma taça de champanhe à meia-noite.

Algumas semanas depois, Hafsah perguntou à irmã se ela gostaria de acompanhar seu marido a uma comemoração no Savoy. Ewan Campbell, um amigo de Farhan, tinha se casado na Escócia na véspera de ano-novo e oferecia um banquete de casamento em Londres.

— Estou grávida demais para pensar nessas coisas e Farhan se sente obrigado, mas não gosta de ir sozinho. Você vai gostar. A *crème de la crème* de Londres estará lá e, nunca se sabe, talvez você conheça alguém — comentou Hafsah piscando-lhe um olho.

Escolheram um vestido Dior preto que sua mãe tinha comprado em Paris há anos e que caía como uma luva em Zahra. Quando o vestiu na

noite de 15 de janeiro de 1964, parecia uma deusa. Era de crepe de seda e deixava um ombro de fora. Ajustava-se perfeitamente a suas curvas e caía até o chão com uma cauda curta que podia ser presa com um pequeno broche preso à bainha. Hafsah emprestou-lhe sapatos de cetim, bolsa e luvas que combinavam perfeitamente. Não usava joias, exceto pequenos brincos de diamantes e um belo acessório que prendia a parte da frente do cabelo. Tinha delineado os olhos com kohl e Hafsah insistira para que pintasse os lábios de vermelho. Uma estola de marta completava o conjunto.

Quando Zahra Ajami entrou no salão do Savoy naquela noite em que se comemorava o banquete de casamento, todas as cabeças se voltaram para olhá-la. Ajit Singh estava falando com um amigo e observou que algo havia atraído a atenção dele. Virou-se e pela segunda vez olhou diretamente nos olhos de uma mulher que o havia intrigado quando a viu perto de uma janela no mesmo hotel.

Ajit Singh era, sem dúvida, um homem muito elegante. Filho único da maharani espanhola e do marajá de Kapurthala, chegou à maioridade quando o mundo inteiro vivia um autêntico caos. A Índia estava para nascer e o Paquistão ainda não existia. A Espanha sofria a agonia da guerra civil. A Europa estava à beira da Segunda Guerra Mundial e ninguém sabia que mudanças traria nem qual seria seu resultado.

Desde o dia em que nasceu, o jovem príncipe foi uma criança encantadora, alegre e brincalhona, menina dos olhos do pai e felicidade da vida da mãe, a quem esteve muito ligado até o dia de sua morte. Assim como qualquer outro jovem príncipe indiano, um grupo forte de aias de confiança, *pandits* e professores participou de sua educação. "Quero que saiba de onde vem e quais são suas raízes. Não quero que ninguém o julgue de maneira alguma por ser mestiço", ordenou o marajá. Graças a isso, Ajit sempre se sentiu muito próximo de Kapurthala e orgulhoso de sua

herança e da civilização em que nasceu. O dia em que colocou seu primeiro turbante foi um dos mais felizes de sua vida.

Mas Anita também quis interferir na educação do filho. Passava muito tempo com ele e, apesar de querer que tivesse orgulho de sua herança sikh, também desejava que conhecesse suas raízes maternas e que falasse espanhol. Ela foi sua professora. Também ensinou aos cozinheiros do palácio como preparar *tortilla* de batatas e o que constituía a dieta básica dos camponeses andaluzes, que ela adorava quando pequena: ovos fritos, batatas fritas e pimentões fritos.

Mesmo quando estava viajando, sempre mantinha contato com madame Dijon, sua dama de companhia, para perguntar por ele e lhe comprava todo tipo de presentes. Em seu sexto aniversário, presenteou-o com uma roupa de toureiro de Sevilha, com *montera*[1] e sapatilhas. Ajit ficou encantado, e usou a roupa vários dias, negando-se a tirá-la. Até chegou a dormir com ela. Aprendeu a dizer "Olé!" e corria em volta da mãe com a capa como se estivesse toureando uma rês enorme.

Estudou em um internato inglês e na Escola Militar Indiana de Dehra Dun. Quando tinha catorze anos já despertava paixões. A velha maharani da Caxemira, que tinha ido visitar Kapurthala, comentou ao marajá: "É um *maharajkumar* autêntico, marajá. Em pouco tempo estará destroçando corações". Jagatjit Singh sorriu e olhou orgulhoso para o filho, que jogava críquete no gramado.

Bom cavaleiro, o jovem príncipe adorava montar a cavalo e galopar pelos campos do Punjab, saudando a todos que encontrava. Logo se tornou uma presença cotidiana e as pessoas gritavam quando ele passava: "*Namaste rajkumarji!*" "*Salaam aleijum rajkumarji!*". Ajit Singh sempre se alegrava de vê-los. Às vezes parava, descia do cavalo e conversava com eles um pouco. Falavam de suas vidas, de como iam as colheitas, de suas famílias, se as vacas estavam prenhes ou não... Aprendia seus nomes e nunca os esquecia. Gostava daquilo. Amava Kapurthala, o Punjab e a

Índia. Em 1926, foi para o Saint Catherine's College, em Cambridge. Anita, que tinha se separado do marajá, vivia entre Paris e Madri, o que facilitava que Ajit a encontrasse e passasse mais tempo com ela.

Depois de Cambridge, viajou pela Europa, flertou com Hollywood, conviveu com Lana Turner em Los Angeles e com Cole Porter em Nova York, e aprendeu a tocar saxofone antes de aceitar o cargo de delegado comercial da embaixada indiana em Buenos Aires. Mas sempre que podia ia visitar sua mãe, fosse em Paris, Madri, Sevilha, Biarritz, Deauville ou Saint Moritz. Sentia um carinho profundo por sua prima Victoria, que tinha ido morar com Anita quando a Guerra Civil Espanhola estourou em 1936.

Foi Victoria quem ligou para ele para dizer que sua mãe estava muito doente e ele ficou ao lado dela o quanto pôde. Pouco depois de chegar, Anita sofreu uma apoplexia. Quando notou as mãos de seu filho, ao reconhecê-lo seus olhos cintilaram por um momento. Morreu poucos minutos depois, apertando as mãos dele.

Durante os anos seguintes, Ajit passou grande parte de seu tempo na Europa, ocupado com o patrimônio de sua mãe e brigando com o *Diario de la Noche* de Madri, que publicara colunas sensacionalistas sobre a maharani. Normalmente passava os invernos em Délhi, onde tinha uma casa, mas no final de 1963 estava em Madri e foi a Londres para o jantar de casamento de um amigo. Boa-vida nato, gostava de estar cercado de amigos e jamais recusou um convite para uma boa festa.

♦

Farhan encaminhou-se diretamente para o noivo e o cumprimentou por seu enlace com Kirsty Scott. Apresentou Ewan Campbell e sua esposa, muito mais jovem do que ele, a Zahra e ia continuar apresentando-a a outras pessoas quando de repente ouviu uma voz que o chamava.

— Farhan Al-Hasan!

— Ajit Singh! — exclamou ao apertar-lhe a mão com força e dar-lhe um abraço. — Alá te bendiga! A última vez que o vi foi em Buenos Aires. O que faz por aqui?

— Fui padrinho do casamento, então não tive escapatória — brincou. — Além disso, estive por um tempo na Espanha e aqui não é longe. Como vai, Farhan? Londres está te tratando bem? Devo dizer que você tem uma mulher impressionante.

Farhan achou estranho.

— Você conhece Hafsah? Não sei por que ela não mencionou isso. Sim, a gravidez está lhe fazendo muito bem.

— Gravidez? — nesse momento quem estranhou foi Ajit. — Pois não me pareceu quando a vi entrar com você.

Zahra se aproximou com duas taças de champanhe, uma para Farhan e outra para ela. Ao reconhecer Ajit ficou sem fala.

Farhan tomou um bom gole antes de apresentá-lo a sua cunhada.

— Zahra, este é o príncipe Ajit Singh, *maharajkumar* Ajit Singh de Kapurthala — anunciou com alarde, sabendo que Ajit se envergonhava ligeiramente quando era apresentado com seu título completo. — Príncipe, minha cunhada, Zahra Ajami.

Zahra ofereceu-lhe a mão para um aperto, mas Ajit a beijou e segurou até que ela a retirou com suavidade esboçando um sorriso.

Farhan conseguiu afastá-la com a desculpa de apresentá-la a outras pessoas, mas na verdade o que queria era preveni-la sobre o príncipe.

— Para começar, é suficientemente mais velho para ser seu pai e, em segundo lugar, sua fama o precede. Não acredito que seja boa companhia para você, tenha cuidado.

— A que você se refere?

— Veja, não conheço a fundo os detalhes da vida dele, mas as pessoas dizem que gosta tanto de mulheres bonitas como de homens bonitos.

Zahra arregalou os olhos e sorriu para o cunhado.

— Obrigada pelo aviso.

— Se não cuidar de você, Hafsah nunca mais me olha na cara.

Zahra prometou que não flertaria com o príncipe indiano, mas onde quer que fosse o encontrava a seu lado, em todas as conversas. Era evidente que estava fascinado por ela e não podia evitar de se sentir imensamente lisonjeada.

Já no final da noite, Ajit propôs a Farhan marcarem um jantar.

— Acho que tudo bem, mas você terá de vir a nossa casa porque Hafsah não está em condições de sair.

— Fantástico. Logo telefono para combinar.

— De acordo — aprovou Farhan sem demonstrar suas reservas.

Dois dias depois, Ajit foi jantar na casa de Hafsah e Farhan Al-Hasan em Eton Square. Lá se encontrou com Zahra, que estava sozinha na sala, e começou a lhe contar uma história divertida, mas se calou. Durante um momento se olharam em silêncio, até que finalmente disse:

— Tinha muita vontade de voltar a vê-la.

Aturdida, Zahra se alegrou que Hafsah e Farhan entrassem naquele momento.

Depois de algumas taças de champanhe e *mezze*, passaram à sala de jantar. Hafsah tinha pedido ao cozinheiro que preparasse um típico jantar libanês, supondo, acertadamente, que Ajit gostaria do peixe com temperos, o quiabo com molho de tomate e o cordeiro assado com arroz.

Ajit os fez rir com histórias de suas viagens. Foi uma noite divertida na qual acabou sabendo que Zahra ia visitar sua outra irmã em Paris. Imediatamente se ofereceu para mostrar-lhe a cidade, e Hafsah e Farhan trocaram olhares inquietos.

— Onde você mora atualmente? Em Londres? — perguntou Zahra.

— Não, ultimamente tenho passado a maior parte do tempo em Madri, mas vou com frequência a Londres e Paris.

— E o que faz em Madri? Não deveria estar na Índia com tudo o que está acontecendo na política de lá? — interveio Farhan.

— Logo voltarei. Minha mãe tinha um apartamento em Madri e depois que ela faleceu tive de me encarregar de seus assuntos — voltou-se para Zahra. — Minha mãe era espanhola. Morreu há dois anos e tenho tentado colocar em ordem seu patrimônio.

— É sério? Você nasceu na Espanha? — perguntou Zahra.

— Não, não! Nasci na Índia, mas íamos sempre à Espanha. Ela insistia para que eu conhecesse e entendesse o país de onde ela vinha, que era muito diferente de Kapurthala — explicou. — Além disso, no início meus avós estavam vivos, assim como minha tia... Então tinha família ali.

— Sua mãe gostava de morar na Índia? — perguntou Hafsah.

— Minha mãe era o tipo de mulher que poderia se adaptar a qualquer lugar — afirmou Ajit com orgulho. — Claro que gostava da Índia. Enquanto morou lá fez o possível para assimilar a cultura e aprender o papel que devia desempenhar como maharani.

— Faleceu na Índia? — quis saber Farhan.

— Não, em Madri. Na época já morava ali — respondeu educada mas diretamente, pouco disposto a entrar em detalhes sobre o divórcio da mãe. — Estava encantada com a Espanha. Era seu lar.

— Bem, não resta dúvida de que você aproveitou bem o tempo na Europa — brincou Farhan. — Zahra, meu amigo é um dos grandes *bon vivants* deste mundo e é especialista em organizar festas. Quem não está em sua agenda não vale a pena ser conhecido.

Ajit entendeu o recado para Zahra implícito no comentário, mas em vez de desencorajá-la, impressionou-a ainda mais. Quando voltaram para a sala para tomar café, biscoitos e licores, Farhan colocou jazz para tocar. Ajit era louco por esse tipo de música e pensou que ela gostaria. Pegou Zahra pelo pulso, fê-la girar, acomodou-a entre seus braços e começou a dançar

com ela. Era um ótimo dançarino e Zahra ficou fascinada. A canção terminou e permaneceram imóveis, olhando-se nos olhos, abraçados.

— Gostaria de um conhaque? — ofereceu Zahra, que se sentia um pouco inibida.

— O que realmente gostaria é de passar os próximos dias e noites com você — soltou de repente Ajit, surpreendendo-se a si mesmo.

Zahra enrubesceu.

— Sinto muito, Zahra. Não queria que se sentisse desconfortável, mas gosto muito de você.

Zahra teve de se sentar. Não sabia como agir. Ajit se sentou com ela, também sem saber o que fazer. O que tinha começado como outra de suas conquistas parecia estar se transformando em algo mais. As mulheres que conhecia eram sofisticadas e mundanas, e sempre procurava manter a distância com elas. Admirava sua beleza e desfrutava da companhia delas, mas quase nunca chegava a estabelecer uma intimidade com elas, de modo que se surpreendeu tanto quanto a Zahra por querer algo mais.

— Ajit... — ela começou a dizer com timidez.

— Assustei você, não é? — interrompeu. Colocou o rosto entre as mãos e olhou para o chão. — Zahra, não sei o que está acontecendo comigo. Não costumo me comportar assim. Como Farhan estava tentando dizer a você, sou um solteiro convicto.

Ajit cobriu os olhos com as mãos, perturbado com o que estava sentindo. Parecia tão vulnerável que Zahra se atreveu a colocar-se de joelhos diante dele e afastar suas mãos. Tinha os olhos úmidos.

— Você também me cativou — afirmou com voz trêmula.

Depois, ainda de joelhos, beijou suas mãos.

— Venha comigo a Paris — pediu com voz rouca.

Zahra inspirou com força.

— Bem, de qualquer forma vou visitar minha outra irmã, então pensarei em algo. Mas você precisa saber que meus pais têm crenças

religiosas muito fortes e talvez não achem bom vê-lo lá.

Ajit deu um tapinha na almofada a seu lado e Zahra se sentou junto a ele. Ele pegou sua mão e tentou saber mais sobre ela, fazendo uma pergunta atrás da outra. Quando deram por si, já eram três da manhã.

Zahra o acompanhou até a porta, Ajit rodeou-a com o braço e percebeu que se encaixava perfeitamente ali.

No dia seguinte Hafsah quis que ela contasse nos mínimos detalhes tudo o que tinha acontecido. Sabia que a irmã tinha se apaixonado de verdade.

— Fico feliz por você, Zahra, mas lembre-se de que ele tem cinquenta e cinco anos e você, só vinte e três. Além disso, tem a reputação que tem. E não se esqueça de que nunca se casou, algum motivo deve haver...

— Eu sei, Hafsah, mas... Não sei, tem algo de especial. Acho que estou fazendo bem.

Durante a semana seguinte, Zahra e Ajit passaram muito tempo juntos. Era o idílio mais romântico e glamuroso que Zahra poderia desejar. Ajit também desfrutava de sua companhia, estar com ela fazia-o sentir-se jovem e adorava essa sensação. Queria exibir essa jovem beldade para seus amigos e levou-a, orgulhoso, ao teatro, a restaurantes e a jantares. Passeou com ela de carro por toda Londres e mostrou-lhe os elementos arquitetônicos de diferentes períodos que davam um estilo único a seus edifícios favoritos. Falou do casamento de seus pais, das dificuldades de sua mãe em 1907 para viajar à Índia saindo da Espanha e de como tinha ficado próximo a ela, sobretudo depois que se separou de seu pai. Zahra, por sua vez, falou de sua vida em Beirute, do que a aborrecia ali e que procurava novos horizontes para evitar que a vida que deveria levar a prendesse, mas não sabia quais podiam ser.

— Você tem uma vida tão excitante, Ajit... Viaja, vê o mundo, conhece vários tipos de pessoas...

— Mas não pertenço a nenhuma dessas cidades. Nunca senti que meu lugar fosse qualquer uma delas. Apesar do tanto que quer sair de Beirute, você pertence a ela. Nisso a invejo.

Zahra não entendeu aquela necessidade de ter raízes. Para ela a rotina só abrigava o tédio.

Era meados de fevereiro e esperava-se que Zahra fosse a Paris no início do mês. Hafsah tinha tentado entrar em contato com Aisha pelo telefone, mas não obteve resposta. No final, Aisha escreveu-lhe para comunicar que tinha tido de se mudar com Tariq para um apartamento muito pequeno em Montmartre, no qual quase não cabiam os dois. Tinham pensado em se mudar para um apartamento maior, mas as coisas não tinham saído como esperavam e acreditava que seria melhor que Zahra voltasse diretamente para Beirute e deixasse para visitá-los em outra ocasião.

Hafsah recebeu a carta em uma quinta-feira pela manhã e na mesma tarde Ajit prometera levar Zahra ao castelo de Comlongon, na fronteira com a Escócia, para passarem o fim de semana de São Valentim[2] ali, com Ewan Campbell e Kirsty, sua nova esposa. Hafsah decidiu não lhe dizer nada até depois do fim de semana e se despediu alegremente quando ela subiu no carro de Ajit.

Enquanto isso, ignorando o contratempo, Zahra estava entusiasmada e feliz diante da perspectiva de passar o fim de semana com Ajit. Aproveitou o caminho pitoresco em meio aos pântanos selvagens e desolados de Yorkshire e da calma do poético e requintado Distrito dos Lagos, e quase sentiu pena quando chegaram ao castelo ao cair da tarde. Foram recebidos por um par de *setters* ingleses, antes que o próprio Ewan abrisse as enormes portas de carvalho com uma garrafa de champanhe na mão.

— Bem, bem, bem. Deixe-me ver a mulher que parece ter conquistado o coração do último solteiro de verdade — disse com voz tonitruante. Aquelas palavras sem dúvida tinham um tom carinhoso, mas Zahra se perguntou se teria imaginado um certo ar de troça. De qualquer forma,

esqueceu-se em seguida, quando se aproximou dela, a abraçou e depois deu um abraço entusiasmado em Ajit. — Alegro-me em ver-te, amigo.

— Igualmente — disse Ajit, despenteando-o com carinho.

— Venha, vamos entrar, que está frio demais — propôs Ewan. Seguiram-no através de vários corredores frios e escuros até chegar a uma sala simples com lareira, na qual alguns troncos ardiam. Kirsty estava sentada em uma poltrona tricotando e não se levantou para cumprimentá-los. Estava grávida de quatro meses, mas se comportava como se estivesse para dar à luz a qualquer momento. Enquanto Ajit e Ewan se atualizavam sobre a vida de seus velhos e novos amigos, Zahra tentou entabular uma conversa com Kirsty e comentou que sua irmã também estava grávida, mas Kirsty não parecia muito comunicativa. Conforme a noite passava, Ewan estava cada vez mais bêbado; divagava sobre os velhos tempos e falava com Ajit em sussurros. Ficou surpresa com a camaradagem que havia entre eles e quase invejou a intimidade que compartilhavam. "Talvez essas coisas só aconteçam quando se conhece alguém há muito tempo", pensou.

Quando comentou que queria se refrescar, Ewan chamou o mordomo e pediu-lhe que a levasse a seu quarto. Ajit tinha especificado que queria quartos separados. O dela tinha uma antiga cama com dossel e um fogo aceso acolhedor. Havia um banheiro anexo, com uma linda banheira apoiada em quatro patas em forma de garra. Decidiu tomar um banho de espuma para tirar do corpo o frio escocês. Abriu a mala, tirou o que pensava vestir para o jantar e entrou na banheira, onde relaxou e até dormitou um pouco, até que ouviu vozes do outro lado da porta.

Intrigada, saiu da banheira e vestiu o robe grosso que tinham deixado para ela. Envolveu o cabelo com uma toalha e abriu a porta. Não havia ninguém no corredor. As velas dos enormes candelabros de prata pendurados nas paredes já estavam acesas e criavam um reflexo dourado fantasmagórico sobre os painéis de mogno. Seguindo as vozes, chegou sem fazer barulho a uma porta no final do corredor que estava ligeiramente

entreaberta. Quando deu uma olhada furtiva em seu interior viu Ewan largado em uma grande poltrona cor de vinho. Ajit estava junto à chaminé, em frente a ele.

— Não consigo, Ajit... — disse Ewan arrastando as palavras. — Não deveria ter feito isso. Quem dera tivesse escutado você.

Ajit permaneceu em silêncio e deu uma tragada no charuto antes de soltar a fumaça para o teto. Depois se aproximou do amigo.

— Veja, Ewan, a essas alturas não há mais o que fazer. Você precisa fazer esse casamento funcionar ou seu pai o deserdará.

— Não consigo. Você deveria saber melhor do que ninguém. Nunca fui bom em manter as aparências.

— Chega, Ewan! Você precisa fazer isso. Não tem outro remédio — insistiu Ajit.

— E Zahra? — perguntou Ewan mudando de repente de assunto. — Você parece estar apaixonado. Vai se casar com ela?

— Bem, a verdade é que é muito bonita — começou a dizer Ajit.

— Sim, e tão jovem, inocente e apaixonada que não te exigirá muita coisa...

— Chega, homem, acalme-se. Temos de descer para jantar. É melhor que você vá ver como estão as coisas — interrompeu-o.

— Sinto falta dos velhos tempos, das temporadas que passamos juntos. O que foi tudo aquilo? — Ewan estava ficando sentimental e começou a secar as lágrimas.

Pegou a mão de Ajit choramingando. Este se inclinou para abraçá-lo e começou a murmurar suavemente até que Ewan se acalmou.

Zahra voltou correndo para seu quarto com o coração disparado. O que tinha visto e ouvido a tinha afetado sem saber muito bem por que, apesar de gostar de saber que Ewan acreditava que Ajit estava apaixonado por ela e que talvez até pensasse em se casar.

Durante o jantar Ewan se mostrou suficientemente recuperado para conduzir a conversa e dirigir a maioria de seus comentários a Ajit, com o que excluiu tanto sua esposa como Zahra. Kirsty não deu mostras de preocupação, mas Zahra se sentia incomodada. Não tendo muito o que falar com Kirsty, decidiu ir logo para a cama, com a esperança de que os dois amigos acabassem suas confidências e Ajit lhe dedicasse algum tempo. Entretanto, Ewan continuou sendo presença constante, e certas vezes alcoolizada, nos passeios pelo campo, no tiro ao prato, nos cafés da manhã, almoços e jantares que fizeram durante o resto do final de semana.

No domingo depois do almoço, Ajit e Zahra colocaram as malas no carro e partiram rumo a Londres. Zahra se dedicou a olhar pela janela ensimesmada. Ajit também permaneceu calado e a viagem de volta pareceu muito mais longa do que a de ida.

Quando chegaram a Eton Square, Ajit se dirigiu a Zahra.

— Sinto muito que o fim de semana não tenha sido como você imaginava, querida. Ewan é um velho amigo e está passando por um mau momento em seu casamento. Só queria ajudá-lo.

Ela se sentiu tão aliviada com a explicação e o pedido de desculpas que o fez se calar na mesma hora.

— Não, Ajit, para mim foi tudo bem. Sei que ele é seu melhor amigo. Tinha medo de ter feito algo errado.

— Você nunca vai conseguir fazer nada errado, *ma chérie*. É perfeita. Venha, deixe-me abraçá-la.

Aninhou-se entre seus braços e permaneceram unidos por um bom tempo. Depois se deram um beijo lento e doce de boa noite, antes que Zahra pegasse sua mala e entrasse na casa de sua irmã. Hafsah e Farhan estavam sentados assistindo à televisão.

— Como foi? — perguntou Hafsah.

— Terrivelmente frio!

— Sim, mas com certeza calor não faltou — arriscou Hafsah levantando uma sobrancelha.

— Hafsah! — repreendeu Zahra. — Já te disse que estávamos em quartos separados.

— Era brincadeira — esclareceu Hafsah rindo.

— Em meu quarto havia uma lareira e o castelo é maravilhoso... — continuou contando-lhes como tinha passado o fim de semana, apesar de omitir sobre o quanto tinha se sentido excluída em companhia de Ajit e Ewan.

Hafsah decidiu que era um momento tão bom quanto qualquer outro para lhe contar a situação de Aisha. Informou-lhe que ela lhe tinha escrito e para os pais para dizer-lhes que não tinha quarto para abrigá-la e que seu pai queria que voltasse para casa para aceitar uma proposta de casamento.

Ao ouvir essas notícias, Zahra começou a chorar.

— Não posso voltar agora, Hafsah! Tenho que ir a Paris com Ajit. Por que ela tinha de escrever para eles também?

— Acalme-se, tive uma ideia. Pensei nisso o fim de semana todo, veja o que você acha: ligaremos para papai amanhã e diremos que tive de dispensar a criada e como estou de seis meses preciso de ajuda, então gostaria que você ficasse aqui até eu dar à luz. Assim você terá até maio.

Zahra sorriu a despeito das lágrimas e se atirou nos braços da irmã.

— Te adoro, Hafsah!

— Você terá de manter contato o tempo todo para quando papai e mamãe ligarem — preveniu.

— É claro, e escreverei cartas e mandarei para você para que você encaminhe de Londres. Tudo vai dar certo, tenho certeza! Hafsah, você é genial! Muito obrigada.

O plano funcionou. Kamal permitiu a contragosto que Zahra ficasse até o nascimento da criança.

♦

Viajaram para Paris em fevereiro de 1964. Ajit tinha alugado uma casinha na Rue de Bearn, ao lado da Place des Vosges, no Marais. Zahra estava encantada com ela, com Paris e com Ajit. Tinha vinte e três anos e sua vida era perfeita.

Na primeira noite, Ajit levou-a ao *bistrot* a que costumava ir, Chez Louis, e, para sua surpresa e deleite, apresentou-a a todos como sua namorada. O restaurante todo os saudou quando Louis abriu várias garrafas de champanhe para brindar o casal. Foi uma linda noite. Quando chegaram à porta de casa, Ajit abriu-a e a carregou nos braços até o quarto.

— Zahra?

Foi uma pergunta cuja resposta era desnecessária. Tinha chegado o momento. Ajit se ajoelhou e abraçou suas pernas com o rosto de lado. Zahra acariciou sua cabeça com carinho e passou os dedos por seu cabelo enquanto o olhava com doçura, como se fosse um menino. Ajit levantou sua saia e colocou a cabeça entre suas coxas, beijou-a lentamente e depois trouxe-a para baixo com suavidade até tê-la a seu lado. Ela percebeu que estava de olhos fechados, ainda que não soubesse se por medo ou desejo. Beijou-a na boca, primeiro suavemente e depois com maior intensidade, usando a língua. Desabotoou o vestido e deixou-o cair no chão. O cabelo escorreu pelos ombros. Posicionou-se e penetrou-a. Zahra agarrou-se ao corpo dele com as mãos em suas costas e as pernas sobre suas panturrilhas. Ajit mordiscou seu seio e notou como o mamilo endurecia enquanto saboreava a doçura de sua pele. Começou a arfar e soltou um grito quando terminou, antes de deixar-se cair sobre ela. Zahra ficou olhando para o teto e se perguntou se haveria algo mais, mas não houve, tinha acabado. A relação tinha sido precipitada, não lenta, delicada e terna como imaginara que seria sua primeira experiência, mas se negou a sentir-se decepcionada.

Ajit pegou-a e a levou para o quarto banhado pela luz da lua. Colocou-a na cama, apoiou um braço a seu lado e sorriu. Ainda estava morna e úmida quando ele baixou a mão para tocá-la. Zahra se agitou e gemeu quando começou a notar as sensações que percorriam seu corpo graças àquelas carícias. Segundos depois experimentou seu primeiro orgasmo. Soltou um grito e abraçou-se a ele, tremendo e arfando.

— Te amo — sussurrou em seu ouvido antes de adormecer em seus braços, sem perceber que Ajit não tinha respondido.

A partir de então dedicou todo seu tempo a amar Ajit e a aprender a satisfazê-lo. Apesar de seu estilo de vida boêmio, era uma pessoa disciplinada e gostava da rotina diária, coisa típica dos homens de sua idade. Não faziam amor com frequência e na maior parte das noites se contentava em abraçá-la até pegarem no sono. Era tímida demais para perguntar por que não tinham uma vida sexual mais ativa e imaginou que talvez fosse devido à idade. Algumas vezes chegou a tocá-lo quando estava dormindo para ver se conseguia excitá-lo. Então gemia e, com os olhos fechados, usava a própria mão para excitar-se. Nunca entendeu por que ele não conseguia ter uma ereção quando ela o tocava, mas tinha muito pouca experiência nesses assuntos para tirar conclusões.

Ficou perdidamente apaixonada por ele, apesar de, com exceção daquela primeira noite em Chez Louis, ele nunca mais ter voltado a apresentá-la como sua namorada, o que a incomodou um pouco. O que mais a preocupava, porém, era que nunca estabeleceram uma data para o casamento e nunca falaram disso. Às vezes ele desaparecia por uma tarde ou uma noite, mas ela sempre aceitava as explicações dele sobre as obrigações sociais que seu título acarretava e onde não era adequado incluí-la. Estava tão apaixonada que nunca fazia perguntas e atenuava a falta de ação dele lembrando-se de que quando estava com ela era sempre muito atento. Mostrou a ela tudo de Paris e descreveu as grandes festas que seu pai e seu avô organizaram ali. Também a fascinava com os relatos do

ano que tinha passado em Hollywood quando era jovem e que tinha feito um teste para um filme que não chegou a ser rodado, mas que tinha mesmo assim convivido com estrelas como Lana Turner.

— Depois, quando fui a Nova York, cheguei a tocar piano com Cole Porter e passei muito tempo com Noel Coward.

Zahra arregalou os olhos tremendamente.

— Cole Porter? Você conhece Cole Porter?

— Claro. Bons tempos, aqueles! As festas duravam a noite toda, Cole cantava e eu tocava piano. Nova York era um espetáculo na época. Víamos o sol nascer no rio Este. Você não pode imaginar...

Mas sim, ela podia, e quando o fazia mal conseguia acreditar na sorte que tinha por estar com um homem como ele.

Zahra manteve sua promessa e ligava pelo menos uma vez por semana para a irmã. Também escrevia semanalmente aos pais e enviava as cartas a Hafsah para que ela as encaminhasse de Londres, e telefonava para eles uma vez por mês. Parecia tão feliz que Laila, apesar de continuar ligeiramente ressentida por não ter podido ir, consolava-se que suas filhas estivessem passando tão bem em Londres. Até Kamal aprovou que atrasasse sua volta, já que no momento nenhuma das propostas de casamento que recebera tinham lhe parecido adequadas.

Zahra estava se transformando em uma cozinheira estupenda. Ia ao mercado diariamente para comprar frutas, verduras e flores e surpreendia Ajit com novos pratos nas noites que ele ficava para jantar. Também aprendeu a diferenciar os vinhos e a conhecer centenas de queijos que encontrava nas lojas. Era início de abril e a Semana Santa estava próxima. Uma bela tarde de primavera, o casal estava no jardim tomando uma taça de champanhe quando Ajit surpreendeu sua adorada *protégé*.

— Você gostaria de ir à Andaluzia? — perguntou olhando-a por sobre a taça.

Zahra ficou surpresa.

— Adoraria mostrar a você uma das minhas regiões favoritas do mundo — propôs sorrindo diante da felicidade que tinha provocado nela.

— Seria um sonho transformado em realidade! — exclamou Zahra e seus olhos brilharam diante da perspectiva de desfrutar semelhante aventura com ele. — Quando você acha que poderá escapar?

— Bem, o ideal seria estar em Sevilha durante a Semana Santa. Minha mãe passou alguns de seus melhores momentos ali, e eu também.

— Deve ser mágica — comentou Zahra suspirando. — Quando vamos? — perguntou entusiasmada servindo-o mais champanhe.

Ajit sorriu picarescamente. Adorava a *joie de vivre* de Zahra e seu entusiasmo.

— Vamos... esta semana! — anunciou pegando seu punho e aproximando a boca e o nariz do pescoço.

— Meu Deus! Não posso acreditar! — exclamou Zahra abraçando-o. — Estou tão contente! — confessou antes de beijá-lo. — Ajit — sussurrou — você estará sempre comigo?

Ele não respondeu, puxou-a em sua direção para que a cabeça dela descansasse sobre seu peito. Olhou pensativo em direção aos telhados de Paris enquanto acariciava o cabelo dela e beijava sua cabeça.

♦

Na semana seguinte pegaram um trem noturno na Gare D'Austerlitz até Madri, onde pernoitariam duas noites na casa de Victoria, prima de Ajit, antes de se dirigirem até Sevilha. Quando se instalaram no compartimento, para tranquilizar Zahra que estava muito nervosa por seu primeiro encontro com um familiar de Ajit, este disse enquanto o trem saía matraqueando de Paris:

— Você vai adorar Victoria. É como se fosse minha irmã e tinha muita relação com minha mãe.

— Teria gostado muito de conhecer sua mãe — comentou na hora em que se sentava junto à janela para apreciar a paisagem francesa, que ia mudando de cor e de vegetação.

— Era uma mulher muito valente. Vinha de outro tempo, de outro lugar — esclareceu enquanto acendia um cigarro. — Tinha levado uma vida muito humilde e isolada no sul da Espanha, no seio de uma família muito católica. Não era sofisticada nem cosmopolita e, apesar disso, não se acovardou diante do desafio de levar outra vida em outro mundo — disse antes de deixar o cigarro no cinzeiro.

Zahra o ouvia atentamente enquanto segurava uma taça de vinho pelo pé e girava.

— Abandonou tudo e nunca olhou para trás — continuou. — Pense só. Em 1906, uma jovem de dezesseis anos, nascida em uma pequena cidade da Andaluzia, uma ingênua absoluta no sentido mais amplo da palavra, abandona tudo e cruza meio mundo com um homem que mal conhece, e que não era católico, para levar uma vida completamente alheia a ela. Foi um salto para o desconhecido. — Ajit meneou a cabeça, maravilhado, e se inclinou para apagar o cigarro. — Muitas mulheres de hoje em dia não teriam coragem de ultrapassar essas barreiras culturais da forma como ela fez, e não se esqueça de que foi há cinquenta anos.

— Você tinha uma boa relação com seu pai?

— Eu o amava — respondeu coçando a bochecha com expressão triste. — Era impossível estar perto dele da forma como estava com minha mãe. Mas o respeitava e admirava. Era um grande homem... adiantado para seu tempo em muitas coisas.

— E como você se sente? — perguntou Zahra curiosa —Indiano ou espanhol?

Ajit deu uma risadinha.

— Já me perguntei muitas vezes. É difícil explicar, mas me sinto em casa tanto na Índia como na Espanha.

— Verdade?

— E em Londres, Paris, Buenos Aires, Nova York, Los Angeles... — afirmou rindo.

— Você é um homem do mundo — disse Zahra com doçura.

— Quando nasci, um dos *pandits* disse a minha mãe que eu sempre seria um viajante, que nunca criaria raízes — confessou. — Apesar de minha mãe não lhe ter dado ouvidos, acho que tinha razão.

Ajit já tinha tentado explicar a Zahra sua inquietude, sua necessidade de ir de um lado para outro com a esperança de encontrar o lugar ao qual realmente pertencia, mas ela não tinha entendido. Enquanto Zahra e muitas outras invejavam sua vida em meio à alta sociedade e suas viagens contínuas, ele sonhava em sentir suas raízes, um lugar em que pudesse ser ele mesmo e levar sua vida segundo suas próprias normas e não as da sociedade. Não mentiu quando disse que se sentia em casa tanto na Índia como na Espanha, porque era verdade. Na Índia, se sentia indiano, vestia *sherwani* e turbante, falava punjabi, tomava chá e fumava na *hookah* com os amigos. Na Espanha era um espanhol a mais nas corridas de touros, tomava camomila e petiscava *jamón* e queijo manchego. Mas qual era seu lugar? Frequentemente se perguntava: era o Punjab ou Andaluzia?

— Minha mãe era muito orgulhosa de ser espanhola, mas também de ser do Punjab. Acho que me inculcou esse sentimento.

Continuou contando que, logo depois de seu nascimento, sua mãe tinha insistido para que se fizesse uma cerimônia sikh para batizá-lo, com a bênção dos sacerdotes do Templo Dourado.

— Queria que ninguém tivesse a menor dúvida de que eu era sikh. Então, com quarenta dias de vida, me levaram a Amritsar.

— Sua mãe se converteu? — perguntou Zahra movida por sua própria preocupação quanto às diferenças religiosas entre eles e a reação de seus pais ao saber que Ajit não era muçulmano.

— Não, continuou sendo católica até sua morte. Na verdade, também fui batizado em uma igreja católica, mas não por ideia de minha mãe. Para ela a cerimônia de Amritsar tinha sido suficiente — comentou rindo. — Mas, ao que parece, meus avós ficaram horrorizados com a ideia de não me batizarem e estavam convencidos de que a bênção sikh não era sinônimo de salvação para minha alma.

— E o que aconteceu?

— Uma vez minha mãe me levou a Paris e me deixou com eles enquanto saía em viagem com meu pai. Minha avó me levou à Notre Dame, me aproximou da pia de água benta e me colocou um pouco de água na cabeça.

Zahra riu. Ajit continuou dizendo-lhe que Anita nunca contou isso ao marajá, porque só faria irritá-lo.

— De qualquer forma, um pouco de água benta nunca fez mal a ninguém. No máximo, deixa a cabeça fria e úmida.

Fez-se um momento de silêncio no qual os dois olharam a catedral de Chartres que se elevava entre os campos de trigo.

Para ele, a Espanha estava ligada a sua juventude e adolescência, aos verões que passava na Costa do Sol com seus primos Victoria e Guillermo; as praias, o sol e as aventuras típicas de adolescentes ruidosos. Victoria e Ajit tinham quase a mesma idade e juntos tinham compartilhado e experimentado muitas coisas. Adorava submergir em uma cultura da qual se sentia parte, então desfrutava das corridas de touros e via partidas de futebol enquanto tomava cerveja e, apesar de gostar mais de jazz, até assistia de vez em quando a uma boa apresentação de flamenco. Mas, sobretudo, gostava do que descrevia como o modo de vida andaluz: uma vida simples, que gira em torno da família, da comida e das conversas.

— É quase uma existência sem preocupações — explicou enquanto o trem cruzava Orléans. — Quando vou à Espanha sinto que tudo volta à normalidade, que os problemas e preocupações que nos afetam em outros

lugares desaparecem ao cruzar a fronteira, sobretudo na Andaluzia. É o tipo de lugar em que uma garrafa de vinho, um pouco de *jamón* e um papo com os amigos solucionam todos os problemas do mundo. Essa simplicidade também se reflete na comida. A comida tradicional espanhola é muito simples. Não é nada complicada. Eu adoro, especialmente uma boa *tortilla*, *chorizo* e ovos com batatas fritas. É algo que você, querida, precisa provar.

— Ajit, você está babando — brincou Zahra.

Ajit recostou envergonhado e tirou um lenço para limpar a boca.

— Era brincadeira — tranquilizou-o.

Acima de tudo, porém, para Ajit a Espanha representava sua mãe. Foi onde ela decidiu morar quando voltou à Europa depois do divórcio.

— Nessa época eu estava em Cambridge e era muito fácil para mim ir visitá-la.

— E agora que não está?

— Continuo tendo lembranças — afirmou com voz sonhadora. — Venha! — apressou-a voltando a adotar um tom jovial — Vamos jantar.

Pegou sua mão, colocou-a em seu braço e se dirigiram ao vagão restaurante.

♦

Quando chegaram a Madri, Victoria tinha viajado inesperadamente e Ajit sugeriu que fizessem um desvio até Granada, a caminho de Sevilha.

Zahra ficou fascinada pelo palácio de Alhambra, que tinha sido residência dos reis árabes de Granada. Também se encantou com o Albaicin, o antigo bairro árabe, e com o Sacromonte, com suas cavernas habitadas por ciganos. Certa noite a levou para ver o flamenco em La Reina Mora, um *tablao* muito famoso, e Zahra insistiu em ir todas as noites que estiveram ali.

Chegaram a Sevilha no Domingo de Ramos. Ajit tinha conseguido um pequeno apartamento na rua Santa Teresa, que dava para a Plaza Santa Cruz.

Era o local perfeito não só por ser muito acolhedor, com um lindo terraço com vista para os telhados da cidade, mas porque as principais procissões passavam em frente, a caminho da catedral.

Enquanto o táxi os levava para o centro da cidade, Zahra notou notas de uma fragrância peculiar, mas deliciosa.

— O que é?

— É incenso misturado com o cheiro de *azahar*, a flor de laranjeira que desabrocha justamente na Semana Santa. É muito característico de Sevilha e dessa época do ano, é imperdível.

O taxista os deixou em Santa María la Blanca e dali tiveram de ir caminhando, já que no bairro de Santa Cruz praticamente só existem calçadões. Zahra adorou Sevilha e, evidentemente, estar ali com Ajit tornava tudo ainda mais especial. As coisas mais simples, como ver uma bela laranjeira, a encantavam, e não se cansava de sentir o cheiro de *azahar*. Passearam por toda a cidade, viram a catedral e a Giralda, comeram *tapas*, fizeram a *siesta* e absorveram a atmosfera de Sevilha na Semana Santa. Ajit lhe recomendou suas *tapas* favoritas e Zahra as experimentou, exceto o *chorizo* e o *jamón* ibérico. Sentados em banquinhos, enquanto saboreavam camarões e croquetes, Ajit tentou descrever-lhe o sabor do *jamón*, mas cada vez que comia um pedaço, só conseguia suspirar com o prazer que lhe dava. Também insistiu para que provasse uma *torrija*, sobremesa que continua sendo preparada segundo a receita árabe que remonta ao século VIII. Levou-a ao convento de San Leandro, famoso pelas *yemas* elaboradas pelas freiras segundo outra receita árabe.

— O que é uma *yema*? — perguntou Zahra enquanto passeavam pelo centro a caminho da Plaza San Ildefonso.

— Você já vai ver, é uma surpresa.

Ajit bateu na enorme e pesada porta de madeira e esperou alguns minutos. Uma pequena brecha se abriu e viram brevemente um par de olhos antes de fechar novamente. A porta se abriu lentamente, mas Zahra não viu ninguém e se perguntou como poderia ter se aberto sozinha. Entrou em um pátio ensolarado com Ajit e admirou as flores, a fonte e os azulejos que decoravam as paredes. Chegaram a um arco e entraram em um corredor escuro. Em frente a eles havia um pequeno tabuleiro de madeira. Ajit se aproximou e chamou.

— Quem é? — perguntou uma voz abafada.

— Ave Maria puríssima — disse Ajit.

— Sem pecado concebida — respondeu a voz.

Zahra ficou confusa. Por que se cumprimentavam dessa forma? Tirou o braço e estava a ponto de perguntar quando ele disse:

— Uma caixinha, por favor.

Zahra ficou boquiaberta quando o tabuleiro se abriu. No interior havia uma bandeja onde Ajit depositou algumas pesetas. O tabuleiro fechou e pouco depois abriu-se novamente. A bandeja com o dinheiro tinha desaparecido, mas foi substituída por uma caixinha de gemas. Zahra se pôs a rir.

— Shhhh! — Ajit tentou fazê-la calar enquanto abria a caixinha e colocava um doce na boca. — Estamos em um convento!

Mas Zahra teve um ataque de riso e tiveram de sair correndo antes que a madre superiora os repreendesse.

Levou-a a Triana para que visse o antigo bairro dos ciganos. Ensinou-lhe todo o espanhol que conseguiu em uma semana e se surpreendeu como ela aprendia rápido. Foram juntos ao famoso mercado de Triana para comprar comida e vinho, e Zahra até tentou fazer *paella*. Também mostrou a ela fotos de sua mãe quando era jovem e bailarina, e o monte de

recortes que colecionara durante anos, lembranças conservadas em álbuns e caixas guardados por um amigo de sua mãe que morava em Sevilha.

— Era muito bonita — disse Zahra ao ver as fotografias.

— Com certeza — corroborou, enquanto relembrava os tempos em que era menino e sua mãe era a pessoa de quem se sentia mais próximo.

Quando Zahra presenciou sua primeira procissão da Semana Santa, sentiu-se envolvida ao ver a banda de música que ia na frente, seguida pelos penitentes, os nazarenos e depois a passagem de Cristo, antecedendo a Virgem, em todo seu esplendor. O ar estava impregnado de fumaça de incenso, do cheiro da cera das velas e do perfume de *azahar*. Todos os dias que passaram ali, do Domingo de Ramos ao Domingo de Páscoa, assistiram a reconstituição feita pelas igrejas sevilhanas da última semana de Cristo na Terra a partir do terraço, em procissões profusamente decoradas com vestuário elaborado, que serpenteavam pelas ruas em direção à maior catedral gótica da Europa.

Na Quinta-feira Santa saem os grupos mais bonitos: El Silencio, Jesús del Gran Poder, La Virgen de la Macarena, La Esperanza e Los Gitanos, cujas procissões duram a noite toda e vão até o dia seguinte. Ajit insistiu em comprar-lhe uma mantilha e garantiu que era o que vestiam as verdadeiras sevilhanas no dia da crucificação. Zahra riu quando a atendente a ensinou como colocar o pente e prender a mantilha com alfinetes especiais.

— Acho que só vou levar a mantilha — disse quando se viu no espelho.

— Fica muito bem em você, Zahra — disse Ajit.

— Verdade? — perguntou Zahra virando-se para olhá-lo.

— A senhora está muito bonita — confirmou a atendente.

Mesmo assim, no final Zahra decidiu ficar só com a mantilha, com a qual cobriu a cabeça naquela noite.

Quando os sinos da catedral soaram as doze badaladas, Ajit e Zahra estavam no terraço do apartamento para ver a procissão de Jesús del Gran Poder. Era uma das confrarias mais antigas da cidade.

A primeira que saiu foi a Cruz de Guia, seguida pelos círios, os membros da confraria que levam grandes candelabros de prata com velas enormes; depois os nazarenos e mais tarde os penitentes, com pesadas cruzes de madeira nas costas, uma imagem impressionante.

Depois deles vinha o carro que representava a Última Ceia. Imagens de madeira com rosto de cera e roupas elaboradas de veludo, seda e adamascado representavam os apóstolos. Jesus, vestido com uma túnica de veludo preto, estava no centro. Quando o cortejo saiu, o ambiente se inundou de nuvens de incenso, queimado em incensários de metal que pendiam do carro. A banda começou a tocar, a procissão tinha começado.

Quando Jesus Cristo passou em frente a eles, Zahra reparou que as pessoas choravam ao se lembrar de sua crucificação. Bem atrás vinha a Virgen del Mayor Dolor, o carro mais esperado de toda a Semana Santa. Quando apareceu, Zahra ficou paralisada ao ouvir os gritos da multidão: Linda! Minha mãezinha! Coberta por um dossel de veludo, a virgem tinha uma beleza serena e suas lágrimas brilhavam à luz das velas. Vestia uma mantilha simples, mas o manto se desdobrava alguns metros depois dela e parecia uma rainha. Zahra olhou para Ajit. Tocou suavemente seu braço. Quando se voltou, viu uma expressão triste e resignada em seu rosto e soube que pensava na mãe.

No terraço em frente parecia haver uma festa. Em um dos extremos, um grupo de pessoas sentadas comia, falava e até ria suavemente enquanto garçons serviam-lhes petiscos. No outro extremo havia um homem em pé que parecia pensativo, com as mãos unidas, cabeça baixa, esperando a chegada dos carros. O terraço oferecia uma estranha mistura de sagrado e profano.

De repente, Zahra ouviu alguém que gritava.

— Alá nos proteja! — exclamou surpresa.

Ajit se inclinou para explicar a ela que era o começo de uma *saeta*. Quando Zahra olhou para ver quem estava cantando, notou que era o

homem do terraço em frente. Tinha uma das vozes mais perturbadoras que já ouvira. Mas também entendeu que a emoção transbordante que se sente ao contemplar esses lindos carros só pode ser expressa pelo canto. Como disse Ajit: "Ou se sente o flamenco bem dentro de si, ou não se sente".

Zahra precisava ligar para os pais e, como no apartamento em que estavam não havia telefone, só podia fazê-lo de um bar ou da agência dos correios. Decidiram-se por esta última.

— É você, *umma*? — perguntou Zahra esforçando-se para ouvir sua mãe em meio ao alvoroço reinante.

— Sim, Zahra. Como você está?

— Muito bem, mãe. Hafsah foi a umas aulas especiais com Farhan para aprender a cuidar de recém-nascidos.

— O quê? — exclamou Laila. — Jamais fui a alguma coisa assim e seu pai não teria ido nem à força.

Então alguém tentou furar a fila de pessoas que esperava para ligar e se criou uma grande discussão.

— Onde você está? — perguntou Laila desconfiada.

— Na casa de Hafsah, por quê?

— O que é todo esse barulho? E por que parece que ninguém fala inglês?

— *Umma*, estou na cozinha e a governanta deve estar ouvindo rádio ou vendo televisão.

Ajit fez um movimento de aprovação com a cabeça ao ouvir a improvisação rápida.

— Você está recebendo as cartas que escrevo toda semana? — perguntou para mudar de assunto.

— Sim, recebo — respondeu em tom ausente.

— *Umma*, preciso desligar. Coloquei o leite para ferver e não quero que queime — mentiu Zahra ao notar que outra discussão se formava. — Te amo muito.

— Cuide-se, minha filha, onde quer que esteja — despediu-se antes de desligar.

Não quis prestar atenção aos remorsos que sentiu depois dessa conversa. Estava à vontade na Andaluzia, lembrava-se de Biblos e outras regiões do Líbano. Também agradecia por poder ter Ajit só para ela praticamente o tempo todo, ainda que até mesmo ali ele eventualmente desaparecia durante algumas horas e voltava a alegar compromissos de trabalho como desculpa. A semana passou rapidamente e enquanto o trem saía da estação, olhou com tristeza para a cidade, desejando ter podido ficar mais tempo.

— Voltaremos, Zahra, não se preocupe. Vou trazê-la novamente. Também gosto muito de Sevilha — tranquilizou-a Ajit.

Chegaram a Paris em meados de abril. Um telegrama a esperava. Zahra ligou rapidamente para sua irmã.

— Graças a Deus você voltou. Acho que temos problemas — alfinetou Hafsah.

— Meu Deus! Já temia, foi por minha culpa — exclamou antes de lhe contar o que tinha acontecido na agência do correio de Sevilha. — Acho que ela percebeu que não estava em Londres. Tentei dissimular o quanto pude, mas não sei se acreditou.

— Não, temo que não tenha acreditado nem em você nem em mim. Perguntou se eu tinha uma governanta que pudesse estar ouvindo rádio ou vendo um programa de televisão em espanhol e, como eu não sabia que você estava na Espanha, respondi que a governanta é indiana e que não tinha por que estar ouvindo nada em espanhol.

— O que vamos fazer? — perguntou Zahra à beira das lágrimas. — Não posso ir embora. Estou muito apaixonada. Tinha certeza de que poderia ficar até que o bebê nascesse.

Ajit estava sentado a seu lado e pegou sua mão durante toda a conversa. Não aprovava a mentira que tinham inventado, mas as duas lhe garantiram

que o pai era uma pessoa com quem não se podia argumentar. E como Farhan também tinha dado seu consentimento, ainda que nem tão seguro, Ajit tinha aceitado, convencido de que funcionaria.

— Zahra — interveio Ajit, mas como ela estava falando em árabe não prestou atenção. — Zahra — repetiu em voz mais alta. — Deixe-me falar com Farhan. — Quando ela passou o fone a contragosto, e Farhan Al-Hasan atendeu do outro lado, perguntou: — Você pode me explicar exatamente o que está havendo?

— Bem, no momento só Laila sabe, e ela no fundo é uma peça. Na verdade, está sendo um tanto hipócrita ao tentar bancar a santinha. Quando tinha a idade de Zahra saía o tempo todo e não dava a menor importância ao que os pais diziam. Certamente Zahra herdou dela essa veia de teimosia.

— O que você acha que ela vai fazer?

— Para ser sincero não sei, mas imagino que não fará nada até ter provas.

— Obrigado, amigo — despediu-se antes de desligar.

— Querida — começou a dizer com tanta ternura que conseguiu fazer com que as lágrimas que estava contendo aflorassem. — Vamos resolver. Deixe-me ligar para seu pai e me apresentar.

— Não! Não! — gritou. — Não faça isso, por favor! Você só vai conseguir piorar as coisas. Vamos esperar para ver o que acontece. Pode ser que nem conte a meu pai. Às vezes acho que na maior parte do tempo ele não sabe de nada.

Ajit concordou. Não conseguia entender todo aquele drama, mas de qualquer forma se alegrou por poder se manter afastado.

Contudo, o problema de Zahra tinha exposto certas questões das quais ele tentara fugir. Naquela noite Ajit se revolveu na cama pensando em qual seria a melhor forma de enfrentar a situação em que estava metido. A solução evidente era se casar. Mas o casamento era um passo que não

estava preparado para dar. Sabia que nunca seria um bom marido; sempre haveria segredos entre eles. Suas necessidades e caprichos a machucariam demais. Sabia que, apesar de seu suposto desejo de ampliar horizontes, no fundo Zahra desejava levar uma vida tradicional que ele não poderia oferecer. Não queria destruir seu coração, mas fazer isso parecia inevitável.

"Preciso pensar e não consigo fazer isso aqui. É o momento de voltar para a Índia", disse a si mesmo. Tinha organizado as questões da herança de sua mãe e queria participar da situação política de seu país.

Na manhã seguinte, Ajit tomou um banho rápido e depois de um beijo fugaz saiu. Durante vários dias se levantou muito cedo e voltou muito tarde. Zahra não fez nenhuma pergunta. Ele se mostrava retraído e pouco comunicativo, e Zahra não sabia o que fazer, além de lhe dar tempo para resolver o que o preocupava.

Certa noite estava dando os últimos retoques no jantar quando ouviu a porta se abrir. Foi cumprimentar Ajit, que esperava que um homem desconhecido subisse as escadas. Carregava uma pasta grande e um sobretudo marrom. Tirou rapidamente o avental e secou as mãos.

— Perdão, não sabia que tínhamos um convidado. Deixe-me servir uma bebida e alguma coisa para beliscar — ofereceu sorrindo.

— Trouxe uns documentos. Saio já. Você se importa de jantarmos no jardim? Hoje não está frio — sugeriu Ajit.

Zahra concordou um tanto intranquila. Ajit começou a falar com o homem em um idioma que logo soube que era punjabi e entraram no escritório. Tomou uma taça de vinho branco enquanto punha a mesa no jardim, no qual, apesar de saber que estaria por pouco tempo, tinha plantado rosas, hera, gerânios, violetas e outras de suas flores favoritas. Os roseirais estavam começando a florescer e se entreteve tirando folhas secas enquanto esperava.

Ao fim de uma hora, Ajit acompanhou o homem à porta. Quando saiu, Zahra reparou que estava com a cabeça em outro lugar, mas não quis

forçá-lo a falar. Mas percebeu que durante o jantar bebeu mais do que de costume e se perguntou se estaria tentando reunir coragem suficiente para lhe dizer algo que não queria ouvir. Finalmente, quando tirou o queijo e o vinho do Porto, ele disparou:

— Zahra, querida, amanhã tenho de ir à Índia.

Ela deixou cair a faca do queijo. "Isso quer dizer que só nos restam algumas horas. Por que não me disse antes?", pensou, mas logo se recompôs e pegou a faca.

— Você vai ficar fora por muito tempo? — perguntou com voz firme.

— Não sei, muitas coisas estão acontecendo. Tenho questões familiares com que me ocupar e agora que os assuntos de minha mãe estão resolvidos, preciso levar alguns de seus pertences para lá.

— Essas questões familiares são importantes?

— Sim — respondeu Ajit sem esclarecer mais nada.

Zahra assentiu e esperou alguma explicação, mas não obteve.

Apesar de ele não ter pedido, não havia nada que desejasse mais do que acompanhá-lo, mas era impossível. Não era casada com ele nem poderia fazê-lo a menos que fosse a Beirute, falasse com seus pais e obtivesse a aprovação deles para se casar. Além disso, ele teria de se converter ao islamismo. Ela não poderia se converter ao hinduísmo já que, para fazê-lo, é necessário nascer em uma família hindu.

Aturdida, ajudou-o a fazer as malas. Decidiram que Zahra voltaria para Londres para ficar com a irmã, pelo menos até quando o bebê nascesse, e quando ele chegasse a Índia telefonaria para lhe dizer o que estava acontecendo.

A manhã nasceu ensolarada e luminosa. Zahra e Ajit praticamente não tinham dormido, permaneceram acordados falando ou simplesmente abraçados. Ajit voltou a ser muito carinhoso e Zahra quase reuniu coragem suficiente para perguntar a ele algo mais sobre essa viagem repentina. Mas Ajit costumava se fechar diante de certos assuntos e soube que este era um

deles. Não houve remédio além de confiar nele. Quando Ajit adormeceu, observou a saída de Vênus no céu e fez um pedido: "Por favor, meu Deus, não nos separe para sempre, faça com que ele volte logo. Não consigo viver sem ele".

Estavam no hall de entrada quando a buzina do táxi tocou. Zahra tentou ser valente, mas desabou e começou a soluçar. Ajit secou suas lágrimas com um lenço enquanto Zahra acariciava sua cabeça e seu rosto, como se para se lembrar de todos os traços dele. Ouviram novamente a buzina. Zahra saiu à porta da rua com ele. O taxista pegou a bagagem e colocou no porta-malas. Ajit deu-lhe outro beijo, mantendo seu rosto cheio de lágrimas entre as mãos com grande ternura, e depois entrou no carro.

— *Monsieur, vous avez une femme très belle* — comentou o taxista olhando Ajit pelo espelho retrovisor.

— *Merci.*

— *Vous l'aimez beaucoup?*

— *Oui.*

De certa forma, era verdade.

Quando Zahra viu que o táxi se afastava, se desfez em lágrimas. Seu idílio tivera um fim repentino em poucas horas.

Nunca soube como conseguiu chegar a Londres na mesma tarde. Hafsah foi buscá-la na estação. Sua gravidez estava muito avançada e sua maneira estranha de andar foi a única coisa que conseguiu colocar um sorriso no rosto de Zahra.

Não ajudou muito que a Índia fosse notícia a toda hora. Jawaharlal Nehru faleceu em 27 de maio de 1964, depois de cinco meses de doença. O funeral foi transmitido por todas as redes de Londres e apareceu em todos os jornais e revistas. Zahra imaginava ver Ajit nas fotos ou na televisão. Vez por outra até conseguiu, apesar de normalmente estar meio oculto em segundo plano e de, na maioria das vezes, seu nome não ser mencionado.

Uma semana depois do enterro de Nehru, Hafsah teve um menino. Pouco depois, os pais de Zahra pediram que ela voltasse. Estava fora há seis meses e exigiram que viesse logo.

1. *Montera*: chapéu típico dos toureiros (N.T.).

2. O dia 14 de fevereiro, festa de São Valentim, é considerado, em muitos países, como o dia dos namorados (N.T.).

Capítulo 8

Quando o avião da BOAC com destino a Beirute se ergueu sobre as nuvens, Zahra se lembrou de Ajit. Perguntou-se como seus pais reagiriam se um dia decidisse pedir sua mão. "Como é que não vão gostar dele?", pensou tentando se convencer de que o faria. Afinal, era um príncipe e vinha de uma família cuja linhagem se perdia na história dos tempos. Sua mãe gostaria disso. Também era um diplomata reconhecido e rico, o que faria seu pai feliz. Mais tranquila já que, de uma forma ou de outra, tudo sairia bem, desceu do avião no aeroporto de Beirute, pronta para enfrentar seus pais.

No carro que os conduziu até a casa demonstraram não ter grande coisa para dizer. Zahra nunca tinha muito o que falar com seu pai, mas o distanciamento que notou em sua mãe era algo novo e as duas se sentiram desconfortáveis. Já não era capaz de confiar a ela o que achava importante em sua vida, sobretudo depois de ter mentido sobre um tema tão crucial quanto o amor.

— Por que você não vai para o quarto e se refresca um pouco antes de comer? — sugeriu Laila depois de entrar com as malas.

Zahra não disse que se sentia tão esgotada que a única coisa que queria era se deitar e tirar um cochilo. Fez o que a mãe lhe aconselhara e depois

desceu com os presentes que tinha escolhido para os pais em companhia de Hafsah: uma gravata para o pai e um lenço para a mãe.

— É muito bonito! — exclamou Laila. — Muito obrigada. Colocou sobre o ombro e olhou-se encantada em um espelho.

— Não é de seda, mas não é ruim. Pelo menos posso usá-la com o terno azul-marinho. Vamos ver — comentou o pai ao ver a gravata.

Era muito típico dele. Nunca se limitava a agradecer, sempre tinha de encontrar um defeito em tudo.

Passada uma semana, Hafsah lhe disse que Ajit não tinha telefonado, como era seu plano, e Zahra tentou entrar em contato com ele. Escreveu cartas para a casa da Rue de Bearn, com a esperança de que alguém recolhesse sua correspondência. Ligou para o escritório dele em Paris, mas foi informada de que ainda não tinha voltado. Uma voz francesa arrogante lhe perguntou se queria deixar recado, mas Zahra tinha medo de dar o número de telefone de seus pais. Em vez disso pediu que lhe dessem um número para o qual pudesse ligar na Índia. Mas sempre que tentava, não conseguia completar a ligação, ou não era a hora apropriada ou não compreendiam o que dizia. Quando finalmente conseguiu falar com alguém, a pessoa lhe disse que Ajit estava viajando pelo país por motivos políticos. Implorou que lhe dissesse que Zahra tinha ligado de Beirute. A pessoa pediu o número de seu telefone, mas teve medo novamente do que poderia acontecer se Ajit ligasse e seus pais atendessem. Quando desligou não estava muito confiante de que Ajit receberia a mensagem. Segundo as notícias, a Índia estava vivendo tempos muito agitados e pensou que isso talvez também tivesse afetado as comunicações.

Relembrou o tempo que tinha passado na Rue de Bearn e como tinha sido feliz levantando-se antes que ele fosse para o trabalho para preparar uma xícara de chá ao estilo indiano, como ele gostava: fervido em leite com açúcar, canela, cardamomo e cravo. Espremia laranjas e deixava o suco na geladeira para que estivesse gelado quando ele descesse. Se tinha

pressa, convencia-o a comer pelo menos uma torrada ou croissant, e outras vezes tinham mais tempo e comiam ovos mexidos.

Para não alterar a paz do lugar e na tentativa de se distrair, aceitou de boa vontade acompanhar a mãe aonde quer que ela fosse: fazer compras, comer, tomar chá ou ao cabeleireiro para arrumar o cabelo ou a manicure. Mas quando começaram a passar os dias sem notícias de Ajit, Zahra se deprimiu a ponto de se sentir doente na maior parte do tempo. As longas discussões que era obrigada a presenciar sobre seu futuro marido não melhoravam seu estado.

Quando os dias se transformaram em semanas sem notícias de Ajit, Zahra não conseguiu entender o que estava acontecendo. Desejava poder contar a sua mãe, mas Laila tinha deixado de ser a mulher risonha e encantadora que tinha conhecido enquanto crescia, que a abraçava, falava com ela de tudo e a cobria de beijos e atenções. Nesse momento, sobretudo quando Kamal estava presente, parecia resignada e submissa, carente do brilho e da energia que antes faziam dela uma mulher atraente.

De vez em quando a mãe perguntava por que ela parecia sempre tão triste e Zahra se limitava a dar de ombros e a argumentar que não estava bem, o que não deixava de ser verdade. Parou de sair e preferia dar longos passeios pela praia a estar com pessoas. Os amigos que tinha visto logo que chegou ligavam para convidá-la para festas, mas sempre encontrava uma desculpa para não ir.

Em uma tarde sufocante de finais de agosto, na qual tinha fechado as venezianas e ligado o ventilador de teto para deitar-se na cama, a governanta, que a conhecia desde que era criança, entrou para arejar o quarto, abriu os postigos para que entrasse a brisa marinha e esticou os mosquiteiros sobre as camas.

— *Habibi*, o que você está fazendo na cama? Esta noite você tem de ficar bonita para o jantar que seus pais vão oferecer — disse Alima

aproximando-se da cama e tocando sua testa. — O que há, menina? Não está se sentindo bem?

Zahra olhou-a com lágrimas nos olhos. Queria dizer o que achava que estava acontecendo, mas como não tinha certeza, manteve o silêncio.

— Você sabe que tudo o que desejo no mundo é sua felicidade. Preciso dizer uma coisa. Não deveria contar, mas sua mãe me perguntou se encontrei no banheiro algum sinal de suas regras.

A surpresa de Zahra se refletiu na expressão de seu rosto. Era como se Alima tivesse lido seus pensamentos.

— Não vi nada, mas menti para sua mãe dizendo que sim.

— Por favor, Alima, me ajude! Eu o amo tanto.

A governanta a envolveu em seus braços até que parou de chorar.

— Amanhã vamos ao médico de minha vila e damos um jeito. Não há de ser nada, menina. Foi só um erro...

— Não, Alima! Quero ter esse filho. Amo o pai dele e não vou me livrar do bebê.

— Por favor, suplico que não se comporte assim — respondeu Alima surpresa. — Seu pai a matará pela desonra. Como você vai enfrentar o mundo? Como vai olhar na cara de seus pais? Ninguém vai querer se casar com você. Não ponha sua vida a perder.

— Alima, por favor, você precisa me ajudar a manter esse filho.

— Você precisa se vestir antes que sua mãe chegue e a veja nesse estado. Amanhã vamos ver o que diz o médico — disse Alima com voz firme, enquanto se afastava da cama.

Mais tarde, Zahra estava radiante no jantar e Alima tinha confirmado suas suspeitas de que a jovem estava grávida. À elegante reunião tinham comparecido quase exclusivamente os colegas de banco de Kamal e suas esposas. Como não estava satisfeito com as propostas de casamento que lhe haviam feito, encarregou-se pessoalmente de apresentar todos os homens solteiros a Zahra, incluindo um, Anwar Akhtar, que trabalhava com ele.

Zahra apertou sua mão educadamente, mas depois não se lembrou de nada dele ou de ninguém que tivesse conhecido naquela noite. Só conseguia pensar em Ajit e em como ele ficaria feliz quando soubesse que ela estava grávida.

No dia seguinte, o médico da vila de Alima disse que Zahra estava grávida de mais de três meses e que era tarde demais para fazer alguma coisa além de ter o bebê. Zahra não sabia como dizer à mãe, mas não teve de fazê-lo. Laila soube casualmente quando Zahra contava a Hafsah pelo telefone. Zahra achava que a mãe estivesse dormindo em seu quarto e tomou um susto enorme quando entrou onde ela estava e lhe deu uma bofetada tão forte que deixou a mão marcada em seu rosto.

— Puta mentirosa! Idiota! Com quem você se deitou para ficar grávida? Como se atreve a desonrar sua família dessa forma? Somos os Ajami de Beirute, não uns pobres idiotas de um povoado no vale de Bekaa!

Ela nunca tinha visto a mãe assim. Quase não a reconheceu com o rosto transtornado pela raiva. Do outro lado da linha, Hafsah ouvia tudo o que estava acontecendo.

— *Umma*, por favor!

— Não, puta falsa e mentirosa! E não me chame de mãe! Nenhuma filha minha traria desgraça semelhante a nossa família!

Ao ouvir aquilo, Hafsah se pôs a chorar. Zahra já tinha ouvido o suficiente. Foi em direção àquela estranha, sua mãe, e disse em voz baixa:

— Se sou uma bastarda, devo ter herdado isso de você. Acha que não conheço a reputação que tinha antes de se casar com meu pai? Acha que ninguém nunca falou de você e dos homens que faziam fila em sua porta? Que eu saiba, nem sequer sou filha de Kamal. Quem é você para me julgar?

Estava enfurecida demais para reparar na expressão de surpresa momentânea que surgiu no rosto de sua mãe. Virou-se, correu escadas acima e se jogou na cama, em um mar de lágrimas de fúria e dor. Negou-

se a descer para jantar. Na manhã seguinte, continuava na cama quando uma mulher que nunca tinha visto entrou.

— *Salaam aleikum habibi*[1] — cumprimentou educadamente a mulher.

— Quem é você? — perguntou Zahra.

— Sou Nadia, a nova governanta.

— Como assim? Onde está Alima?

— Teve de ir a sua vila.

— Por quê?

— *Habibi*, a única coisa que sei é que se machucou demais.

— Meu Deus! — gritou levando as mãos à boca. — A culpa foi minha. Ela só queria me ajudar e agora... Por favor, descubra onde ela está, agora.

— *Habibi*, estou proibida... — começou a dizer, mas uma voz masculina a interrompeu.

— Alima já não está entre nós — interveio Kamal antes de fazer um gesto para que Nadia saísse e fechasse a porta. — Quem é o pai?

— É indiano. É sikh e usa turbante — respondeu Zahra, desafiadora.

Kamal ficou tão desconcertado quanto esperava sua filha. "Sua filha, grávida de um hindu qualquer?", impossível.

— O quê? Quem é? — repetiu.

— Já ouviu e não vou dizer mais nada.

— Vai sim. Se não me disser sou capaz de matá-la aqui mesmo, rasgar seu ventre e tirar o filho que carrega — ameaçou-a.

Deu-lhe duas bofetadas, mas Zahra estava assustada demais para gritar.

— O que está acontecendo? — ouviu sua mãe dizer do outro lado da porta.

— *Umma*! — gritou para que entrasse para ajudá-la.

— Kamal! O que você está fazendo? — gritou Laila enquanto batia na porta.

— *Umma*! Me ajude, por favor!

— Não se meta, Laila! Você é a culpada de tudo! Ela aprendeu tudo com você! — gritou esbofeteando-a novamente.

— Não se atreva a tocar nela! — gritou Laila.

— Você tem sorte de não sermos sauditas ou você teria sido lapidada no deserto.

Zahra pensou que estaria melhor morta. Kamal saiu e pediu que Nadia a ajudasse a se lavar. Não conseguia acreditar que sua mãe tinha contado imediatamente a seu pai sobre a gravidez. Não sabia que o narguilé tinha soltado sua língua e que revelara o segredo sem se dar conta.

No dia seguinte os dois apareceram com a intenção de interrogá-la. Zahra voltou a olhar a mãe em busca de ajuda, mas ela parecia estar perdida em um estranho estupor e se manteve em silêncio enquanto Kamal a fustigava sem descanso. Ficou claro que não poderia voltar a contar com a mãe. Ao ver que não conseguiam tirar nada dela, decidiram ligar para Hafsah e Farhan para lhes perguntar quem era o pai. Hafsah admitiu ter ajudado Zahra em sua aventura amorosa, mas se negou a revelar quem era o pai. A negativa dela enfureceu Kamal, que parou de ameaçá-la aos gritos para falar com calma, pronunciando cada palavra com precisão exagerada.

— Você desonrou sua família e a si mesma. Deixou de ser minha filha. Renego você, renego você, renego você.

Segundo a *sharia*, a lei islâmica, Hafsah se tornava uma órfã. Usou o mesmo tom gélido de voz com o genro. — Você também trouxe a desonra e a desgraça para esta família. Não volte a nos ligar nunca mais. Não vamos reconhecê-los nem recebê-los.

Dito isso, desligou e Zahra acrescentou a sua dor o sentimento de culpa pelo que tinha acontecido com sua irmã e seu cunhado.

♦

Ela foi trancada em seu quarto, onde recebia diariamente bandejas de comida. Não tinha nem ideia do que aconteceria com ela quando tivesse o filho. Tentou subornar Nadia para que lhe contasse alguma coisa, mas ela tinha medo demais para dizer ou fazer qualquer coisa. Zahra passava horas e horas deitada na cama, lembrando-se dos mínimos detalhes de Ajit e do curto período de tempo que passara com ele. Pensava na irmã, no cunhado e no sobrinho, e imaginava formas de escapar para encontrá-los, mas não havia escapatória.

Zahra não viu ninguém durante meses, exceto Nadia e a mulher que entrava para limpar o quarto e recolher a roupa para lavar. Não tinha nem ideia do que tinha acontecido a sua mãe ou o que aconteceria quando tivesse o filho. Matava o tempo relendo os livros que havia em seu quarto e repassando de ponta a ponta os jornais que Nadia conseguia lhe dar às escondidas de vez em quando, para que soubesse o que se passava no mundo. Preocupada com as mudanças que sentia em seu corpo e assustada com o que pudesse acontecer com ela e com o filho, obrigou-se a parar de se obcecar com Ajit. Começou a notar que tinha deixado muitas perguntas sem resposta — apesar de não saber se propositalmente ou não —, mas continuava confiando que ele apareceria um dia e os três ficariam juntos. No momento não podia fazer nada além de esperar e manter a fé.

Depois de trancar Zahra, Laila se refugiou em seu cachimbo de ópio. Tinha transformado o quarto de hóspedes em uma espécie de toucador e passava o dia todo fumando o narguilé deitada sobre grandes almofadões, olhando o teto. Ouvia a voz de Aatish que lhe dizia quanto a amava, via a si mesma jovem, as festas a que tinha ido, os homens com quem estivera. Relembrava os risos e as brincadeiras com Zahra e as irmãs quando eram pequenas e, durante algumas horas, conseguia uma certa paz interior.

Levou algum tempo, mas Kamal Ajami finalmente encontrou uma solução para o problema da gravidez desonrosa de sua filha. Um dia, enquanto pensava nas alternativas em seu escritório, ouviu baterem à porta.

Abriu e encontrou-se com Anwar Akhtar, um paquistanês que estava no banco há algum tempo. Ele se parecia com Kamal de várias maneiras: por fora parecia agradável e humilde, mas embaixo da máscara era uma pessoa cruel. Vinha de uma família pobre, ambicionava construir um futuro e estava louco para ganhar dinheiro.

Há pouco tempo tinham-lhe oferecido um cargo no Banco Imperial da Índia e o tinha aceitado porque supunha uma promoção, melhor salário e a oportunidade de ir inaugurar uma filial em Sydney. Tinha pedido demissão e Kamal a tinha aceitado, mas queria acabar uns relatórios e repassar uns pedidos de crédito com ele. Enquanto conversavam, Kamal começou a olhar para ele e pensar. Podia ser a solução de seus problemas. Anwar conhecia Zahra e tinha felicitado-o por ter uma filha tão bonita. Mas o melhor era que, além de não ser casado, ia para o outro lado do mundo. Zahra poderia ter o bebê em seu quarto sem que ninguém soubesse e depois os três desapareceriam.

— Anwar, você tem um tempo para ir almoçar? — sugeriu Kamal de repente.

— Sim, senhor. Mas e esses papéis e créditos?

— Quero fazer uma proposta a você, meu filho — disse colocando o braço nos ombros dele.

— Com todo o respeito, senhor, já aceitei a oferta do Banco Imperial.

— Não tem nada a ver com sua vida profissional, Anwar. Venha, vamos almoçar e você ouve o que tenho a dizer — propôs Kamal com a voz mais persuasiva que pôde enquanto se levantava.

♦

Um dia Zahra achou ter ouvido o barulho de uma festa no andar de baixo. Quando Nadia subiu para levar sua comida perguntou o que estava havendo.

— É uma festa de compromisso, *habibi*.

— De quem?

Nadia deixou a bandeja na mesa e saiu correndo sem responder.

Mais tarde Zahra saberia que era a festa na qual tinham anunciado seu compromisso com o colega do pai, Anwar Akhtar, uma comemoração à qual sequer fora convidada, nem ao menos comunicada. "Quem estaria ali?", perguntou-se. Sem dúvida os pais e o futuro marido. Haveria outros convidados que ela não conhecia e aos quais seus pais teriam contado a história que inventaram? Não sabia que Laila estava drogada e tinha se sentado em uma poltrona, com um sorriso forçado nos lábios, durante toda a noite. Quando alguém tentara falar com ela, tinha se limitado a levantar a cabeça com o olhar perdido.

O que Kamal e Laila tinham contado aos amigos era que, durante uma breve estadia na qual tinha conhecido e se comprometido com Anwar, Zahra tinha voltado a Londres para ajudar a irmã com o recém-nascido.

Tinham organizado a festa para anunciar o compromisso e explicar que o casamento aconteceria em Londres porque Hafsah queria estar presente e ficava mais fácil para Aisha ir de Paris.

No início de fevereiro de 1965, Zahra estava a ponto de dar à luz. Preveniu Nadia que o bebê poderia nascer a qualquer momento. Kamal foi informado e ordenou a Nadia que dormisse no quarto de Zahra e avisasse as parteiras quando fosse necessário. Tinha pago para que todos guardassem segredo.

Na noite de 7 de fevereiro, Zahra entrou em trabalho de parto. A mãe saiu do torpor produzido pelo ópio para estar presente e ao ver a filha suportar as dores das contrações, sentiu uma compaixão repentina momentânea.

— Segure minha mão — ofereceu, mas Zahra não conseguiu. Sua mãe tinha se aliado com o inimigo, seu pai, e não confiava mais nela.

Preferiu segurar na beirada da cama em que dormira desde que era pequena. As parteiras faziam o que podiam, mas o bebê estava ao contrário.

— Não force, Zahra — pediu-lhe uma delas. — Sei que quer fazer isso, mas não o faça.

Finalmente conseguiram virar a criança e Zahra teve uma menina em 8 de fevereiro de 1965.

Chamou-me de Maha.

Dois meses depois, um ulemá amigo de Kamal casou Anwar Akhtar e Zahra Ajami pela lei da *sharia* em 8 de abril de 1965. Zahra tinha vinte e quatro anos e Anwar, trinta e quatro. O casamento ficou registrado na mesquita de Biblos. Na mesma noite, abraçada a mim e acompanhada pelo marido, embarcaram para o Cairo. Dali voaram a Sydney, onde Anwar ocupou seu novo cargo, sem que ninguém tivesse sabido de nada.

Zahra Ajami desapareceu do mundo que conhecia e trocou uma prisão por outra.

♦

Enquanto isso, Ajit Singh continuava na Índia. Depois da morte de Nehru, em vez de aceitar um cargo no exterior, preferiu ficar no país e trabalhar com o líder do Congresso Nacional Indiano. Quando Indira Gandhi tomou posse de seu cargo em 1966, concentrou-se em apoiar o novo governo em diferentes posições. Com tudo o que estava acontecendo, Zahra se transformou em uma lembrança distante, alguém com quem tinha compartilhado um interlúdio inesperado, ainda que doce e carinhoso.

Instalou-se em uma casa ampla, onde recebia segundo as exigências de seu cargo. Cada vez se sentia mais à vontade em Délhi, mas não conseguia criar raízes. A Índia já não era o país que conhecera. Gandhi e Nehru estavam mortos, assim como os antigos empregados que criaram a ele e a

seus amigos. Um novo mundo nascera e Ajit não tinha muita certeza de se encaixar nele.

Em 1971, inquieto novamente, decidiu que queria voltar a viajar, e durante os quatro anos seguintes vagou pelo mundo, voltou aos locais de que mais gostava e retomou o contato com seus amigos, sobretudo nos ambientes homossexuais, onde podia se relacionar sem medo de prejudicar sua carreira. Passou algum tempo em Nova York, onde ofereceu festas, organizou reuniões no Sardi's e em outros locais da Broadway e até subiu no palco para tocar sax com Eartha Kitt.

Quando se instalou em Délhi quatro anos depois, voltou a trabalhar para o governo até 1977, ano em que o partido do Congresso Nacional Indiano perdeu as eleições. Em 1980, o partido voltou ao poder e Ajit trabalhou de novo para eles, mas por pouco tempo. Tinha fumado e bebido muito durante muitos anos. No final de 1981 foi diagnosticado com câncer e teve de passar algum tempo no hospital. Em maio de 1982 viu que o tratamento não estava dando resultado e que não lhe restava muito tempo de vida. Quis passar seus últimos dias na casa de Délhi.

A vida de Ajit Singh poderia ter sido escrita nos versos de algum compositor de flamenco; viveu e morreu sozinho, sem ter realizado muitos de seus sonhos, com uma inquietude insaciável e um desejo frustrado de encontrar a paz e pertencer a algum lugar. Tinha todas as qualidades para ser um grande homem, mas por alguma razão — ou talvez simplesmente pelos tempos em que viveu — não conseguiu realizar seus sonhos.

Quando morreu em 28 de maio de 1982, a Índia pela qual tanto havia lutado continuava atravessando um momento difícil. Ambivalente até o fim, exalou seu último suspiro sem saber se a terra à qual suas raízes pertenciam era o Punjab ou a Andaluzia.

1. *Salaam aleikum habibi*: (do árabe) cumprimento tradicional entre os muçulmanos. Literalmente significa “a paz esteja contigo” (N.A.).

Capítulo 9

Zahra e Anwar Akhtar, o marido que mal conhecia, mas a quem temia e que lhe aborrecia a consciência, chegaram comigo a Sydney em 15 de abril de 1965. Hospedaram-se em um hotel até que encontraram um apartamento de dois cômodos em Darling's Point. Zahra não se importava que a casa fosse pequena, porque tinha muita luz e janelas nos dois cômodos. Um era o quarto e o outro, sala de estar e cozinha. No banheiro havia apenas uma banheira, a privada ficava em outro lugar.

Desde o momento em que se instalaram Anwar Akhtar não demonstrou qualquer respeito pela mulher, sem se importar com quem pudesse ouvir. Obrigou-a a vestir o chador[1], a andar dez passos atrás dele e a não falar com ele a menos que lhe houvesse dirigido a palavra antes. Depois lhe disse que só tinha autorização para falar com ele e que se alguém lhe fizesse uma pergunta, tinha de pedir permissão para responder. Zahra não demorou, assim como sua mãe, a perder a confiança em si mesma e a limitar suas respostas a "Como quiser, Anwar" ou "Como desejar, Anwar". Houve muitas vezes em que desejou se jogar de Darling's Point até a baía, mas sempre me olhava e entendia que tinha de seguir adiante por mim.

Não era estranho que fosse difícil para Zahra cumprir seus deveres conjugais. Tinha consultado um médico às escondidas para que lhe

receitasse anticoncepcionais, pois não desejava ficar grávida de Anwar. Entretanto, a medida surtiu efeito contrário ao que esperava, já que seu marido queria ter filhos e insistia em ter relações todas as noites.

Voltava do escritório às cinco e meia e tomava o primeiro uísque com soda. Pouco depois lhe ordenava que preparasse uma mistura de tabaco com haxixe para fumar em uma *hookah*. Depois transava com ela, nunca fazia amor. Zahra se sentia violada cada vez que sentia a língua dele em sua boca, as mãos em seu seio, os dedos em sua vagina ou finalmente seu pênis. Forçava e forçava até ir muito fundo, apesar de poder machucá-la. Quando terminava, se limitava a sair, limpar-se com uma toalha e pedir o jantar.

Zahra jamais escreveu para os pais, nem para as irmãs. Tinha decidido que, além de mim, preferia estar sozinha no mundo. Quando olhava a baía ou me acalentava com carinho, costumava me dizer: "Juro que vou ensiná-la a ser independente, Maha. Vou te ensinar a cuidar de si mesma".

Às vezes, quando se lembrava de Ajit, continuava se perguntando o que teria acontecido e por que não tinha entrado em contato com ela. Mas, na maior parte daquela temporada infeliz em Sydney, tentou mantê-lo afastado de seus pensamentos o quanto pôde. Pensar em como poderia ter sido sua vida a deprimia demais.

Quando Anwar estava no escritório, ligava um rádio que tinha comprado, ouvia música e dançava na cozinha. Eu, sentada no cadeirão, sorria e ria com as palhaçadas de minha mãe. Um dia Anwar voltou cedo e ouviu a música.

— Que diabos é isso? — gritou. — Desligue! — Pegou o rádio e atirou-o contra o chão. — Acabou, não temos de suportar esse lixo.

No dia seguinte começou a pedir emprestado um rádio portátil para Kimberly, uma vizinha que frequentemente a convidava para tomar chá. Kimberly era alguns anos mais velha que Zahra e bem australiana. Era loira e alta, tinha as pernas muito longas e gostava de surfar e esquiar.

Queria ser atriz e trabalhava como faxineira para pagar as aulas de interpretação. Ria muito e tinha muitos namorados. Zahra agradecia a amizade dela.

Certa noite Anwar chegou em casa tarde e muito bêbado.

— Me dá a janta! — ordenou para a esposa.

— Mas Anwar, você me disse que ia jantar fora, então não preparei nada especial — respondeu muito nervosa.

— O que você está dizendo? Que não há o que comer nesta casa? Com todo o dinheiro que te dou não há nada de comida?

— Mas Anwar, não é que não haja comida...

— O que você faz com todo o dinheiro que te dou *haraam zadi*[2], puta? Gasta com essa sua filha bastarda? — perguntou enquanto avançava na direção dela.

— Anwar, juro que não fiz nada.

Teve medo. Foi para o quarto e trancou a porta. Eu dormia em meu berço. Quando vi minha mãe, abri os olhos, sorri e tentei me sentar. Anwar bateu na porta e ordenou que ela abrisse. O trinco débil que continha a porta finalmente cedeu e Anwar irrompeu no quarto, foi diretamente na direção dela e começou a bater. Zahra caiu no chão e cobriu o rosto, mas ele se enraiveceu e chutou-a. Depois a arrastou para a cama, rasgou sua camisola, abriu suas pernas e forçou-a. Zahra gritou de dor.

Quando se levantou para ir ao banheiro percebeu que eu não fizera ruído algum. Estava sentada no berço com as mãos e o rosto grudado nas grades. Quando vi que minha mãe me olhava, meus olhos se encheram de lágrimas. Não emiti qualquer som, as lágrimas escorreram por minhas bochechas e caíram, uma a uma, na manta cor-de-rosa. Só tinha dezoito meses, mas entendi que tinha causado mal a mãe.

No dia seguinte, Zahra colocou óculos de sol muito grandes, que por sorte estavam na moda, e foi ao supermercado comigo. No caminho, encontrou Kimberly casualmente.

— Oi, Zahra! Como vai, menina? — cumprimentou alegremente. Depois se calou ao ver as lágrimas que caíam por trás dos óculos.

— Santo Deus, Zahra! O que aconteceu?

Zahra estava tão arrasada que se limitou a menear a cabeça.

— Quer que vá ao supermercado para você? Por que não vai para casa com Maha e se deita um pouco? Se me der a lista, não me custa nada.

Zahra concordou e entregou-lhe uma lista e o dinheiro.

Quando Kimberly voltou com a comida, entrou no apartamento e deixou as sacolas marrons na mesa da cozinha. A porta do quarto estava entreaberta e ela olhou para dentro.

— Zahra? — chamou-a com delicadeza. Eu estava no berço e Zahra na cama, em posição fetal. — Zahra? — repetiu tocando seu ombro.

Zahra se virou, abraçou a única pessoa que conhecia em Sydney e começou a soluçar. Seu pranto era inconsolável. Kimberly não sabia o que fazer nem o que dizer, então se limitou a abraçá-la. Quando finalmente se acalmou, deu-lhe um copo de água e soltou um grito abafado ao ver o rosto da amiga. Os olhos estavam roxos, um hematoma na testa e marcas escuras nos braços.

— Meu Deus! Foi ele quem fez isso?

Zahra assentiu.

— Querida, não sei o que dizer. Quer que chame a polícia?

— Não — respondeu com a voz entrecortada. — Se ele descobre que você me viu assim, me mata.

— Há quanto tempo ele faz isso?

— Bastante.

Desejou poder contar toda a história a sua amiga australiana, mas não conseguiu.

Por orgulho ou timidez, não disse mais nada. As contusões sararam e Anwar não voltou a bater nela enquanto estavam em Sydney, mas ela

sofreu em silêncio e continuamente durante os dois anos em que moraram lá.

Em agosto de 1967 Anwar Akhtar decidiu que sua carreira profissional melhoraria se fossem a Karachi, no Paquistão. O Banco Imperial tinha se transformado no Banco Nacional da Índia e tinham lhe oferecido um cargo de vice-presidente do Banco Nacional do Paquistão.

Graças a seus contatos e a seus familiares, Anwar encontrou rapidamente uma casa em um bairro elegante, conhecido como Queen's Road. Alugaram a casa devido a sua localização e porque tinha um jardinzinho onde eu podia brincar. No início de 1968 Zahra descobriu que estava grávida. Assim que saiu da Austrália não teve mais acesso às pílulas anticoncepcionais e a gravidez foi inevitável. Teve sua segunda filha em 10 de junho de 1968. Anwar lhe deu o nome de Jehan. Apesar de ser uma menina de muito mau gênio, seu pai a adorava porque era dele. Não era nem tão bonita quanto eu nem tão alegre, mas aos olhos de Anwar era um presente de Deus.

Zahra gostava de morar em Karachi, onde não se sentia tão isolada. Tornou-se amiga de Afshan, uma vizinha nascida em Nova Délhi e, de certa forma, ouvi-la falar da Índia fazia se sentir mais próxima de Ajit. As duas ficaram grávidas ao mesmo tempo, então tinham muito em comum. Um dia, enquanto eu dormia a *siesta*, tomaram um chá na casa de Zahra.

— Você não se incomoda que seu marido queira ter relações quando você está grávida? — perguntou Afshan, diante do que Zahra soltou um riso nervoso. — Por que você está rindo? Eu detesto.

Zahra não sabia o que dizer, então perguntou de improviso o que realmente queria saber.

— Você ama seu marido?

Os olhos da amiga se encheram de lágrimas.

— Deus meu! Por favor, Afshan, me perdoe. Não queria me intrometer — desculpou-se envergonhada.

— Não se preocupe. Não é nada, é que... Estava apaixonada por um rapaz de Bhopal, mas ele não tinha dinheiro. Era artista. Estávamos muito apaixonados. Íamos fugir juntos, mas minha mãe soube do nosso plano e meu pai me casou rapidamente com Saeed. Quer saber se o amo? Não, não o amo da forma como amava Hussein, mas a vida continua, assim como nós dois.

— E como você suporta? Como é possível passar a vida com uma pessoa a quem não ama depois de ter conhecido alguém a quem amava de verdade?

— Zahra, sei que você não ama Anwar. Acha que não ouço como ele grita com você? Também sei que você amava outra pessoa, como eu. Dá para notar em seu rosto. Vejo na tristeza de seus olhos, querida.

Envergonhada, baixou os olhos.

— O único conselho que posso lhe dar é que veja sua vida com Anwar como uma peça de teatro na qual lhe cabe representar o papel de esposa. Faço isso todos os dias com Saeed. Ninguém, nenhuma pessoa, sabe que não sou feliz e se não tivesse lhe confessado, nem você saberia.

Zahra concordou.

— Mas nunca abandone suas filhas. Ame-as e não deixe que a vejam triste. Elas precisam ver em você um ponto de apoio: a pessoa em quem podem confiar, a pessoa que as protegerá. Só sua força pode lhes dar a estabilidade de que necessitam.

Prometeu seguir seus conselhos, mas alguns anos depois o destino e as circunstâncias a obrigaram a romper sua promessa.

Entretanto, a partir de então fez um grande esforço para colocar em prática os conselhos de Afshan: criou um papel e o representou da melhor maneira possível. Diariamente desejava com toda sua alma voltar a ser a bela, encantadora e divertida Zahra Akhtar. Os anos que tinha passado com Anwar tinham minado grande parte de sua autoconfiança. Apesar disso, externamente continuava sendo uma mulher bonita e, só quando

alguém se aproximava o suficiente, conseguia notar que a luz de seus olhos tinha enfraquecido.

Começou organizando um jantar para dois colegas de Anwar e suas esposas. Saiu-se tão bem que duas semanas depois sugeriu oferecer um coquetel. Anwar lhe deu carta branca e, ao ver que esses convites melhoravam seu status social, decidiu apoiar os esforços da mulher. As pessoas não demoraram a acreditar que Anwar e Zahra eram um casal invejável.

Com o passar do tempo, Zahra Ajami se transformou em Zahra Akhtar e representava as situações cotidianas com tanta facilidade que no final não conseguia separar suas personalidades e havia poucos momentos em que alguém fosse capaz de reconhecer nela apenas Zahra Ajami.

No final dos anos 1970, Anwar anunciou despreocupadamente aos dez convidados que estavam em sua casa que em 1º de janeiro se mudaria com a família para Nova Délhi. Zahra engasgou e teve de se levantar da mesa. Da cozinha ouviu que seu marido comentava com orgulho que, graças a sua brilhante carreira no Banco Imperial, tinham feito um pedido especial ao Banco Nacional do Paquistão para que ajudasse a implantar algumas mudanças no Banco Estatal da Índia e que isso funcionara com a maior eficácia.

— Mas Anwar, não há um conflito de interesses? — perguntou Saeed, seu vizinho e marido de Afshan. — Afinal, você é paquistanês e há apenas cinco anos estávamos em guerra com a Índia.

— *Aray yaar*[3] — respondeu em urdu. — Será apenas durante um ano e o diretor do Banco Nacional não se importa, porque, no fim, estamos fazendo um favor a eles e haverá um momento em que cobraremos.

Zahra não sabia o que fazer nem a quem recorrer. Tinha de saber se Ajit estava em Délhi. Quando olhou em sua agenda de telefones encontrou o telefone e o endereço de Hafsah e Farhan. Depois de ter cortado completamente o relacionamento com sua família, ligar para o

cunhado depois de seis anos para lhe pedir um favor parecia muito embaraçoso, mas não restava outro remédio. Então digitou o número de Farhan em Londres e soube que fora transferido ao Cairo por um ano.

— Sou Zahra Ajami, cunhada de Farhan Al-Hasan — disse à recepcionista. — Poderia me dar seu telefone no Cairo?

— Um momento, por favor — contestou secamente. — Sim, pois não, fala Mustafá Ahmed.

— Senhor Ahmed, meu nome é Zahra Ajami, sou irmã de Hafsah Al-Hasan. Estou morando na Austrália e perdi o contato com minha irmã e meu cunhado. O senhor poderia me dar o novo número deles?

— Certamente, senhora Ajami, agora mesmo.

Farhan atendeu na mesma hora, mas a conversa foi curta e forçada, porque nenhum dos dois sabia o que dizer.

— Zahra, louvado seja Alá! Que alegria ouvir você.

— Também fico contente de falar com você, Farhan. Como vai? E Hafsah?

— Bem, tenho certeza de que ela ficará muito feliz de ter notícias suas.

— Diga que telefonarei logo.

— Temos três filhos e o Cairo é muito diferente de Londres, mas somos felizes.

— Farhan, meu marido foi transferido para Délhi e me perguntava se você poderia saber de... Bem, você já sabe...

— Não precisa dizer mais nada, Zahra. Dê-me seu endereço e em alguns dias te mando notícias.

Como prometera, no dia seguinte chegou um telegrama. "Ajit tirou um ano sabático de seu trabalho no governo e está viajando pelo exterior por tempo indeterminado."

Antes de enviá-lo, Farhan tinha pensado muito no que diria a ela sobre Ajit. Sobretudo se perguntou se deveria comentar que tinham estado em contato por questões de trabalho e que Ajit tinha perguntado por ela

amavelmente, mas não tinha lhe pedido nem seu endereço nem telefone e simplesmente pedira que mandasse lembranças da próxima vez que a visse. No final optou por não contar, não tinha sentido acrescentar mais dor à vida desgraçada de sua cunhada.

Em janeiro de 1971, Anwar, Zahra, Jehan e eu nos mudamos para Nova Délhi. Apesar de nunca ter estado ali, Zahra sentiu como se voltasse a sua casa. Encontraram um apartamento pequeno em Sundar Nagar, que Zahra decorou da melhor maneira possível com o dinheiro que Anwar lhe dava. Desde o dia em que ele a havia acusado de roubar o dinheiro da casa na Austrália, era obrigada a anotar os gastos diários, até o último centavo. Anwar inspecionava o caderno todas as noites e assinava suas iniciais em todas as páginas.

Incorporada em sua personagem de Zahra Akhtar, transformou-se em uma celebridade na cena social de Délhi. Continuava se vestindo com a típica *abaya* árabe, mas conseguiu realçar seus encantos, em especial com sua figura maravilhosamente bem proporcionada, com o que usava por baixo. Um dia, durante uma festa, a extravagante esposa do chefe de Anwar, Nilofer, comentou:

— Acho que Zahra ficaria lindíssima de sári, amanhã vou com ela fazer compras.

— Você é muito amável, Nilofer, mas ela está muito à vontade com seus vestidos.

— Não diga bobagens, Anwar. Sua mulher tem um corpo perfeito. Por que precisa escondê-lo embaixo dessa capa preta? Deveria usar sáris. Além disso, estamos na Índia, você sabe, e essa é a roupa nacional.

— Mas Nilofer, ela vem de uma família muçulmana muito conservadora — protestou.

— Querido Anwar — replicou Nilofer com um cigarro em uma mão e um copo de uísque na outra — você sabia que há mais muçulmanos na Índia do que no Paquistão, não é?

Anwar sabia que não podia discutir com aquela mulher. Era uma esnobe, pertencia a uma das melhores famílias de Délhi e, além disso, era mulher de seu chefe. Quando colocou Zahra sob sua tutela e começou a vesti-la com sáris que lhe caíam maravilhosamente bem, não pôde contestar.

Os jantares, almoços, reuniões para o chá e concertos de dança e música compunham a cena social da Índia. Como em Délhi não havia grandes teatros, as pessoas que tinham casas espaçosas, com grandes jardins, organizavam apresentações de dança *kathak* ou concertos de música *qawwali*[4], que frequentemente iam até o nascer do sol.

Certa noite, Nilofer e o marido, chefe de Anwar, Mahesh Bharany, os convidaram para um concerto de *kathak* em sua casa. O convite especificava que Padma Sen, a nova estrela dessa dança, se apresentaria e todo mundo queria vê-la dançar.

Anwar não conseguia entender que essa música e essa dança faziam parte da tradição cultural indiana e se aferrava na crença de que o lugar adequado para a música e a dança, a maneira como as prostitutas excitavam seus clientes, eram os bordéis. Mas não houve remédio além de assistir ao concerto porque recusar um convite dos Bharany teria sido considerado um insulto.

Naquela noite Zahra estava espetacular. Usava um sári simples de seda cor de mel, com uma blusa *choli* na última moda: aberta na frente, com mangas que caíam até os cotovelos e cordões de seda cruzados nas costas. Anwar se escandalizou ao vê-la com um vestido que deixava tanta pele de fora, mas como estava tarde, tiveram de sair correndo.

— Falaremos sobre o sári mais tarde — ameaçou, e Zahra se limitou a assentir e a demonstrar sua concordância, como costumava fazer.

Mas no fundo sentia como se tivesse vencido uma batalha, por menor que fosse. Entrou orgulhosa na casa dos Bharany, com a cabeça erguida, e desempenhou com perfeição o papel que tinha criado para si. Era a

imagem viva do porte, da elegância, da autoconfiança e do encanto. Todos os homens presentes desejaram ser Anwar Akhtar e todas as mulheres, ter a aparência de Zahra.

Foram servidas bebidas antes do jantar e depois os presentes saíram ao jardim, onde tinha sido instalada uma *shamiana*[5] que abrigava um grande cenário. Grandes tapetes persas de seda cobriam a grama. Havia cadeiras para as pessoas que quisessem se sentar, e também almofadas e almofadões para quem quisesse se reclinar. Os criados iam de um lugar para outro com bandejas e sobremesas, chá e café, e ofereciam *hookah* a quem desejasse.

O concerto foi espetacular. Padma Sen dançou com uma graça, elegância e destreza que cativaram o público. Zahra estava extasiada com a habilidade com que movimentava as pernas, o ritmo, o uso dos punhos e mãos, e a expressão em seu rosto. Era a primeira vez que via esse tipo de dança clássica indiana. Decidiu que eu deveria aprender. Desde muito pequena tinha demonstrado que gostava de movimentar o corpo no ritmo da música, diferentemente de minha irmã, Jehan, que se contentava em brincar com suas bonecas durante horas sem se mexer. Depois de fazer algumas perguntas, soube que Padma Sen era aluna de Kathak Kendra, a melhor escola de *kathak* de Délhi, e que seu guru era o *pandit* Krishna Maharaji, considerado um gênio do mundo da dança.

♦

Faltavam poucas semanas para meu sétimo aniversário e eu esperava e desejava que me dessem de presente *ghungroos*, os sininhos para os pés costurados em ramos com fios de seda. Eu adorava música, mas gostava mais ainda de dançar em seu ritmo.

— Bem, Maha, se você rezar para Deus pode ser que conceda seu desejo — disse Zahra certa noite, na hora de dormir.

— Verdade, *umma*? — perguntei mostrando, ao sorrir, o espaço do dente que caíra.

— Minha mãe costumava me dizer que uma vez por dia, a uma hora determinada, Deus te concede o que desejou — garantiu acariciando meu cabelo.

— E quando é, *umma*?

— Muda todos os dias, *beti*. Quando se levanta pela manhã decide a que horas vai conceder o desejo.

— E concede os de todo mundo, *umma*?

— Só os das pessoas que estiverem desejando alguma coisa naquele momento.

— Será que ele concederá o meu se desejar a mesma coisa o dia todo? — insisti.

— Não sei, filha, mas você pode tentar — respondeu, sorrindo.

— Vou desejar todo o dia e toda a noite, para poder desejar sempre a mesma coisa.

— Acho que as meninas desfrutam de um tratamento especial — destacou Zahra antes de me dar um beijo de boa noite.

— Mas, *umma*, acredita de verdade que Deus vai me conceder um desejo?

— Você terá de esperar seu aniversário para saber, *beti* — respondeu conferindo as janelas e acendendo a pequena lamparina antes de sair do quarto.

Cheirei o perfume das flores *rat ki rani* que minha mãe usava e dormi rapidamente para sonhar com *ghungroos*. No dia de meu aniversário abri um saco vermelho de veludo no qual havia um lindo par de *ghungroos* e uma alegria tão grande me inundou que os olhos de minha mãe se encheram de lágrimas. Minha alegria compensava todos os *paisa*[6] que tinha conseguido subtrair do dinheiro das compras sem que o marido notasse.

Zahra me explicou que eu ainda não podia ir às aulas de dança, que teria de ser paciente, mas que logo chegaria o momento. Enquanto esperava, de vez em quando os tirava do saco macio, só para olhá-los e ouvir seu som. Quando estava sozinha colocava-os, para sentir o peso dos sininhos nos fios de seda amarrados aos tornozelos. Depois dançava entusiasmada ao ritmo da música que vinha do parque em frente a minha casa ou de algum aparelho de rádio da rua, como se estivesse em um grande teatro. Em casa a música não era permitida. De modo que os *ghungroos* e meus sonhos de aprender *kathak* continuaram sendo um segredo entre minha mãe e eu, que continuava me garantindo que me levaria às aulas de Kathak Kendra quando fosse possível. Todas as noites, ao me deitar, rezava para que fosse no dia seguinte.

Passaram-se vários meses antes que meus sonhos se transformassem em realidade. Graças à ajuda e aos contatos de Nilofer, Zahra finalmente conseguiu uma audição para mim com o próprio *pandit* Maharaji, conhecido como o padrinho do *kathak*. Zahra tinha de agir com cautela e às escondidas, pois sabia bem as consequências que sofreria se Anwar soubesse que a filha ia a aulas de dança.

Mas, no final, o dia chegou.

— *Chalo*, Maha — chamou-me minha mãe do pé da escada quando Anwar saiu para trabalhar. — Vamos chegar tarde. Temos de ir andando por que... Bom, porque é preciso.

"Andar?", pensei enquanto Champa, minha babá, trançava meu cabelo. "Se vamos andando meu vestido favorito vai estragar."

— Aaaai! — gritei enquanto a babá desfazia os nós de meu cabelo. Tinha colocado tanto azeite de oliva que me sentia um prato de espaguete.

Quando desci as escadas, Zahra andava de um lado para outro, o que sempre fazia quando estava nervosa.

— Venha, não podemos chegar tarde.

Saímos praticamente correndo. Eu mal conseguia acompanhar seu passo. Transpirava com o esforço e meu vestido umedeceu.

— Venha, você está indo muito devagar — pediu-me minha mãe enquanto me pegava com uma mão e com a outra levantava o sári e as anáguas para não manchá-los nos buracos e charcos.

— *Umma*, não consigo ir tão rápido quanto você. Se tem tanta pressa para chegar a tempo, por que não pediu um carro ao papai?

— Não diga bobagens. O carro é do banco, não de seu pai. Além disso, você sabe que as aulas de dança são um segredo entre nós duas.

Tinha ficado sem fôlego para fazer mais perguntas, mas quando olhei em frente me alegrei que a escola já estivesse bem perto.

Quando chegamos à recepção, prestei atenção à estranha pessoa que nos cumprimentou.

— Por favor, sente-se aí *madam-sahiba*. Maharaji *sahib* vai recebê-la em seguida — disse o *chaprassi*[7] antes de ir esquentar água para o chá e avisar que tínhamos chegado.

— *Umma*, era um homem ou uma mulher?

— Maha!

— Parecia um homem, mas estava com os lábios e os olhos pintados.

— Quieta, não seja intrometida. Já vai saber.

— Ritika-ji vai recebê-las agora — informou o *chaprassi*.

Zahra se levantou.

— *Chalo*, Maha — disse pegando-me pela mão. — Lembre-se de que quero que você cause uma boa impressão ao Maharaji — sussurrou enquanto íamos para a sala de audição. — Você só precisa mostrar a ele como é uma boa bailarina.

— Vou tentar, *umma*, mas não consigo fazer assim. Às vezes sai, outras não. E se não me sentir bem ou não gostar da música? E se...?

— Maha! — exclamou Zahra com tom firme mesmo que em voz baixa. — Chega de "e se". Certo? Agora entre, diga *namaste*, seja educada,

não diga nada se não te perguntarem e dance como você faz em casa. E, sobretudo, não me faça passar vergonha.

Quando entramos, Ritika Rana, uma mulher bem-vestida e com um penteado elegante e elaborado, nos saudou. Deixou bem claro desde o princípio que, antes de ver o Maharaji, eu teria de passar por um exame.

— Deixe-me ver os *ghungroos* — pediu a Zahra. Quando ela começou a desamarrar o cordão do saco, Ritika se virou para mim. — Por que você quer dançar com o *guruji*?

Olhei para minha mãe, mas ela não reparou e como sabia que tinha de responder quando alguém me fazia uma pergunta, disse:

— Não sei quem é o *guruji*. A única coisa que sabia era que nessa escola aprenderia a dançar.

Ritika soltou um gritinho abafado e ajeitou os óculos. Zahra mal conseguiu manter os *ghungroos* na mão, muda de espanto.

— Então o que você está fazendo aqui, menina? Aqui não vêm pessoas que não venerem o trabalho e o estilo do mestre. Há milhares de pessoas aí fora esperando para serem aceitas nesta escola — disse Ritika muito séria.

Não sabia o que fazer. Minha mãe parecia zangada e Ritika Rana tinha se levantado da cadeira e estava recolhendo seus papéis para sair. Não havia dúvida de que iam nos mandar embora.

Meu rosto se encheu de lágrimas. Tinha cometido um erro, apesar de não saber qual. Com vontade de estar em qualquer lugar menos ali, virei-me e me dirigi à porta com a cabeça baixa. De repente, deparei com um par de pés calçados com sandálias. Pertenciam ao estranho *chaprassi*, que se abaixou e começou a secar docemente minhas lágrimas com um lenço.

— *Nahin ro bitya*[8] — me disse em hindi. — Nesta escola ninguém chora. A dança é para alegrar.

As lágrimas tinham encharcado o lenço de bolinhas do homem.

— Maha, venha aqui imediatamente! — ouvi minha mãe gritando para mim. Veio em minha direção, mas se virou por um momento para

sussurrar “obrigada” para o *chaprassi*. — Peça desculpas a Ritika-ji. Ela só está nervosa — garantiu a ela. — Tem muita vontade de aprender.

Aprumei-me, uni as mãos em frente de mim e disse:

— Sinto muito.

— *Aacha*, *theek hai*[9] — respondeu Ritika. — Bem, vamos ver o que o *guruji* opina sobre seu talento — comentou em tom cético.

Estávamos muito perto da sala de ensaios, peguei a mão de minha mãe e fiquei mais tranquila ao vê-la sorrir. Talvez tivesse me perdoado.

Quando se inclinou para amarrar os *ghungroos*, falou com voz baixa e urgente.

— Maha, pense só na música e no ritmo. Não olhe para ninguém. Entre em seu mundo. Sei que você consegue. Tem de fazê–lo, *beti*. Isso vai lhe dar uma oportunidade na vida e quero que a tenha.

— Mas por que eu preciso de uma oportunidade na vida? Estou bem. Estou... — calei-me ao ouvir que Ritika Rana me chamava. As pesadas portas da sala de audições se abriram. Depois de ter desejado tanto estar ali, senti como se estivesse entrando em um templo. Olhei minha mãe, que sorriu para me animar e apertou minha mão. Então me dei conta de que estava preparada. Quando paramos em frente a Krishna Maharaji, Zahra se recompôs e se manteve a meu lado com toda a dignidade. Acho que é a vez em que me lembro dela mais bonita, estava muito orgulhosa de ser sua filha.

No outro extremo do amplo estúdio de dança, Krishna Maharaji estava recostado sobre uns almofadões, com um bastão na mão e um chá quente e doce sobre uma mesinha a sua frente. Zahra se sentou em uma cadeira que havia em um canto. O rosto de Krishna Maharaji não denotava expressão alguma. Eu estava em pé, esperando. Depois do que pareceu uma eternidade, a *tabla*[10] começou a dar um ritmo, prestei atenção e depois o *sarangi*[11] começou a tocar a melodia. Comecei com uns movimentos simples de mãos e pés por uns dez minutos, até que, conforme

chegava perto do final, notei que a *tabla* acelerava. Soube de forma instintiva que tinha de seguir o músico. Meu *tihai*[12] foi perfeito e terminei no momento preciso em que o músico dava a última nota. Krishna Maharaji não disse nada, mas fez um gesto para que eu me aproximasse dele. Depois começou a falar comigo em hindi.

— Quantos anos você tem, pequena?

— Sete.

— E como se chama?

— Maha Akhtar.

— Por que quer dançar, Maha?

— Porque me faz sentir livre.

— Você tem bom ouvido e senso de ritmo — disse o mestre.

Sem saber muito bem a que ele se referia, mas entendendo que era um elogio, agradeci. — Quer ser minha aluna?

A timidez fez com que eu baixasse os olhos e, depois da resposta equivocada de antes, tive medo de responder.

— Certamente quer, Maharaji *sahibi* — interveio rapidamente Zahra com veemência.

O *pandit* se levantou com a ajuda do bastão e se aproximou de Zahra.

— Sua filha não só é linda, Zahra *sahiba*, mas tem talento. Acha que levará o *kathak* a sério?

— Sim, Maharaji, acho que sim.

— Pode ser que sim, tem potencial para fazê-lo muito bem. Tem a lua nos olhos.

Zahra não entendeu o que ele queria dizer, mas sorriu e agradeceu.

Enquanto se retirava, Krishna Maharaji acrescentou:

— Pode começar na segunda-feira. Ficará um tempo com o guru Mohan Lal e depois virá comigo.

Zahra estava eufórica.

— Eu sabia, Maha — repetia a caminho de casa. — Sabia que você tinha talento. Krishna Maharaji tem muita vontade de ensiná-la. E a esnobe da Ritika Rana deve ter desempinado o nariz. Querida, você vai ver, sua vida será muito diferente e maravilhosa.

Fiquei surpresa, estava contente com a vida que tinha, mas a ideia de aprender a dançar me entusiasmava, então concentrei minha mente nisso e parei de tentar investigar a que minha mãe se referia.

— Não diga uma palavra a seu pai. Você sabe que ele não gosta de música e muito menos de dança.

— Não entendo por que, *umma*. Ele não vai ficar contente por eu ter entrado?

— Ele é um homem muito conservador, *beti*.

— E o que isso quer dizer?

— Quer dizer que... Quer dizer que é muito estrito, então terá de manter as aulas em segredo.

O pensamento de Zahra voltou à tarde na Austrália em que Anwar voltou cedo para casa e a encontrou com o rádio na cozinha. Mas, nesse momento alegre, preferiu não reviver os detalhes da bronca ou da fúria com que atirou o rádio contra o piso e começou a saltar sobre ele. Então sorriu para mim, enquanto eu não parava de dar pulinhos de alegria e continuava andando.

♦

Logo depois combinamos o que faríamos. Champa me levaria a Kathak Kendra depois do almoço e esperaria para voltar comigo para casa. Um dia, eu tinha me esforçado muito na aula e estava com fome.

— Champa, você pode fazer para mim uma torrada de queijo, por favor?

— Vamos ver se você se comporta bem e se termina a lição. Suba e comece a fazer.

A perspectiva de uma de suas torradas com queijo fundido e manteiga me convenceu a subir voando. Entretanto, quando cheguei ao final do primeiro lance, parei ao ouvir meu pai gritando. Parecia muito zangado.

— Como você se atreve? Quem você pensa que é?

Fiquei gelada. Minha mãe respondeu. Não entendi suas palavras, mas ouvi sua voz.

Champa, que também tinha ouvido os gritos, subiu correndo. Pegou-me pelo braço e tentou me levar, mas me mantive firme.

— Puta idiota! — A voz de meu pai continuava vociferando. — Como você se atreve a me desonrar diante de meu chefe?

— Mas, Anwar... Não disse nada.

— Você é uma puta mentirosa! — E ao grito se seguiu o som de uma bofetada e depois se ouviu um golpe seco.

— Anwar, não! Por favor! Você está machucando meu braço!

— Cale-se ou te quebro o pescoço!

Eu estava desesperada. Precisava ajudar minha mãe.

— Solte-me, Champa! — gritei enquanto me retorcia para me safar da babá. Quando consegui, subi correndo o resto das escadas e irrompi no quarto de meus pais. Meu pai estava em pé ao lado de minha mãe, jogada no chão. O sári dela tinha desamarrado e a blusa rasgada deixava ver seus seios. O coque impecável que sempre costumava usar estava desfeito, tinha hematomas nos braços e marcas na fronte.

— *Umma*? — perguntei do umbral, assustada demais para me aproximar.

Zahra me olhou pega de surpresa, e cobriu rapidamente o rosto com as mãos.

— Vá embora, Maha! Não entre, *beti*! Não quero que você me veja assim.

Anwar me olhou com o cenho franzido.

— Que diabos você está fazendo aqui? Onde está a maldita babá?

— Papai... — comecei a dizer com os lábios tremendo.

— Saia daqui!

— Anwar, por favor! É só uma criança! — suplicou minha mãe.

— O quê? O que você disse? — perguntou virando-se com olhar feroz.

Champa se aproximou correndo, me agarrou em seus braços e desceu as escadas. Saiu da casa e não parou até o parque. Depois se sentou em um banco sem deixar de me abraçar e começou a chorar. Eu me culpava pela cólera de meu pai, convencida de que tinha encontrado os *ghungroos* ou de que tinha sabido que minha mãe me levara a Kathak Kendra.

Mais tarde, quando voltamos para casa e Champa me deu o jantar na cozinha antes de me colocar na cama, Zahra entrou para me dar boa noite.

— *Umma*, papai está zangado por minha culpa? — perguntei timidamente.

— Não, querida — respondeu afastando o rosto para que eu não visse o mal que ele lhe tinha feito. — Não tinha nada a ver com você.

— Mas por que ele estava gritando com você?

— É muito difícil explicar, Maha.

— Ele não gosta de mim, *umma*? Também grita sempre comigo.

— Não seja boba. O que você está dizendo? É seu pai — lembrou-me levantando-se para me colocar na cama.

— Mas ele não é assim com Jehan.

— Durma, Maha, e lembre-se de que eu a amo mais do que tudo — garantiu para encerrar a conversa antes que suas forças falhassem.

Adormeci abraçada a meu ursinho, sem saber que minha mãe tinha ido ao banheiro de hóspedes, onde deixou que suas lágrimas se transformassem em soluços. Era verdade que seu marido me tratava com dureza. "Meu Deus! Ajude-me a proteger minha filha", rezou enquanto cobria o rosto com o *pallu* para afogar os soluços.

♦

Em novembro de 1971 Anwar Akhtar teve de ir a uma reunião em Karachi com seu chefe, Iqbal Habib, para informar-lhe de como iam as coisas em Nova Délhi. Dez dias depois estourou um conflito entre Índia e Paquistão que acabou com a derrota acachapante do exército paquistanês, que se rendeu diante das tropas da Índia e do Paquistão Oriental ou, como se conhece atualmente, Bangladesh. O resultado da guerra foi que Bangladesh se converteu em uma nação independente e no terceiro país com maior população muçulmana do mundo. Anwar Akhtar se viu obrigado a permanecer ali por um ano e meio.

Durante aquele tempo, Zahra continuou em Délhi com Jehan e comigo. Pela primeira vez em muitos anos se sentia livre. Podia fazer o que quisesse sem ter de justificar ou prestar contas de nada. Jehan tinha três anos e ia à creche e eu passava quase o tempo todo em Kathak Kendra. Aprendi muito rápido e, quando fiz oito anos, já dominava o nível básico e estava pronta para Krishna Maharaji.

Comecei a estudar com o mestre em outubro de 1972. Ciente da honra que significava estudar com ele, estava tão entusiasmada que não consegui dormir na noite anterior a minha primeira aula. Ainda fazia calor e havia muita umidade. Zahra me levou depois do almoço e prometeu que voltaria para me buscar. Coloquei os *ghungroos*, sentei-me e esperei que o Maharaji aparecesse. O músico de *tabla* chegou antes e depois o de cítara. Maharaji se apresentou com quinze minutos de atraso. Com o tempo, me acostumei que ele sempre chegava quinze minutos mais tarde.

— *Namaste, guruji* — saudei respeitosamente. O mestre não disse nada, nem me olhou. Sentou-se em uma esteirinha na qual havia uma grande almofada sobre a qual ele apoiava a parte de baixo das costas e começou a marcar um ritmo com o bastão. O músico de *tabla* estava confuso, não tinha ideia do que o Maharaji estava fazendo e não conseguia

adivinhar o ritmo. Eu estava em frente a ele, com os pés juntos e as mãos unidas. Depois de um instante achei que tinha decifrado o ritmo. Então ele parou.

— Maha, que ritmo acabei de bater?

— Maharaji, não conheço o nome desse *taal*[13], mas acho que consigo acompanhá-lo.

O mestre pareceu surpreso.

— Mostre-me.

O músico de *tabla* estava indeciso. "Se essa menina captar o *bols*[14] só com o que o Maharaji marcou com o bastão, melhor trocar de profissão", pensou.

Comecei a marcar o ritmo com os pés.

Dhati dha dha tina, Dhati dha dha tina

Dhati, Dhati, Dhati, Dhati dha dha tina

Dhati, Dhati, Dhati, Dhati, Dhati, Dhati, Dhati, Dhati, Dhati, Dhati, dha dha tina

Dhati dha dha tina, dha dha tina, dha tina, dha dha tina.

— Muito bem, Maha — aprovou o mestre enquanto o músico de *tabla* me olhava com incredulidade. — Você dançaria nesse ritmo? Que tipo de passos escolheria?

Olhei meus próprios pés com timidez e comecei a me mover. Usei a parte da frente da planta e os saltos, e os *ghungroos* me guiaram para conseguir o som adequado.

Maharaji se permitiu um sorriso.

— Você tem bom ouvido, Maha. Vou ensiná-la a linguagem do *kathak* e depois nunca mais se esquecerá, a menos que pare de praticar.

Fiz grandes progressos graças à orientação de Krishna Maharaji. A dança se transformou em uma prioridade em minha vida, o que fez com que meus estudos se ressentissem. Pela primeira vez escondi as notas mensais que a Welham School enviava para que minha mãe assinasse e

sempre inventava alguma desculpa quando a diretora me pedia que as devolvesse assinadas.

Um dia em que o Maharaji estava me ensinando um *teen taal*[15], estava muito distraída e ele começou a perder a paciência comigo.

— Maha! — gritou finalmente. — O que está acontecendo com você hoje? Perdeu o juízo? Quero que você melhore seu *lucknow gharana*[16].

— Por favor, hoje estou muito cansada. Não estou entendendo a interpretação dessa dança.

Ao ver que eu estava realmente esgotada, voltou-se para os dois músicos e disse:

— *Aap jaiyeh. Aaj kay liay khatam*[17]. Acabamos por hoje.

Enquanto tomava um copo de *lassi*, uma bebida de iogurte de que gostava muito, confessei ao Maharaji que não estava indo bem na escola e que estava escondendo isso de minha mãe.

— Ouça-me, Maha, não descuide dos estudos — repreendeu-me. — Se você se propuser, pode fazer as duas coisas, estudar e dançar. Eu cometi o mesmo erro que você está cometendo. Quem dera alguém tivesse me avisado a tempo. Olhe para mim, não sou nada além de um velho professor.

— Mas Maharaji, o senhor é um grande dançarino — repliquei.

— Fui quando era jovem. Era tão arrogante que acreditava que aquilo duraria para sempre, mas o corpo envelhece, ainda que a mente não. E antes que pudesse me dar conta, havia uma fila de jovens cujo movimento de pernas era mais rápido do que o meu, seus *chakkars* eram melhores e suas interpretações saíam do coração, enquanto as minhas já não tinham inspiração porque tinha me apresentado por tempo demais. Chegue a seu máximo e então pare — continuou. — Assim as pessoas se lembrarão de você como a grande bailarina que foi. Você é a pessoa para quem escolhi transmitir meus conhecimentos. Quero que seja uma estrela e que tenha orgulho de ser uma bailarina de *kathak*. E também quero que me prometa

que nunca esquecerá o que te ensinei e que não vai botar a perder seus conhecimentos.

Não sabia como responder a essa demonstração de sinceridade e simplesmente disse:

— Eu prometo, Maharaji. Muito obrigada.

Houve um momento de silêncio entre os dois antes de o mestre voltar a falar.

— Não sei se você conhece bem a história extraordinária da dança que você está aprendendo. É importante conhecer, Maha.

Esperou que eu dissesse alguma coisa.

— Conte-me, por favor.

Maharaji concordou e continuou.

— A dança *kathak* nasceu há muito tempo. *Katha* significa "história" e os *kathakars* eram os narradores de histórias. Os monges dos templos os ensinaram a recitar ou cantar epopeias épicas como o *Ramayana* o el *Mahabharata*. Alguns *kathakars* também incluíam dança nessas histórias. A tradição dos narradores de histórias foi sendo transmitida de geração em geração.

— Então o *kathak* começou nos templos.

— Isso, no princípio as danças e canções eram interpretadas nos templos e dedicadas a Deus.

— E o que aconteceu depois?

— Então os persas invadiram o norte da Índia e os mongóis se transformaram nos novos imperadores. Eles gostavam da música e da dança, então tiraram todos os intérpretes dos templos e os levaram para suas cortes. O *kathak* se transformou em uma diversão para os mongóis e graças a seu mecenato nasceu toda uma nova classe social de dançarinos e cantores. Os bailarinos da Pérsia que tinham ido à Índia com os mongóis transmitiram suas ideias aos bailarinos de *kathak* e estes, por sua vez, tomaram emprestadas as ideias do *kathak* para suas danças. Com o tempo,

as duas danças se fundiram e o *kathak* se transformou no vínculo entre as culturas hindu e muçulmana da Índia. Mas o mais importante de tudo é que se trata de uma dança em que o bailarino se encontra apenas com seu coração, espírito e alma. Cada bailarino expressa suas emoções na dança, não as de outra pessoa. Tudo no *kathak* é mágico: as joias, os vestidos, a poesia, as histórias que conta, a música, a parafernália, o ambiente, tudo isso transporta você há milhares de anos.

Os olhos do mestre tinham uma espécie de olhar distante.

Depois, voltou ao presente e me fitou.

— Sinta-se orgulhosa de sua herança, de suas tradições. Você tem raízes fortes no *kathak*. Suas raízes estão na Índia, a despeito de onde nasceu.

Com o final da guerra de 1971, Anwar decidiu não voltar a Nova Délhi e ficou em Karachi, mas no final de dezembro de 1972 avisou a Zahra que a família deveria voltar ao Paquistão quando as fronteiras se abrissem.

Zahra estava muito preocupada com minha falta de interesse nos estudos. Cada vez que tentava falar comigo sobre minhas más avaliações, me fazia chorar e eu a acusava de não gostar de mim. Zahra não suportava mais minhas censuras e deixava por isso mesmo. Mas um dia em que estava falando pelo telefone com Anwar escapou sem se dar conta de que eu não ia bem na escola.

— O que você está dizendo? Vai repetir? Você sabe que esse colégio me custa muito dinheiro e se essa inútil não...

— Anwar, não fale assim. Como você pode dizer que Maha é uma inútil? Você está fora há um ano, não sabe...

Eu, que acabava de entrar em meu quarto, tinha ouvido os protestos de minha mãe. Era exatamente de que precisava para confirmar o que sempre tinha pensado: meu pai não gostava de mim, nunca tinha gostado, e preferia minha irmã Jehan. Tinha tentado de todas as maneiras que olhasse para mim e ganhar seu carinho, mas foi em vão. Não entendia por que

meus esforços não frutificavam, mas pelo menos o que acabava de ouvir demonstrava que minha intuição estava certa. Saí do quarto e nunca mencionei a minha mãe o que tinha ouvido, mas a partir desse dia comecei a me resignar com a ideia de que por mais que fizesse, nunca conseguiria que meu pai me amasse.

Pouco depois daquele telefonema, Anwar comunicou a Zahra que ela e Jehan voltariam com ele a Karachi, assim como planejado, mas que eu seria enviada a um internato na Inglaterra e ficaria com minha tia Hafsah em Londres.

Zahra ficou paralisada.

— Por favor, Anwar, por favor. Ela só tem oito anos e sequer conhece Hafsah e Farhan.

— Zahra, se você fosse uma pessoa culta saberia que na Inglaterra eles costumam mandar os filhos ao colégio quando têm seis anos e não voltam a vê-los até os dezoito.

— Anwar, por favor, é minha pequena...

— Está decidido. Na verdade já a matriculei em Bedales. É um dos melhores internatos da Inglaterra. Vamos levá-la em agosto.

Zahra não sabia o que fazer. O que aconteceria com as aulas de dança? Sabia que eu estava muito apegada a Krishna Maharaji. Pegou o telefone e ligou para Hafsah, com quem voltara a falar de vez em quando. A relação entre as duas irmãs ainda era um pouco tensa, mas o tempo havia curado muitas feridas. Nunca mencionavam Ajit nem nada do que havia passado entre janeiro e junho de 1964.

— Zahra! — exclamou Hafsah ao ouvir a voz da irmã. — Como vai? Continua em Délhi? Conte-me.

— Hafsah, por favor, me ajude.

— Zahra, você sabe que da última vez que te ajudei...

— Sim, mas desta vez se trata de minha filha.

— Sei que Maha vai a Bedales em setembro e que passará os fins de semana conosco. Anwar contou a Farhan e de nossa parte não há problema. Temos bastante lugar, em casa só resta Akbar e logo ele vai embora.

— Não se trata disso, Hafsah. Maha começou a estudar *kathak* há um ano e tem muito talento. Está estudando com o melhor professor de Délhi e se precisar deixá-lo vai ficar arrasada. Por favor, Hafsah. Sempre quis que ela dançasse ou fizesse alguma coisa relacionada à arte. Era o que eu... É o que mais desejo.

Do outro lado da linha se fez um silêncio momentâneo.

— O que quer que eu faça? — perguntou Hafsah.

— Gostaria que Maha viesse a Délhi sempre que possível. Sei que na Inglaterra há longos períodos de férias no verão, Natal e Semana Santa.

— Muito bem, mas o que digo se Anwar telefonar?

— Não vai fazer isso. A única coisa que quer é tirá-la de perto — assegurou Zahra com a voz trêmula.

— Muito bem, irmã. Mas não sei por que faço essas coisas por você. Tudo o que consigo é me meter em problemas.

♦

No final de agosto de 1973, minha mãe e eu pegamos um avião de Délhi para Londres, onde nos encontraríamos com Anwar. Jehan tinha ficado com Nilofer Bharany. Meus pais voltariam para fazer a mudança da casa de Sundar Nagar e iriam para Karachi com ela.

Zahra não teve coragem de me dizer o que estava para acontecer. Até então eu estava muito contente com a viagem para Londres. Não parava de falar na Hamley's, a loja de brinquedos, ou de Oxford Street e Marble Arch.

— Oh, *umma*! O palácio de Buckingham! Acha que vamos ver a rainha?

Anwar foi ao aeroporto de Heathrow para nos pegar. Corri para meu pai para lhe dar um abraço, esquecendo por um momento que nunca tinha me abraçado na vida. Ele me deu um tapinha na cabeça e um beijo sem vontade na bochecha. Pegamos as malas e subimos no carro que Anwar tinha alugado por alguns dias. Minha mãe permaneceu em silêncio quando deixamos a cidade para trás, aterrorizada com o que ia acontecer. Entretanto, eu não parava de falar alegremente no assento de trás e indicava com o dedo as vacas e cavalos que via junto às rodovias vicinais, sem perder um detalhe dessas paisagens desconhecidas.

Quando estávamos chegando, Zahra viu as placas de Bedales e começou a se sentir mal. Atravessamos as grandes portas de ferro e olhei a meu redor, impressionada.

— Aqui é que vamos morar, papai? É enorme! É nossa nova casa?

— Fique no carro, Zahra — ordenou Anwar para a mulher.

— Anwar, por favor... — suplicou.

— Faça o que digo.

— Olhe, papai. Vem vindo alguém para nos cumprimentar — comentei eufórica, apontando para a mulher vestida com um terninho de *tweed* cinza que se aproximava.

— Muito bem, Maha, saia do carro — disse Anwar.

Não precisou repetir. Desci de um salto e olhei para minha mãe.

— Você não vem, *umma*?

— Vou em seguida, *beti* — respondeu tentando conter as lágrimas.

Por um dos retrovisores viu como Anwar tirava minha mala, enquanto eu dava pulinhos a seu lado. Teve de testemunhar como ele entregou a mala e a filha para a mulher de cinza, que sem dúvida era a diretora. Depois, sem me dar um beijo de despedida, Anwar virou-se e começou a caminhar para o carro. A diretora me segurava pelo braço.

Quando Anwar entrou e colocou o motor em marcha, percebi de repente o que estava acontecendo. Comecei a gritar, a chorar e a tentar me soltar daquela mão que me segurava com força.

— *Umma*! *Umma*! Onde você está indo? Por que está me deixando? Por favor! Não vou fazer mais nada de errado! Por favor, *umma*! Prometo que me comportarei melhor no colégio! Não vá! Por favor! Te amo!

Chorava e esticava os braços na direção dela. Tinha caído aos pés da diretora, que continuava me segurando pelo braço para que não saísse correndo atrás do carro.

Nunca me esqueci daquele momento e assim que parei de chorar tomei a decisão de não perdoar minha mãe por ter-me abandonado, por não ter me defendido, por sequer ter-me dito o que ia acontecer. Quanto a Zahra, nunca mais voltou a ser a mesma. A partir daquele dia começou a ter pesadelos em que ouvia meus gritos aterrorizados. Nunca se perdoou por ter-me abandonado, por ter sido covarde, por não ter saído do carro e ter-se negado a me deixar ali. Viveu com aquela culpa e aquele sofrimento pelo resto da vida.

♦

Passei muito mal no internato. Bedales era uma escola particular autêntica e eu era a única estrangeira. Não era branca, nem inglesa, nem europeia. Em 1973 havia um grande sentimento racista contra paquistaneses, indianos e árabes em toda Grã-Bretanha. Os árabes eram malvistos devido à crise do petróleo e os paquistaneses e indianos pelos postos de trabalho que tiravam dos trabalhadores britânicos. Senti-me isolada e insultada por minhas colegas, que me chamavam de "morena" ou "paki". Neguei-me a tentar fazer amigos. Era mal-educada com os professores, que me enviavam constantemente à sala da diretora. Os castigos se tornaram diários. Em todas essas ocasiões a diretora tirava a

régua e me batia na mão. Eu me limitava a fazer cara de paisagem e olhá-la com olhos desafiadores.

Nos finais de semana me colocavam em um trem e me enviavam para Londres, onde minha tia Hafsah me pegava. Minha tia fazia o possível para me ajudar a entender o que estava acontecendo e por quê. Mas eu não lhe dava atenção. Minhas notas eram cada vez piores, muito piores do que tinham sido em Welham, em Délhi, já que me negava completamente a estudar. Depois de várias conversas comigo, a diretora ligou para minha mãe a contragosto.

— Senhora Akhtar, não gosto nem um pouco de ter de fazer essas ligações, mas temo ter de informá-la de que estamos tendo sérios problemas com Maha. Fizemos todo o possível para solucioná-los, mas é uma menina muito teimosa. Fomos obrigados a colocá-la em reclusão em uma área isolada e a comunicamos de que está sob teste. Sinto ter de informá-la de que é considerada a possibilidade de expulsá-la. A verdade é que não restam muitas opções...

— Mas, senhora Saunders, o que...?

— Há dois dias, ela fugiu. Conseguiu sair do dormitório e pulou o muro, que é bem alto. Procuramos em toda parte. Depois tivemos de chamar a polícia, que a encontrou na estação pedindo dinheiro para ir a Londres.

— Não sei o que dizer... — confessou Zahra com a voz trêmula.

— Comportou-se como uma selvagem quando a polícia a trouxe. Inclusive chegou a morder um dos agentes que a segurava. Quando falei com ela, me olhou e se negou a responder. Depois me cuspiu.

— Meu Deus! Senhora Saunders...

— Infelizmente, tenho mais más notícias. Seus hábitos escolares são péssimos. Não está à altura de Bedales. Vai repetir em todas as matérias.

— Não estuda nada?

— Não parece fazê-lo, senhora Akhtar. Só demonstra que está abatida. Come demais e engordou. Nega-se a ir à maioria das aulas, é extremamente mal-educada com os docentes e seus modos são vergonhosos. Também não faz o menor esforço para se dar bem com outras meninas.

— Senhora Saunders, não sei o que dizer. Sinto muitíssimo.

— Devo acrescentar que a maioria das meninas de Bedales se adapta bem. É claro que algumas passam por um período inicial de aflição, porque sentem saudades dos pais e da família; algumas são mais afetadas do que outras, mas quase todas se acostumam ao final de um mês.

Fez uma pausa.

Zahra esperou, com medo de ouvir o que certamente vinha em seguida.

— Posso fazer-lhe uma pergunta, senhora Akhtar?

— Sim, com certeza.

— Disseram a Maha que ela ia ser posta em um internato? Pergunto simplesmente porque me pareceu muito estranha a reação dela quando seu marido e a senhora saíram, e devo dizer que já recebi muitas meninas em Bedales.

Zahra não conseguiu responder.

— Também notei que, apesar de a senhora esperar no carro e ter sido o senhor Akthar que a entregou a mim, chorava pela senhora. Perguntei-me o que...

Zahra voltou a ficar em silêncio, envergonhada e com complexo de culpa demais para responder.

Ao ver que não obtinha resposta, a diretora continuou.

— Dá no mesmo. Só queria entender melhor o problema. Falta pouco para as férias de Natal e temo que se sua filha não fizer um esforço depois, teremos de expulsá-la. Não podemos tolerar mais sua atitude e seu comportamento.

— Muito obrigada, senhora Saunders. Falarei com ela — mentiu. Como ia confessar que a filha se negava a falar com ela?

— Senhora Akhtar, serei franca. Ela tem quatro semanas, nada além disso, para demonstrar que está a nossa altura.

Quando Zahra ouviu que ela desligava, desabou. Caiu de joelhos no chão e uniu as mãos como se estivesse rezando. "Sinto muito, Maha. Por favor, me perdoe", disse entre soluços. Recorreu à única pessoa que achou que poderia ajudá-la: Hafsah. Quando ouviu a voz da irmã, se pôs a chorar.

— Sinto muito, Zahra — disse Hafsah quando a irmã conseguiu se conter o suficiente para contar o que a diretora dissera. — Ela se comporta da mesma forma comigo e Farhan. Não fala conosco, sequer com Akbar. Certas vezes come a toda hora e em outras, nada. A única coisa que parece gostar é de praticar a dança.

— Hafsah! — interrompeu-a com um tom esperançoso na voz. — É isso! Quando ela vier no próximo fim de semana conte a ela nosso plano secreto de enviá-la a Délhi durante as férias. Faça-a entender que quero que ela continue dançando. Explique que se quiser continuar estudando dança terá de se comportar bem no colégio.

Hafsah fez o que sua irmã tinha lhe suplicado.

— Você está a ponto de ser expulsa do colégio — me avisou. — E se fizerem isso, você vai voltar de castigo para Karachi, seu pai dirá que você o desonrou e não vai deixar que você faça nada do que gosta. Com certeza jamais voltará a ver Krishna Maharaji.

Quando ouvi mencionar o nome de meu mestre, comecei a prestar mais atenção.

— Mas se suas notas forem boas, podemos dizer a seu pai que você prefere ficar comigo em Londres durante as férias para poder estudar e melhorar suas notas. E, em vez disso, sua mãe e eu teremos economizado dinheiro suficiente para enviá-la a Délhi para que continue estudando com

Krishna Maharaji. Mas você não pode dizer a ninguém, certo? Ninguém pode saber, especialmente seu pai.

Abracei-me a ela e comecei a chorar, e enquanto fazia isso pensei em minha mãe e em quanto desejava estar em seus braços. Sabia que meu pai era um homem severo e que minha mãe tinha medo dele, mas não entendia por que tudo tinha de ser tão clandestino e hermético.

A diretora ficou estupefata quando viu minhas notas quatro semanas depois, tanto que pediu aos professores que as conferissem novamente. Mas as notas estavam corretas. Era a melhor da classe.

Em 15 de dezembro peguei um avião com destino a Nova Délhi. Nilofer Bharany, que sabia de tudo, ia me buscar. Antes de sair, dei um abraço em minha tia.

— Obrigada, tia — disse com tanta sinceridade que Hafsah, pouco acostumada a essa minha faceta, não soube o que dizer.

♦

Minha vida dupla começou com pouca idade, enquanto combinava dança e estudos, Délhi e Londres, e me sobressaí tanto em Bedales como em Kathak Kendra.

Aos doze anos me transformei na solista mais jovem que Krishna Maharaji levou ao palco. O mestre exigia que eu me esforçasse ao máximo, o que me tornava mais forte, melhor e me dava mais confiança. Eu conseguia captar qualquer ritmo que ele marcasse com o bastão. Meu movimento de pernas era rápido e espetacular; meus braços e punhos se moviam com graça e podia me mostrar tímida e envergonhada ou atuar com a força de uma tigresa que soltava fogo pelos olhos. E, o melhor de tudo, ficava cada vez mais apaixonada pela dança.

1. *Chador*: (do persa e do urdu) manto ou xale muito amplo usado pelas mulheres muçulmanas, sobretudo no Irã e no Paquistão. Não tem aberturas para as mãos nem fechos e costuma ser sustentado com uma mão (N.A.).

2. *Haraam zadi*: (do hindi) insulto, significa "puta" (N.A.).

3. *Aray yaar*: (do hindi) expressão coloquial que muda de significado conforme o tom de voz. Pode significar: O que você está me dizendo?; Ah, pare com isso!; Você está brincando comigo? (N.A.).

4. *Qawwali*: (do persa e do urdu) pode ser traduzido como flecha. Música que remonta há 800 anos e originalmente foi cantada pelos sufis em lugares santos. Dizem que o intérprete, e também a audiência, entram em transe quando sentem que Deus e ele são um. Considera-se o ponto alto do êxtase no sufismo. Os *qawwalis* costumam começar suavemente e constroem a peça até um nível altíssimo para induzir o estado hipnótico (N.A.).

5. *Shamiana*: (do persa e do urdu) ampla cobertura externa colorida na qual se comemoram festas e casamentos (N.A.).

6. *Paisa*: (do hindi) unidade monetária da Índia. A rúpia é a moeda da Índia. Cem *paisas* equivalem a 1 rúpia (N.A.).

7. *Chaprassi*: (do hindi) mensageiro ou porteiro (N.A.).

8. *Nahin ro bitya*: (do hindi) "Não chore, menina/filha" (N.A.).

9. *Aacha, theek hai*: (do hindi) "De acordo" (N.A.).

10. *Tabla*: (do hindi) instrumento de percussão usado pelos músicos indianos. É formado por dois tambores feitos a mão. A técnica para tocá-los exige uma habilidade especial com os dedos e as palmas das mãos (N.A.).

11. *Sarangi*: (do hindi) instrumento musical similar à harpa, usado para interpretar música clássica indiana. Dizem que seu som é o mais parecido com a voz humana (N.A.).

12. *Tihai*: (do hindi) sequência rítmica da música clássica indiana. O formato base deve seguir as seguintes regras: 1) deve haver três grupos de interpretação, da mesma duração; 2) deve haver alternância de dois grupos em relação ao resto, ambos com a mesma duração; 3) a cadência musical deve permitir ao solista baixar o tom e se preparar para começar a frase seguinte (N.A.).

13. *Taal*: (do hindi) escala musical similar à métrica da música ocidental. Cada composição musical se ajusta a uma escala musical e à interpretação do artista principal; o percussionista, em geral quem toca a *tabla*, executa essa escala repetidamente marcando o tempo (N.A.).

14. *Bols*: (do hindi) sílaba mnemônica usada na música indiana para definir a escala musical. É uma das partes mais importantes do ritmo (N.A.).

15. *Teen taal*: (do hindi) escala mais comum na música clássica indiana. Tem um ciclo de 16 tons divididos em quatro compassos (N.A.).

16. *Lucknow gharana*: (do hindi) na música clássica indiana, um *gharana* é um sistema de organização no qual os músicos e dançarinos são divididos por linhagem ou por estilos musicais. Assim, o *lucknow gharana* é o estilo musical e de dança originário de Lucknow (N.A.).

17. *Aap jaiyeh. Aaj kay liay khatam*: (do hindi) "Pode ir. Terminamos por hoje" (N.A.).

Capítulo 10

Em 1974, o Banco Nacional do Paquistão enviou Anwar a sua nova filial em Paris. Aquilo representou uma verdadeira comoção para Zahra, que continuava presa às lembranças do tempo que passara na cidade com Ajit, dez anos antes. Reunir os pertences e mudar-se novamente representou um grande esforço para ela. Também se preocupava que aquela mudança afetasse minhas aulas de dança em Délhi.

Incapaz de enfrentar esse novo transtorno, começou a sofrer desmaios. Foi a todo tipo de médicos e especialistas, e se submeteu a exames diferentes e rigorosos. Talvez, em seu inconsciente, só estivesse tentando retardar a viagem, porque ninguém conseguia entender o que estava acontecendo com ela.

Certa manhã desabou por completo, entre choros e gritos histéricos. Trancou-se no banheiro e se negou a sair. A jovem e assustada empregada que telefonou para Anwar foi despedida por ter-lhe incomodado. Quando ele chegou, como de hábito, à casa para almoçar, várias horas depois, Zahra continuava no banheiro. Forçou a porta com a ajuda da criada e encontrou a mulher largada no chão.

— Levante-se — gritou. Zahra abriu um olho e quando o viu começou a gritar de novo e a cobrir o corpo com os braços para o caso de ele

começar a bater nela. Que foi o que fez. Agarrou-a por um braço, levantou-a e deu-lhe várias bofetadas.

— Pare com isso já! Ficou louca? O que os criados vão pensar? Vou descer para comer e quero você vestida e na mesa em quinze minutos.

Zahra fitou-o com olhos vidrados. Continuava de camisola, o rosto arroxeado e marcas nos braços. O direito doía tanto que mal conseguia movê-lo.

Quando desceu para comer, tinha tomado banho com a ajuda da empregada, que também a vestiu como pôde com um sári limpo e prendeu seu cabelo negro e brilhante em um rabinho. Usava um xale amplo para ocultar o inchaço e as marcas roxas que tinha no rosto.

— Anwar, meu braço está doendo muito. Quando o carro te deixar no escritório gostaria de pegá-lo para ir ao médico.

— Você não pode usá-lo. Pegue um táxi ou um riquixá.

Foi ao médico de táxi e ele lhe disse que estava com o braço quebrado. Anwar fora o responsável, ao dobrá-lo atrás das costas dela. Quando o marido voltou à noite viu que ela estava com o braço engessado, mas não disse nada.

Mudaram-se, como planejado, apesar de um certo atraso. Zahra, Anwar e Jehan chegaram a Paris em 19 de outubro de 1974. Decidiram que, como eu estava indo bem em Bedales, ficaria ali e me visitariam durante as férias. Em Paris, Zahra continuou tendo desmaios, ainda que nenhum dos médicos que consultou soubesse encontrar a causa.

♦

Eu estava muito feliz. Era meados de outubro e as férias da metade do ano letivo logo chegariam. Passaria fora duas semanas e desejava ir a Délhi. Pouco depois, tia Hafsah me ligou para dizer que meu pai tinha organizado

uma viagem familiar para Granada e Córdoba, e que teria de esperar até o Natal para ver Krishna Maharaji. Fiquei arrasada.

Zahra não conseguia entender. Às noites rezava e perguntava a Deus o que tinha feito para merecer a vida que levava. Sentia-se condenada ao tormento de seguir Ajit e não alcançá-lo nunca. Primeiro em Délhi, depois em Paris e finalmente em Granada, onde a levara para ver Alhambra, às cavernas dos ciganos e ao flamenco.

Encontrei meus pais em Paris. Apesar de já estarem morando ali há um ano, era a primeira vez que via a casa. No dia seguinte pegamos o Peugeot 504 de Anwar e viajamos para a Espanha. Depois de atravessar os Pirineus, fizemos uma primeira parada em Barcelona. Como Zahra não pôde aprender a dirigir, Anwar entregou-lhe o mapa para que indicasse o caminho, mas as estradas não eram sua especialidade e ela não parava de cometer erros. Anwar gritava com ela cada vez que se enganava e a insultava, chamando-a de tonta, ignorante ou idiota.

— Papai, por que grita tanto com *umma*? — intervi afinal.

— Porque ela é uma idiota e uma ignorante que não sabe fazer nada direito, por isso.

Zahra ficou em silêncio e baixou os olhos, acostumada aos insultos e sem a intenção de aumentar a raiva de seu marido com alguma reclamação. Estava um tanto alterada pelas sensações contraditórias que sentia ao voltar a um lugar em que tinha sido tão feliz com Ajit.

O sol brilhava quando chegamos a Granada. Fazia um pouco de frio, mas a cidade estava resplandecente. Zahra voltou a se apaixonar por ela. Hospedamo-nos em uma pensão no Albaicin, a parte árabe da cidade, cujas ruas estreitas e pitorescas ela tinha percorrido com Ajit, sentindo-se imensamente feliz. Tínhamos dois quartos: minha irmã e eu ocupávamos um e meus pais, o outro. Meu quarto tinha uma vista espetacular do palácio de Alhambra e dali se via as colinas avermelhadas, as árvores, os edifícios, os arcos, as filigranas e as janelas com gelosias.

Quando, à noite, olhava pela janela e via a luz da lua brilhando sobre o palácio, imaginava a vida dos reis que tinham morado ali. A história deles me fascinava, da mesma forma como havia fascinado minha mãe muitos anos antes. Durante o dia, quando passeávamos pela cidade, por alguma estranha razão me sentia em casa. Aprendi muitas palavras de espanhol e na maioria das vezes entendia o que as pessoas diziam. Meu pai achou estranho, mas Zahra sugeriu que deveria ser porque eu sabia francês.

Certa manhã me levantei cedo e desci para tomar um copo de leite. A proprietária da pensão estava na cozinha preparando o café da manhã.

— Bom dia, menina — saudou-me.

— *Some* leche, *please* — pedi sorrindo.

A mulher me serviu um pouco em uma vasilha de barro. Enquanto tomava, ela se pôs a cantar. Captei o ritmo e comecei a marcá-lo com os pés e a mexer os punhos.

— De onde você é, menina?

Balancei a cabeça, pois não tinha entendido a pergunta. A mulher apontou para si mesma e disse:

— Espanhola.

Então fiz o mesmo e disse:

— Indiana.

Apesar de ser meio libanesa e meio paquistanesa, para mim Délhi era meu lar e sempre dizia com orgulho que era indiana.

— Ah, indiana! — exclamou a mulher esboçando um grande sorriso. — Você tem cara de cigana. Você é muito bonita, menina. Como se chama?

Desejei saber o que aquela mulher me dizia.

— Seu nome? — insistiu.

A mulher voltou a apontar para si mesma e disse:

— Eu me chamo María Teresa.

— Maha — disse repetindo o gesto.

— Você dança?

Sorri e balancei a cabeça para explicar que não estava entendendo o que me perguntava. E então ela colocou uma mão no quadril e com a outra no ar começou a mexer os punhos e os dedos e a dançar. Apesar de ser baixinha e gordinha, sua dança era uma demonstração de amor próprio e personalidade.

Gostei tanto daquela dança que levei um dedo ao peito e disse:

— *Me too*, María Teresa — afirmei antes de imitar seus passos e movimentos de quadril. A mulher secou as mãos no avental e me deu um abraço.

— Muito bem, vamos ver. Você sabe dançar um pouquinho de tangos ou de *bulerías*?

Olhei para ela desconcertada. E a cigana começou a bater palmas para marcar o compasso, enquanto fazia um gesto para que eu dançasse. Entendi rapidamente e comecei a dançar *bulerías* e tangos, sem saber o que eram, enquanto a mulher cantava e batia palmas.

— Muito bem! — exclamou sorrindo. — Olé, menina! Isso é flamenco! Quer ver um pouquinho de flamenco?

Eu estava desesperada para ver.

— Sí, *please*. Esto... por favor.

Nesse momento Zahra, Anwar e Jehan desceram e nos surpreenderam dançando.

— O que você está fazendo, Maha? — perguntou meu pai em tom severo.

— Papai, esta é María Teresa e está me ensinando a dançar flamenco — respondi encantada.

— Que bobagem! Não te trouxe aqui para dançar em uma cozinha, mas para que aprenda um pouco de história muçulmana.

— Podemos ir ver o flamenco, por favor? —Anwar ficou em silêncio e se sentou para tomar o café. — Papai, por favor. María Teresa diz que há

uma caverna aqui perto em que dançam flamenco todas as noites.

Anwar continuou sem me responder. Zahra, que estava com Jehan nos joelhos, sequer se atreveu a levantar a vista, porque sabia muito bem de que caverna eu estava falando e que ficava bem na esquina.

— Vamos ver alguma coisa de flamenco, Anwar — se atreveu a dizer finalmente. — Faz parte da cultura deste país.

— Sim, mas não da cultura muçulmana nem da herança árabe.

— Por favor, papai... — supliquei.

Dois casais de ingleses que estavam hospedados na pensão se juntaram a nós na ampla mesa da cozinha. Deram bom dia e todos começamos a consultar mapas para organizar o dia que tínhamos pela frente. Quando Anwar subiu para o quarto, corri para o lado de María Teresa, que estava na cozinha vigiando o café. De repente começou a me ensinar como bater palmas.

— Ouça, Maha: ta, ta ri to ta, ta ri to ta taca ta ta taca ta e ta.

Não podia acreditar, María Teresa estava falando a mesma língua de Maharaji.

— *You do not count in flamenco*? — perguntei.

— Minha querida, não te entendo — disse ela lamentando.

Pedi ajuda a um dos ingleses, que traduziu como pôde.

— Flamenco é com números?

María Teresa começou a gargalhar.

— Olhe, venha cá — pediu-me indicando que me aproximasse.

Pegou minhas mãos e disse: — Nós, os ciganos, dançamos flamenco segundo o ritmo.

— María Teresa — apontei para sua orelha para que me ouvisse. — Ta ta ta, tari to ta, tari to ta taka ta ta ta, tari to ta — cantarolei enquanto dava uns passos de dança.

— De onde vem isso, minha menina? Onde aprendeu?

— É *kathak*, do *North of India* — expliquei esperando que me entendesse.

— Meu Deus! — exclamou María Teresa. — Vai ver que é verdade que os ciganos vêm da Índia. — A senhora fala espanhol? — perguntou para Zahra.

As lembranças do tempo que tinha passado em Granada com Ajit voltaram a inundá-la.

— Um pouquinho.

— Senhora, por favor, sua filha tem muita vontade de ver flamenco. Se a senhora deixar, levo-a comigo esta noite.

— Muito obrigada, María Teresa, mas o pai dela é muito estrito e não vai achar bom que sua filha pequena fique fora até tão tarde.

— Mas, senhora, olhe a cara que ela está fazendo, não lhe negue esse prazer.

Olhei para minha mãe e não consegui acreditar que aquela mulher cigana que sequer me conhecia estivesse me defendendo enquanto minha própria mãe voltava a se colocar ao lado de meu pai. E logo me virei para María Teresa, sorri com tristeza e dei de ombros, em sinal de que aceitava a derrota.

Naquela noite havia uma lua cheia enorme e amarela sobre o Alhambra. Deleitava-me olhando o palácio, sentada ao lado da janela de meu quarto. A suave luz que a lua emitia sobre os campos me encantava. Atrás da pensão o espetáculo acabava de começar. Ouvi uma guitarra, alguém que limpava a voz e começava a cantar umas notas simples. Jamais ouvira nada igual. Parecia o muezim recitando a *adha*, a chamada para a reza dos muçulmanos, no minarete da mesquita perto de nossa casa em Délhi. Depois ouvi tocar o guitarrista e alguém que cantava ao mesmo tempo em que dava passos de dança, mas não ouvi os *ghungroos*. O som era o de sapatos dando batidinhas.

— Maha! Maha! — alguém me chamou.

Baixei os olhos e vi María Teresa, que me fazia gestos para que a acompanhasse. Dei uma olhada a minha volta. Jehan tinha dormido no quarto de meus pais. Desci como pude pela escala que havia apoiada contra a parede e quando fiquei ao alcance dela, a cigana me pegou nos braços.

— Venha, minha filha, vamos ver o flamenco e quem sabe você até dança e tudo.

Segurei com força a mão que ela me estendeu.

La Reina Mora, uma antiga caverna, ficava na região de Sacromonte, que sempre fora um acampamento de ciganos. O local estava cheio e não pudemos entrar, mas consegui ver através de uma pequena janela os vestidos de bolinhas das bailarinas, suas mantilhas e os pentes que usavam no cabelo.

Cada bailarina tinha sua maneira própria de dançar. Algumas eram muito bonitas, outras nem tanto. Umas tinham estilo, outras eram elegantes, mas todas tinham algo que me fez sentir que a energia fluía de seu interior e as transportava a outro lugar, a outro tempo, a outro mundo.

— Obrigada — disse com toda sinceridade a María Teresa.

— Vejo a lua em seus olhos, minha filha. Um dia você vai voltar para dançar na Espanha — garantiu, acariciando meu rosto.

Aquela mulher continua em minha memória, assim como aquela noite.

No dia seguinte, enquanto passeávamos por Albaicin, Jehan viu um cofre de couro trabalhado.

— Compra para mim, papai — pediu Jehan.

Anwar tirou a carteira imediatamente e comprou.

Zahra olhou para mim e viu que eu queria o cofre tanto quanto minha irmã.

— Anwar, não é caro. Por que você não compra um para a Maha também?

Comprou de má vontade, mas aquele cofre se transformou em uma de minhas posses mais preciosas, apesar da forma como o tinha conseguido. Antes de irmos embora de Granada voltamos ao Alhambra para visitar a parte que não tínhamos tido tempo de ver. Enquanto meus pais davam uma volta, sentei-me em uma pedra para olhar os jardins e ouvir o som das fontes. Colhi algumas flores para guardar como lembrança da cidade. Estava certa de que, como dissera María Teresa, um dia voltaria à Andaluzia e dançaria flamenco.

Depois da viagem a Granada e Córdoba, voltei diretamente ao colégio. Em dezembro de 1975, no exame final de Língua, escrevi uma peça de teatro curta como parte de meu trabalho. Nela, uma jovem sonha em se transformar em *bailaora* de flamenco. Consegue aprender, contra a vontade dos pais, graças a uma senhora que vê o talento natural que a jovem possui. No final de alguns anos, quando se torna uma excelente *bailaora*, a mulher morre em seus braços enquanto lhe pede que continue dançando, pois nasceu para isso. A jovem concorda entre soluços. As últimas palavras da mulher — "Então meu trabalho está feito" — marcavam o final da peça. O epílogo constava apenas de uma única frase: "Infelizmente, a jovem não pôde continuar a dançar".

Naquela redação contava minha viagem a Granada e Córdoba, concentrando-me sobretudo em Granada, na lua que brilhava sobre o palácio de Alhambra, na dança com María Teresa na cozinha da pensão e na noite em que ela me levou a La Reina Mora. Descrevia com todos os detalhes o voo das saias com franjas, as rosas no cabelo das *bailaoras* e as bolinhas que pareciam ganhar vida. Contava quanto fiquei enfeitiçada pelo sapateado e que, quando o *cantaor* começou a cantar, tive vontade de chorar.

Eram onze horas da noite quando a senhorita Blanchett, a professora de Língua, começou a corrigir meu exame final. Ainda não sabia que eu tinha me tornado a primeira da classe, então não tinha muita vontade de

começar o trabalho. Mas quando terminou de ler, e em seguida a peça de teatro, releu os dois, foi para a cama e tentou relacionar o talento e a capacidade que tinha visto naqueles escritos com a menina rebelde e pouco disposta a colaborar com quem tinha tentado se comunicar em vão durante todo o semestre.

Na manhã seguinte foi falar com a diretora e pediu-lhe que lesse os dois trabalhos. A emoção que a senhora Saunders demonstrou ao chegar ao comovente final da peça de teatro confirmou que sua reação fora correta.

— Bem — disse, enquanto tirava os óculos para secar os olhos com um lenço. — Acho que a jovem Maha é uma escritora em botão. Parece extraordinário que isso tenha sido escrito por uma menina de dez anos.

A senhorita Blanchett concordou.

— A senhora acha bom que eu escreva uma nota para a mãe dela?

— Certamente.

Quando a senhorita Blanchett se levantava para sair, acrescentou: — Creio que ela merece um extra por este exame. Tenho certeza de que você concorda comigo.

A senhorita Blanchett sorriu e concordou antes de sair da sala.

Algumas semanas depois, Zahra recebeu uma carta com remetente de Bedales. Teve medo de abri-la, temia descobrir que eu voltara a causar problemas. Quando finalmente se armou de coragem e começou a ler, suas mãos tremeram.

Cara senhora Akhtar,

Não tenho o prazer de conhecê-la, mas tomei a liberdade de escrever à senhora sobre sua filha.
Meu nome é Mary Blanchett, sou uma das professoras de Língua de Bedales e professora de Maha.

Sua filha escreveu uma redação para o exame final que conseguiu me fazer chorar. Também fez algo que nunca havia visto, sobretudo em uma menina de dez anos: escreveu uma peça de teatro. Os dois trabalhos tratam da viagem que fez na metade do semestre para o sul da Espanha. Estão muito bem redigidos, são descritivos, criativos e muito bonitos.
Tanto a senhora Saunders quanto eu estamos convencidas de que demonstra talento para escrever e que deveria ter a oportunidade de desenvolvê-lo.
Ficaria muito feliz se um dia chegasse a se tornar uma escritora e espero que a senhora a estimule nesse propósito. De nossa parte, em Bedales faremos todo o possível para ajudá-la a amadurecer o que parece ser um talento inato.

Atenciosamente,
Mary Blanchett

Zahra largou a carta e suspirou aliviada e feliz com o que lera. Nunca a mostrou a Anwar, com medo de que encontrasse alguma forma de distorcer o que era relatado. Guardou-a em uma caixinha na qual mantinha minhas coisas como tesouros: o primeiro desenho, algumas fotos de quando era bebê — incluindo uma que eu adorava, em que estava nos braços dela com a cabeça apoiada em seu ombro —, um pedaço de papel no qual tinha escrito "Te amo, *umma*" e outras lembranças que tinha guardado ao longo dos anos. Naquela noite rezou para que eu pudesse seguir o que ditava meu coração, meus sonhos e fazer o que tinha sido destinada a fazer: "Meu Deus, dá-lhe a força que eu nunca tive; oferece-lhe a possibilidade de ser alguém e mantenha-a saudável e livre do perigo".

Continuei estudando dança com Krishna Maharaji durante as férias escolares e no colégio, sempre que podia, praticava o que ia aprendendo. Falei com meu mestre sobre o flamenco; sobre o que tinha visto e ouvido, e sobre como tinha me parecido semelhante ao *kathak*.

— Os dois têm muitas coisas em comum. Fico feliz que você tenha percebido. Que eu saiba, em termos de ritmo, a ênfase é diferente, mas os movimentos, gestos e parte do movimento dos pés... Sim, estão relacionados — garantiu Maharaji.

— Adoraria aprender flamenco.

— Tudo a seu tempo, *beti*, tudo a seu tempo — disse o mestre sorrindo ao ver meu entusiasmo. — Desde o momento em que a vi naquela audição soube que a dança era seu destino. Você vai levá-la sempre consigo e ela vai te dar a liberdade de ser quem é. Neste momento é o *kathak* e isso me faz muito feliz. Com o tempo, quem sabe? Às vezes a vida nos põe diante de encruzilhadas e nos oferece caminhos distintos. Você pode escolher um ou outro, mas o destino tem uma maneira estranha de se manifestar; sempre nos devolve a trilha em que devemos estar, a trilha que escolheu para nós.

Meu nível rítmico melhorou muitíssimo e comecei a ser capaz de conectar a energia gerada com a planta dos pés com o resto de meu corpo, e movê-lo em sintonia com essa energia. Quando a energia aumentava, meus pensamentos se diluíam para criar uma harmonia absoluta entre o material e o espiritual.

Quando conseguia, Maharaji sabia que tinha me ensinado bem e que dependia de refinar meu próprio estilo, interpretar cada dança de forma personalizada e depois torná-la minha.

♦

Zahra, Anwar e Jehan moraram em Paris até 1979, ano em que regressaram a Karachi. Durante todo esse tempo sabia bem que meus pais estavam a uma hora ou duas de Londres. Dirigir até Deauville, pegar o *hovercraft* e chegar a Londres desde Dover não teria lhes custado muito. Mas também sabia que não queriam me ver, nem a Hafsah e Farhan.

Anwar sempre deixara muito claro que não gostava da família de sua mulher e, nas poucas ocasiões em que concordou em visitar a casa de Hafsah e Farhan, se limitava a mostrar-se educado. Uma vez que meus tios foram a Paris para passar um fim de semana e jantaram na casa deles, Zahra perguntou a Anwar porque se comportava sempre no limite da má educação com eles.

— Não entendo, afinal Farhan é embaixador — comentou, enquanto tirava a mesa.

— Embaixador do quê? Não passa de um funcionário — replicou Anwar com desprezo.

— Anwar! Farhan é o embaixador do Líbano. Por que você diz que é só um funcionário? — protestou Zahra indignada.

— Seu país está em ruínas, de que adianta ter um embaixador?

— Por favor, Anwar. Você morou em Beirute e dizia que gostava. Sempre ouvi você comentar que era a Paris do Oriente Próximo.

— Isso foi há muitos anos. Veja onde estão agora os libaneses, no fundo do poço com essas guerras civis de vocês — respondeu antes de sair da sala de jantar para ir a seu escritório, onde passava a maior parte do tempo quando estava em casa.

Zahra suspirou resignada. Nunca podia falar sobre nada com ele. Sua única alternativa era sempre lhe dar razão. Não parecia se importar que ela e suas irmãs tivessem estudado no Lycée Français de Beirute. Ou que Tariq, marido de Aisha, fosse o chefe do Departamento de Estudos Medievais da Universidade de Yale, nos Estados Unidos, amplamente conhecido e respeitado por seus conhecimentos sobre os cavaleiros templários e a lenda do Santo Graal. Anwar desprezava qualquer coisa que não tivesse relação com os árabes ou com a fé e a cultura muçulmanas.

Enquanto lavava os pratos, Zahra se surpreendeu com todo o tempo que fazia que não se lembrava de sua irmã Aisha. O pouco que sabia dela era por intermédio de Hafsah, que se esforçava para manter contato, e

apesar disso só recebia uma carta de vez em quando. Não tiveram filhos e a maliciosa Hafsah sempre ria quando comentava que seguramente ainda era virgem e que, se não fosse, provavelmente não deixava que o marido se aproximasse mais de uma ou duas vezes por ano.

Voltou a pensar nela um dia em que olhava os mercados embaixo da Sacré Coeur. Lembrou-se de que Tariq e a irmã tinham morado no bairro, em um apartamento pequeno demais para alojá-la quando ela estava visitando Hafsah. Sempre se perguntara se era verdade ou só uma desculpa para não encontrá-la.

Sentou-se em um banco de madeira e contemplou a vista de Paris que se estendia diante dela. Logo seria primavera, mas o ambiente continuava frio. A Páscoa estava logo adiante. Essas datas sempre a recordavam da Semana Santa sevilhana e das procissões, mas não podia se permitir essas lembranças.

De repente se lembrou de sua mãe e se perguntou como estaria. Tampouco havia pensado muito em seus pais nos últimos tempos. Sabia que tinham voltado a Biblos para escapar da confusão causada pelo fluxo massivo de refugiados palestinos. Enquanto se deixava acariciar pelo sol fraco do início de abril, pensou em como a história se repete; ali estava ela, pensando nos membros de sua família a quem não via nem ouvia falar há muitos anos. Sua filha exilada teria os mesmos pensamentos que ela? Desejou poder me dar algumas respostas, mas havia segredos que precisava guardar, para o bem de todos os envolvidos.

Contudo, em muitas coisas ela tinha razão. Com o passar do tempo eu tinha perguntado por minha família. Todos os meus amigos tinham avós, pais, irmãos e familiares. Em meu mundo, as únicas pessoas que podia considerar como parte de minha família eram *guruji* e meus tios.

Um dia, quando tinha doze anos, estava sentada na cozinha com tia Hafsah vendo como ela cortava cebolas.

— Seus pais estão vivos, tia?

Hafsah parou de cortar, surpresa. Eu nunca tinha lhe feito perguntas sobre seus pais. Tínhamos acabado de falar sobre ir ao cabeleireiro e agora eu vinha com essa.

— Sim, claro que estão vivos.

— Por que a senhora nunca fala deles ou nunca vai visitá-los?

— É uma longa história, Maha — respondeu soltando um suspiro.

— Gosto muito de histórias — afirmei, apoiando os cotovelos na mesa e o queixo nas mãos.

"Que diabos conto a ela?", pensou Hafsah tentando encontrar uma maneira de mudar de assunto.

— Como ela é?

— Quem?

— Sua mãe, quem haveria de ser.

— Bem, veja, sua avó era uma mulher muito bonita quando era jovem. Diziam que era a mulher mais bonita de Beirute e todos os homens interessantes eram loucos por ela. Na verdade, sua mãe se parece muito com sua avó.

— Por que você precisa mencioná-la? — perguntei com cara feia ao ouvir falar de Zahra.

— Veja, Maha, sei que para você não é fácil aceitar algumas coisas de sua mãe, mas é verdade que é igual a sua avó.

— Mas eu não me pareço nem com minha mãe nem com meu pai.

"Sim, você se parece muito com seu pai, Ajit", quis dizer.

— Você é uma linda mistura de seus pais — afirmou com uma resposta que não a obrigava a mentir. — Você tem os olhos de sua mãe.

— É? — perguntei, nunca tinha me ocorrido pensar nisso.

— Espere até crescer um pouco. Vou ensinar você a colocar o kohl e você vai ver. Os de sua mãe têm uma cor um pouco mais de amêndoa, mas a forma é a mesma e você tem os mesmos cílios bonitos e compridos. — Hafsah me abraçou. — Se você me ouvir e colocar azeite de oliva no

cabelo todas as noites, vai ficar mais comprido e preto e também mais bonito.

— Conte-me mais coisas de meus avós, tia — insisti.

— Não sei muito mais, na verdade. Agora moram em Biblos, que foi onde nasceu e cresceu seu avô.

— Onde fica Biblos?

— É uma cidade da costa mediterrânea no norte do Líbano. É muito antiga, tem gente que diz que é a cidade mais antiga do mundo, porque foi a primeira a ser construída. O porto de lá tem cinco mil anos — disse, com a esperança de distrair minha atenção.

— Nossa, tia! E foi ali que meu avô nasceu? É muito velho?

— Sim, *beti*, agora é muito velho, mas não tem cinco mil anos — afirmou rindo, e eu sorri.

— Como se conheceram?

— Segundo minha mãe me contou, foi em uma festa na embaixada britânica. Foi amor à primeira vista. Pouco depois se casaram e tiveram filhos.

— E o que aconteceu com sua outra irmã?

— Aisha era uma menina muito estranha — admitiu Hafsah enquanto esquentava óleo para fritar peixe. — Era muito inteligente e muito preparada. Sempre era a primeira da classe, mas tinha complexo de inferioridade. Ninguém prestava a mesma atenção nela que em sua mãe ou em mim e acho que tinha ciúmes de sua mãe.

— E de você?

— Nem tanto quanto de sua mãe, mas também se sentia inferior.

— Com quem se parecia?

— Era igual a seu avô.

— O que você quer dizer, que parecia um homem? — perguntei, estranhando.

Hafsah começou a rir, mas porque não tinha me enganado muito.

— Bem, a verdade é que parecia um menino.

— E por isso você não fala com ela? — perguntei rindo também.

— Quando se casou, ela foi morar em Paris com o marido e só nos escrevia muito de vez em quanto. Sua mãe e eu tentamos...

— Por que a menciona outra vez? — repliquei com amargura.

Nesse momento Farhan entrou na cozinha.

— Humm... Alguma coisa está cheirando bem — comentou aproximando-se da esposa para lhe dar um beijo na bochecha.

— Maha, ela é sua mãe — replicou Hafsah virando-se para mim com olhar furioso.

— Alá me proteja! Estou interrompendo alguma coisa séria? — perguntou Farhan olhando primeiro para a esposa e depois para mim.

— Quer saber o resto da história ou vai dizer alguma coisa desagradável cada vez que eu falar em sua mãe? — perguntou Hafsah.

Dei de ombros e concordei, ansiosa por saber mais sobre minha família. Hafsah se aproximou para reduzir o fogo em que fritava peixe.

— Como ia dizendo, sua mãe e eu tentamos manter contato com ela, mas acho que Aisha não estava muito interessada em ter qualquer tipo de relação conosco, então com o tempo nos demos por vencidas. De vez em quando Farhan e eu recebemos um cartão postal durante o Ramadã ou no aniversário, mas acho que para sua mãe nunca chega nada.

— E você fala com seus pais? Por que eles não vêm nos fazer uma visita?

Farhan e Hafsah se entreolharam.

— Quer um pouco de *laban*? — perguntou Farhan enquanto ia à geladeira para pegar o iogurte líquido de que os dois tanto gostavam.

— Sim, por favor.

Repeti a pergunta enquanto Farhan servia o iogurte.

— Você fala com seus pais, tia?

Hafsah não soube responder. Ao dar-se conta disso, Farhan se sentou a meu lado na mesa da cozinha.

— Veja, Maha, se Hafsah não fala com os pais dela é por minha culpa.

— O quê? Por quê? O que você fez? — perguntei cada vez mais intrigada.

— Bem, eu tinha um amigo que teve problemas com os pais de Hafsah e uma coisa levou à outra. Tudo acabou com uma grande discussão e seu avô me repudiou. Pela lei islâmica isso significa que também repudiava sua tia.

— Mas o que foi que seu amigo fez de tão mau? — perguntei com os olhos exageradamente abertos.

— Tirou deles uma coisa sem permissão — improvisou Farhan.

— Roubou deles?

— De certa forma. Foram tempos terríveis para todos nós.

— Tia! — exclamei correndo em direção a Hafsah para abraçá-la por trás da cintura. — Por isso não tenho avós — concluí em voz alta. — Se não falam com você, nem com você, tio — continuei antes de me aproximar de Farhan—, também não terão interesse de falar comigo.

Nenhum dos dois contestou minhas palavras, mas desejavam encerrar a conversa. O desejo deles foi atendido.

— Quando vamos ao cabeleireiro, tia? — perguntei com a curiosidade satisfeita por hora.

— Quando acabar o peixe, *beti*. Por que você não vai vestir a jaqueta?

—Você não tem uma foto da tia Aisha e dos avós? Queria saber como eles são — pedi, por fim, enquanto ia até a porta.

— Sim, querida. Vou pegar alguns álbuns.

Quando subi as escadas para pegar minha jaqueta, Farhan e Hafsah respiraram aliviados.

♦

Laila Ajami se acostumou rápido com a vida tranquila de Biblos quando Kamal decidiu que se mudariam para lá no início de 1996. Enquanto percorriam os quarenta quilômetros de distância em direção norte pela costa, voltou os olhos para a cidade em que tinha nascido e crescido, convencida de que seria a última vez que veria Beirute. Mas a cidade já não tinha nada a oferecer-lhe. Suas três filhas tinham ido embora e só lhe restava o vinho, o narguilé e os sonhos induzidos pelo ópio. Quando se mudaram, Kamal insistiu para que só levassem o indispensável, mas tinha conseguido colocar em segredo seus diários e os álbuns de fotos no fundo de seu baú. Então passava horas e horas olhando as fotografias de tempos passados, recordando sua juventude gloriosa, admirando a beleza de seu rosto jovem, a cabeleira brilhante que chegava quase até a cintura, os detalhes dos lindos vestidos e joias que tinha usado, as festas a que tinha ido, os homens com quem tinha flertado e os amantes que tivera. Mas sempre dedicava a maior parte do tempo a se lembrar repetidas vezes das semanas que passara com o amor de sua vida, seu adorado Aatish.

Kamal tinha alugado uma casa modesta com vista para o Mediterrâneo. Tinha uma pequena varanda, uma horta e era rodeada de oliveiras. Kamal ia todos os dias ao povoado jogar damas, gamão ou xadrez, e fumava e bebia com seus amigos enquanto Laila se deitava com o opiáceo que tinha escolhido para contemplar o pôr do sol sempre que podia e recordar o último dia que passara com Aatish, o dia que acreditava ter concebido Zahra.

"Queria muito mais para nossa filha, Aatish. Queria para ela o que nunca tive." Sentada na varanda em uma poltrona confortável, com sua taça de vinho, suas fotografias e suas lembranças, Laila Ajami não sabia que sua história estava se repetindo com Zahra.

Laila sonhara para ela uma vida com um marido carinhoso e uma família unida, e ela acabara com um marido que odiava, duas filhas com quem não tinha nenhum tipo de comunicação e outra de quem só recebia

um postal de vez em quando. O distanciamento com duas delas não tinha sido coisa dela, mas Zahra, sua linda Zahra, o fruto de seu amor por Aatish, como pôde deixá-la ir?

Lembrou-se dela gritando enquanto dava à luz e da dor que sentiu quando ela recusou a mão que oferecia. O que teria sido dela? Quem seria o pai de Maha? Com quem se pareceria? Precisava fazer alguma coisa, sentou-se varanda e decidiu escrever-lhe uma carta. Colocou sobre o papel o relato completo e verdadeiro de tudo o que tinha acontecido e por quê; incluiu muitos detalhes sobre Aatish e até uma fotografia em que apareciam os dois quando eram jovens, e outra em que abraçava Zahra logo depois de nascer. Na carta perguntava a ela quem era o pai de Maha e dizia que esperava que o tivesse amado como ela amara Aatish. Terminou pedindo que a perdoasse, que a única coisa que sempre quisera para ela era alguém por quem valesse a pena ser amada.

Quando terminou a carta e fechou o envelope, guardou-a em uma caixinha e nunca teve coragem de enviá-la. Um dia se levantou com a ideia de ir aos correios e enviá-la a Aisha, para que a entregasse a Hafsah, que de alguma forma daria a Zahra. Colocou-a no bolso do casaco, colocou um lenço na cabeça e saiu pela porta. Os cedros moviam-se delicadamente e o vento silvava entre as oliveiras. Ouviu que alguém a chamava "Laila, Laila", mas não viu ninguém. "É minha imaginação", pensou. "Deve ser o vento ou quem sabe o ópio." Chegou ao final do jardim e olhou para o mar azul turquesa que batia nas praias daquela terra que vivia tempos tão convulsos. Depois voltou sobre seus passos e se sentou na poltrona da varanda para olhar a água, o céu e a terra. "Que linda é", pensou.

Mas a quarenta quilômetros dali, Beirute estava ardendo. Conseguiu ver um brilho das chamas que se elevavam no céu. Tudo desapareceu: minha terra, meu país, minhas filhas, meu amor... varridos pela maré do tempo.

Laila Ajami morreu pacificamente naquela tarde, enquanto a guerra civil se alastrava com fúria não muito longe de onde se encontrava e destruía tudo o que tinha conhecido. Quando as mulheres do povoado prepararam o corpo para o enterro, uma delas encontrou a carta. Depois de lê-la, todas decidiram que era melhor que fosse com ela para o túmulo e a colocaram com cuidado entre as dobras da mortalha branca de linho.

Capítulo 11

Aos quinze anos me apresentei aos exames finais do ensino fundamental e consegui qualificação acima da média nas sete disciplinas. Meus pais foram a Londres e estavam tomando chá com Hafsah e Farhan quando entrei correndo para lhes dar a boa notícia. Esperava encontrar apenas meus tios e me surpreendi muito ao vê-los ali, sobretudo porque sabia que meu pai não gostava de Hafsah e Farhan, e procurava evitá-los. Quando Anwar viu os resultados me deu um olhar de aprovação e disse:

— Muito bem, Maha.

Não me lembrava de, antes disso, ele ter elogiado qualquer coisa que eu tivesse feito. Surpresa, aceitei o elogio com um movimento quase imperceptível de cabeça, me virei, abri a porta e subi para meu quarto para que continuassem com seu chá.

Mais tarde soube que meu pai tinha falado bem de mim nesse mesmo dia. Tinha se gabado de minhas notas para selar o casamento que tinha acordado com o estúpido Karim Al-Mansour.

No dia seguinte àquele jantar, meus pais voltaram a Karachi e deixaram que Hafsah se encarregasse de me comunicar sobre o compromisso que tinham aceitado. Antes de ir, Zahra chorou nos braços da irmã e suplicou-lhe que cuidasse de mim e me explicasse da melhor maneira possível o que ia acontecer.

— O quê? — gritei para minha tia quando ela me explicou o motivo do jantar. — Você enlouqueceu? Os idiotas dos meus pais enlouqueceram? Combinaram meu casamento? Como se atrevem? Como se atrevem a me dizer com quem tenho de me casar? Pelo amor de Deus! Tenho quinze anos e já me prometeram? E vocês o que vão fazer? Estão tentando ferrar minha vida mais do que já fizeram?

— Maha...

— Em que país vivemos? Na porra da Idade Média?

— Maha, não fale palavrões!

— Estou me lixando para os palavrões. Digo o que quiser e você não é ninguém para me impedir.

—Maha, sou sua tia. Ou você para de usar essa linguagem e demonstra algum respeito ou te levo arrastada à mesquita e peço ao ulemá que te case hoje mesmo.

— Não sou uma propriedade! Não sou uma escrava que pode ser comprada no mercado! Quem esse filho da puta desse xeque pensa que é? Acha que pode me comprar? Nem fodendo. Minha mãe queria que eu fosse independente. Vá à merda, essa hipócrita. Jamais serei como ela, jamais abaixarei a cabeça para alguém. Não vou ser propriedade de ninguém, nunca.

—Maha, juro que se você voltar a usar esse tipo de palavras estaremos na mesquita em cinco minutos.

— Por Deus do céu, tia Hafsah! Você viu o tal do Karim? Parece o Chewbacca, mas é pior. É baixo, gordo, feio e fede. Para não dizer como é imbecil.

— Maha, por favor, se acalme. É filho do xeque Ibrahim, é muito rico e herdeiro de uma grande fortuna. Você vai ter a vida garantida.

— Acha que eu me importo com dinheiro? Bem, mas os idiotas de meus pais e você estão muito enganados. Não me casaria com ele nem que tivesse um trilhão de libras. Sequer consegui olhar para a cara dele no

jantar. É um fútil. Senti-me como se fosse um camelo ou um cavalo e que estivessem olhando meus dentes. Não tenho nada para conversar com ele. É um menino malcriado. Não lê, certamente nem sabe escrever. É um tratador de camelos que deu sorte de seu pai ter encontrado petróleo no deserto.

— Sei que é difícil para você entender os casamentos arranjados, mas são parte da cultura do Oriente Próximo. O meu foi assim e com o tempo passei a amar muito Farhan.

— Com o tempo você chegou a amar tio Farhan? — repeti. — Então meu pai está tentando controlar minha vida outra vez. O que terá feito? Será que me trocou por uma cáfila? Não sou idiota. Meu pai me vendeu. Deus! Como é que essas coisas podem acontecer? Por que a idiota de minha mãe não me defende? Por que fica assustada como uma ratazana e aceita tudo o que meu pai diz e faz? E já que você parece saber todas as respostas, vamos ver se me explica isso: por que não diz a meu pai sobre tudo o que queria de mim? Por um lado, gostaria que eu fosse uma menina muçulmana perfeita para poder me vender a um beduíno gordo e fedorento. Muito bem, se é o que deseja, então teria de ter me colocado o chador e me deixado em casa com uma mulher que me ensinasse a costurar, cozinhar e ter filhos...

— Maha, por favor!

— Mas não, também gosta de contar vantagem para seus amigos e me manda estudar no Ocidente. O que é que ele quer? Uma muçulmana perfeita educada no Ocidente vestida de chador que pode falar sobre história, arte e literatura e ao mesmo tempo se comporte como uma escrava, como a escrava na qual ele transformou minha mãe? Ele é o culpado de ela ter medo da própria sombra — eu estava fora de mim. — Vá a merda, não se pode ter tudo.

— Já chega, Maha! É nossa cultura, nossas tradições. Vão anunciar seu compromisso com Karim na sexta-feira, dia 15, e toda a família dele virá.

Em 15 de maio de 1980 fui prometida oficialmente a Karim Al-Mansour, sobrinho do emir do Kuwait. Karim, seus dois irmãos, Abdullah e Mohammad, a mãe e algumas outras mulheres da família chegaram à casa de Hafsah e Farhan arrumados demais, enfeitados demais e com presentes demais. O pai de Karim não veio, o negócio com Anwar estava feito e não achou necessário estar presente à cerimônia. Hafsah se desfez em desculpas pela ausência de Anwar e Zahra e acrescentou que a outra filha deles, Jehan, não estava bem e por isso tiveram de ir rapidamente a Karachi.

Eu estava tranquila. Tinham me colocado um vestido bonito e Hafsah tinha me ajudado a colocar um pouco de maquiagem e a arrumar meu cabelo, que ainda era muito curto. Fui educada, atenta e quieta, a noiva perfeita e recatada. Hafsah estava muito surpresa. Esperava que eu me mostrasse grosseira e arisca, e ficou aliviada e contente que eu me comportasse com tanto decoro. "Gostaria de saber o que ela está pensando e o que está guardando na manga", pois sabia que essa mudança radical era pura fachada.

Realmente, estava representando, ganhando tempo. Assim como Laila e depois Zahra tinham feito nas primeiras fases de seus respectivos casamentos. Inventei para mim o papel que ia desempenhar, tinha me disfarçado para a apresentação e saíra de cena. Era tão convincente como atriz que quando a tribo Al-Mansour foi embora horas depois, não restava a menor dúvida de que eu tinha nascido para ser a mulher de Karim.

O xeque Ibrahim pedira ao ulemá da mesquita que fosse benzer a cerimônia de compromisso. Quando Karim colocou um anel com um diamante perfeito de cinquenta quilates em meu dedo, várias mulheres da família dele começaram a ulular.

Continuei recebendo presentes: um colar de esmeraldas e diamantes com brincos e pulseira combinando; um conjunto parecido, mas de rubis e diamantes, e quarenta e oito braceletes, todos feitos especialmente para a

ocasião, com ouro de vinte e dois quilates. Isso era apenas uma parte das joias. Também recebi um baú cheio de sedas, brocados, chiffon e tecidos bordados de ouro e prata.

De repente o ar começou a me faltar. Tinha gente demais, comida demais, joias demais, tudo demais. Aproximava-me constantemente da janela para respirar ar fresco. Não podia acreditar que estivessem me dando todos aqueles presentes suntuosos. As joias sequer me pareciam verdadeiras.

Tive a sensação de que muitas horas tinham se passado antes que a casa voltasse a ficar vazia. Minha tia e eu nos sentamos na sala, que estava cheia de papel de presente, estojos de joias de veludo vermelho e azul-marinho e um montão de presentes abertos.

— Não consigo, tia. Não posso levar essa vida com esse tipo de gente. Se é isso o que eles fazem e assim que se comportam, não vou conseguir aguentar, de verdade.

— Maha, é só o começo...

— Por isso mesmo. É o que estou dizendo. É só o começo! Você me vê vivendo assim? De verdade?

— Venha, Maha.

"Não vou chorar", disse a mim mesma enquanto me aproximava de minha tia. Ela não percebeu, mas eu apertava os punhos com tanta força que as unhas estavam entrando em minha pele. Sentei-me no chão em frente a Hafsah, que afastou com carinho o cabelo de meu rosto. "Não vou chorar", repetia a mim mesma, mas quando tia Hafsah levantou meu queixo para me olhar nos olhos, as lágrimas apareceram. Não disse nada. Hafsah me abraçou e me acalentou docemente enquanto acariciava meu cabelo.

— Tudo vai dar certo, Maha, você vai ver. Tudo acontece por alguma razão, *beti*, e tudo vai se resolver da melhor forma, acredite.

Durante uma fração de segundo minha mente se transportou para quando eu tinha sete anos e estava fazendo o teste diante de Krishna Maharaji. Naquela ocasião tinha me sentido igualmente impotente e por mais que tivesse tentado conter as lágrimas, também as derramei em silêncio. Naquele momento foi minha mãe quem me garantiu que tudo daria certo.

"Por que não está a meu lado? Por que não é ela que está me abraçando?", pensei enquanto me deixava consolar por minha tia.

Depois daquele dia não voltei a ver meu noivo por muitos meses. Sempre estava entre Paris, Londres, Milão e Kuwait. E eu estava muito ocupada com os exames finais do ensino secundário, estudando para a prova de ingresso em Oxford e Cambridge, e preparando a coreografia de uma nova obra com Krishna Maharaji.

Em uma tarde cálida de verão, depois do tremendo esforço que fizera em Kathak Kendra — acabara a luz e tive de dançar sem ventiladores, tendo inclusive de trocar quatro vezes de roupa ao longo do dia de tanto que tinha suado — estava descansando na casa de "tia" Nilofer. Estava feliz de poder dispor da casa só para mim. Nilofer e Mahesh Bharany aproveitavam a temporada de verão em Simla e tinham me deixado por conta de Laxmi, a empregada.

Estava me refrescando com um copo de limonada no jardim quando Laxmi apareceu.

— *Maha bibi, aap ka fone hai*[1]...

"Quem diabos estará me ligando?", pensei enquanto entrava na casa.

— Sim?

— Maha? — perguntou uma voz masculina.

— Sim, sou eu.

— Como vai?

— Com quem estou falando?

— É o Karim.

— Que Karim?

— Karim Al-Mansour, seu noivo.

"Maldita seja!", repreendi a mim mesma. Tinha me esquecido completamente dele, do compromisso e de qualquer coisa que estivesse relacionada àquilo. Estava tão absorvida pela dança e tão feliz em Délhi, apesar do calor e da monção, que Londres e tudo o que tinha acontecido ali era uma vaga lembrança.

— Sim, claro. Desculpe-me. A empregada acabou de me acordar, estava fazendo a *siesta*.

— Como vai?

— Bem.

— Ótimo. Você vai fazer compras?

— Não.

— Está bom aí?

— Sim, aqui é muito bonito.

— Pois me disseram que faz muito calor e tem muita umidade, e que está na época de monção.

— Sim, mas eu gosto.

— Estou em meu iate em Montecarlo e vamos para Mallorca.

— Fico feliz por você.

— Adoro o iate novo. É muito maior, muito mais confortável, tem uma tripulação maior...

"Por favor, pare! Esse cara é retardado!"

— Bem, só estou ligando porque estamos em 15 de junho e estamos prometidos há um mês. Queria desejar um feliz aniversário.

Ouvi risinhos femininos no fundo e alguém pedindo mais champanhe.

— Muito obrigada, querido noivo, o mesmo para você — afirmei carregando minhas palavras de uma boa dose de sarcasmo.

— Com um pouco de sorte estarei de volta a Londres no outono e poderemos nos encontrar ali.

— Obrigada por ligar, Karim.

— Fico feliz de falar com você... — e desliguei antes que ele pudesse completar a frase.

O verão passou sem grandes mudanças. Fazia grandes progressos com o Maharaji na peça que estávamos ensaiando e, sem perceber, chegou setembro e meu regresso a Londres.

— Quando voltarei a vê-la, minha pequena maharani? — me perguntou o mestre no último dia.

— *Guru sahib*, voltarei em dezembro e depois em março, durante o feriado da Semana Santa, e também no verão.

— Não se esqueça de nada.

— *Guruji*, alguma vez já esqueci de alguma coisa que o senhor me ensinou?

Krishna Maharaji começou a rir e balançou a cabeça.

— Talvez alguns passos...

Aterrissei em Heathrow e voltei diretamente a Bedales. Não tirei os olhos dos livros até a prova de ingresso a Oxbridge, em novembro de 1980. Apesar de não ter acabado todos os exames do ensino médio, queria me livrar da prova da universidade o quanto antes. Fui aceita no Saint Catherine's College de Cambridge para o curso que começava em setembro de 1982.

— Karim te enviou um bracelete da Cartier e seus pais um colar de diamantes da Van Cleef — comunicou minha tia quando telefonou para me dar os parabéns.

— E o que devo fazer com isso?

— Não se altere.

Voltei a Délhi durante as férias de Natal e logo chegou a Semana Santa de 1981 e me reencontrei novamente com meu querido *guruji*. Durante todo esse tempo não tive notícias de Karim, apesar de minha tia ir me informando sobre todas as joias que me enviava. Não me interessavam em

absoluto. Estava concentrada demais no projeto que coreografava com Maharaji.

Começamos a trabalhar no verão de 1980. Era uma peça cujo embrião fora minha viagem à Andaluzia. Meu entusiasmo pelo flamenco inspirou o mestre a fazer algo de grande escala com sua companhia. Tratava-se de uma viagem artística através do tempo, que combinaria música, dança e canções. Começaria com os *kathakars* dos templos da Índia e terminaria nas cavernas de Sacromonte na Andaluzia, um encontro das duas culturas que mostraria a forma como a mais antiga influenciou a mais moderna.

O primeiro aniversário de meu compromisso com Karim Al–Mansour foi em 15 de maio de 1981. O xeque Ibrahim queria oferecer uma festa suntuosa em seu palácio no Kuwait, mas um de seus irmãos tinha falecido no início do mês e como o deserto era quente demais nessa época do ano, pensou que seria mais acertado suspendê-la.

Atendi o telefonema de Karim diante da insistência de minha tia, que colocou o telefone em minha orelha apesar de meus protestos. Desejamo-nos feliz aniversário e Karim me enviou mais joias. Quando chegou o estojo e o abri, era um colar de diamantes amarelos, com anel, brincos e bracelete combinando.

— Na verdade é muito bonito, tia.

Hafsah me olhou para certificar-se de que eu falava sério.

— O que você disse?

— Que é muito bonito. Gosto porque é muito simples e não horrível e de mau gosto como o resto.

— Pode ser que as joias sejam, mas as pedras preciosas valem milhares, se não forem centenas de milhares de libras — comentou Hafsah pensando se haveria a remota possibilidade de que eu mudasse de opinião sobre o casamento com Karim.

—Vai colocar?

— Bem, pode ser que experimente — deixei escapar sorrindo para ela.

— Você está lindíssima — afirmou Hafsah depois de me ajudar a colocar.

— Com quem você acha que me pareço, com minha mãe ou meu pai? — perguntei olhando-me no espelho.

Hafsah não soube o que dizer. Tenho os olhos de minha mãe, mas sou a imagem viva de Ajit.

— Você é muito bonita, Maha, e é você mesma.

— Mas me pareço com quem?

Foi salva pelo telefone que começou a tocar. Era Zahra que queria me desejar um feliz aniversário de compromisso.

Antes de pegar o fone que Hafsah me oferecia disse em voz suficientemente alta para que tanto ela como minha mãe ouvissem:

— Não se lembra de meu aniversário, mas do dia em que me vendeu ao mercador de camelos.

— Parabéns, Maha.

— Obrigada.

— Como vai Karim?

— Não tenho a menor ideia.

— Não o tem visto?

— Não.

Hafsah, que sempre fazia papel de árbitro, tirou-me o telefone, pois estava claro que não tínhamos muito o que nos dizer.

♦

Em novembro de 1981 o inverno castigava Londres. Tinha acabado meus exames para o nível superior e estava passando o fim de semana com meus tios antes de ir a Délhi, quando Karim ligou dizendo que estava na cidade e que gostaria de passar para tomar um café.

Hafsah se desdobrou para organizar a recepção. Quando ele chegou, cumprimentou-o efusivamente e se sentou com ele até que eu apareci. Comportei-me de forma encantadora.

"Caramba!", pensou Hafsah. "Que interpretação!"

— Querido prometido, como me alegro em vê-lo depois de tanto tempo.

— Você está lindíssima — cumprimentou pegando minhas mãos e dando-me um beijo na bochecha. — Mas onde está o anel? Você não usa sempre?

—Sinto muito, Karim. Cheguei tarde em casa, tirei no banho e depois me esqueci de colocar novamente.

Karim parecia abatido.

— Vou buscar agora mesmo.

Subi depressa ao quarto de minha tia, abri o cofre, tirei o anel e coloquei-o no dedo. Era a primeira vez que colocava desde que tinha ganhado, há dezoito meses.

— Você tem viajado muito, Karim? — perguntei ao voltar em uma tentativa de manter uma conversa civilizada.

Hafsah se retirou para nos deixar a sós, mas permaneceu perto da porta para o caso de ter de interferir.

— Sim, agora que meu pai comprou um avião é muito fácil, já não tenho de me preocupar com companhias aéreas. E você, está fazendo compras para o casamento? Escolheu as joias que vai usar? E o vestido? Você sabe que pode escolher o estilista que quiser...

— Na verdade não, detesto fazer compras e não dou a mínima para joias, como você pode ver.

— E o que mais você tem feito? As mulheres que conheço passam a vida fazendo compras com o dinheiro de seus pais ou maridos — continuou Karim.

— Tenho estado em Délhi trabalhando em uma nova coreografia com meu guru, Krishna Maharaji.

— O quê?

— Sou bailarina de *kathak*, danço desde os sete anos e comecei a fazê-lo profissionalmente há quatro.

— Como assim? Por isso você vai a Délhi com tanta frequência? Você sobe no palco e dança na frente das pessoas?

— Sim, Karim, é o que fazem os artistas e cantores.

— Achei que fosse lá visitar parentes — disse com voz entrecortada. — Dançar na frente das pessoas é o que fazem as prostitutas nos bordéis.

Não acreditei no que estava ouvindo, mas minha voz não se alterou.

— Se você conhecesse alguma coisa sobre *kathak*, saberia que é uma antiga expressão artística que nasceu como dança religiosa nos templos da Índia e depois evoluiu até se transformar em uma linda mistura de música, poesia e dança sob os auspícios dos imperadores muçulmanos da Índia.

Percebi que ele não estava entendendo nada e mudei de assunto.

— Fiz os exames de Oxbridge em dezembro e me aceitaram em Saint Catherine's em fevereiro, então começo em Cambridge em setembro do ano que vem. Escolhi História. Também terminei todos os exames do ensino médio com ótimas notas.

— Mas Maha, para que tudo isso? É uma perda de tempo. Quando nos casarmos a única coisa que terá de fazer é me dar filhos e criá-los — afirmou Karim, que estava realmente surpreso.

Foi nesse momento que perdi as estribeiras.

— Que raios você pensa que é? Toma, imbecil filho da puta! — gritei jogando o anel. — Leve e compre uma escrava no mercado, ou melhor, compre um camelo. E olhe bem os dentes dele, que certamente serão tão sujos e nojentos quanto os seus. Seu inútil! Você me dá pena! Suma de minha frente! Não me caso com você nem por todo o ouro do mundo!

Atirei-me sobre ele, expulsei-o a empurrões de meu quarto e dei-lhe um chute na bunda que me fez perder o equilíbrio. Karim caiu no chão e ficou ao lado do *keffiyeh*. Levantou-se como pôde e correu até a porta, perseguido por mim, que não parava de soltar insultos aos berros, até que conseguiu subir no carro e sair dali.

Voltei para casa e vi minha tia. Muito a contragosto, Hafsah caiu na risada, me contagiei com seu riso e as duas continuamos assim até que nos vieram lágrimas aos olhos.

— Chutei o traseiro dele com toda força — disse, e as duas voltamos a rir às gargalhadas, apesar de sabermos que nossos risos seriam efêmeros.

As repercussões foram nefastas. No dia seguinte Anwar Akhtar me telefonou e me repudiou. Eu o tinha desonrado e humilhado, tinha me comportado como uma mulher ignorante da rua, tinha o desacreditado e envergonhado.

— Já não a reconheço como membro desta família. Nunca mais falarei com você nem olharei em sua cara.

Aquele foi o fim de minha relação com Anwar Akhtar. Tinha quinze anos.

Depois do fiasco do rompimento de meu compromisso, tinha mais nove meses pela frente antes de começar Cambridge, então voltei a Délhi em dezembro de 1981. Em abril de 1982 tinha terminado a coreografia de minha nova peça e procurava nomes para ela com meu mestre.

Um dia, durante os ensaios em Kathak Kendra, de repente Maharaji começou a ter dificuldade de respirar.

Parei de dançar.

— O senhor está bem, *guruji*?

— Maha, *meri jaan*[2], não consigo respirar... Estou com uma dor horrível no peito.

Avisei o *chaprassi* aos gritos para que pedisse uma ambulância e chamasse os médicos de um hospital nas proximidades.

— *Guruji*, eles já vêm, a ajuda está a caminho. Resista, resista, segure minha mão, não se vá, por favor.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Ele estava em meus braços. Percebi que o coração se acelerava, mas não sabia que a aorta tinha rompido e que ele estava se afogando em seu próprio sangue conforme invadia a cavidade corporal.

— Maha, *meri beti*, minha estrela — balbuciou sem soltar minha mão.

— Não fale, por favor, *guruji*. Guarde suas forças — supliquei contendo as lágrimas, apesar de perceber que ele estava indo.

— Prometa que terminará a peça — pediu-me com dificuldade.

— Juro, Maharaji, vou terminar — assegurei sem deixar de tremer.

— Seja feliz. Você é minha pequena maharani. Cuidarei sempre de você do lugar para onde estou indo.

— Maharaji! Maharaji! Não! Por favor! Não pode ir, não tenho mais ninguém, por favor, não pode me deixar sozinha — gemi antes de desabar sobre seu peito.

Krishna Maharaji recebeu todos os rituais funerários dos brâmanes hindus e eu mesma espalhei suas cinzas no Ganges. Vestida com um sári simples de algodão, acendi uma velinha, coloquei-a sobre uma flor de lótus e deixei que se afastasse com a corrente do grande rio, um dos símbolos imortais da antiga civilização.

— Seu guru cuida de você — afirmou um dos sacerdotes do templo.

— Como pode fazer isso, *pandit*? Ele se foi.

O sacerdote balançou a cabeça e sorriu.

— *Nahin mahaji*[3] — respondeu amável — sempre estará contigo. Agora já está. Está em seu coração.

Depois disso, não voltei a dançar *kathak* e passaram-se vinte e cinco anos até que colocasse novamente os *ghungroos*.

1. *Maha bibi, aap ka fone hai*: (do hindi) Senhorita Maha, telefonema para você (N.A.).

2. *Meri jaan*: (do hindi) termo carinhoso. “Minha querida”(N.A.).

3. *Nahin mahaji*: (do hindi) “Não, Maha.” A partícula “ji” no final da palavra é uma maneira de demonstrar respeito pela pessoa a quem se dirige (N.A.).

Capítulo 12

Voltei a Londres em 17 de maio de 1982. Apesar de ter sido aceita no Saint Catherine's College de Cambridge, já não queria continuar morando na Inglaterra. Além disso, não sabia como pagar meus estudos, já que meu pai tinha retirado o fundo depositado em um banco de Londres para custeá-los. Não sabia para onde ir. Meus pais moravam em Karachi, mas aquela não era minha casa e, se não bastasse, tinha sido repudiada, então não poderia mais voltar lá. Tinha passado muito tempo na casa de minha tia em Londres, mas ali também não era meu lar. Gostava de Délhi, tive adoração por Krishna Maharaji e tinha amado dançar porque a combinação do lugar com meu mestre e minha paixão tinham me proporcionado a segurança e a estabilidade que meus pais jamais me deram. Enquanto meu pai tinha tentado me impor suas ideias sobre o que podia ou não ser feito, Krishna Maharaji me oferecera liberdade. Mas assim que se foi, Délhi também não era meu lugar.

Quanto mais pensava, mais percebia que não tinha um lar. Perguntei-me como seria ter um, um refúgio, um lugar para onde ir quando me sentisse sozinha ou assustada, ou precisasse pensar. Perguntei-me o que sentiria ao deitar na cama em que tinha dormido desde criança e ter uma mãe para me cobrir e me dar um beijo de boa noite.

Sentia-me desenraizada e inquieta, e não sabia o que fazer.

Uma das coisas que estavam pendentes era voltar a Bedales para pegar uma mochila cheia de papéis e livros, mas até a metade de junho não achei o momento adequado de pegar o trem. Não esperava ver ninguém conhecido, já que as férias de verão já tinham começado, mas quando entrei no saguão principal dei de cara com Margery McKenna, minha professora de História, uma escocesa com forte sotaque de Glasgow, olhos azuis grandes e alegres e uma cabeleira ruiva revolta.

— Maha! — exclamou surpresa. — Que bom encontrá-la. Que diabos você está fazendo aqui? Não deveria estar em Délhi?

Margery tinha se casado com um paquistanês havia pouco tempo. Os dois estavam em seu segundo casamento e Margery não só tinha adotado o sobrenome do marido como tinha concordado em ir para o Paquistão. Ambos concordavam que aquele país ofereceria uma vida melhor do que poderiam ter nas frias e cinzentas Inglaterra ou Escócia.

Conhecia Hasan Rehman e me dava muito bem com ele. Professor de Ciências Políticas, era uma pessoa plácida e inteligente, que tratava a todos com igualdade. Sentia uma curiosidade inata pelas pessoas e, diferentemente de meu pai, também paquistanês, me estimulou a contar-lhe minha experiência com a dança. Durante os anos em que passei em Bedales preparando-me para os exames finais do ensino médio estabeleci uma boa amizade com eles e foi Margery quem sugeriu que eu escolhesse História na Saint Catherine's.

— Como vai, senhorita Rehman? — perguntei antes de lhe dar um abraço.

— Bem, muito bem. Empacotando e me preparando para minha nova aventura. E você? Já está pronta para ir a Cambridge?

A expressão de meu rosto mudou.

— O que houve, Maha?

— Posso falar com a senhora um instante, senhorita Rehman?

— É claro, querida. Tenho certeza de que encontraremos uma xícara de chá em algum lugar.

Falei, falei, falei, desabafei com ela. Falei de minha mãe, de meu pai, de minha vida, de minhas paixões, de meu pai ter-me repudiado, de tia Hafsah, do fato do *guruji* ter morrido em meus braços e de tudo o que era importante para mim.

— Aqui já não me sinto em casa, não sei o que estou procurando nem sequer onde é minha casa. O que devo fazer, senhorita Rehman?

— Sei do que você está falando, Maha. Por que acha que estou indo para o Paquistão? Tenho quarenta e cinco anos e me casei com um homem completamente diferente de meu primeiro marido, Jimmy, que Deus abençoe. Eu também preciso ir a um lugar novo, em que nunca tenha estado, e experimentar uma vida nova.

— A senhora tem medo, senhorita Rehman?

— Muito.

— E se não der certo?

— Bem, Glasgow não vai mudar de lugar. Continuará onde está, cinzenta, deprimente e úmida, e sempre haverá muitos Jimmys.

Rimos e logo nos calamos.

— Maha — disse depois Margery, em tom sério. — Não vou dizer o que você tem de fazer nem tomar decisões por você, mas já pensou em ir para os Estados Unidos?

— Na verdade não — respondi surpresa. — Sempre me puseram na cabeça que deveria ir a Cambridge.

— Você já esteve nos Estados Unidos?

— Não, nunca.

— Há algum tempo tirei um ano sabático e fui ensinar História em alguns cursos em uma universidade feminina nos arredores da Filadélfia chamada Bryn Mawr. É excelente. Há só trezentas garotas por classe e é

muito, muito acadêmica. Pode ser do que você precisa para esfriar a cabeça.

— Mas, senhorita Rehman, como vou pagar? Meu pai me deserdou completamente — acrescentei levantando-me.

— E como você ia pagar Cambridge?

— Meu pai tinha colocado dinheiro em um fundo antes de me deserdar, mas só se eu fosse para Cambridge. Agora não tenho nem isso.

— Que safado! — murmurou para si mesma. — Sinto muito, querida — acrescentou controlando-se.

— Tem razão, senhorita Rehman, não há palavra melhor para defini-lo — desculpei-a.

— As universidades norte-americanas oferecem ajuda financeira ou bolsas aos alunos — continuou Margery. — Você vai ter de pedir separado e justificar a necessidade de ajuda, mas quem sabe? Vai ver você tem sorte.

Naquela mesma tarde decidimos que passaria um tempo com eles, e Margery me ajudou a completar os exames necessários, a preencher os formulários, inclusive os de bolsas, e a redigir o trabalho. O único problema é que estávamos em junho e as universidades dos Estados Unidos só aceitavam pedidos em novembro para o curso que começava em setembro.

— O que faço? Terei de esperar até setembro de 1983? Não posso, vou ficar louca.

— Espere, deixe-me ligar para a decana da Bryn Mawr. Se você não se incomoda, vou explicar suas circunstâncias pessoais a ela. Seu histórico acadêmico é impressionante.

Também me sugeriu que preenchesse solicitações a outras universidades nas quais ela ou o marido conheciam o decano ou alguém do conselho escolar, de forma que pudessem enviar uma carta explicando minha situação pessoal.

— Por via das dúvidas, menina, nunca se sabe — sugeriu, piscando-me o olho.

Esperei com paciência. Diariamente me aproximava da caixa de correio para ver se tinha chegado alguma carta, de onde fosse. Mas esperar não era exatamente uma de minhas virtudes e comecei a me impacientar.

— Por que não responderam, senhorita Rehman? Talvez pensem que sou uma idiota.

— Pare, não seja boba, espere. Alguma coisa vai acontecer, com certeza.

E ela tinha razão.

A decana de Bryn Mawr, Mary-Pat MacPherson, me admitiu para a turma que se iniciou em 1982, por meu histórico acadêmico e pelo trabalho que tinha redigido. E, devido a minhas circunstâncias pessoais, tinham me concedido bolsa de estudos completa. Meu primeiro curso na universidade começaria em setembro. Também fui aceita em Princeton, Berkeley, Vassar e Dartmouth, todas com ajuda financeira.

— Não acredito! — gritei entusiasmada. — Não acredito!

E me pus a dançar na cozinha, agitando as cartas em frente a Margery.
— O que faço? Não achei que fossem... O que faço?

— Vá a Bryn Mawr — aconselhou-me. — A formação é boa e você vai aprender muito. Além disso, Kate Hepburn estudou lá. Quem sabe você tem sorte e fica no mesmo quarto que ela ficou.

♦

Em 1º de agosto de 1982 comprei minha passagem de ida para Nova York. Um dia antes de sair de Londres fui à casa de meus tios para me despedir.

— Não consigo me conformar com a ideia de que você vai para os Estados Unidos — confessou Hafsah. — Não entendo porque quer ir tão

longe do que conhece e de sua família.

— Tia, preciso ir para um lugar novo. Preciso saber qual é meu lugar. Estou à procura de alguma coisa, mas não sei o que é. Talvez encontre lá.

Aproveitei para pegar algumas coisas que ainda estavam ali. Entre elas, um velho coala de pelúcia que Kimberly, a amiga de minha mãe, tinha me dado em Sydney quando eu era criança. Também peguei o ursinho que guardava desde os dois anos. "Pobre Jude", pensei ao vê-lo. "Passou pelo mesmo que eu. Falei o que quis para ele. Gritei. Chorei sobre ele, e continua comigo." Outra coisa que levei foi o cofre de couro que minha mãe insistira para que meu pai comprasse em Granada.

Abri-o e fui invadida novamente pelo cheiro de flores de laranjeira dos jardins de Alhambra. No interior havia uma foto minha nos braços de minha mãe. Fechei-o rapidamente. Dei uma olhada a meu redor e agradeci pelo refúgio que aquele quarto tinha me proporcionado durante meus anos mais difíceis.

O táxi me esperava e corri escadas abaixo.

— Bom, é isso — disse olhando para minha tia.

Hafsah me abraçou com lágrimas nos olhos.

— Deus te abençoe, Maha. Você sabe que estamos aqui sempre que precisar.

Tentei não desmoronar. Não sabia quando voltaria a ver meus tios. Dei-lhes um abraço sem me demorar demais, para não prolongar a despedida, e subi ao táxi que me levou à casa dos Rehman, em Bedales. Ao olhar a paisagem londrina não pude conter as lágrimas. Tirei Jude do bolso e o abracei, como fazia desde pequena sempre que estava triste.

Três semanas depois Margery e Hasan Rehman foram me levar a Heathrow. Margery me abraçou e começou a chorar quando nos separamos, e novamente tentei me conter.

Não gostava que me vissem chorar porque me parecia que as lágrimas eram uma demonstração de fraqueza. Cresci vendo a tristeza no rosto de

minha mãe e as lágrimas quase constantes em seus olhos, e jurara que ninguém veria as minhas, se pudesse evitar.

Mas quando o avião decolou, comecei a soluçar sem conseguir remediar. Finalmente desafogava toda a angústia que sentira ao longo de meus dezessete anos. A dor e o sofrimento faziam meu corpo todo tremer.

Uma das comissárias me trouxe lenços, água e suco.

— Você está bem, querida? Posso ajudá-la? — perguntou ajoelhando-se a meu lado.

Olhei para ela e senti de novo as lágrimas umedecerem minhas bochechas.

— Tenho saudades de minha mãe. Gostaria de estar com *umma*.

Chorei durante quase toda a viagem a Nova York. As comissárias pensaram que talvez minha mãe tivesse falecido há pouco tempo e fizeram o possível para me consolar.

Quando o avião sobrevoou a cidade, olhei pela janela e o que vi me aterrorizou. Era uma verdadeira selva de pedra. Quase tudo o que sabia sobre os Estados Unidos tinha visto em *Kojak*, *Starksy e Hutch*, *Chips*, *Havaí 5-0*, *As Panteras* e outras séries de televisão que cruzaram o Atlântico.

Meu coração estava disparado quando aterrissamos no aeroporto JFK. Esperei em uma longa fila para passar pelo controle de imigração e fiquei maravilhada ao ouvir todos os sotaques e idiomas imagináveis.

Em 1982, Nova York era "o destino". Todo mundo queria ir para lá, ficar rico e obter sucesso rápido, como J. R. Ewing, o protagonista de *Dallas*. Todos queriam viver sua própria versão do sonho americano.

Peguei a mala e saí. Margery Rehman tinha me dado algumas centenas de dólares, assim como Hafsah e Farhan, então naquele momento me sentia bastante segura. A senhorita Rehman também tinha me ensinado com precisão como chegar a Bryn Mawr.

— Tenha muito cuidado com a bolsa — advertiu-me — e só pegue táxis amarelos. Você vai reconhecê-los com facilidade, são amarelos brilhantes.

— Já sei como são, senhorita Rehman — tranquilizei-a. — Já vi na televisão.

Encaminhei-me até a fila para pegar um táxi com aquelas palavras em mente. Tudo era tão novo e diferente que não sabia muito bem para onde olhar. Senti o primeiro sobressalto ao atravessar a rua. Como de hábito, olhei para a direita, e de repente ouvi o guincho de freios e um homem negro com chapéu de feltro, estilo anos 1970, colocou a cabeça para fora da janela do carro que quase tinha me atropelado.

— Cuidado, senhorita! Onde acha que está? Aqui não é a sala de sua casa.

Não pude deixar de rir.

— Vamos, mexa-se! Não tenho o dia todo!

A salvo na calçada, olhei novamente o bilhete que a senhorita Rehman me dera. Deveria tomar um táxi até a Penn Station em Manhattan, e ali pegar um trem da Amtrak até Filadélfia e na estação da rua 30 trocar de trem e tomar um da Conrail que fazia o trajeto pela Main Line, uma série de cidadezinhas ricas na região oeste da periferia de Filadélfia. Bryn Mawr, cidade e universidade, ficavam nessa linha.

Por fim chegou minha vez de tomar o táxi, amarelo.

— Para a Penn Station, em Manhattan — disse ao motorista com a voz mais firme que fui capaz de articular.

— OK, senhorita, chegamos — disse o taxista quando chegamos, e olhei pela janela.

Não tinha me dado conta de que tínhamos ido do Queens a Manhattan. Sabia que tínhamos atravessado uma ponte, mas não tinha nem ideia de que Nova York tinha cinco distritos, com Manhattan no meio.

— Já estamos onde? — perguntei.

— Onde me disse para trazê-la, na Penn Station, não?

— Ah! — exclamei consultando o papel. — Sabe como posso chegar aos trens?

— Desça por essa escadaria, siga em frente e vai encontrar os guichês das passagens.

— Muito obrigada.

— De nada. Boa sorte, senhorita.

Peguei a mala, desci para a grande e tenebrosa estação e de imediato me perdi completamente. Toda vez que perguntava onde estava a estação, as pessoas me olhavam como se eu estivesse louca. Houve pessoas que sequer se deram ao trabalho de parar e passaram por mim como se eu não existisse. Fiquei em meio àquele mar de gente sem saber o que fazer, nem para onde ir. Todo o mundo parecia muito ocupado e não andava, praticamente corria, ninguém olhava nos olhos nem parava para dizer "me desculpe" se tropeçasse em mim. Na verdade, na maioria das vezes se viravam e me olhavam como se dissessem: "Que diabos você está fazendo aí no meio?".

Finalmente vi um policial. "Bem, espero que possa me ajudar." Quando me aproximei, fiquei surpresa ao descobrir que carregava uma arma. Era a primeira vez na vida que via um policial armado, pois os britânicos não usam arma.

— Isso... Perdão, senhor. Poderia me dizer onde é a Penn Station?

— Você está nela — respondeu sem me olhar.

— Ah! E onde estão os trens?

— Esta é a parte subterrânea.

— Isso... E como faço para pegar um de Amtrak?

Indicou com o polegar para a direita sem mexer a cabeça e quando olhei naquela direção vi os guichês de passagens do outro lado do corredor.

Estavam ali bem perto, mas com tanta gente, barulho, pressa, confusão e tumulto não os tinha visto.

— Muito obrigada, oficial — disse, aliviada.

Finalmente cheguei a Bryn Mawr. Na plataforma procurei com os olhos sem saber muito bem o que encontrar. Tinha a esperança de que alguém tivesse vindo me buscar ou, pelo menos, encontrar alguém que pudesse indicar como chegar à universidade. Tinham me pedido que chegasse alguns dias antes do início oficial da semana informativa para estudantes estrangeiros, e temi que tivessem se esquecido de mim. Mas decidi esperar um pouco antes de ligar para a secretaria e sentei-me em um banco na sombra para admirar a bela gama de verdes que havia ao redor: a grama, as árvores e a imensidão de plantas em flor que salpicavam de cor a folhagem. Reparei em umas casas pitorescas com jardins imaculados, delimitados por cercas brancas que se viam de longe. Era o interior dos Estados Unidos, como eu imaginava.

— *Ciao!*

A voz me devolveu ao presente e dei com a cintura de uma pessoa bem em minha frente. Levantei a vista e deparei com o rosto da menina que tinha visto apoiada em um poste de iluminação fumando um cigarro longo e fino. Usava calças capri muito justas, camiseta *babylook*, sem sutiã, e sapatos de cor verde metálico com saltos de doze centímetros. Grandes óculos de sol e um corte de cabelo entre sexy e descuidado arrematavam o conjunto.

— *Ciao* — repetiu. — *Che cazzo sto facendo qui?* — murmurou de forma quase imperceptível, mas consegui ouvir.

— Eu também não sei que raios você está fazendo aqui, mas se me contar talvez possa ajudá-la — disse em meu precário italiano.

— *Parla italiano? Grazie a Dio! Finalmente una persona acculturata! Sono Carla Ciminiera.*

Eu estava entre perplexa e fascinada. Aquela menina, com seus saltos, media mais de um metro e noventa.

— *Io sono* Maha Akhtar, *ma mio italiano non e molto bene.*

— *Chi se ne frega.*

— A mim me importa, porque gostaria de entender o que você está dizendo.

— Céus! Sinto muito. Estava tão contente de ouvir falar italiano, que não percebi que você não entende.

— Não se preocupe — desculpei-a. — Bom seria se eu não estivesse com meu italiano tão enferrujado.

— Venha, te ajudo com a mala e digo onde fica a recepção e o escritório de matrículas para estudantes estrangeiros.

— Não se preocupe com a mala, quase não estou carregando nada.

— Você tem sorte, eu vim com cinco.

— Sim, mas você é italiana.

Rimos e soubemos que seríamos boas amigas.

A caminho do campus, Carla me contou que tinha sido a primeira a chegar e que o presidente da Organização dos Estudantes Internacionais tinha passado um dia todo com ela, dando-lhe um curso intensivo para que pudesse orientar os estudantes que fossem chegando. Os estrangeiros ficavam em uma residência separada para poder ver tudo e se ambientar com a vida no campus antes de começarem as aulas.

Logo me adaptei. Carla e eu nos tornamos boas amigas e, apesar de ela ter preferido morar em Haverford porque os alojamentos eram mistos, nos víamos todos os dias.

Adorava o ambiente que se respirava naquela universidade. Era muito acadêmica, mas também muito liberal. Talvez não fosse tão antiga quanto Bedales, mas tinha uma atmosfera de século XIX e havia muitos lugares onde se podia deitar para ler, escrever ou simplesmente pensar. Gostava também da mudança entre a rígida educação britânica e o enfoque mais

relaxado das humanidades na América do Norte, onde somos estimulados a conhecer matérias diferentes em vez de nos dedicarmos a uma desde o início.

Carla se dava muito bem com os rapazes. Era exótica, elegante e italiana. Além de ser muito alta, tinha um traseiro bonito e arredondado, que costumava ser o tema de conversas não só entre os estudantes como entre os professores homens em um raio de vinte quilômetros, incluindo a Universidade da Pensilvânia. Era curioso, pois Carla achava muito grande: "*Ma*, Maha, *é grande e pienotto*".

Era convidada para todas as festas e, no dia seguinte, costumava ir a meu quarto para reclamar de como os rapazes eram simplórios, que só queriam pegar em seus peitos.

— Meu Deus, se não uso sutiã não quer dizer que esteja pedindo para que toquem meus seios.

— Certamente estavam bêbados.

— Sim, claro, mas mesmo assim...

Eu, ao contrário, não tirava os olhos dos livros. Tinha bolsa completa, com a qual pagava os estudos e o alojamento, mas necessitava de dinheiro para o dia a dia. Margery Rehman me enviava um cheque modesto sempre que podia e Hafsah me dava cem libras todos os meses. Percebi que a maioria das meninas vinha de famílias muito ricas e suas mesadas eram mais do que generosas. Então, para cobrir minhas despesas diárias, aceitei vários empregos no campus: trabalhava à tarde na biblioteca e de manhã bem cedo, cinco dias por semana, em uma das cafeterias. Não gostava nem um pouco de ter de me levantar às cinco da manhã para me apresentar ao encarregado às cinco e meia e começar a preparar os cereais, frutas e pratos quentes do café da manhã, mas quando recebia meu cheque no final da semana me sentia orgulhosa de poder ir ao banco depositá-lo.

Mais do que do dinheiro, gostava da sensação de independência que ele me proporcionava. Um dia passei em frente a um quadro de anúncios e

vi uma mensagem de minha tia, de dez dias antes. Corri ao telefone público da entrada e certifiquei-me de ter moedas suficientes.

— Sou eu, tia.

— Olá, Maha, tentei falar com você. Por que você não tem um telefone no quarto?

— Porque não tenho dinheiro para isso. O que está acontecendo? Algum problema?

— Não quero preocupá-la, mas sua mãe sofreu uma crise de nervos em Karachi em julho. Seu pai não nos telefonou, então só soubemos no final de agosto. Farhan foi buscá-la e a trouxe para Londres, onde a internamos em um hospital.

Esqueci a raiva de minha mãe e reagi de forma instintiva.

— Que maldito! Como se atreve? Como é capaz de mantê-la sofrendo em casa e não dizer nada a ninguém? Juro que...

— Acalme-se.

— Devo ir a Londres?

— Não, fique onde está. Neste momento ela nem a reconheceria. Vamos cuidar dela, mas achamos que você deveria saber.

— Prometa que vai me ligar para dizer como vão as coisas.

— Você sabe que vou ligar, não se preocupe. Ela está bem atendida.

O que Hafsah não me contou é que a crise tinha surgido quando soube que Ajit Singh tinha falecido de câncer em Délhi, no final de maio de 1982. Farhan soube em um jantar e tinha contado à mulher. Hafsah foi incumbida de ligar para Zahra e transmitir a notícia.

Pouco depois do telefonema de minha tia, pedi para instalarem um telefone em meu quarto. O único sistema que podia pagar era o dos que só permitem receber chamadas, mas era melhor do que nada. Liguei para Hafsah e informei detalhadamente sobre meu programa e sobre os horários em que poderia me encontrar.

— Por favor, me ligue — implorei.

— Claro que sim, *beti*. Agora que você tem telefone posso chamar a qualquer hora.

— A qualquer hora não, tia. Não estou sempre em meu quarto.

— Maha, querida, não se preocupe. Vou copiar seu horário na agenda.

— Tia — pedi finalmente com a voz trêmula — não deixe que nada lhe aconteça, por favor. Comportei-me muito mal. Perdi o contato com ela e sempre que ela ligou a tratei de forma horrível...

— Você sabe que cuidarei dela — tranquilizou-me. — E pare de se sentir culpada, não tem por quê. Além disso, você não tem culpa.

— Quando a senhora acha que devo ir?

— Veja, *beti*, vamos ser razoáveis. Ela está só há duas semanas no hospital e você acaba de começar o curso na Bryn Mawr.

— Sim, mas...

— Vamos esperar até outubro. Você pode tirar uns dias nessa época?

— Vou olhar, acho que sim.

— Ótimo — disse Hafsah, novamente com a voz confiante de sempre. — Vamos esperar até lá. E você, menina, estude muito, trabalhe duro e não se meta em encrenca.

— Só se a senhora prometer que vai me ligar e dizer como ela está.

— Você sabe que sim.

♦

Em 7 de outubro de 1982 peguei um avião para Londres, tinham se passado apenas dois meses desde que saí dali. No aeroporto de Heathrow corri para os braços de minha tia como se não quisesse nunca mais me separar dela. Hafsah me apertou com força e garantiu que minha mãe estava melhorando.

Meu quarto continuava como o tinha deixado. Caí na cama e acariciei a velha colcha de retalhos que tia Hafsah e eu tínhamos feito há quase uma

década. Tinha o mesmo toque, um pouco mais suave devido às lavagens, e a mesma aparência, apesar de um pouco mais desbotada. Estando em casa, a ideia de ver minha mãe começou a me assustar. Da última vez que estivéramos juntas foi no jantar em que me venderam para o filho do xeque Ibrahim Al-Mansour, havia dois anos.

Naquela mesma tarde fui com minha tia ao hospital Saint Anthony, a casa de repouso em Surrey onde ela estava internada. Ao entrar, vi-a sentada perto de um roseiral, lendo um livro, de óculos. "Que curioso", pensei, "não sabia que precisava de óculos." Hafsah se aproximou da irmã e a abraçou.

— Veja a surpresa que trouxe! — exclamou colocando-se de lado.

— Maha? — perguntou com alegria verdadeira e emoção na voz. — Minha filha! Você veio! Fico feliz. Espere, vá um pouquinho para trás, deixe-me vê-la um segundo. Como você está bonita!

— *Umma*... — comecei a dizer suavemente antes de me inclinar para abraçá-la, mas não soube como continuar.

E Hafsah continuou por mim.

— Ela acabou de chegar esta manhã, Zahra. Venha, vamos entrar?

Zahra se levantou com certa dificuldade e se apoiou em mim. Caminhamos devagar até seu alojamento, que consistia de um dormitório e uma sala de estar. Hafsah pediu que nos levassem chá com biscoitos.

— É muito bonito, *umma*. Muito mais do que meu quarto em Bryn Mawr — comentei.

— Mas *beti*, você não estava em Cambridge? — perguntou surpresa.

Olhei indecisa para minha tia.

— Agora ela mora nos Estados Unidos. Lembra-se de que disse que era tão inteligente que tinha ganhado uma bolsa de estudos generosa?

— Ah, sim! Sinto muito, *beti* — desculpou-se. — Tinha me esquecido.

O silêncio se instalou entre nós enquanto tomávamos o chá.

Apesar do incômodo da situação, fui visitá-la todos os dias em que estive em Londres. Tia Hafsah vinha comigo. Precisávamos de uma conciliadora depois de todos aqueles anos sem relação. Durante o trajeto pensava no que contaria quando estivesse com ela, mas me esquecia assim que a via. Por um lado, não sabia muito bem o que sentia por minha mãe e, outras vezes, devido à medicação, ela me olhava como se não tivesse certeza de quem eu era. Tenho de admitir que foi um alívio voltar a minha rotina em Bryn Mawr.

Alguns meses depois Zahra deixou o hospital e voltou novamente a Karachi com o marido. Os médicos tinham garantido que estava recuperada e que tudo sairia bem se continuasse a tomar a medicação. Escrevia a ela algumas vezes por mês, já que não podia pagar chamadas telefônicas. Não recebi muitas respostas, só um telefonema no dia de meu aniversário, mas continuei escrevendo.

♦

Nesse meio-tempo, meu antigo prometido, Karim Al-Mansour, tinha se mudado para Nova York. Tinha comprado um apartamento duplex na Quinta Avenida, com uma vista espetacular do Central Park, e um terraço maior do que o apartamento da maioria das pessoas. Graças aos contatos de seu pai, trabalhou durante um tempo no Banker's Trust.

Enquanto gastava centenas de milhares de dólares para decorar a nova casa, ligou para um de seus "amigos assalariados", pedindo que me vigiasse. Minha recusa continuava machucando-o. Nenhuma mulher o tratara assim e estava decidido a saber por que eu tinha me comportado daquela forma. Depois de algumas averiguações, seu amigo Nabil descobriu onde eu estava. De repente, em novembro de 1982, começaram a ser vistos uns sujeitos de terno preto, camisa branca e gravata preta no campus da Bryn Mawr.

Pareciam agentes do serviço secreto e alguns estudantes começaram a se perguntar quem estariam protegendo. Por mais que tentassem, Nabil e sua equipe não conseguiam encontrar nada que me desabonasse, porque eu me dedicava a trabalhar, estudar e dormir. Quando Nabil informou isso ao chefe, depois de uma vigilância de seis semanas, ele não quis acreditar.

— É impossível! Por que ela veio aos Estados Unidos? Tem de ser por causa de um homem. Não há outra explicação. Volte lá e vigie de perto. Se for necessário, interrogue-a.

— Mas, chefe, se eu fizer isso ela pode dar queixa por assédio. É uma universidade feminina.

— Não estou nem aí! Vá até lá! Leve uma câmara, consiga alguma coisa. Já!

— Por favor, chefe, estamos nos Estados Unidos.

— Saia de minha frente, covarde! Traga-me alguma coisa ou corto suas bolas e jogo para os urubus do deserto.

Nabil e seus homens de preto voltaram a Bryn Mawr com câmaras fotográficas e de vídeo. Eu mantinha minha rotina, dia após dia. Saía do dormitório às cinco e vinte e cinco da manhã, para ir à cafeteria Erdman Hall onde trabalhava até às dez, hora em que ia para a aula. Depois do jantar, passava as noites na biblioteca ou em meu quarto. Normalmente apagava a luz à uma da madrugada.

Chegou a semana de provas e eles continuavam sem conseguir nada. Nabil começava a ficar nervoso. O que diria ao chefe? Então, por volta de 15 de dezembro, produziu-se um êxodo em massa de estudantes devido às férias de Natal. Mas eu tinha decidido ficar para economizar.

Em 20 de dezembro, o campus estava praticamente deserto. Estava indo a caminho da biblioteca quando pelo rabo do olho vi que um homem se aproximava. Fazia muito frio, tinha nevado, mas ele não usava um capote sobre o terno preto. Sabia dos rumores sobre os agentes do serviço

secreto que vigiavam alguém importante na Bryn Mawr, apesar de nunca ter imaginado que tivesse a ver comigo.

— Senhorita Akhtar?

Detive-me e olhei ao redor muito nervosa. O campus estava vazio.

— Quem é?

— O senhor Karim Al-Mansour deseja vê-la.

— O quê? — exclamei sem conseguir acreditar no que tinha ouvido. — Por quê?

— Não sei, senhorita.

— Muito bem, por que você não volta e diz a ele que vá tomar naquele lugar? Deixe-me repetir: diga a ele que é um monstro e que não cuspiria nele nem se estivesse em chamas.

Dito isso, dei meia-volta e subi as escadas da biblioteca. Ao deixar a mochila me dei conta de que minhas mãos tremiam. Não conseguia acreditar que Karim quisesse voltar a fazer parte de minha vida.

Quando Karim soube o que eu tinha dito, atirou o copo de uísque que estava tomando em Nabil e lhe fez um corte tão profundo que precisou levar pontos.

Mas não se deu por vencido e voltou a enviá-lo para me fazer perguntas. Chegou um momento em que tinha medo de andar sozinha no campus e falei com os encarregados da segurança para lhes informar de meu problema. Eles prometeram me vigiar, mas as coisas não mudaram.

Finalmente fiz uma denúncia formal por assédio na delegacia de polícia de Bryn Mawr. Depois disso, apesar de ainda continuar vendo alguns homens de Karim espiando pelo campus, nenhum se aproximou. Em 1º de maio de 1983, eles desapareceram por completo. Algumas meninas brincaram dizendo que a nave espacial deles tinha ido embora ou que o capitão Kirk os tinha teletransportado para a *Enterprise*.

Mas, de fato, desapareceram porque Karim Al-Mansour se cansou de Nova York. Foi para San Francisco, onde comprou terras no vale de Napa e

acabou se casando com uma professora de piano, uma loira baixinha com o cabelo cacheado e olhos azuis.

Tiveram três filhos e continuam juntos em uma casa opulenta ensolarada em estilo inglês em Napa, com estábulo para cavalos, empregados e toda a parafernália que costuma acompanhar as grandes fortunas árabes.

♦

Em maio de 1985 graduei-me *summa cum laude* em Bryn Mawr, um ano antes e com um histórico acadêmico extraordinário. Tinha cursado duas disciplinas principais, História e Literatura Francesa dos séculos XVII e XVIII, e redigido duas teses. A decana me elogiou no discurso que pronunciou diante dos graduandos e garantiu que jamais vira dedicação semelhante em uma aluna de Bryn Mawr e que meu rendimento exemplar deveria se transformar em modelo de conduta para futuras estudantes.

Margery e Hasan Rehman voaram para os Estados Unidos para participar da cerimônia de colação de grau. A senhora Rehman ficou muito contente ao saber que, no sorteio de quartos do último ano, eu tinha ficado no mesmo ocupado por Katherine Hepburn, cinquenta e sete anos antes. Não me surpreendeu que meus pais não viessem nem me parabenizassem.

Depois de acabar o curso, fui a Nova York. Queria experimentar a vida em Manhattan. Não tinha ideia do que faria, mas tinha a sensação de que gostaria daquela cidade.

Em um primeiro momento, Carla aderiu a minha aventura com a ideia de dividir um apartamento, mas no final do verão de 1985 preferiu voltar a Roma e fazer mestrado em História da Arte. Senti-me um pouco solitária quando minha melhor amiga se foi. Um dia, sentada na cafeteria da rua 56 com a Segunda Avenida, enquanto tomava um chá e pensava que rumo

tomar na vida e em que tipo de trabalho procurar, vi passar Amber Pennington, uma amiga da universidade. Nós duas ficamos felizes com o encontro, nos abraçamos e Amber se sentou para conversar um pouco.

— Estou trabalhando como secretária.

— Para quem?

— Bom, é uma coisa temporária. Inscrevi-me em uma dessas empresas de trabalhos temporários e vou aonde me mandam.

— E onde você está agora? Logo vou ter de procurar um trabalho.

— Na Capitol Records, trabalho para o diretor de A&C.

— O que é isso?

— Eu também não sabia até chegar lá. Significa Artistas e Catálogo. São as pessoas que saem por aí, descobrem grupos novos, ajudam a torná-los conhecidos e procuram novos projetos para os artistas que trabalham com eles.

— Parece muito divertido.

— Bem, para Bruce, o cara com quem eu trabalho, é. Eu passo a vida atendendo ao telefone e escrevendo. Não é exatamente o que tinha em mente quando saí de Bryn Mawr, mas pelo menos é um trabalho.

Quando nos despedimos, trocamos telefones e prometemos manter contato.

No dia seguinte, enquanto analisava a ideia de fazer mestrado em Cambridge, tocou o telefone.

— Maha?

— Sim.

— É a Amber.

— Oi! Tudo bem?

— Veja, não posso falar muito, mas soube que Cindy Byram, a diretora de publicidade da Capitol, está procurando uma ajudante. Você se interessa?

Não pensei duas vezes.

— Com certeza. Você pode me indicar?

— Claro. Não suma, já te ligo.

Em outubro de 1985 comecei a trabalhar para Cindy Byram, na Capitol Records, e logo comecei a gostar do ambiente. O selo discográfico passava por um bom momento: Duran Duran tinha sido o maior sucesso depois dos Beatles, Tina Turner tinha conseguido uma volta aclamada aos palcos e eu me divertia muito saindo com Amber.

Em abril de 1986, Cindy Byram me pediu para organizar uma festa para um grupo que acabara de assinar contrato.

— Peça champanhe, bebidas e algo para comer. Vamos fazer a festa na sala de reuniões.

Tudo ia bem até que derramei a taça de vinho branco com soda que estava tomando em um dos convidados e manchei a camisa dele.

— Não se preocupe, acontece toda hora comigo — desculpou-me sorrindo.

— Eu... eu...

— Pare de gaguejar ou jogo alguma coisa em você — ameaçou-me brincando com seu forte sotaque australiano.

— Sinto muito — disse, engolindo seco.

Poucos minutos depois esse homem, Chris Parry, que era o fundador e proprietário da Fiction Records, me ofereceu um trabalho como assistente.

— Você vai ver, sou o empresário de uma banda. São um pouco esquisitos e preciso de alguém jovem e com energia suficiente para acompanhá-los nas turnês, dizer o que precisam fazer, controlar a agenda de shows, fazer relações públicas, tirá-los da cama, esse tipo de coisas.

— Terei de morar em Londres? — perguntei sem conseguir acreditar em minha sorte.

— Não, vou abrir um escritório aqui, então você poderá me ajudar e se encarregar de tudo quando eu não estiver. Bem, quando você pode começar? Esses meninos lançam um disco em seis semanas.

— Bem, senhor Parry...

— Veja, Maha, ou você me chama de Chris ou te demito.

— Sinto muito. Acho que terei de avisar aqui que vou embora, mas uma semana será suficiente.

— Ótimo. Quanto você ganha?

— Não muito, uns oitocentos por mês.

— Ora, que bando de safados! Não se preocupe, vou te tratar bem.

— Não posso acreditar, Chris. Jogo um copo de vinho em você e você me contrata para ajudar no escritório que vai abrir e para trabalhar com sua banda?

— Bem, você parece uma menina agradável e inteligente — respondeu sorrindo.

— Certamente. Como se chama o disco que vão lançar?

— Não me lembro muito bem, algo como... Droga, como era? — disse coçando a cabeça. — Bem, de qualquer forma é uma coletânea dos sucessos deles. Agora estão no estúdio preparando o novo disco que sairá no ano que vem. Quero lançar este antes para fazer um pouco de onda. Ah, sim! Agora me lembrei, chama-se *Staring at the Sea*.

— Bom título! Adoro olhar o mar.

— Pois então, eu e o cantor, Robert, também gostamos.

— Então, Chris, se você tiver certeza me ligue amanhã para eu avisar aqui.

— Como, se tiver certeza? Na segunda te espero no número quarenta e cinco da rua 67 oeste, às dez em ponto.

— Sim, senhor! — exclamei colocando-me em posição de sentido e batendo continência.

— Certo, preciso ir, mas te ligo em alguns dias. Combinado?

Concordei, apertamos as mãos e Chris se dirigiu para a porta.

De repente me lembrei de que tinha esquecido de perguntar uma coisa importante. Corri atrás dele e o encontrei justamente quando entrava no

elevador.

— Chris, não perguntei como se chama a banda.

— The Cure — disse antes de as portas se fecharem.

Capítulo 13

Trabalhei para Chris Parry e a Fiction Records durante os seis anos seguintes. Robert Smith, vocalista do The Cure, e eu nos entendemos desde o primeiro momento. Eu era escandalosa e dinâmica e ele, contido e reservado. Fiquei impressionada por ele nunca ter sacrificado sua música para torná-la comercial e, se por acaso escrevia uma canção que fosse, o fazia com tanta ironia que se você não percebesse que ele estava tirando sarro dos grupos mais cafonas, não seria um fã autêntico do The Cure. Saí em turnê com eles por todo o mundo, encarregada da publicidade em quase todas as apresentações importantes. A do Madison Square Garden de Nova York foi a que mais me deu orgulho. Chegar até ali não tinha sido fácil e o fato de os ingressos terem se esgotado foi um dos maiores sucessos de Robert Smith. Entretanto, depois de seis anos, viajar constantemente tinha me esgotado. Estava mal-humorada e irritadiça. Queria estabilidade em minha vida, algo impossível quando se está em turnê com uma banda. O The Cure também precisava de uma temporada de descanso, então pensei que seria um bom momento para me dedicar a outra coisa.

Nova York tinha se transformado em meu lar. Saí de meu estúdio na rua 56 com a Segunda e me mudei para o West Village, onde aluguei um pequeno apartamento na esquina das ruas Jane e Hudson. Mas como tinha acabado de chegar à casa, não tinha chegado a decorá-lo e não o sentia

ainda como meu. Além disso, o proprietário era muito desagradável, então quando terminou o contrato fui para um pequeno duplex na rua 20 com a Nona, em Chelsea, em uma casa de pedra avermelhada recém-restaurada. Tinha muita luz, uma cozinha pequena, sala de estar, um quarto espaçoso com claraboia e, o melhor em se tratando de Nova York, máquina de lavar e de secar roupas.

Decorei-o com um orçamento muito reduzido, mas era minha casa e me sentia orgulhosa dela. Quando terminei de dar os últimos retoques, sentei-me no meio da sala e olhei encantada a meu redor. Mas minha alegria durou pouco, porque logo me veio à cabeça uma coisa inevitável: "E agora, o que vou fazer?".

Depois de ter trabalhado sem descanso para um dos melhores artistas daquela época, senti que meu trabalho na área de música tinha terminado. Tinha me saído muito bem, mas também me dei conta de que as diretoras de publicidade de outros selos discográficos eram mulheres de certa idade que continuavam vestindo minissaia e colocando mais gel e spray no cabelo do que os integrantes das bandas que acompanhavam. E tinha certeza de que não queria me transformar em uma delas. Além disso, precisava haver alguma coisa nova, algo que não tivesse feito antes, algo sobre o que não soubesse nada.

Enquanto esperava para ver se aparecia alguma coisa, conheci Tim e Nina Zagat, que tinham criado os guias de restaurantes Zagat. Trabalhar para eles como relações públicas me permitiu conhecer alguns dos melhores chefs e restaurantes de Nova York e aprender sobre o novo mundo que girava ao redor da comida, do vinho e de todo tipo de temperos exóticos. Naqueles tempos a cozinha *fusion* estava no auge e todos os chefs de cozinha procuravam novas maneiras de cozinhar com coentro, papaia e até com ingredientes tão básicos quanto a cebola.

Depois de algum tempo, em um sábado de outono, o telefone tocou. Era Sherry, uma amiga da Elektra Records, me convidando para uma festa

improvisada na mesma tarde.

No final, o novo apartamento de minha amiga era um fabuloso *loft* em Tribeca, a nova região elegante de Manhattan. O edifício, antes uma antiga fábrica de máquinas de costura, tinha quatro andares transformados em apartamentos. Sherry ocupava o último e tinha um amplo terraço e uma vista espetacular do centro de Manhattan, do distrito financeiro e do World Trade Center.

Quando saí para o terraço reconheci quase todo mundo dos tempos no mundo da música.

— Pam? — perguntei, aproximando-me de uma mulher que estava junto à grade olhando a cidade. — Pam Haslam?

— Caramba! Onde você se meteu? — exclamou ela ao virar-se.

— Por aí.

— O que você está fazendo, Maha? Continua com Parry e aqueles amigos sinistros dele?

— Não, continuamos sendo amigos, mas me cansei de sair toda hora em turnê. Robert também achou que precisava de um descanso.

— E o que você está fazendo?

— Trabalho para os Zagat...

— Ah, o guia de restaurantes. Adoro. Não poderia viver sem.

— Sim, está indo muito bem. Tive de conhecer esse mundo. Estou aprendendo muito sobre coisas como a *ciboulette* que Daniel Boulud cultiva pessoalmente, da forma mais ecológica imaginável, em sua horta em Martha's Vineyard, e que seu mordomo corta diariamente para enviar de avião até aqui para que ele possa usar como adereço sobre o salmão assado, que também veio voando no mesmo dia dos recantos mais ao norte da Escócia...

Pam começou a rir da descrição, com o melhor sotaque de internato inglês, do *maître* de Boulud, o restaurante da moda do momento.

— Você está se divertindo?

— Sim — afirmei, virando-me para apreciar a vista.

— E por que tenho a sensação de que não gosta tanto assim?

— Porque por mais que goste de Tim e Nina, e isso é verdade, tenho vontade de fazer outra coisa.

— Quer que veja alguma coisa para você?

— Como o quê?

— Engraçado, acabei de falar com meu antigo chefe, George Schweitzer, primeiro vice-presidente da CBS.

— Você está falando da rede de televisão?

— Claro.

— Não sabia que você já trabalhou lá.

— Sim, mas na área de rádio. De qualquer forma, George me disse que estão procurando alguém. Não sei para que, mas posso ligar para ele.

— Bom, Pam, você sabe como são essas redes de televisão. Funcionam como o negócio da música. Contratam pessoas de dentro ou simplesmente as trocam de cargo.

— Veja, dar um telefonema não custa nada.

— Desculpe-me, não quis parecer negativa. Agradeço muito.

Uma semana depois estava diante de George Schweitzer, em Black Rock, sede da CBS em Nova York.

— Pam colocou você nas alturas, e seu currículo é impressionante.

— Obrigada, senhor Schweitzer.

— Pode me chamar de George, por favor. O fato é que não tenho nenhuma vaga na área de espetáculos, para a qual você parece melhor qualificada, então não sei o que posso fazer por você.

Ficou parado olhando meu currículo e depois me lançou um olhar interrogativo por sobre os óculos.

— Você entende alguma coisa de notícias?

Fiquei perplexa.

— Não sei muito bem a que você se refere.

— Conhece alguma coisa do mundo das notícias?

— Não tenho muita certeza de como é o mundinho das notícias, mas se se refere a notícias em geral, sim. Estou sempre informada do que acontece no mundo.

— Você sabe quem é Dan Rather?

— Sim.

— O que sabe sobre ele?

— Bem, que é apresentador...

— Âncora.

— Desculpe-me, é que na Inglaterra as pessoas que aparecem nos noticiários são chamadas de apresentadores.

— Não importa, continue.

— É o âncora das notícias transmitidas às seis e meia.

— Você alguma vez já assistiu?

— Quando estou em casa, sim, mas nesse horário é muito difícil que esteja.

Acabara de demonstrar qual era o problema do noticiário de televisão. Os horários e hábitos tinham mudado. As pessoas trabalhavam mais horas. Os tempos em que o pai de família chegava em casa às cinco e meia, tomava um drinque e depois toda a família se reunia ao redor da televisão para assistir a Walter Cronkite já não existiam mais.

— Quando você chegou aos Estados Unidos?

— Há dez anos.

— Então você não chegou a ver Walter Cronkite.

— Não, mas na Inglaterra sabíamos quem era.

— Veja, não sei se isso vai funcionar, mas o encarregado de relações públicas do departamento de notícias está procurando um relações públicas para o *Evening News*. Você já deve saber que Connie Chung agora também integra o programa.

Achei que tinha lido em algum lugar que, para aumentar a audiência, a CBS tinha decidido mudar o formato de seu programa principal e contratar uma mulher, com a esperança de atrair um público feminino maior e tornar o programa mais atraente.

— Sim, soube da mudança, li no verão. Se não me falha a memória, saiu uma foto de Dan Rather dando um beijo de boas-vindas à senhorita Chung na capa do *New York Times*.

Schweitzer ficou impressionado.

Assim como Tom Goodman, o homem de Schweitzer encarregado do departamento de notícias.

♦

— Bom dia, sou Dan Rather — apresentou-se o homem que acabava de entrar pela porta. — Prazer em conhecê-la — afirmou dando-me um forte aperto de mãos. Sempre gostei de pessoas que olhavam nos olhos e apertavam devidamente as mãos.

— Senhorita Akhtar? É assim que se pronuncia?

— Sim, senhor.

— Olhei seu currículo e certamente tem uma formação extraordinária. A julgar por seu histórico, deve ser muito inteligente.

— Obrigada, senhor.

— Diga-me, senhorita Akhtar, se você tem mais experiência em espetáculos, por que quer trabalhar em um noticiário? Por que não continua na atividade que conhece melhor?

Sabia que me fariam essa pergunta, e tinha passado vários dias coletando informação sobre Rather, sobre o que estava acontecendo nos meios de comunicação e que mudanças estavam ocorrendo no segmento de notícias. Também tinha reparado que, se quisesse aprender sobre como apresentar notícias, Rather era a pessoa mais indicada. Trabalhar para ele

seria uma honra. Era dos poucos da velha guarda que restavam e ninguém parecia estar à altura de substituí-lo.

— Senhor Rather, talvez pareça que não tenho o histórico necessário para esse trabalho, mas de certa forma tenho. Li o discurso que o senhor fez em Miami para a Associação de Diretores de Rádio e Televisão e concordo com o senhor: atualmente as notícias e o espetáculo estão tão intimamente relacionados que em alguns anos será difícil distingui-los.

Fiz uma pausa, pois não sabia muito bem como interpretar a cara que Dan Rather fez.

— Continuo, senhor?

— Por favor — disse recostando-se na cadeira. Tinha afrouxado o nó da gravata, desabotoado o primeiro botão da camisa e arregaçado as mangas.

— Não posso apresentar-lhe uma graduação em jornalismo, senhor Rather, mas o que posso oferecer é uma perspectiva diferente, uma visão paralela de como tratar as relações públicas. Posso contribuir com meu senso comum e capacidade de pensar rápido. Sempre tive de render o máximo e me dei bem nisso. Gosto de ser surpreendida e de aprender coisas novas, porque representam um desafio e esse desafio é o que me faz sair da cama pela manhã. Sou uma pessoa muito curiosa. Curiosa praticamente por tudo, exceto disciplinas como Matemática, Física ou Química. Minha mente não funciona dessa forma.

— Você acha que vai aprender na CBS News?

— Não tenho certeza. — Fiz uma pausa e depois decidi me arriscar. — Logo lhe digo.

♦

Em 10 de janeiro de 1994 comecei a trabalhar na CBS News como assessora de imprensa do *Evening News with Dan Rather and Connie*

Chung, mas logo soube que teria de me aliar a um dos dois e escolhi Rather.

Não era fácil chegar até ele. Vestia uma couraça tão grossa que era praticamente impenetrável e só deixava ver o personagem. Se havia um Dan de verdade por trás daquela máscara, eu não tinha a menor ideia de quem fosse.

No princípio me deram um canto sem janelas no escritório de imprensa do sexto andar do CBS News Broadcast Centre, na rua 57 Oeste. Comecei conhecendo os analistas de mídia, estabelecendo uma boa relação com eles e preparando um plano de mídia para Rather.

A primeira vez em que saí nos jornais foi em relação ao que Rather opinava sobre não poder aparecer na tela com uma notícia impactante porque a CBS tinha decidido manter a telenovela habitual. "Está pelas tampas, afirmou a representante de Rather, Maha Akhtar." A citação foi publicada no *USA Today*, *Associated Press*, *New York Daily News*, *New York Post*, *LA Times*, *Chicago Tribune* e muitos outros jornais, e ninguém na CBS me perdoou.

— CBS News, Maha Akthar — atendi o telefone no dia seguinte.

— Que diabos quer dizer "pelas tampas"? — grunhiu uma voz masculina.

— Com quem estou falando, por favor?

— Meu nome é Arnot Walker. Faço para Peter Jennings o mesmo que você faz para Rather. Temos de nos encontrar.

Marcamos e nos tornamos tão amigos que a relação entre Rather e Jennings melhorou muito. Quando Arnot morreu de aids em 28 de setembro de 1998, eu estava segurando sua mão direita e Jennings a esquerda. Sua morte deixou um vazio profundo em minha vida e ninguém conseguiu substituí-lo em meu coração.

♦

Por outro lado, a relação entre Rather e Chung era cáustica. Os telefonemas da imprensa relativos ao *Evening News* que recebia eram para pedir comentários de Rather e os atendia de bom grado. Connie tinha sua própria assessora de imprensa, que cuidava do programa *Eye to Eye with Connie Chung*, mas nunca a citavam em matérias relativas ao *Evening News*, o que a deixava furiosa.

Um dia Connie me parou no meio da sala de imprensa. Tinha um cigarro na mão e saltos de doze centímetros, mas ainda ficava muito abaixo da altura de meus olhos.

— Olá, Connie — cumprimentei-a respeitosamente.

— Oi, Maya...

— Meu nome é Maha.

— Que seja. Por que todos os comentários sobre o *Evening News* são feitos por Rather e eu não recebo uma ligação sequer?

— Connie, os jornalistas sempre perguntam por ele.

— Bem, mas é um programa com dois apresentadores. Você sabia?

Connie tinha levantado a voz para que todo o mundo a ouvisse e deu meia-volta para comprovar: os jornalistas das seções nacional, internacional e do *Evening News* tinham ficado em silêncio.

— Agora, ouça-me bem, Maya ou qualquer que seja seu nome, quero ser citada nos jornais quando falarem do *Evening News*. Ficou claro?

Dito isso, deu meia-volta e se afastou com passo hesitante para seu escritório.

Fiquei no meio da sala de imprensa. Senti que todos me olhavam e depois, de repente, os ruídos habituais voltaram a ser ouvidos e cada um se ocupou de seus assuntos. A cena de Connie fumando e gritando a notícia em meio à sala de imprensa correu de boca em boca por todo o edifício. No início de 1995, a relação entre Rather e Chung piorou. A imprensa especulava sobre qual dos dois seria o primeiro de quem a CBS se livraria e não paravam de me ligar para perguntar o que estava acontecendo, mas eu

ainda não tinha entrado no santuário de Rather e para mim era difícil saber. Só trabalhava para ele havia um ano.

Em 19 de abril de 1995 houve o ataque ao prédio federal Murrah em Oklahoma, enquanto Rather estava de férias em Austin, Texas. Andrew Heyward, produtor executivo do *Evening News*, enviou Connie imediatamente para cobrir a notícia. Ao mesmo tempo, Rather pensou que, apesar de estar em férias, como estava muito próximo do acontecimento, os executivos da CBS News gostariam que ele entrasse ao vivo para informar sobre o ataque. Foi até lá por conta própria e encontrou Connie. À notícia da bomba no edifício federal teve-se que acrescentar a de Connie tentando invadir o território de Rather, já que sempre era ele quem ia cobrir as notícias mais importantes, enquanto Connie ficava no estúdio.

Meu telefone não parava de tocar. Suspeitei que Rather sairia vencedor da questão e, realmente, Connie teve de voltar a Nova York devido a uma entrevista imprudente com um dos bombeiros, que tinha provocado uma avalanche de ligações para a editoria nacional da CBS News por parte de telespectadores que afirmavam preferir Rather no local dos acontecimentos. Foi o momento em que Connie soube que seria demitida. Em uma última tentativa, desesperada, ela concedeu uma entrevista exclusiva para Bill Carter, do *New York Times*, na qual, queixosa e imatura, falou sobre a maneira como a CBS News estava negociando sua saída imediata do programa.

Nesse momento, eu estava em reunião com Rather, já de volta.

—Muito bem, senhorita Akhtar, como vamos enfocar esse assunto?

Esbocei um plano: ofereceria uma reunião informativa aos analistas dos meios mais importantes, na qual ele falaria com sinceridade e franqueza.

— Conte a verdade, senhor Rather. Dessa forma não tentarão investigar mais nada. Se ficar com rodeios, não vão parar até chegar ao

fundo do que for. Recomendo que faça o que é certo e se mostre cortês e afável.

Rather concordava.

— E, senhor Rather, deveríamos organizar isso antes que a CBS News e a assessoria de imprensa possam agir. Assim tomaremos a dianteira, em vez de ter de reagir e ficar em apuros.

— Onde fazemos?

— Bem, se o senhor achar apropriado, podemos convidá-los a tomar o café da manhã em minha casa.

— Ótimo.

Trabalhei durante todo o fim de semana para organizar o café da manhã com os meios de comunicação. Informei Rather e chamei os jornalistas e, não sei por que razão, a maioria das notícias publicadas sobre aquela reunião demonstrava apoio a Rather. Na segunda-feira pela manhã, Tom Goodman, meu chefe, chamou minha atenção.

— Veja, da próxima vez que você organizar um café da manhã com jornalistas e Rather, me diga, certo? Você precisava passar por cima de todos nós e apresentar Rather sozinho, em vez de como membro da equipe?

— Tom, estava só fazendo meu trabalho. Você me contratou para ser a assessora de imprensa do *Evening News* e de Dan Rather e, que eu saiba, foi o que fiz. Seu problema é a Connie, então resolva com ela.

A vida com Dan Rather era como viver no meio de um furacão. Notícias, crises e acontecimentos giravam ao redor dele, o que significava que eu também estava no centro de todas essas notícias, crises e acontecimentos, e me transformei na calma em meio à tormenta.

Durante o longo fim de semana do Dia do Trabalho de 1997, estava tomando sol na casa de uns amigos em Sag Harbour, em Long Island, quando o telefone começou a tocar. "Que inferno! Agora que estava começando a adormecer", pensei.

— Maha?

— Sim.

— Aqui é Michael George, da editoria de nacional.

Meu sangue gelou, isso só queria dizer que uma grande notícia tinha acontecido.

— A princesa Diana morreu em um acidente automobilístico em Paris.

— O quê? — gritei.

— Sabe onde Dan está? Precisamos dele no platô.

— Está no norte, pescando.

— Você consegue localizá-lo?

— Vou tentar.

— Certo, espere, Andrew Heyward quer falar com você.

"Por que o presidente da área de notícias vai querer falar comigo?", pensei enquanto esperava que me transferissem para ele.

— Olá, é o Andrew.

— Olá.

— Veja, desculpe incomodá-la, já sei que é Dia do Trabalho, mas Sandy Genelius está em férias na Europa e preciso de ajuda para sair da confusão que temos aqui. Quanto tempo você demoraria para chegar?

— Estou em Sag Harbour, posso sair em quinze minutos e chegar em duas horas. O que está havendo?

—Quando Diana morreu não entramos ao vivo. Isso foi fatal e a imprensa vai tirar nosso couro. As outras redes entraram e houve uma ampla cobertura por cabo.

— E por que não transmitimos?

— Porque quando a notícia chegou pelo teletipo, Lane não acreditou. Pensou que era brincadeira.

Lane Venardos era o vice-presidente da área de notícias graves e acontecimentos especiais. Era o encarregado de comprovar a veracidade

das notícias e aconselhar Andrew se a rede deveria interromper a programação e entrar com o link local, ao vivo ou não.

— Meu Deus! Vou chegar o mais rápido possível.

— E ache Rather.

— Sim, Andrew, farei o que puder.

Nos quinze minutos seguintes consegui ligar para uma hospedaria perto da casa de Dan em Catskills, que eu sabia que estava muito perto do rio onde ele costumava pescar, e implorar para que mandassem alguém localizá-lo. Enquanto esperava, vesti jeans e uma camiseta por cima do maiô e, com o telefone conectado ao fax, aluguei um helicóptero e um carro para levá-lo ao edifício da CBS sem perder tempo.

— Olá, com quem estou falando, por favor?

— Olá, Dan, é a Maha. Desculpe ter de incomodá-lo, mas acabei de receber uma ligação do estúdio. A princesa Diana morreu em um acidente de carro e precisam que você apareça ao vivo.

— Quem cobriu a notícia?

— A princípio não cobrimos. Lane pensou que fosse brincadeira. Enviaram alguém, mas precisam de você.

Dan ficou quieto, o que significava que estava muito bravo.

— Onde está Andrew?

— No escritório dele, acabei de falar com ele pelo telefone.

— Qual é o ramal dele?

— É o 7825.

— Muito bem, e qual é o plano?

— Aluguei um helicóptero, que vai levar você ao heliponto da rua 30, e ali haverá um carro esperando para levá-lo para a CBS. Eu vou para lá assim que desligar.

— O que...?

— Seu terno de risca de giz cinza está no armário do escritório. Também há uma camisa branca limpa e, nesse caso, acho que o mais

indicado é uma gravata escura.

— Tenho alguma?

— Sim, senhor. Há uma de listras azuis pendurada ao lado de sua vermelha preferida.

— O que eu faria sem você, Maha?

— Continuaria fazendo tudo bem feito, senhor Rather.

A crise da princesa Diana me dividiu entre dois mestres; de um lado tinha de garantir que Dan Rather recebesse a atenção merecida e, de outro, aconselhar e ajudar Andrew Heyward durante os dias em que a imprensa metralhou a CBS News por não estar conectada a uma das maiores notícias do ano.

— O que você acha que eu deveria dizer? — perguntou-me Andrew assim que cheguei.

— Bem, creio que deveria se manter o mais próximo da verdade possível. Não acuse ninguém, entoe um *mea culpa*.

Foi o que fez e, ao final de algumas semanas, o furor foi acalmando.

Rather foi para Londres cobrir o funeral da princesa. E eu fiquei feliz por ter alguns dias livres no escritório para conseguir me atualizar com a papelada. Mas quando Dan fazia as malas para voltar, soube que Madre Teresa tinha morrido. O telefone não demorou a tocar.

— É o Dan, preciso ir de Londres a Calcutá, organize daí.

Rather começou a exigir mais de mim em relação a manter sua imagem pública. Como já não podia confiar nos índices de audiência, pois estavam em queda, sugeri que poderia conceder entrevistas às revistas em que ainda não aparecera e reforcei como era importante manter contato com os jornalistas, inclusive se não tivesse nada a lhes dizer.

— Dan, são as relações públicas contra a publicidade — lembrava-o sempre. — A publicidade é boa e ver seu nome nos jornais, sobretudo se for uma boa matéria, é maravilhoso, mesmo que seja algo efêmero. O que conta são as relações.

Durante a crise Clinton-Lewinsky, organizei com cuidado uma matéria de primeira página para a *New York Magazine*. O jornalista, Marshall Sella, seguiria Rather de Nova York a Washington enquanto ele cobria a notícia sobre Monica Lewinsky, a impugnação contra o presidente Clinton e seu discurso perante o Congresso. Assim como eu tinha imaginado, a notícia mostrou um Rather em plena forma.

Com o passar do tempo, me dediquei exclusivamente à vida pública de Rather. Tornei-me sua pessoa de confiança para praticamente tudo. Gostava de surpresas, de *deadlines* e da possibilidade de que acontecesse alguma coisa inesperada toda vez que me levantava de manhã. Minha criatividade e meu talento para a improvisação eram incentivados pela vida imprevisível que Rather levava e seus pedidos repentinos, e não pelo ritmo imposto por um músico de *tabla*. Mudei do lado direito de meu cérebro para o esquerdo e me transformei em uma pessoa prática e segura, que vivia em um mundo governado pelos fatos. Era uma "garota Rather", tão envolvida em minha vida na CBS News que me esqueci por completo de meu passado. Aproveitei que podia ligar para qualquer lugar do mundo do trabalho para tentar falar com minha mãe em Karachi, mas sempre quem atendia era Anwar Akhtar e, ao ouvir minha voz, desligava. As únicas notícias que recebia dela eram por meio de meus tios, mas pouco a pouco fui perdendo também o contato com eles. Por mais que pareça irônico, em meu desejo de ser independente tinha criado uma identidade tão intimamente relacionada a Dan Rather que tinha deixado de saber quem era quando não estava com ele.

♦

Em um mês de agosto suave e cálido, sentia-me exausta e, como Dan estava de férias, decidi tirar umas duas semanas de folga. Meu amigo Michael Bagley tinha me convidado para ir a sua casa em Montauk várias

vezes, e tive a sensação de que passara anos postergando isso. Michael acabara de completar cinquenta anos e era um dos melhores decoradores de Nova York. Mas o engraçado é que o paravam na rua para pedir autógrafo, porque o confundiam com George Clooney.

— Querida, você está com uma aparência horrorosa — disse Michael quando me pegou na estação do trem.

— Muito obrigada, lindo. Apesar disso, você está melhor do que nunca.

— Eu me cuido.

— E eu também.

— Não, querida, você não faz isso. Trabalha vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana para esse apresentador louco, e toda sua vida gira ao redor dele.

— Veja, Michael, se você começar a me criticar volto para casa.

— Calma, querida, não se zangue comigo. Te amo. Você é minha amiga. Uma amiga que não vejo... há quantos anos?

— Certo, como quiser. Vou ouvir o que você tem a dizer, mas não me passe sermão de cima do púlpito.

À tarde, enquanto tomávamos uma taça de champanhe deleitando-nos com o pôr do sol no Atlântico, Michael me disse:

— Sabe, eu tenho a solução dos seus problemas.

— E qual é? — perguntei levantando uma sobrancelha.

— Você precisa de um homem.

— Deus me livre! — exclamei, apesar de, no fundo, pensar que pudesse estar certo.

Passei duas semanas maravilhosas nos Hamptons sem nenhum tipo de responsabilidade, voltamos juntos de carro para Nova York e Michael me deixou em casa. Sentia-me quase a mesma de antes.

— Obrigada, Michael. Acho que minha cabeça voltou ao lugar.

— De nada, querida. O que você vai fazer na quinta?

— Por enquanto nada, por quê?

— Vou organizar um jantar chique, então não falte.

— Conte comigo.

— Vista alguma coisa provocante e sexy. E, pelo amor de Deus, que não passe por sua cabeça vir com o uniforme de empregada que você costuma usar.

— Gosto desse terninho preto.

— Não se esqueça. Nos vemos lá em casa.

Michael me ligou na quinta-feira para confirmar.

— Querida, houve uma pequena mudança de planos. Teremos de jantar fora porque Maria não está bem e não pôde preparar nada.

— Sem problemas, aonde vamos?

— No Le Madri, na rua 17. Faz anos que não vou e me disseram que acabaram de contratar um chef siciliano tão bom que dá vontade de comer até a louça.

— Michael, querido, preciso desligar. A que horas?

— Às nove é muito tarde para você?

— Não, me parece perfeito. Assim tenho tempo de me arrumar.

Como de hábito, o trabalho me absorveu e não tive tempo de me trocar, mas cheguei na hora.

— Olá, bonitona — Michael me cumprimentou. Levantou-se quando cheguei à mesa e me apresentou a seu novo namorado.

Tomava meu segundo *filthy* martíni quando vi pelo rabo do olho que alguém se aproximava de nós. "Adoro ter amigos gays, mas por que todos os caras bonitos precisam ser homossexuais?"

— Olá, desculpem o atraso. Tive uma chamada de última hora.

— Maha, querida, este é meu grande amigo Duncan Macaulay.

— Prazer em conhecê-lo — disse com toda a sinceridade.

Durante o jantar, ri como não fazia há meses.

Michael nos contou um monte de fofocas sobre os restaurantes que tinha decorado e o gênio escocês mordaz de Duncan me pareceu

divertidíssimo.

— Você já esteve alguma vez nas Highlands? — interessou-se ele.

— Não, acho que meu DNA não suporta o frio.

Antes de sair, Duncan me perguntou se poderia me ligar na semana seguinte. A essas alturas, já tinha descoberto que nem todos os homens bonitos são homossexuais.

— Vou adorar — aceitei com um amplo sorriso. Michael sorriu de orelha a orelha ao comprovar o resultado de seu plano.

Minha vida mudou quando comecei a sair com Duncan. Não havia mais remédio se quisesse manter o equilíbrio entre ele e Rather.

Duncan Macaulay era um autêntico escocês do noroeste das Terras Altas, aqueles de *kilt* e espada, tomador de uísque *single malt*. Trabalhava com finanças na área imobiliária e tinha passado muitos anos no Oriente Próximo e na Índia, por isso me entendia melhor do que a maioria das pessoas. Em fevereiro de 2000, um ano e meio depois de começarmos a sair, e depois de tomar três copos de uísque, Duncan me perguntou se eu queria morar com ele.

Aceitei e na primavera de 2000 nos mudamos para uma casa de pedra avermelhada do século XIX em Carnegie Hill, no elegante Upper East Side de Manhattan. Pouco depois, Dougall Macaulay, um wheaten terrier, passou a fazer parte da família e deu uma nova personalidade a nosso lar.

Duncan e eu tornamos a nos mudar para o apartamento em um edifício de antes da Segunda Guerra, a duas quadras de onde morávamos.

Tudo parecia perfeito. Mas, mesmo assim, meu inconsciente sabia que faltava uma peça do quebra-cabeças. O que quer que fosse, ainda não era a hora de aparecer.

Então, de repente, tive um aviso.

Capítulo 14

Em 16 de março de 2001 estávamos comendo a sobremesa depois de jantar no John's Pizza quando percebi que não podia respirar. Tentei falar, mas só consegui arfar.

— O que está acontecendo, Maha?

— Não sei, não consigo respirar — disse com voz engasgada, tentando inspirar com força.

Levei a mão ao peito e notei que meu coração batia a toda velocidade. Também tive a estranha sensação de que meu estômago se enchia de líquido. Meus olhos ficaram vidrados e comecei a suar tanto que parecia ter acabado de sair do chuveiro.

As pessoas começaram a me olhar, tinha ficado branca como um papel.

— Chame uma ambulância! — pediu Duncan ao garçom.

Nesse momento, todos os presentes no restaurante tentavam me ajudar.

Estava a ponto de desmaiar.

— Maha, por favor, mantenha-se acordada — repetia Duncan enquanto a ambulância ia a toda velocidade para o hospital.

Olhei a enfermeira, que meneava a cabeça.

— Está inundando muito depressa. É dos fortes. Se não tiverem um cirurgião a postos, vamos perdê-la.

— Você não pode fazer alguma coisa? Não pode avisar que estamos a caminho?

— Olhe, se o cirurgião que estiver no centro cirúrgico esta noite conseguir estabilizá-la, terá sorte. Mas preciso ser sincera com o senhor: em noventa por cento dos casos o paciente não chega ao hospital.

Aquelas palavras tiveram um efeito devastador sobre Duncan.

Eu tentava dizer alguma coisa:

— Jude, Harry, Dougall...

Duncan sabia que eu estava dizendo que se não conseguissem, que cuidasse do coala de pelúcia, do ursinho e do cachorro.

Duncan, o duro, estoico e amargo escocês, se pôs a chorar. Ele me adorava, mas como era um montanhês e, por natureza, homem de poucas palavras, jamais me dizia que me amava. Sabia que eu conhecia seus sentimentos, mas era a única que pronunciava a frase tão especial.

Quando chegamos ao centro cirúrgico, Duncan teve de esperar. Desejava dizer que me amava, mas, com aquele caos, não teve oportunidade. Fui levada na mesma hora. Meus olhos estavam praticamente fechados e a única coisa que via eram luzes brilhantes e homens de máscara.

Naquela noite tive sorte. O doutor Jeffrey Gold estava de plantão e salvou minha vida. Tinha sofrido um aneurisma da aorta torácica. A operação durou quase dezoito horas e passei três dias com respiração assistida na Unidade de Terapia Intensiva, depois dos quais Rather foi me ver e conseguiu armar uma grande confusão entre as enfermeiras.

Mas eu não parava quieta. Depois de dois dias de recuperação, pedi que me mandassem de volta para casa e, quando cheguei lá, já queria voltar a trabalhar.

Antes de fazê-lo, fui ver o doutor Gold.

— Não sei o que dizer além de agradecê-lo por salvar minha vida.

— É meu trabalho — acrescentou tirando os óculos. — Minha jovem, você deve se considerar uma pessoa de muita sorte. Quando você chegou ao centro cirúrgico, tinha menos de quatro minutos de vida. Estava se afogando em seu próprio sangue; a ruptura da aorta foi tão grande que sua cavidade corporal estava quase totalmente inundada.

Quando saí do consultório do médico, pensei em meu amado Krishna Maharaji, que afastei de minha memória por dezenove anos. Minha vida tinha sido salva, mas a dele não.

Seja pelo vento que soprava entre as cerejeiras em flor do Central Park ou por uma voz interior em mim, acreditei ouvir Maharaji me dizer: "Você ainda não cumpriu a promessa que me fez".

Ao passar pelo lago do Central Park durante um passeio com Dougall, comecei a chorar. Chorei porque tinha bloqueado de forma intencional as recordações de meu mestre e a promessa que havia feito quando o vi morrer. Tinha decidido começar uma vida nova, minha própria vida, e, ao fazê-lo, apaguei o passado. Tinha me transformado em outra pessoa.

Acreditava que seria invencível enquanto estivesse ao lado de Rather. Não tinha me passado pela cabeça pensar que a vida pudesse ser tão frágil, vulnerável e efêmera, como evidentemente era. Mantinha as quatro placas de metal que seguravam o esterno, tinham tido de cortá-lo para chegar à aorta. Olhei a cicatriz que tinha no peito e a forma irregular que o osso colaria. Uma coisa de que me lembraria para sempre é que é preciso viver a vida ao máximo e que nada pode ser dado por terminado.

Sentei-me na grama, abracei meu wheaten terrier e chorei desconsoladamente enquanto Dougall lambia pacientemente minhas lágrimas salgadas.

Depois veio o 11 de setembro de 2001 e Nova York e os Estados Unidos nunca mais foram os mesmos. Rather ficou no ar dezesseis horas por dia. Na verdade, todo mundo, inclusive eu, permaneceu no edifício da CBS durante dois dias sem ir para casa. Era uma das maiores notícias da

primeira década do novo milênio e estive ao lado de Dan em todos os momentos e, quanto mais ele se entregava, mas eu me entregava. Dan crescia com as notícias importantes. Era genial quando entrava ao vivo. Eu o olhava e pensava que ele nascera para trabalhar na televisão e que seria lembrado como um dos melhores do panteão de jornalistas do rádio e da televisão.

Depois daquelas dezesseis horas ao vivo voltou para sua mesa e me olhou. Levantei-me e disse a ele:

— Sinto-me muito honrada de trabalhar com o senhor, sempre estive e sempre estarei.

Dan me abraçou pela primeira vez em oito anos. Foi um gesto humano e espontâneo, uma insinuação fugaz de Dan, o homem que se escondia sob o personagem "Dan Rather".

No final de outubro de 2001, arrumando as caixas no sótão de casa, encontrei o cofre de couro trabalhado que meu pai havia me comprado contra sua vontade em Granada. No interior ainda estavam as flores secas que eu recolhera nos jardins de Alhambra. Fazia anos que não as via.

Aquele cofre me trouxe lembranças da dona da pensão que tinha me levado para ver o flamenco. "Como se chamava? E o que foi que me disse naquela noite?" As lembranças reprimidas de toda uma vida começaram a aflorar.

Maharaji foi a primeira pessoa de quem me lembrei. De uma coisa que disse a minha mãe no exame que fez comigo em 1972. Um simples comentário. Eu tinha sete anos. As imagens começaram a invadir minha mente, imagens de dança, de estar sentada com ele enquanto me contava a história do *kathak*, da coreografia na qual tínhamos trabalhado, de sua morte e da última imagem, a da oferenda da flor de lótus depois de espalhar suas cinzas.

Peguei o cofre, esquecendo o que tinha ido buscar. Revirei a mente tentando me lembrar do que o Maharaji dissera. Significava muito para

mim. “Por que não consigo me lembrar? Detesto ter de ligar para *umma* para perguntar, porque é possível que meu pai atenda.”

Tinha falado com minha mãe uma vez ou outra nos últimos anos e, apesar de todos os meus receios, desejei tanto que me ajudasse a lembrar que peguei o telefone e liguei. Por sorte, naquela ocasião foi ela quem atendeu.

— Maha, querida! Como vai? E Duncan?

— Estamos todos ótimos. Com certeza, *umma*, você se lembra do que o Maharaji disse a você no dia em que me levou para fazer o exame?

— Meu Deus, Maha, isso deve ter sido há uns trinta anos.

— Por favor, *umma*, é importante. Acho que era algo relacionado à lua.

— Ah, sim. Não cheguei a entender. Disse que você tinha a lua nos olhos.

— Isso mesmo! Muito obrigada.

Uma semana depois de encontrar o cofre, estava no hotel Gansevoort, em um coquetel oferecido por meu grande amigo, Richard David Story, chefe de redação da revista *Departures*, esperando Duncan chegar. Tinha terminado minha primeira taça de vinho e ia em direção ao bar para buscar uma segunda quando um cavalheiro idoso e bem-vestido, que estava perto do balcão, virou-se, me viu e me perguntou se eu queria pedir alguma coisa.

— Muito obrigada — disse, concordando com um grande sorriso.

— Fico feliz em poder ajudar uma jovem tão encantadora — afirmou cortesmente. Começamos a conversar e de repente ele me perguntou: — Você é bailarina?

Fiquei tão desconcertada que demorei a responder.

— Devo confessar que não me faziam essa pergunta há quase vinte anos.

— Impossível.

— A verdade é que fui bailarina, mas parei há muito tempo.

— Adoro dança. Qual era sua especialidade?

— O *kathak*, a dança clássica...

— Do norte da Índia — completou a frase por mim. — Sou um grande fã do *kathak*. Uma vez vi um fabuloso bailarino, chamava-se Krishna Maharaji, e jamais esquecerei sua atuação.

Tomei um grande gole de vinho e continuei a conversa.

— Foi meu professor.

— Bem, querida, se você foi aluna dele deve ser muito boa, porque pelo que alguns amigos dele me contaram ele jamais admitia alunos em que não acreditava. Você teve muita sorte de poder ter estudado com ele.

Nesse momento vi que Duncan acabava de entrar e que estava me procurando.

— Pode me desculpar um momento? A metade de minha laranja acabou de chegar. Não vá embora, por favor.

— Não se preocupe, foi um prazer — respondeu o cavalheiro antes de apertar minha mão. — Se me permite dizer outra coisa antes de ir, estude flamenco, tenho certeza de que gostará. Se não me engano, Krishna Maharaji adorava. Disseram-me que, antes de morrer, estava trabalhando em um projeto com um de seus alunos, no qual unia os dois tipos de dança.

Engoli seco, ele acabava de descrever meu projeto.

— Isso... Por favor, não vá, eu já volto.

Fui correndo cumprimentar Duncan, que conversava com alguém sobre o trânsito e sobre como era difícil encontrar um táxi em dias de chuva.

— Volto já, vou pegar uma bebida — despediu-se.

Virei-me, mas o cavalheiro tinha desaparecido.

Nunca soube quem era, nem tornei a vê-lo, mas sua conversa teve um efeito indubitável sobre mim e me fez pensar seriamente sobre a promessa

que fizera a meu mestre dezenove anos antes, a promessa de que terminaria aquela coreografia do jeito que fosse.

Acabava de encontrar a peça que faltava no que acreditava ser uma vida perfeita em Nova York: a dança, o que tinha amado mais do que tudo no mundo. Tinha sido minha vida, minha paixão, meu oxigênio e minha liberdade. Os anos que passei com Maharaji tinham sido os anos de minha formação e seus ensinamentos me proporcionaram os meios para ser a mulher que me tornei.

Pouco depois comecei a procurar professores e estudantes de *kathak* em Nova York. Era um grupo muito reduzido no mundo da dança, mas decidi colocar os *ghungroos* novamente. O resultado não foi o esperado. Um tempo depois, perto do Dia de Ação de Graças de 2001, fiz minha primeira incursão à cena flamenca de Nova York. Fiquei surpresa com a pouca quantidade de professores que havia. Experimentei algumas aulas, mas não eram muito boas, o estúdio era sujo ou não só nenhum dos professores era espanhol, como havia décadas que não iam à Espanha para conhecer as tendências do momento. Apesar de tudo, por falta de alternativas, continuei indo a aulas de flamenco em Nova York.

♦

A primavera tinha chegado e as varandas estavam cheias. Tinha marcado com alguns amigos em um pequeno bar de *tapas*, na rua 77 com a Segunda, que se chamava Taparia Madrid, quando o dono, um brasileiro chamado Max, se aproximou e me perguntou se eu era *bailaora* de flamenco. Tinha me visto dançar na semana anterior, quando um casal de minha classe de dança tinha me convidado a subir ao palco com eles naquele lugar.

— Você dança muito bem — afirmou Max.

— Muito obrigada, no momento sou apenas mais uma estudante — respondi com timidez.

— Pois para mim parece que dança muito bem. Queria oferecer espetáculos de flamenco. Não posso pagar muito, mas, se te interessar, posso oferecer duas noites por semana, a cem dólares cada.

Fiquei de boca aberta.

— Você quer me pagar para dançar aqui?

— Sim, é essa a ideia.

E dessa forma inesperada foi como comecei minha carreira profissional no flamenco. Para minha grande surpresa, cada noite que dançava o pequeno bar de *tapas* de quarenta lugares estava cheio e alguns jornalistas começaram a escrever sobre meu espetáculo. Descobri que adorava voltar a pisar em um palco e vieram a minha memória os ensinamentos de meu mestre sobre como representar.

Na CBS News começou a correr o rumor de que me apresentava algumas noites por mês e as pessoas, surpresas, se alegravam por mim. Muitos de meus colegas me cumprimentaram por minha atividade extraprofissional. Todo mundo que ia me ver voltava, inclusive amigos de outras redes. Peter Jennings, Paula Zahn, Morley Safer, Mike Wallace, Jim Murphy, produtor executivo do *CBS News with Dan Rather*, e até Andrew Heyward, presidente da CBS News, passaram por ali. Uma noite apareceu a atriz Linda Fiorentino, assim como Antonio Banderas quando me apresentei na Broadway. Diretores de revistas e editoras, agentes e representantes, toda vez que me apresentava a Taparia Madrid se transformava no local da moda das pessoas do mundo das comunicações de Nova York.

Sabia que Rather não demoraria a saber. Isso aconteceu no dia em que Peter Jennings me jogou rosas no final de uma de minhas apresentações, uma coisa que, com certeza, apareceu na página 6 do *New York Post*.

Dan me telefonou em um domingo de junho de 2002.

— Por que tenho de saber de suas atividades fora do trabalho pelos jornais?

— É só um hobby. Faço nas minhas horas livres e não em horário de trabalho.

— Tente ver sob meu ponto de vista. Ao que parece todo o mundo na CBS sabe que você dança e, pelo que ouvi, todos já a viram. Entretanto eu tenho de saber pela página 6 do *New York Post*.

— Sinto muito, achei que não estaria interessado.

— Que seja. O que é essa dança *flamingo*?

— Não é *flamingo*, mas *flamenco*.

— É em um bar de *topless*?

Achei que não tinha entendido bem.

— Desculpe-me, não entendi.

— Perguntei se essa dança é feita em um bar de *topless*. O que você faz? Escorrega em um poste?

— Dan, você realmente acha que sou uma dançarina de *topless*?

— Bem, é o que diz a matéria que li — protestou indignado.

— Você realmente leu? — entendi qual era o problema. Como de costume, ele nunca estivera em um lugar assim. — Danço em um bar de *tapas*, não de *topless*. Dan, em espanhol *tapas* significa aperitivo. Não coloco adesivos nos seios nem me visto como o pássaro rosa.

O apresentador mais famoso dos Estados Unidos ficou calado.

— Dan, por favor, acredite. Danço flamenco, uma dança que vem da Espanha e me apresento totalmente vestida. O restaurante se chama Taparia Madrid e fica na 77 com a Segunda Avenida.

— Você ainda quer continuar trabalhando na CBS?

— Mas é claro, o fato de eu ter um passatempo não significa que não possa trabalhar na CBS News. Você também tem um hobby, gosta de pescar. O meu é o flamenco.

Tentei pela última vez.

— Você nasceu para aparecer na televisão. Há muito tempo, em um lugar muito distante, alguém me disse que nasci para dançar. Você realizou seu sonho, deixe que eu realize o meu.

Infelizmente, Rather nunca entendeu. Depois daquela conversa, levou três semanas para me dirigir a palavra. Mas já não me importava. Não gostei do fato de não fazer nenhum esforço para entender que aquilo me apaixonava e que, além disso, não interferia em meu trabalho em momento algum, e comecei a pensar que não me valorizava.

Depois de um ano, no outono de 2003, Duncan e eu tomávamos uma taça de vinho antes de jantar.

— Macaulay, quero ir à Espanha. Estou há mais de dois anos com os professores daqui e acho que preciso de coisa melhor.

— Então vá, e olé! — disse Duncan sem hesitar um segundo, enquanto levantava sua taça em um brinde.

Capítulo 15

Peguei um avião em Sevilha na semana do Dia de Ação de Graças de 2003.

Um amigo de Nova York tinha avisado Juan Polvillo que eu ligaria para ele.

Mas, em vez disso, fui encontrá-lo em seu estúdio de Triana assim que cheguei. Expliquei a ele que era amiga de José Molina, em um espanhol muito básico.

— Ah! Você é aquela que dança como uma cigana. Bem, vamos ver. Venha Maha, vamos começar no nível básico.

Tivemos uma hora de aula, quando Juan deu um descanso a seus alunos e me chamou de lado.

— Você tem sangue cigano? Onde aprendeu o flamenco?

— Não, sou indiana e era dançarina profissional de *kathak*.

— Mas onde você aprendeu o flamenco?

— Tive algumas aulas em Nova York...

— Desculpe interrompê-la, menina, mas este estúdio está cheio de gente que diz que aprendeu em Nova York. Você estudou onde?

— Juan, não sei a que você se refere. Apenas sigo o ritmo.

— Você conta?

— Contar? O quê?

— Você sabe, um, dois, três, quatro, cinco...

— Não sei contar enquanto danço, Juan. Sinto muito.

— E como você faz? Como consegue dançar?

— Canto um ritmo mentalmente. Foi como me ensinaram no *kathak*.

Juan foi falar com seus músicos e eu fiquei junto a uma janela.

— Maha, espere lá fora até a aula terminar.

Esperei que todos os alunos saíssem, intrigada em saber por que ele tinha me separado dos demais.

— Entre, Maha. Agora vou te dar um ritmo com palmas e depois quero que acompanhe com os pés, entende?

Assenti e me preparei.

Durante uma hora, Juan Polvillo examinou os principais *palos* do flamenco: *seguiriya*, *martinete*, *tientos*, *tarantos*, tango, *caña*, *bambera*, tangos de Málaga, *soleá*...

E dancei todos. Cometi um ou outro erro, mas no geral consegui acompanhá-lo.

Depois de uma hora, os músicos vieram me cumprimentar e Juan me abraçou.

— Está no sangue. Quando Deus te abençoa, te abençoa — afirmou, encolhendo os ombros.

Ao voltar ao pequeno apartamento onde passava a noite, me perguntei se realmente era algo natural em mim. Teria acontecido algo mágico há tanto tempo, com aquela mulher e o desejo que fizera no Alhambra? Fosse o que fosse, fui me deitar com a sensação de que alguma coisa apaixonante aconteceria em minha vida.

Nos dez dias de aulas particulares com Juan Polvillo, aprendi mais do que nos dois anos e meio com diferentes professores em Nova York. Logo aprendi espanhol e a me movimentar sem dificuldade pelo centro de Sevilha. Fiquei espantada com a facilidade com que me adaptei à cidade e como me sentia à vontade ali. A princípio atribuí à dança, ao voltar a estar

em contato com o que amava, mas havia algo mais, algo que não sabia exatamente o que era.

No avião de volta a Nova York depois de minha estadia em Sevilha, senti-me abatida. Não conseguia entender essa tristeza. Afinal, estava voltando para casa, para Duncan e Dougall, para meu trabalho. Mas percebi que sentia falta de Sevilha, gostava da cidade, das pessoas, do ambiente, dos novos amigos, de Juan e do modo de vida do lugar. Contei a Duncan sobre meus dias em Sevilha com riqueza de detalhes.

— Estou vendo que você gostou de verdade. Fazia muito tempo que não a via tão feliz. Você precisa continuar dançando.

Conforme o ano de 2003 avançava, as viagens para Sevilha se tornaram cada vez mais frequentes. Sempre que tinha um momento livre, três dias, uma semana ou durante as férias, tomava um avião e voava para a Espanha. Duncan me ajudou e me apoiou em tudo o que pôde, porque via quanto significava para mim e que cada vez era mais feliz.

— Tem certeza de que não se importa? — perguntei ao voltar de viagem.

— Veja, se você quer que eu seja sincero, gostaria que passasse mais tempo aqui, é claro, mas para você é importante e quero que continue. Você precisa decidir o que fará quando Rather deixar o programa, e se quiser ser dançarina de flamenco, é melhor que faça agora ou se arrependerá para o resto da vida. Eu também viajo muito para Londres, então não tem problema.

Duncan tinha razão. As pessoas começavam a falar do fim de Rather e supus que, estando tão próxima a ele, quando ele deixasse o cargo, também teria de sair.

Sabia que para dominar o flamenco teria de viver em Sevilha. Tinha de estar em seu berço, observar a maneira como as pessoas caminhavam, falavam e gesticulavam, e suas expressões. E Sevilha, uma cidade que não é famosa por acolher estrangeiros, me recebia de braços abertos.

Dançar com Juan tinha me devolvido a vontade de viver. Juntos ríamos, trabalhávamos, discutíamos, gritávamos, jogávamos coisas um no outro, saíamos resmungando do estúdio, bebíamos demais (às vezes com o companheiro dele, Jesús), chorávamos, brigávamos e depois fazíamos as pazes. Juan também me estimulou a relembrar alguns ritmos indianos, que transformávamos juntos em ritmos flamencos e, com uma ou outra adaptação, tudo parecia funcionar.

Durante a primavera de 2004, Bill Bragin, encarregado do Joe's Pub do Teatro Público de Nova York, no centro de Manhattan, me pediu que me apresentasse ali no outono seguinte. Tinha me visto dançar na Taparia Madrid. A proposta me entusiasmou tanto que aceitei sem pensar que era um ano de eleições e que teria de dar prioridade a meu trabalho, por isso minhas apresentações tiveram de ser postergadas para maio de 2005.

Minhas preferências tinham mudado. As convenções políticas de 2004 me pareceram entediantes. Em um pequeno estúdio do Madison Square Garden, onde acontecia a convenção republicana, praticava sempre que podia. Finalmente a convenção terminou e pude voltar a Sevilha durante a semana do Dia de Ação de Graças.

Todas as idas e vindas entre Nova York e Sevilha, e o malabarismo que transformou minha vida em três vidas diferentes, começaram a cobrar seu preço.

Estava entusiasmada, mas esgotada. Mas em vez de reduzir minha atividade, comecei a pesquisar as semelhanças entre o *kathak* e o flamenco, e consultei livros, mapas, documentos e internet. Logo depois do Natal de 2004 consegui as provas que demonstravam que os ciganos da Andaluzia procediam das regiões do Rajastão e do Punjab da Índia. Tinham migrado em direção ao oeste com os exércitos persas que derrotaram os indianos nos séculos X e XI. Depois de uma longa viagem, chegaram à Andaluzia em meados do século XIV, o que explicava a semelhança entre o *kathak* e o flamenco.

Encantada com minha descoberta, contei a um amigo enquanto tomávamos um drinque em Sevilha e, graças a isso, fui convidada a proferir um ciclo de palestras na Universidade de Sevilha no verão de 2005.

— Não posso afirmar que todo o flamenco provenha do *kathak* e do norte da Índia — disse aos alunos que assistiram à primeira palestra. — Apenas estou destacando que uma das raízes do flamenco parece provir do norte da Índia, que é de onde provêm os *rom*, ou os ciganos. Quando deixaram a Índia, levaram consigo a música, as danças e as músicas do país. Conforme iam viajando, aumentavam esse núcleo original e quando chegaram à Andaluzia tinham confeccionado esse rico tapete de música que contém elementos de todos os países em que estiveram.

O ciclo de conferências, intitulado "Kathak, um antepassado do flamenco?", foi um grande sucesso e senti que tinha cumprido parte do desejo do Maharaji antes de morrer. Tinha conseguido demonstrar a viagem do *kathat* até o flamenco. O que faltava era colocá-la no palco.

♦

Em 9 de março de 2005, foi solicitado a Dan Rather que abandonasse seu cargo no *Evening News* e ele foi transferido para o *60 Minutes II*, que foi cancelado seis semanas depois, apesar de Rather ter insistido em continuar no programa original, *60 Minutes Sunday*, até o final de seu contrato, em novembro de 2006.

Tinha prometido a Dan que continuaria a seu lado até o final do *Evening News*. Tinha idealizado e planejado uma saída elegante e digna para ele, mas, infelizmente, as coisas não saíram como imaginei. Depois do Dia do Trabalho de 2004, sessenta dias antes das eleições presidenciais, Rather apareceu no programa *60 Minutes II* e apresentou uma notícia manipulada sobre o serviço de George W. Bush na Guarda Nacional. A

reação violenta contra o CBS News e Rather começou no dia seguinte à transmissão do programa e, apesar disso, Dan insistiu em defender a veracidade da notícia durante duas semanas, até que foi obrigado a se desculpar publicamente. Foram dias difíceis para a CBS News. Várias pessoas foram demitidas e Rather foi pressionado a abandonar o programa antes da data estipulada. Não foi demitido. Foi pior, a rede CBS o sacrificou sumariamente e o desacreditou, condenando-o ao esquecimento e ao abandono.

Em meio a tudo aquilo, Duncan recebeu uma proposta de trabalho que implicava em sua mudança para Londres.

— O que vamos fazer? — perguntei à beira das lágrimas.

— Neste momento você está em uma situação muito indefinida. Por que não aceitamos as coisas conforme elas acontecem?

— O que você quer dizer com isso?

— Que vou para Londres. Tenho de aceitar esse trabalho. Aqui não tenho muitas oportunidades e de alguma forma vamos sobreviver. Estarei em Londres, você pode ir até lá de Sevilha sempre que puder. Depois, quando você souber o que quer fazer, tomaremos uma decisão comum: você, eu e Dougall.

— Duncan, acho que sei o que quero fazer, mas tenho medo de dar esse passo.

— Não se precipite. Leve o tempo que precisar.

Concordei.

— Passamos um tempo maravilhoso nesta cidade, os dois. Chegou a hora de fazer outra coisa.

Joguei-me em seus braços e caí no choro. Era o final de uma era e o começo da outra.

Enquanto organizava o escritório de Rather no *60 Minutes*, reparei que meu passaporte britânico caducava em junho. Preenchi todos os

formulários necessários e os enviei para a embaixada britânica em Washington.

Algumas semanas depois, recebi uma carta da embaixada na qual me comunicavam que tinham recebido minha solicitação, mas que, devido a uma série de leis aprovadas depois de 11 de setembro, todas as pessoas que não tivessem sua residência na Grã–Bretanha, que em meu caso tinha sido durante vinte anos, precisavam apresentar uma certidão de nascimento.

Não me lembrava de ter visto a minha jamais e liguei para tia Hafsah em Londres. Meu tio Farhan atendeu e me explicou que Hafsah estava em Beirute.

— E por quê?

— Sua mãe está em Beirute.

— O que você quer dizer com isso? Por que não está em Karachi?

— Está muito doente.

— Doente?

— Não queria ser eu a lhe dar a notícia, mas ela está com câncer. Não podem fazer mais nada por ela. Ela queria voltar a sua antiga casa em Beirute e a abrimos para que ela pudesse se alojar ali.

Estaquei no meio da Park Avenue. Segurava meu Blackberry, mas não ouvia nada. Minha mente estava em branco. A única coisa de que me lembrava era a dor e o sofrimento nos olhos de minha mãe e as constantes críticas de meu pai. Não conseguia me lembrar de como era o rosto de minha mãe quando sorria. Dei meia-volta e fui para casa.

Tive de tentar várias vezes até conseguir estabelecer um contato com a casa de minha mãe em Beirute. Quando finalmente consegui, minha tia atendeu.

— Tia Hafsah — cumprimentei-a com voz entrecortada.

— Olá, Maha. Você falou com Farhan, não é?

— Sim, como ela está?

— Está bem. Inclusive me atreveria a dizer que muito animada.

— Por que você não a levou a Londres? Há um monte de tratamentos e terapias novos.

— Experimentamos tudo. Ela passou não sei quantos meses em Londres conosco.

— Por que não me disseram? Por que ninguém me ligou? Você tem o número de meu celular. Sabe que pode entrar em contato quando quiser.

— Ela nos proibiu. Não queria preocupá-la. Disse que não queria ser um fardo para você.

— Pelo amor de Deus, tia Hafsah, isso é ridículo! Passei muito tempo em Sevilha. Não teria me custado nada ir a Londres.

— Não sei o que dizer. Ela foi radical. Veja, acabamos de chegar a Beirute. Por que você não vem vê-la depois que a instalar? Tenho certeza de que ela vai adorar.

— Está certo, tia, mas me prometa que vai me ligar ou me mandar um e-mail para dizer como as coisas estão evoluindo.

Achei que não era o melhor momento para perguntar para minha tia ou minha mãe sobre uma certidão de nascimento. "De qualquer forma, pode ser muito difícil de conseguir. Tenho certeza de que existe um registro civil em Nova Gales do Sul. *Umma* me disse que eu tinha nascido no hospital Saint Margaret quando moravam em Darling's Point, em Sydney."

Comecei minha investigação com aqueles poucos dados. Primeiro tentei no hospital, mas tinha passado por um incêndio em 1975 e grande parte dos documentos se perdera. Depois recorri ao registro civil, onde foram muito atenciosos, mas era necessário preencher solicitações, pagar por cada uma delas e, com a diferença de horário entre Nova York e Sydney, ou mesmo entre Sevilha e Sydney, tudo estava demorando demais. Enviei e-mails, liguei e escrevi cartas para todos que consegui encontrar nos escritórios de registro civil de Sydney e de Nova Gales do Sul, até chegar a um total de 242 cartas e 565 mensagens eletrônicas, além dos

telefonemas. Também tinha escrito para a embaixada britânica para informá-los sobre o que estava ocorrendo com minha certidão de nascimento.

Rather saiu de férias durante o verão de 2005, então pude passar todo esse tempo em Sevilha para dar minhas conferências e dançar com Juan. Mantive contato semanal com minha tia, que me informou que minha mãe ainda estava muito fraca e que era melhor adiar a viagem.

♦

Em um sufocante dia de agosto, Juan me disse que queria falar comigo. Depois da aula fomos ao bar da esquina, perto do estúdio de dança. A Taberna Gitana estava ali há tanto tempo quanto qualquer um que morasse em Triana poderia se lembrar. Sentamo-nos e Juan pediu uma cerveja gelada para ele e uma taça de vinho branco para mim.

— Pediram-me para dar início à temporada 2005-2006 com três noites no Teatro Central, a partir de 1º de setembro.

— Já não era sem tempo, Juan! — exclamei levantando a taça para brindar.

— Como você sabe, há muitas bailarinas espanholas com quem trabalho na companhia e Mercedes é a solista.

Concordei e deixei-o continuar.

— Desta vez quero fazer algo diferente. Quero que a solista faça um número, depois quatro meninas façam outro em grupo e, finalmente, faço um dueto com a solista. O que você acha? Antes de me responder, quero que você seja a solista.

Fiquei petrificada. Não sabia para onde olhar. Juan se levantou e me deu um abraço.

— Para mim será uma honra dançar com você — afirmou com voz tranquilizadora.

Estava desnorteada. Ele acabava de me oferecer uma segunda oportunidade de voltar ao caminho que abandonara há mais de vinte anos. E, naquele momento, soube que era o que mais desejava fazer no mundo.

No dia seguinte, Juan anunciou que eu seria a solista. Quando olhei a meu redor, vi mais de uma expressão azeda, outra de ciúmes, e várias de inveja. Mas Juan tinha tomado uma decisão. Depois soube que muitas meninas espanholas tinham protestado, por ele ter dado essa oportunidade a alguém que não era espanhola. As que acreditavam que mereciam o posto de solista criticaram duramente minha maneira de dançar e minha aparência.

A partir daí não tivemos um só momento livre até o dia da primeira apresentação. Juan dançaria uma *cantiña*, eu um *martinete* seguido de uma *seguiriya*, as quatro meninas interpretariam alguns tangos e, depois, Juan e eu terminaríamos com uns tarantos espetaculares.

Estava nervosa. Era o começo de minha nova carreira profissional, minha estreia como *bailaora* de flamenco em Sevilha, e também a primeira vez em vinte e dois anos que pisaria no palco de um grande teatro.

Sabia que o Maharaji estava comigo. "Quando entrar no palco quero que prenda a atenção do público durante os cinco primeiros segundos e não a solte até o final. Use seus olhos. Seus olhos têm o poder da lua."

O que ele teria querido dizer com isso? Então, me lembrei: "Maha, a lua tem poder para mover os oceanos, pode transformar mares tempestuosos em lagos calmos, e calmos lagos em águas turbulentas e perigosas. Seus olhos e a expressão de seu rosto podem fazer o mesmo com sua dança. Você pode passar de tigresa a gazela, de selvagem a mansa, de demônio a anjo".

Perguntei-me se continuaria tendo esse poder.

Nos bastidores, o camarim estava lotado. Havia *volantes* como um arco-íris de cores e tecidos por toda parte, uma autêntica profusão de flores,

pentes, mantilhas, maquiagem, sapatos, unhas postiças, sapatos de sapateado e um cheiro penetrante de colônia espanhola. Havia tensão no ambiente e o cômodo mal ventilado estava cheio de fumaça de cigarro e de fofocas femininas, especialmente sobre a "estrangeira". Eu permaneci em silêncio em um canto. Estava quase pronta. Tinha escolhido um vestido vermelho com volantes escondidos nas pregas do drapeado. Era um desenho antigo, mas tinha gostado dele desde o momento em que experimentei no ateliê da costureira. Agachei-me para calçar os sapatos e me dei conta de que não tinha colocado um curativo em uma unha quebrada. Na hora, enquanto procurava uma no bolso, o cômodo emudeceu e levantei os olhos. As garotas tinham deixado o que estavam fazendo e me olhavam. E, sem que me desse conta, todas deixaram correndo o cômodo e fiquei sozinha. Surpresa, peguei um dos sapatos e ouvi um ruído em seu interior.

Alguém tinha colocado vidro quebrado.

Naquela noite dancei com outro par de sapatos. Dancei em memória de Maharaji e Zahra. Dancei com uma fúria e paixão que não sabia possuir. A energia me subia dos pés e inundava todo meu corpo e minha alma. Foi algo primitivo, antigo e, apesar disso, bonito. Meu rosto refletiu todos os matizes da letra.

O público viu cólera, sofrimento, dor, abandono e desejo, até lágrimas. Naquela noite, mais tarde, Juan me disse que o que tinha ouvido como um estrondo remoto eram aplausos ensurdecedores e gritos de "Olé!" por parte do público.

No final de 2005 recebi uma carta do diretor do registro civil de Nova Gales do Sul na qual me comunicava que tinham esgotado todos os recursos. Tinham verificado todos os nascimentos entre 1955 e 1975. Tinham até conseguido localizar os registros de nascimento do hospital Saint Margaret, mas ninguém com o nome de solteira ou de casada de

minha mãe tinha dado à luz a um menino ou menina em Sydney ou em Nova Gales do Sul.

Nesse momento tive certeza de que teria de falar com minha mãe, e desliguei o telefone do escritório.

— Tia Hafsah, tenho de falar com minha mãe. Chego a Beirute no sábado.

Minha tia tentou me dissuadir.

— Por quê? — perguntei quando Hafsah me disse que esperasse um pouco mais. — Não entendo. Uma hora a senhora me diz que minha mãe está muito mal e então que não posso ir a Beirute. O que está acontecendo?

— Nada — respondeu minha tia exasperada. Já não sabia o que dizer. Cedo ou tarde a verdade viria à tona e, depois de quarenta anos, estava cansada de guardar segredo. Também tinha sabido há pouco tempo que havia muitas possibilidades que ela e a irmã não tivessem o mesmo pai. Depois da morte de Laila, encontrara seu diário e ele acabara revelando que tinha feito amor apaixonadamente com Aatish antes de sair para a viagem de pesquisa. A data a fez suspeitar se esse homem, que no diário aparecia como "o amor de minha vida", não seria o verdadeiro pai de Zahra. Deveria perguntar a sua irmã sobre suas especulações sem ter prova? Àquela preocupação tinha sido agregada a de que se Maha aparecesse em Beirute também descobriria a história de Ajit.

— Tia Hafsah. Tia Hafsah, a senhora está aí?

— Sim, filha, estou aqui.

— Tenho outro motivo para ir. Estou tentando resolver meu passaporte britânico. Acontece que mudaram as exigências e preciso de minha certidão de nascimento. A senhora sabe onde pode estar? Tentei pedir, mas não consegui.

"Alá nos proteja!", pensou Hafsah. O castelo de cartas estava a ponto de desabar.

— Por favor, tia Hafsah. A senhora sabe onde está? Se não encontrar, a embaixada britânica de Washington não vai renovar meu passaporte.

— Deve estar na casa de Londres — sugeriu Hafsah depois de fazer uma pausa.

Tive a intuição de que minha tia estava tentando ganhar tempo. Mas por quê?

— Apesar de, na verdade, agora não me lembrar muito bem onde pode estar — continuou Hafsah.

— Muito bem, então quero ir a Beirute para falar com *umma*.

— Venha se quiser, mas com o assassinato de Hariri, as coisas estão um pouco tensas por aqui.

— Tia, as coisas estão tensas no Líbano desde a década de 1970 e isso não vai mudar. Estou indo.

Capítulo 16

Fazia dez anos que não via minha mãe. Entrei no quarto de Zahra e olhei ao redor. Era um quarto encantador e espaçoso, com janelas que davam para o Mediterrâneo. O sol brilhava e as finas cortinas de linho ondulavam com a brisa.

— *Umma* — chamei-a com voz tranquila.

— *Beti* — Zahra abriu os olhos e sorriu. Usava um lenço na cabeça porque tinha perdido o cabelo devido à quimioterapia. — Minha filha, me alegro muito por você ter vindo.

Aproximei-me da cama. Em minha memória continuava viva uma imagem de minha mãe, a de antes de todos os anos de sofrimento e tristeza, levando-me pela mão com a cabeça erguida e muito digna ao exame de Krishna Maharaji, absolutamente segura de que eu seria aceita em Kathak Kendra. Lembrava-me de tê-la olhado cheia de orgulho pela maneira como tinha se comportado.

— *Umma*, voltei a dançar.

— Isso é maravilhoso, Maha. Fico muito feliz por você — disse com um sorriso que iluminou seu rosto. — Você voltou a trabalhar com o Maharaji?

— *Umma*, a senhora sabe que ele morreu em 1982.

— Claro! Não sei onde estou com a cabeça. Acabei me esquecendo.

— Agora danço flamenco. Trouxe umas fotos.

— Mas achei que você gostasse de *kathak*.

— Sim, *umma*, continuo gostando, mas desde que o Maharaji morreu não consegui colocar os *ghungroos* de novo.

— Você ainda os tem?

— Não me desfaria deles por nada neste mundo. São os que você me deu...

— ... há trinta e quatro anos.

— Lembra-se?

— Como poderia me esquecer. Quando você abriu a caixa, parecia um sol ao amanhecer. Seus olhos brilharam, você correu em minha direção e colocou a cabeça em meu ombro.

Emocionei-me com a lembrança de minha mãe sobre aquele momento.

— Diga-me, *beti*. Por que você está dançando flamenco? É um hobby?

— Bem, no princípio foi um gosto, mas agora danço profissionalmente. Estou trabalhando com um bailarino que se chama Juan Polvillo e em setembro me apresentei no Teatro Central de Sevilha. É muito estranho, *umma*, aprendi muito rápido. Deve ser por causa do *kathak*.

— E como você consegue dançar em Sevilha e trabalhar na CBS em Nova York ao mesmo tempo?

— Não vou trabalhar muito mais tempo na CBS. Dan Rather vai ser demitido e, como eu tinha muita relação com ele, também vão se livrar de mim.

— E do que você vai viver? Com a dança não se ganha dinheiro.

— Eu sei, *umma*, mas estou tão feliz. Estou na fase mais feliz de minha vida desde que o Maharaji morreu. Comprei uma casa em Sevilha.

— Agora você mora em Sevilha? — perguntou, olhando-me surpresa.

— Sempre que posso. Ali me sinto muito à vontade.

— Prefere Sevilha a Nova York?

— Há dias em que tudo o que quero é pegar um avião e voltar a Nova York, mas o que vou fazer lá quando sair da CBS? Gosto de dançar e se quero dançar flamenco tenho de estar em Sevilha.

Zahra ficou calada por um momento.

— Onde fica sua casa, *beti*?

— *Umma*, é linda. Fica no centro de Sevilha e todas as procissões da Semana Santa passam em frente. É uma maravilha, do terraço ficamos na mesma altura dos andores do Cristo e da Virgem.

— Fica perto do bairro de Santa Cruz?

— Como você conhece?

— Você não sabe, mas passei a Semana Santa em Sevilha em 1964, um ano antes de você nascer.

— É? Você nunca me contou.

— Quase não consigo acreditar. Estou tão orgulhosa e tão feliz por você. Está fazendo o que realmente quer.

— Deixe-me mostrar as fotos — propus, tirando as duas da apresentação no Teatro Central.

Zahra as estudou detidamente.

— Você está muito bonita. Parece uma *bailaora* de flamenco de verdade. Parece com... — Zahra se calou e voltou a olhar as fotos. Depois de vê-las, recostou-se sobre os almofadões. Permanecemos um pouco em silêncio.

— *Umma*, preciso perguntar uma coisa. É muito importante.

Zahra fechou os olhos.

— Quero saber onde nasci.

Zahra me olhou, mas não respondeu.

Peguei a mão frágil de minha mãe e levei a meu rosto.

Zahra tinha os olhos cheios de lágrimas.

— Minha filha, te amei desde que soube que estava grávida. Você não sabe o quanto é importante para mim.

— Então, por que você me abandonou? Por que se afastou de mim? Deixou que eu crescesse sozinha.

— *Beti*, não te abandonei. Jamais quis que você se fosse. Queria que tivesse uma boa vida, o que não tive. Nós nos separamos porque queria que você fosse independente. Quando era criança me prometi que a ensinaria a ser independente. Mas não consegui cumprir minha promessa e me obrigaram a deixá-la ir. Ele me obrigou a mandá-la para longe.

— Mas, *umma*, você me deixou ali, naquele lugar horrível, com aquelas pessoas horríveis. Sequer saiu do carro, ficou lá dentro me vendo chorar...

— Você acha que era o que eu queria fazer? Acha que não queria de todo coração sair do carro, abraçá-la e dizer que tudo daria certo?

— E por que não fez?

— Porque ele não me deixou.

— Por que você não se defendeu? Por que não saiu? Você é uma pessoa, um ser humano. Tem vontade e uma cabeça próprias. Poderia ter feito o que quisesse.

— Não era tão fácil. Seu pai é uma pessoa muito severa e cabeçuda.

— Sim, o grande filho da puta não fala comigo há vinte e cinco anos. Além disso, o que poderia ter feito a você? Bater?

— Ele fez isso, *beti*, com frequência. Me batia, me socava, me estuprava. Uma vez quebrou meu braço.

Olhei minha mãe horrorizada.

— Meu Deus! Por que diabos você não o denunciou para a polícia? Ele teria sido preso.

— Você não entende. Eram outros tempos, outra época. Ninguém falava sobre essas coisas. Ninguém dizia nada. Ninguém lavava a roupa suja.

— Por favor! Você não vivia na Idade Média, pelo amor de Deus. Era o século XX, as mulheres tinham direitos.

— Não em nosso mundo. Fomos educadas para obedecer nossos maridos.

— Sim, mas você não era uma escrava comprada no mercado.

— Sim, Maha, eu era. Foi exatamente isso o que aconteceu. Ele me comprou. Meu próprio pai me vendeu.

Zahra me olhou com os olhos cheios de resignação.

— De que diabos você está falando?

— Maha, Anwar Akhtar não é seu verdadeiro pai. E você não nasceu em Sydney, mas nesta cama.

Então, por fim, fiquei sabendo da efêmera aventura amorosa de Zahra com Ajit, de como a obrigaram a voltar a Beirute, de como a coagiram para que se casasse com Anwar Akhtar e que sempre tivera a esperança de que Ajit voltasse algum dia para buscá-la.

— Mas não o fez. Esperei muitos anos e depois Hafsah me disse que tinha falecido em maio de 1982.

— Santo Deus! No ano que fui para a Bryn Mawr.

Comecei a me lembrar de tudo o que tinha acontecido naquele ano.

— Sim, foi quando tive a crise nervosa, *beti*. Minha alma morreu no dia em que soube do falecimento de Ajit. Meu coração e minha alma se foram com ele.

— Mas *umma*, você não pôde fazer nada? Fugir, ligar para ele, qualquer coisa. Por que aceitou sem mais tudo o que seus pais lhe impuseram?

— Você nunca entenderá o que era viver naqueles tempos em que me obrigaram a voltar. Fizeram com que me sentisse envergonhada, culpada. Apesar de não acreditar, me fecharam neste quarto durante meses. Meu pai inclusive atacou fisicamente a governanta que tentou me ajudar. Em 1964 eu era uma mulher árabe ingênua, grávida e solteira de vinte e três anos, no Oriente Próximo. Por favor, tente compreender.

Sentei-me junto de minha mãe e apertei sua mão.

— Adorava Ajit e ele me adorava. Você não imagina como estávamos apaixonados. Prometemos que sempre estaríamos juntos.

— Você lhe escreveu alguma vez?

— Sim, até que me trancaram. Mas não sei se recebeu as cartas. Tentei ligar para seu escritório de Paris, mas ninguém conseguiu me dar qualquer tipo de informação.

— Como era meu pai?

— Você é muito parecida com ele. Era uma pessoa muito bonita, encantadora, afetuosa e generosa. E nessas fotos de flamenco parece muito com a mãe dele.

— Você disse que ele era indiano, mas de onde?

— Maha, seu pai era o *maharajkumar* Ajit Singh, de Kapurthala. O pai dele foi o marajá Jagatjit Singh, cuja quarta esposa, a mãe de Ajit, era uma mulher simples que se chamava Anita Delgado. Era malaguenha e *bailaora* de flamenco.

— Meu Deus! — exclamei sem soltar a mão de minha mãe.

♦

Durante as semanas seguintes passei todo o tempo que pude com minha mãe. Seu estado de saúde piorava a cada dia, e sua memória se debilitava. Tentava se lembrar das coisas para me dar todos os detalhes possíveis sobre Ajit, mas cada vez ficava mais difícil.

Enquanto minha mãe descansava, comentei com Hafsah o que tinha descoberto. Ela, aliviada por finalmente ter sido revelado o segredo, falou sobre o assunto comigo pela primeira vez, franca e livremente.

— Tia, sei que *umma* se cansa rapidamente, mas por que não consegue dizer mais coisas sobre ele? — perguntei enquanto tomávamos uma xícara de café na cozinha e desfrutávamos do inverno moderado de Beirute. O

vento soprava ligeiramente, as cortinas ondulavam e o morno calor do sol estava uma delícia.

— *Beti* — disse Hafsah mexendo o café —, não acho que ela o conhecesse muito bem.

— O que quer dizer?

— Que não teve muito tempo. Ficaram juntos apenas três meses. E naqueles tempos as pessoas demoravam mais a se conhecer.

— Já sei, tia, mas morou com ele em Paris, dormia com ele. Como não ia conhecê-lo?

— Acho que aconteciam muito mais coisas do que sua mãe pensa. Tenho a impressão de que não sabia de muitas delas. Ele era muito mais velho do que ela e, enquanto Zahra sempre tinha sido uma pessoa equilibrada, Ajit era mundano demais para ela. Lembre-se de que sua mãe tinha levado uma vida muito protegida. Aos vinte e três anos não era tão madura quanto você. Jamais viajara, não tinha visto o mundo. Era jovem, ingênua, impressionável e acho que Ajit lhe impunha respeito, inclusive talvez se sentisse intimidada por ele. Mas ela confiava nele e, em sua ingenuidade, acreditava que, com o tempo, chegaria a conhecê-lo.

— Mas devia sentir curiosidade.

— Sim, mas acima de tudo estava apaixonada. Era a primeira e única vez que tinha se apaixonado. Jamais estivera com alguém como ele.

— Você o conheceu bem, tia?

— Só de passagem, filha. Ele falou mais com Farhan.

Hafsah fez uma pausa e se aproximou do tanque para contemplar o Mediterrâneo.

— Pelo que me lembro, Ajit era difícil de conhecer. Por fora era encantador, inteligente e elegante, uma pessoa muito sociável. Adorava conhecer as pessoas, oferecer festas e sempre estava vestido impecavelmente. Mas acho que tudo isso era fachada. Acho que no fundo era uma pessoa solitária.

Permaneci calada.

— Não sei se era verdade ou não, mas também corriam rumores de que era gay.

— Gay! Como assim? Como pôde ter uma aventura amorosa com *umma*?

— Quis dizer bissexual. Havia rumores de que gostava de homens e mulheres, mas, acima de tudo, de homens.

— Imagino que isso explica bem sua reserva — suspirei e tentei reorganizar muitas opiniões e impressões que tivera ao longo da vida.

♦

Faltava pouco para eu voltar a Nova York, e percebi que restava pouco tempo de vida a minha mãe. A semana estava esplêndida e Zahra e eu tomávamos uma xícara de café. Depois de um momento de silêncio, Zahra me pediu que me sentasse a seu lado.

— *Beti*, sei que nossa relação foi horrível durante todos esses anos. Hafsah agiu como uma mãe para você, mais do que eu, mas eu tive você para mim durante nove meses, filha, e tive muito orgulho disso. Você é fruto de um grande e verdadeiro amor, entre duas pessoas que se adoravam.

Ela tinha de fazer pausas entre cada frase, e descansar alguns segundos para recobrar o fôlego.

— Às vezes penso que Alá me aplicou uma brincadeira horrível. Tentou-me com algo bonito e depois me tirou. Foi isso o que fez com Ajit. Depois me tentou com você e também a levou. Sei que você me odeia pelo que fiz, *beti*, mas me perdoe se puder, minha filha. Os anos em que não nos falamos me doeram muito. Chorei e chorei até que não sobraram mais lágrimas, mas entendi por que você não queria saber de mim. Entendi como você se sentia. Tinha apenas oito anos quando a deixamos no

internato. Nesse dia meu coração se partiu e jamais consegui consertá-lo, minha pequena maharani. Sei que você acha que a abandonei e fisicamente foi o que fiz, mas sempre a tive em meu coração. Ainda tenho pesadelos nos quais ouço você gritar: "*Umma*, não me deixe, por favor! Não faço mais nada de errado!". Você nunca fez nada errado, Maha. A culpada fui eu e você arcou com as consequências.

Procurou no bolso de sua camisola e tirou uma velha fotografia em branco e preto de quando era criança, na qual me tinha em seus braços. Era a mesma que encontrara em meu cofre.

— É dessa forma que sempre vou me lembrar de você, *beti*. Nessa época ainda era capaz de segurá-la e protegê-la. Você é minha pequena maharani, minha princesa. Seja feliz, minha pequena. Só desejo felicidade a você. E se essa dança te faz feliz, continue. Ouça sempre seu coração, que nunca se enganará.

Depois, fechou os olhos.

Comecei a chorar. Apoiei a cabeça no travesseiro ao lado de minha mãe e deitei a seu lado. Era algo que não fazia desde criança.

Zahra notou minhas lágrimas.

— Maha, minha pequena, não chore. Estou aqui, tudo vai dar certo. Você vai ver, tudo vai dar certo.

Mas eu continuava chorando. Tinha esperado mais de trinta anos para ouvi-la dizer isso. Aninhei-me a seu lado e minha mãe me abraçou com a pouca força que conseguiu reunir. Por fim estava de volta à casa.

— *Umma*, sinto muito. Não entendi. Achava que você me odiava. *Umma*, por favor, não me deixe de novo. Por favor, *umma*...

— *Beti*, nunca deveria tê-la deixado. Desta vez não tenho alternativa, querida.

Dormi junto a minha mãe as poucas noites que ainda passei em Beirute. Queria sentir seus braços me abraçando. Queria continuar me sentindo segura.

Quando chegou o momento de partir, me ajoelhei a seu lado.

— *Umma*...

— *Beta*, que bonita você é. Lembra muito seu pai.

— *Umma*, preciso ir.

— Deus te abençoe, meu anjo. Sempre cuidarei de você.

— Nunca me esquecerei do que você fez por mim. Agora entendo o que fez e por quê. Você é muito mais forte do que eu jamais poderia ser. Nem todas as mães têm a coragem de deixar seus filhos para protegê-los e evitar que sofram. Você fez isso por mim.

Desmoronei e comecei a chorar.

— Sempre tive orgulho de ser sua filha, desde que você me levou para ver o Maharaji. Não te odeio, te amo. Por favor, *umma*. Te amo e quero que saiba.

— Eu também te amo, *beta*.

Apertei sua mão, beijei-a e coloquei-a em meu peito.

— *Umma*, pode dar um sorriso?

Minha mãe me olhou desconcertada.

— É para eu me lembrar de você sorrindo.

Olhou para mim e sorriu.

Quando tomei o avião em Beirute, me sentei e olhei pela janelinha. Sabia que não veria mais minha mãe. Sentia uma dor tão intensa que quase não conseguia respirar.

Uma das comissárias se aproximou e me deu lencinhos de papel.

— Posso fazer algo pela senhora?

— Minha mãe... — comecei a dizer, mas me calei e neguei com a cabeça.

A comissária me deu um tapinha compreensivo no ombro. Assim como a comissária daquele voo de Londres a Nova York há tanto tempo, supôs que minha mãe tivesse morrido há pouco tempo. E, naquela ocasião, a suposição não estava muito distante da verdade.

Estava há seis semanas em Nova York, mas continuava tendo muitas perguntas sem resposta. Voltei para a CBS para matar o tempo e não contei nada sobre minhas férias natalinas. Ainda não conseguia falar sobre isso. Ainda não. De certa forma o fato de Duncan estar em Londres me alegrava, porque precisava de tempo e espaço para esclarecer toda a confusão em minha mente.

Parei de sair. Parei de encontrar meus amigos. Ia à CBS pela manhã e me sentava à mesa. Todo o mundo sabia que Rather tinha os dias tão contados que sequer aparecia no escritório.

Zahra tinha me contado tudo o que conseguira se lembrar das poucas semanas que passara com Ajit, mas sua saúde e sua memória tinham se deteriorado tanto que havia centenas de detalhes de que não conseguiu se lembrar. Mal conseguia assimilar a pouca informação que minha mãe me dera, mas até com aqueles pequenos detalhes muitas coisas começaram a encaixar: meu amor por Délhi e pelo *kathak*, minha conexão instantânea com Sevilha e meu amor pelo flamenco, a facilidade com que a aprendi espanhol... estava no sangue.

Entretanto, o mais importante de toda aquela informação era que Anwar Akhtar não era meu pai. Entendi a maneira que se comportava comigo, sua frieza, seu ressentimento, sua má educação, suas ameaças, seu assédio psicológico, sua chantagem emocional... tudo. Nada que eu pudesse fazer teria mudado seus sentimentos em relação a mim e, sabendo disso, fiquei aliviada ao compreender que aquela repulsa não tinha sido por culpa minha.

Sabia que levaria tempo para assimilar tudo aquilo e suspeitei que, psicologicamente, seria muito difícil. Mas também sabia que tinha de fazê-lo.

Como já não havia praticamente mais trabalho para Rather na CBS News, comecei a pesquisar a vida de meu pai biológico. Não encontrei grande coisa sobre Ajit Singh, mas sim muito sobre a mãe dele, Anita

Delgado, a Cinderela espanhola que tinha se casado com um marajá da Índia.

♦

Zahra morreu em paz no final de março de 2006 no quarto em que tinha crescido. Finalmente compreendi que minha mãe tinha me deixado ir não porque não gostasse de mim, mas porque me amava. E também reconheci e apreciei a força interior de que precisou para se separar de mim.

Depois do enterro, fiz uma prece em agradecimento a Deus porque minha mãe finalmente tinha encontrado a paz. Conforme minha mente se lembrava de tudo o que tinha acontecido ao longo daqueles anos, minha maior pena foi a de nunca ter visto uma apresentação minha, nem dançando o *kathak* nem o flamenco.

Mas sim me lembrava do sorriso de minha mãe, o último.

Capítulo 17

Em maio de 2006 conheci Malini Ramani, uma mulher indiana cheia de energia, transbordante, chamativa e bonita, em um coquetel em Nova York. O Conselho Indiano de Moda acabava de designá-la estilista do ano e ela estava comemorando com alguns amigos. Descobrimos que tínhamos muito em comum, já que as duas moramos em Délhi quando pequenas.

— Você continua dançando o *kathak*? — Malini me perguntou.

— Infelizmente não, parei há anos, mas agora danço flamenco.

— Flamenco! — exclamou Malini. — Adoro flamenco. Como é que você foi parar nisso?

Não quis contar toda a história, então respondi de forma vaga até que soltei:

— Mas acabei de saber que minha avó era malaguenha e que era *bailaora* de flamenco.

— Por Ganesha! É incrível!

Poucas semanas depois, meu telefone tocou. Nunca atendia ligações de números privativos ou desconhecidos, mas estava saindo apressada e atendi sem olhar.

— Posso falar com Maha Akhtar, por favor? — solicitou uma voz masculina.

— É ela.

— Não nos conhecemos, mas acho que somos primos. Meu nome é Hanut Singh e seu pai, Ajit Singh, era meu tio-avô.

Começamos a conversar e logo fizemos planos para nos encontrar quando estivéssemos na mesma cidade.

O que aconteceu foi que quando Malini Ramani voltara a Délhi no final de maio, tinha ligado para seu grande amigo Hanut para almoçarem juntos e colocarem em dia todas as fofocas. Nesse almoço ela lhe contou que tinha me conhecido em Nova York e suspeitava que Hanut e eu fôssemos parentes.

Era a última semana de Rather na CBS News e eu estava recolhendo suas coisas do escritório. Não houve festa de despedida para Rather. Ele simplesmente desapareceu ao por do sol e deixou que se pusesse um ponto final a sua trajetória profissional. Na verdade, sequer apareceu em seu último dia de trabalho, 30 de junho de 2006, que também foi o meu.

Naquela noite quando cheguei em casa tomei a decisão de me dedicar à dança, de cumprir a promessa feita a Krishna Maharaji. Estava claro para mim que a única forma de fazer isso era morando em Sevilha. Enquanto solucionava alguns assuntos antes de ir embora, a sorte fez com que meu primo Hanut fosse a Nova York por alguns dias. Combinamos de tomar um drinque rápido e na mesma hora nos demos bem. Hanut ia para Londres no dia seguinte, e eu para Sevilha.

— Por que você não vem a Délhi em julho? — convidou-me Hanut. — Adoraria que você conhecesse pelo menos parte da família e essas datas são as mais adequadas. Minha mãe não estará, mas você vai conhecer Mapu Chachu, que é intenso demais para ser descrito em palavras.

— Certo, não posso ficar muito tempo, mas vou passar uma semana.

— Quero que você conheça todo mundo.

No dia seguinte fui para Sevilha, para embarcar finalmente no que tinha querido fazer por toda minha vida. Ainda estava me instalando e

ligando para os amigos para dizer que tinha chegado, quando um amigo me convidou para almoçar com uma famosa *bailaora* de flamenco: era Manuela Carrasco, uma *bailaora* cigana de Triana, grande nome atual do flamenco e uma mulher com uma alma extraordinariamente generosa.

A cumplicidade entre nós duas foi tanta que parecia que nos conhecíamos há muito tempo. O laço de irmandade foi instantâneo e descobrimos que tínhamos muito em comum. Falamos do flamenco, do *kathak*, da Índia, dos ciganos da Andaluzia e da viagem que fizeram do Rajastão até o sul da Espanha.

Contei a Manuela o projeto em que tinha trabalhado com o Maharaji há vinte e cinco anos e como, exatamente quando estávamos terminando, ele faleceu em meus braços.

— Prometi a ele que um dia terminaria esse projeto.

— Então você deveria fazê-lo.

— O que quer dizer?

— Maha, estou há anos procurando alguma coisa ou alguém que me inspire a fazer algo novo. No flamenco de hoje todo mundo acha que faz algo novo porque mistura com outras coisas. Adoram a palavra "fusão". E tudo o que conseguem acaba sendo horrível, porque o flamenco não tem nada a ver nem com o jazz, nem com o sapateado, nem com o balé ou a dança moderna.

Concordei.

— Poderíamos fazer um encontro entre o *kathak* e o flamenco por meio da música e da dança. Eu seria sua antecessora no *kathak* — sugeri. — E você poderia mostrar como evoluiu até o flamenco atual.

Manuela concordou e sorriu. Assim, um quarto de século depois de formular sua promessa, comecei a cumprir o desejo póstumo de Krishna Maharaji.

No final de julho o avião da British Airways em que viajava aterrissou em Nova Délhi às cinco e meia da manhã de uma segunda-feira. Chovia

torrencialmente. Passei pelo controle de imigração com a esperança de que Hanut estivesse ali para me buscar ou que tivesse mandado alguém. Fazia muitos anos que estivera na cidade e, apesar de ter uma vaga ideia de onde ele morava, pelo endereço que tinha me passado, não tinha a menor ideia de como explicar a um taxista. Vale dizer que o pouco de hindi que sabia estava muito enferrujado. Dei o endereço ao motorista que, é claro, me perguntou como chegar.

— O senhor é o taxista, por que está perguntando para mim?

— É que não conheço essa rua.

— Ah, tudo bem, perguntamos no caminho.

— Está certo.

Olhei em meu moedeiro para ver se tinha alguma rúpia. Graças a Deus tinha.

Depois de muitas voltas, de ir de lá para cá e perguntar muitas vezes, chegamos à casa de Hanut.

Toquei a campainha e uma mulher encantadora, que depois soube ser a avó materna de Hanut, saiu de camisola. Inclinei-me para tocar seu pé e disse:

— *Namaste*. Sinto incomodá-la a essa hora da manhã, estou procurando Hanut Singh.

— Oh, querida, ele mora no andar de cima. Acho que você se enganou de campainha.

Nesse momento outra porta se abriu e um dos criados de Hanut desceu correndo, pegou minha mala e pediu que eu o acompanhasse.

Sorri, desculpei-me novamente, disse *namaste* e Hanut a cumprimentou de cima das escadas.

— Bem-vinda a Délhi, querida. Ou deveria dizer bem-vinda de volta a Délhi?

A semana passou voando. Falamos sem parar. Hanut me contou tudo o que sabia sobre Ajit, que não era muito, já que era bastante jovem quando

ele morreu, mas se lembrava de ter ido visitá-lo no hospital.

— Toda a família, e me refiro a todo mundo, adorava tio Ajit. Quando você conhecer Mapu Chachu ele vai te contar muito mais coisas.

Desejava ver fotografias de meu pai, mas não queria parecer insistente.

— Hanut...

— Não se preocupe — tranquilizou-me, antecipando meu pedido —, estou tentando encontrar os álbuns. Se minha mãe estivesse aqui, nos diria exatamente onde estão, mas eu terei de procurar.

Martand Singh, o Mapu Chachu, como todos o conheciam, era meu primo-irmão; uma pessoa encantadora, bonita, culta e um dos maiores especialistas mundiais em arte indiana, têxteis e literatura em sânscrito. Hanut organizou um grande almoço e Mapu Chachu também confessou que adorava Ajit.

Fomos ao sexto aniversário de uma das crianças para que eu conhecesse alguns de meus outros primos. Nessa festa vi a imagem de meu pai pela primeira vez. Era um retrato, mas estava muito deteriorado e os detalhes não se revelavam com clareza. Usava a roupa tradicional indiana e um turbante. Sua túnica parecia ser profusamente bordada.

— Não se preocupe, querida — tranquilizou-me Mapu Chachu —, aqui há centenas de fotografias e em casa tenho certeza de que Maharaj tem uma.

Maharaj era outro primo-irmão e o atual marajá de Kapurthala. Não cheguei a conhecê-lo naquela primeira viagem, nem meu terceiro primo-irmão, Arun Singh, pai de Hanut.

Enquanto passeava com Hanut por Délhi, consegui comprovar quanto a cidade tinha mudado. Grande parte da poluição desaparecera e parecia muito mais limpa do que me lembrava. A semana passou num piscar de olhos e, com muitas coisas ainda para descobrir, tive de voltar a Sevilha e depois a Nova York.

De repente comecei a receber e-mails de pessoas que não conhecia e que se apresentavam como parentes meus. Aquilo me emocionou. Essa família me recebia de braços abertos e me apertava contra o peito como se sempre tivesse estado com eles.

— Então agora você é uma princesa, não é? — brincou Duncan com um amplo sorriso quando lhe contei sobre todos os e-mails que recebera.

— Pare com isso, Duncan...

— Bem, estava me perguntando se deveria encomendar cartões de visita com os dizeres "Duncan Macaulay, consorte de sua Alteza Real Rajkumari de Kapurthala".

— Chega, Duncan. Para mim foi emocionante. Com quarenta e dois anos passei a fazer parte de uma família que não sabia que tinha.

— Eu sei, Maha, eu sei — disse pegando minha mão. — Sabe? Eles lhe deram mais amor e carinho que o resto de sua família nos oito anos em que estamos juntos.

— Sim, mas ainda há muitas coisas por saber.

— Você acabou de conhecê-los. Em primeiro lugar vai demorar para assimilar tudo o que descobriu. Depois terá de encontrar novamente Hanut, Maharaj e o resto da família. Não vai conseguir fazer isso da noite para o dia. Dê um tempo para você.

Como sempre, Duncan tinha razão.

Epílogo

Continuo conhecendo minha família. Vai levar tempo para assimilar a história de minha mãe, o tratamento que meu pai lhe dava, a descoberta de que meu pai verdadeiro parecia ter cuidado de minha mãe, à maneira dele, e talvez tivesse gostado de mim como filha, se fosse em outras circunstâncias. Pergunto-me sobre Ajit e sobre o que fez com que Zahra atraísse um homem como ele. Zahra não era sofisticada nem glamurosa. Não tinha viajado nem era uma mulher do mundo, sequer uma pessoa exuberante e nem a *femme fatale* que sua mãe tinha sido. Era simples, inocente, jovem... e bonita. Pode ser que fosse sua beleza física, mais do que sua alma, o que atraiu a atenção de Ajit. Por que ele não voltou para buscá-la? Talvez nunca tivesse tido a intenção de fazê-lo. Sem dúvida, para Zahra fora o amor de sua vida, mas ela teria sido o mesmo para ele?

No final, tudo deu certo, assim como Zahra me prometera:

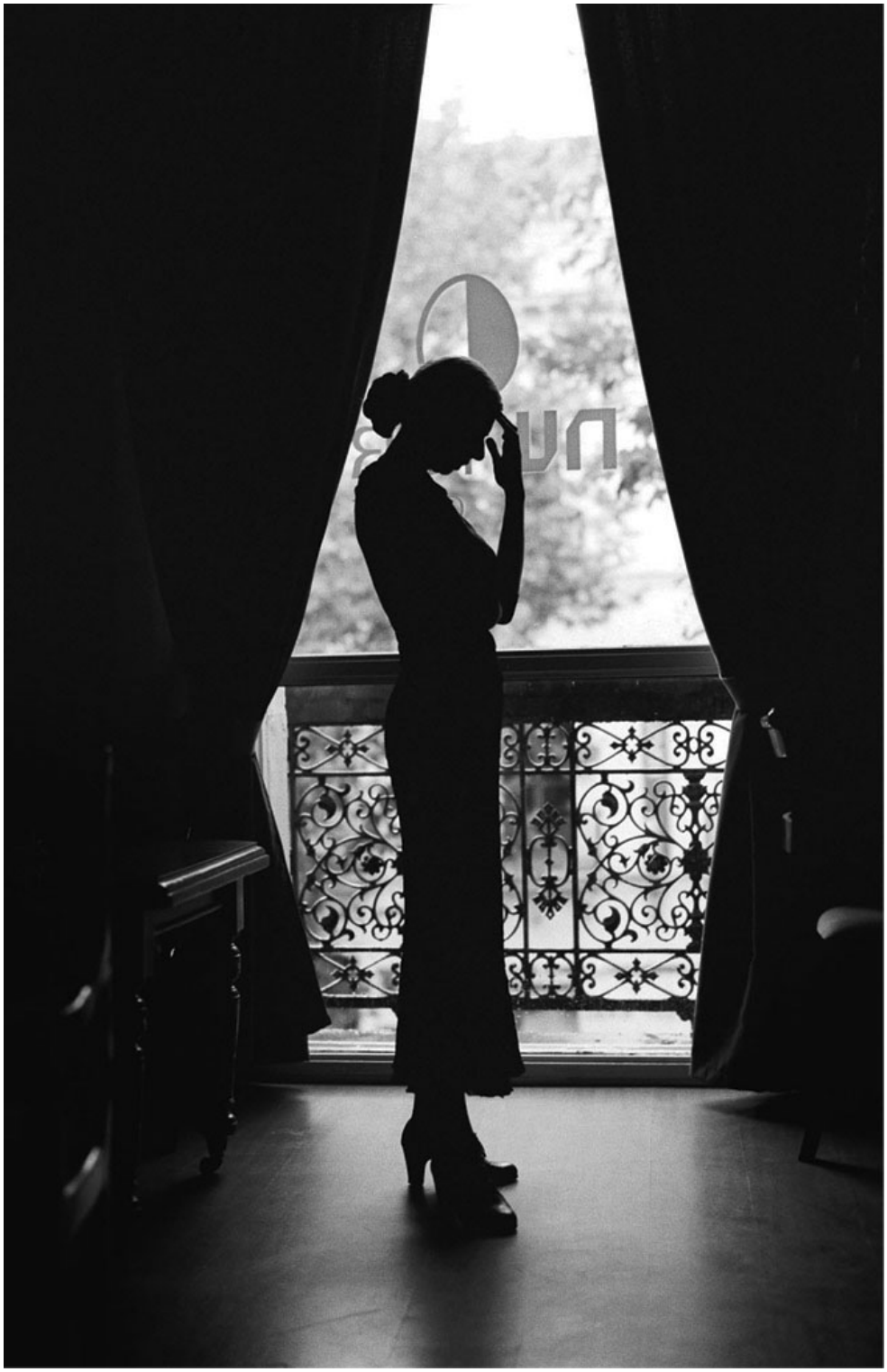
Sempre quis pertencer a uma família, e agora pertenço.

Sempre quis ser bailarina, e sou.

Sempre quis saber de onde vim, e finalmente descobri.

Sempre quis me sentir segura, e agora estou.

Sempre quis ter amor e felicidade e encontrei.



Momentos antes da primeira atuação em Madri, 2005



Anita Delgado, s/d



Laila em 1936



Zahra em 1959



Maha, com 15 anos, em uma atuação de *kathak*



Sua primeira apresentação de flamenco, 2005



Atuação de flamenco em Madri.



Maha em dueto com Juan Polvillo em Sanlúcar de Barrameda

Título original **The Maharani's Hidden Granddaughter**
Copyright © 2009 by Maha Kimberly Akhtar

Equipe editoral Lourdes Magalhães, Solange Monaco e Tânia Lins
Revisão Isney Savoy
Capa e diagramação Paula Paron
Foto capa Gettyimages/Asia Images Group (torso of indian woman wearing sari and jewelry)
Diagramação e ebook: SCHÄFFER EDITORIAL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Akhtar, Maha
A neta da Maharani / Maha Akhtar ; tradução Lizandra Magon de Almeida - - São Paulo : Primavera Editorial, 2009.

ISBN 978-85-61977-09-2

1. Ficção libanesa I. Título.
09-09019 CDD-892.7

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura libanesa 892.7

Todos os direitos reservados
e protegidos pela lei
9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte desta obra poderá
ser reproduzida ou transmitida
por quaisquer meios, eletrônicos,
mecânicos, fotográficos ou
quaisquer outros, sem autorização
prévia, por escrito, da editora.

PRIMAVERA EDITORIAL

Av. Queiroz Filho, 1700 - Vila B 37
Vila Hamburguesa
05319-000 – São Paulo – SP
Telefone: (55 11) 3034-3925
www.primaveraeditorial.com
contato@primaveraeditorial.com